



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

Thiago de Sturdze

**ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE
BIBLIOTECAS ACADÊMICAS**

Florianópolis

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Thiago de Sturdze

ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE
BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, sob a área de concentração em Gestão Universitária, na linha de pesquisa – Análises, Modelos e Técnicas em Gestão Universitária, do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina – *Campus* de Florianópolis, para a obtenção de título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Eduardo Ornelas Silva

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Sturdze, Thiago de
Estratégias para a internacionalização de bibliotecas
acadêmicas / Thiago de Sturdze ; orientador, Júlio Eduardo
Ornelas Silva, 2025.
258 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Programa
de Pós-Graduação em Administração Universitária,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Administração Universitária. 2. Internacionalização da
Educação Superior. 3. Bibliotecas acadêmicas. 4.
Bibliotecas universitárias. 5. Internacionalização de
bibliotecas acadêmicas. I. Silva, Júlio Eduardo Ornelas.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Administração Universitária. III. Título.

Thiago de Sturdze

Estratégias para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Júlio Eduardo Ornelas Silva, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Marli Dias de Souza Pinto, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Luciane Stallivieri, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Administração Universitária.



Documento assinado digitalmente

Marcia Barros de Sales

Data: 09/09/2025 15:41:50-0300

CPF: ***.490.301-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente

Julio Eduardo Ornelas Silva

Data: 09/09/2025 15:20:27-0300

CPF: ***.636.026-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Júlio Eduardo Ornelas Silva, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2025

RESUMO

O objetivo do estudo foi elaborar um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Para isso, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico em bases de dados sobre o tema das bibliotecas acadêmicas no contexto da internacionalização das Instituições de Educação Superior no mundo, em que foram recuperados 37 trabalhos, seguido de uma análise bibliométrica em que se apresenta um panorama da produção científica relacionada ao tema. Verificou-se, por meio da análise bibliométrica das publicações recuperadas: os periódicos, os eventos e os sites em que foram publicados; os anos de publicação; os autores; as línguas; os países; as palavras-chave; e as organizações e editoras responsáveis. Em seguida foi apresentada uma revisão da literatura, em que se aprofundou no conteúdo dos trabalhos sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização. Na sequência, foi realizada uma revisão sistemática dos trabalhos selecionados, em que foram identificados e verificados: os países foco das pesquisas; os principais assuntos e temas referentes a bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior; e as metodologias utilizadas. Ainda na revisão sistemática foram identificados 24 trabalhos com recomendações e/ou exemplos adotados de estratégias, medidas, ações e práticas de internacionalização em bibliotecas acadêmicas. Com base no conteúdo dos 24 artigos com essas contribuições – material selecionado e organizado em fichamentos com informações e dados das referências – foi elaborado, utilizando a ferramenta 5W2H adaptada para o formato 3W1H, o *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Ao final, o *framework* foi encaminhado para validação por meio de uma avaliação de diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis por questões relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas das IES brasileiras mais bem posicionadas por *ranking* acadêmico brasileiro (Ranking Universitário Folha) quanto aos indicadores de internacionalização. Considera-se que o *framework* poderá servir como uma ferramenta auxiliar na gestão e implementação da internacionalização de bibliotecas acadêmicas como parte do conjunto de processos estratégicos para a internacionalização de IES.

Palavras-chave: internacionalização; bibliotecas acadêmicas; bibliotecas universitárias; internacionalização da educação superior; internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

ABSTRACT

The objective of the study was to develop a reference framework with recommendations of best practices for the internationalization of academic libraries. To this end, firstly, a bibliographical survey was carried out in databases on the subject of academic libraries in the context of the internationalization of Higher Education Institutions in the world, in which 37 works were retrieved and selected, followed by a bibliometric analysis in which an overview of scientific production related to the topic is presented. Through the bibliometric analysis of the retrieved publications, the following were verified: the periodicals, events and websites in which they were published; the years of publications; the authors; the languages; the countries; the keywords; and the responsible organizations and publishers. Next, a literature review was presented, delving deeper into the content of works on the topic of academic libraries related to internationalization. Subsequently, a systematic review of the selected works was carried out, in which were identified and verified: the countries focused by the researchs; the main issues and themes regarding academic libraries related to the internationalization of higher education; and the methodologies used. Still, through the systematic review, 24 works were identified with recommendations and/or adopted examples of internationalization strategies, measures, actions and practices for the internationalization of academic libraries. Based on the content of the 24 articles with these contributions – material selected and organized in files with information and reference data – and using the 5W2H tool adapted to the 3W1H format, a reference framework with recommendations of best practices for the internationalization of academic libraries was developed. Finally, the framework was validated through an evaluation of directors, deputy directors, coordinators, or those responsible for issues related to the internationalization of academic libraries of brazilian's HEIs best positioned by a brazilian academic ranking (*Ranking Universitário Folha*), regarding the internationalization indicators. It is considered that the framework could serve as an auxiliary tool in the management and implementation of the internationalization of academic libraries as part of the set of strategic processes for the internationalization of HEIs.

Keywords: internationalization; academic libraries; university libraries; internationalization of higher education; internationalization of academic libraries.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Ranking</i> Universitário Folha	61
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ordem Cronológica das definições de internacionalização.....	32
Quadro 2 – Ordem Cronológica das definições de internacionalização (inglês/espanhol)	33
Quadro 3 – Perspectivas de estudo da internacionalização da educação superior	45
Quadro 4 – Perguntas do método 5W2H.....	57
Quadro 5 – Estrutura do <i>framework</i> 5W2H.....	58
Quadro 6 – Formato 3W1H.....	59
Quadro 7 – Bases de dados utilizadas	65
Quadro 8 – Termos para a pesquisa	66
Quadro 9 – Busca na BRAPCI	67
Quadro 10 – Busca na <i>Web of Science</i>	68
Quadro 11 – Busca na SCOPUS.....	68
Quadro 12 – Busca no Portal de periódicos CAPES	69
Quadro 13 – Busca no <i>Google Acadêmico</i> – Estratégia de busca 1.....	69
Quadro 14 – Busca no <i>Google Acadêmico</i> - Estratégia de busca 2	70
Quadro 15 – Total de artigos relevantes para a pesquisa bibliométrica	70
Quadro 16 – Periódicos, eventos e site.....	71
Quadro 17 – Publicações por ano	72
Quadro 18 – Autores com mais publicações	72
Quadro 19 – Línguas das publicações	73
Quadro 20 – Línguas de títulos, resumos e palavras-chave	73
Quadro 21 – Países	74
Quadro 22 – Palavras-chave mais utilizadas	74
Quadro 23 – Outras palavras-chave.....	75
Quadro 24 – Organizações	76
Quadro 25 – Países foco das pesquisas	115
Quadro 26 – Estudantes acadêmicos internacionais.....	116
Quadro 27 – Atividades de internacionalização em bibliotecas acadêmicas	116
Quadro 28 – Papéis de bibliotecas e bibliotecários na internacionalização da educação superior	117
Quadro 29 – Colaborações internacionais entre bibliotecas acadêmicas	117
Quadro 30 – Biblioteca acadêmicas e internacionalização do <i>campus</i>	117
Quadro 31 – Demais temas e assuntos	117

Quadro 32 – Questionários	118
Quadro 33 – Estudos de caso, comparativos e relatos	119
Quadro 34 – Entrevistas, reuniões, grupos focais	119
Quadro 35 – Análise documental	119
Quadro 36 – Outras metodologias	119
Quadro 37 – Seleção das IES e contatos das bibliotecas acadêmicas	121
Quadro 38 – Envio e respostas dos formulários	124
Quadro 39 – Respostas ao Formulário 2	132
Quadro 40 – Respostas ao Formulário 3	137
Quadro 41 – Respostas gerais dos três formulários	143
Quadro 42 – Artigo 01	197
Quadro 43 – Artigo 02	197
Quadro 44 – Artigo 03	198
Quadro 45 – Artigo 04	198
Quadro 46 – Artigo 05	199
Quadro 47 – Artigo 06	199
Quadro 48 – Artigo 07	199
Quadro 49 – Artigo 08	200
Quadro 50 – Artigo 09	200
Quadro 51 – Artigo 10	201
Quadro 52 – Artigo 11	202
Quadro 53 – Artigo 12	202
Quadro 54 – Artigo 13	202
Quadro 55 – Artigo 14	203
Quadro 56 – Artigo 15	203
Quadro 57 – Artigo 16	204
Quadro 58 – Artigo 17	205
Quadro 59 – Artigo 18	205
Quadro 60 – Artigo 19	206
Quadro 61 – Artigo 20	207
Quadro 62 – Artigo 21	207
Quadro 63 – Artigo 22	208
Quadro 64 – Artigo 23	209
Quadro 65 – Artigo 24	209

Quadro 66 – Artigo 25.....	210
Quadro 67 – Artigo 26.....	210
Quadro 68 – Artigo 27.....	211
Quadro 69 – Artigo 28.....	211
Quadro 70 – Artigo 29.....	212
Quadro 71 – Artigo 30.....	213
Quadro 72 – Artigo 31.....	213
Quadro 73 – Artigo 32.....	214
Quadro 74 – Artigo 33.....	214
Quadro 75 – Artigo 34.....	215
Quadro 76 – Artigo 35.....	216
Quadro 77 – Artigo 36.....	216
Quadro 78 – Artigo 37.....	217

LISTA DE SIGLAS

ALA	<i>American Library Association</i>
ARL	<i>Association of Research Libraries</i>
ARWU	<i>Academic Rankings of World Universities</i>
BASIC	<i>Balance, Accountability, Sustainability, Inclusion and Compliance</i>
BDTD	Bases de Dados de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BREXIT	<i>British Exit</i> (Saída do Reino Unido da União Europeia)
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAUL	Conselho de Bibliotecários Acadêmicos Australianos
CI	Ciência da Informação
COIL	<i>Collaborative Online International Learning</i>
COVID-19	Coronavírus SARS-CoV-2
CPC	Conceito Preliminar de Curso
CRES	Conferências Regionais sobre o Ensino Superior
DAAD	<i>Deutscher Akademischer Austauschdienst</i>
ERIC	<i>Education Resources Information Center</i>
ESL	<i>English as a Second Language</i>
GE	<i>Ranking</i> Guia do Estudante
IES	Instituições de Educação Superior
IIE	<i>Institute of International Education</i>
IMHE	Programa de Gestão Institucional da Educação Superior
LISA	<i>Library and Information Science Abstracts</i>
MOU	Memorandos de Entendimento
NU	<i>Northwestern University</i>
NU-Q	<i>Northwestern University in Qatar</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
Q&S	<i>Q&S World University Rankings</i>
QUT	<i>Queensland University of Technology</i>
RIESUP	Revista Internacional de Educação Superior
RUF	<i>Ranking</i> Universitário Folha
THE	<i>Times Higher Education World University Rankings</i>

TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UC3M	<i>Universidad Carlos III de Madrid</i>
UCD	<i>Purdue University, da University of Colorado Denver</i>
UE	União Europeia
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNM	<i>University New Mexico</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO, DELIMITAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	16
1.2	OBJETIVOS	19
1.2.1	Objetivo geral	19
1.2.2	Objetivos específicos	20
1.3	JUSTIFICATIVA	20
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO	23
2.1	BIBLIOTECAS ACADÊMICAS	23
2.2	INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	24
2.2.1	Conceitos e definições da internacionalização	24
2.2.2	Definições de internacionalização em ordem cronológica	32
2.2.3	Contextos históricos da internacionalização da educação superior	33
2.3	TENDÊNCIAS E ABORDAGENS DA INTERNACIONALIZAÇÃO	36
2.3.1	Novas concepções sobre a internacionalização da educação superior	46
2.3.2	<i>Rankings</i> Acadêmicos.....	49
2.4	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	51
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
3.1	MÉTODOLOGIAS PARA O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO, ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA, REVISÃO DA LITERATURA E REVISÃO SISTEMÁTICA..	54
3.1.1	Metodologia para o levantamento bibliográfico e análise bibliométrica	55
3.1.2	Metodologia para a revisão da literatura e revisão sistemática	55
3.2	MÉTODOLOGIA PARA A ELABORAÇÃO DO <i>FRAMEWORK</i> DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS	57
3.2.1	<i>Framework</i> 5W2H.....	57
3.2.2	<i>Framework</i> 3W1H.....	59
3.2.3	Metodologia para a seleção das IES e das bibliotecas dos avaliadores	60
3.2.4	Metodologia para solicitação de participação aos avaliadores	61
3.2.5	Formulários para avaliação.....	62
3.3	ETAPAS DA METODOLOGIA CORRESPONDENTES AOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	63

3.4	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	64
4	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA – BIBLIOTECAS ACADÊMICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO	65
4.1	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	65
4.1.1	Definição de Termos e Estratégia de Busca	65
4.1.2	Busca nas bases de dados	66
4.1.3	Considerações sobre a busca	70
4.2	ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA	71
4.2.1	Publicações	72
4.2.2	Ano de publicação	72
4.2.3	Autores	72
4.2.4	Línguas	73
4.2.5	Países	74
4.2.6	Palavras-chave	74
4.2.7	Organizações responsáveis pelas publicações	76
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E A ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA	77
5	REVISÃO DA LITERATURA SOBRE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO	80
5.1	PESQUISAS SOBRE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO	80
5.2	CONTRIBUIÇÕES DA BIBLIOTECA ACADÊMICA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO <i>CAMPUS</i>	86
5.3	ATENDIMENTO DA BIBLIOTECA A ESTUDANTES E ACADÊMICOS INTERNACIONAIS	88
5.4	MOBILIDADE E INTERCÂMBIO DE FUNCIONÁRIOS DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS	96
5.5	POSICIONAMENTO E ATUAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS	98
5.6	INTERNACIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DE BIBLIOTECAS	99
5.7	<i>CAMPI</i> FILIAIS INTERNACIONAIS	100
5.8	DESENVOLVIMENTO INTERCULTURAL E MULTICULTURAL	102

5.9	O PAPEL, A PRÁTICA E <i>FRAMEWORKS</i> DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO <i>CAMPUS</i>	105
5.10	CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVISÃO DA LITERATURA	113
6	REVISÃO SISTEMÁTICA	115
6.1	PAÍSES FOCO DAS PESQUISAS	115
6.2	TEMAS E ASSUNTOS ABORDADOS	116
6.3	METODOLOGIAS UTILIZADAS	118
6.4	IDENTIFICAÇÃO DE RECOMENDAÇÕES OU EXEMPLOS ADOTADOS DE ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS	120
7	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO	121
7.1	ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO 1	125
7.2	ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO 2	131
7.3	ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO 3	137
7.4	ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES	142
8	<i>FRAMEWORK</i> – RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS ..	145
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
	REFERÊNCIAS	187
	APÊNDICE A	196
	APÊNDICE B.....	197
	APÊNDICE C	218
	APÊNDICE D	220
	APÊNDICE E.....	221
	APÊNDICE F.....	225
	APÊNDICE G	226
	APÊNDICE H – PRIMEIRA VERSÃO DO <i>FRAMEWORK</i>.....	229

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, para a introdução, apresenta-se a contextualização e delimitação do tema, destacando-se sua problematização. Em seguida, são apresentados os objetivos gerais e específicos e, por fim, a justificativa do trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO, DELIMITAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O interesse deste trabalho foi focar na relação das bibliotecas acadêmicas com processos estratégicos de internacionalização de Instituições de Educação Superior (IES). Nesse sentido, partindo de uma perspectiva mais ampla sobre estratégias de internacionalização de IES, destaca-se a publicação, de 1995, do livro *Strategies for internationalisation of higher education: a comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America*. A publicação foi resultado de um projeto sobre ‘Estratégias Institucionais para a Internacionalização’, do Programa de Gestão Institucional da Educação Superior (IMHE) (*Programme of Institutional Management in Higher Education*), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O trabalho contou com a participação de autores de destaque na temática da internacionalização da educação superior, como Hans de Wit e Jane Knight, além de Kenneth Back, Hilary Callan, Dorothy Davis, David Greenwood e Bukart Holzner.

O envolvimento da OCDE, no início da década de 1990, no campo da internacionalização da educação superior, baseou-se na importância atribuída pelos países membros desta organização aos desafios de um cenário global cada vez mais interdependente e competitivo e na consequente necessidade de fortalecer a dimensão internacional das políticas de educação e formação. O programa IMHE foi coordenado em um projeto geral, intitulado “Educação Superior em um Novo Contexto Internacional”, iniciado pela OCDE, em 1993. O objetivo do estudo sobre o desenvolvimento de estratégias para a internacionalização dentro das instituições, seria examinar as maneiras pelas quais as instituições estão acomodando, por meio de seus próprios processos de planejamento e desenvolvimento, a crescente demanda por uma visão internacional mais ampla, abrangendo tanto a gama de atividades internacionais quanto a elaboração ou reformulação das missões fundamentais de ensino, pesquisa e extensão. Isso implicaria uma clarificação dos meios necessários para garantir o planejamento apropriado e coerente e o desenvolvimento de toda a orientação dentro das instituições para a internacionalização (de Wit, 1995).

O estudo apresenta uma visão geral dos aspectos conceituais e regionais das estratégias de internacionalização da educação superior, abrangendo os Estados Unidos da América, a

Europa, o Canadá e a Austrália. Segundo de Wit (1995), foi a primeira tentativa de uma análise comparativa global de estratégias de internacionalização da educação superior.

Apesar de focar em experiências de IES com realidades distintas de países em desenvolvimento, o estudo serviu como base para um maior entendimento, de modo geral, sobre estratégias para a internacionalização da educação superior. No entanto, não se encontram no trabalho, objetivamente, abordagens sobre práticas comuns adotadas ou estratégias relacionadas, especificamente, às bibliotecas acadêmicas nos processos de internacionalização das IES.

Desde a publicação do referido livro, em 1995, o campo de estudo tem passado por uma constante evolução e o tema da internacionalização nas IES tem se tornado mais complexo e abrangente (de Wit, 2010), o que, conseqüentemente, tem envolvido um número crescente de pesquisadores relevantes. Knight e de Wit (2018, p. 2), ao se referirem à publicação de 1995, consideram que:

[...] desde então, embora os significados, as razões e as abordagens da internacionalização tenham evoluído, tal como o contexto em que esta ocorre, a base para o estudo da internacionalização não mudou substancialmente. A internacionalização tornou-se um conceito muito amplo e variado, incluindo muitas novas lógicas, abordagens e estratégias em contextos diferentes e em constante mudança (Knight; de Wit, 2018, p. 2, tradução nossa).

De acordo com de Wit (1995), a publicação foi resultado de uma iniciativa que teve o propósito de possibilitar uma perspectiva de análise comparativa dos processos estratégicos para se desenvolver a dimensão internacional em IES, porém, a ideia de se compreender as estratégias de internacionalização das IES não significou uma busca por uma estrutura ou conjunto de acordos ideais. Reconheceu-se que as abordagens ou estratégias diferem de acordo com os contextos e circunstâncias específicas, bem como com os perfis das instituições individuais. Contudo, considerou-se possível identificar modelos amplos distintos ou abordagens comuns adotadas pelas instituições e, assim, construir uma tipologia aproximada de estratégias institucionais para a internacionalização. A pesquisa foi realizada com base na ideia de se compreender as estratégias de internacionalização das IES, buscando por elementos ou um conjunto de práticas e ações que pudessem contribuir para o processo de implementação da dimensão internacional nas IES (de Wit, 1995).

No entanto, como mencionado, por ser uma iniciativa ainda incipiente, não foram destacadas ou abordadas objetivamente, na publicação (de Wit, 1995), questões relacionadas especificamente às bibliotecas acadêmicas no contexto das estratégias de internacionalização das IES. Entendeu-se, portanto, partindo dessa perspectiva, que seria conveniente, da mesma

forma, a possibilidade de se identificar os elementos de um quadro de medidas e ações que pudessem apoiar, também, o processo de implementação da internacionalização de bibliotecas acadêmicas nas IES.

Nesse sentido, mais recentemente, Lombard (2022) publicou o livro *The internationalization of the academic library*. Por meio de uma revisão sistemática e com base em entrevistas com pessoal de bibliotecas acadêmicas de todo o mundo, é apresentada uma análise sobre a internacionalização no nível departamental de bibliotecas acadêmicas.

Lombard (2022) argumenta que a internacionalização da biblioteca acadêmica atravessa os campos da Ciência da Informação e da Administração da Educação Superior, e indica que seu livro é voltado para pesquisadores e estudantes que trabalham nessas disciplinas, além do interesse para profissionais de bibliotecas de todo o mundo. Para sua pesquisa primária, foi realizada uma revisão sistemática da literatura em que foram utilizadas três bases de dados: LISA (*Library and Information Science Abstracts*), ERIC (*Education Resources Information Center*), e WorldCat. Nenhum recorte de período foi estabelecido. Em seu trabalho, Lombard (2022) buscou, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com pessoal de bibliotecas acadêmicas de diferentes regiões no mundo, responder às seguintes perguntas relacionando a internacionalização às bibliotecas acadêmicas: por que internacionalizar? Onde a internacionalização ocorre? Quem são os *stakeholders*? E, ainda, como acomodar os *stakeholders*?

Ao final de sua pesquisa, Lombard (2022) sugere investigações futuras que respondam por que as bibliotecas acadêmicas poderiam se beneficiar com a internacionalização. Uma vertente que o autor considera interessante é a de bibliotecários acadêmicos de nações consideradas, em suas palavras, “subdesenvolvidas” analisando bibliotecas acadêmicas de nações consideradas “desenvolvidas”. Por exemplo: o que acham que bibliotecas acadêmicas das chamadas nações “desenvolvidas” poderiam fazer para melhorar sua própria internacionalização? Segundo Lombard (2022), muitas vezes, são bibliotecários das nações “desenvolvidas” que escrevem sobre o que os outros devem fazer para se internacionalizar. O próprio autor, Emmett Lombard, se inclui nesse grupo e sugere que, talvez, lendo mais daqueles menos representados na literatura, em vez de escrever para eles, poderia expandir as perspectivas.

Lombard (2022) também esclarece que seu livro não tenta ser um guia técnico de ‘como fazer’, descreve-se o que está acontecendo em vez de prescrever o que deve acontecer. Além disso, apesar da revisão sistemática, a pesquisa não apresenta uma análise bibliométrica do

material bibliográfico levantado. O trabalho de Lombard (2022) serviu, portanto, como base de referência inicial para a pesquisa.

A pesquisa encaminhada pela OCDE, que resultou na publicação do livro *Strategies for internationalisation of higher education: a comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America*, em 1995, foi realizada com base no trabalho prévio do IMHE e em um conjunto de estudos de caso, em que se buscou abordar as maneiras pelas quais diferentes tipos de instituições vinham lidando com a questão da internacionalização e identificar os elementos de um quadro de políticas que pudessem apoiar seu desenvolvimento efetivo e apropriado dentro das instituições (de Wit, 1995).

Considerou-se, portanto, a possibilidade de se identificar, seguindo o mesmo entendimento, os elementos de um quadro de medidas, ações e práticas que pudessem apoiar o desenvolvimento efetivo e adequado da internacionalização de bibliotecas acadêmicas como parte do conjunto de processos estratégicos de internacionalização das IES; e, caso fossem identificados, esclarecer quais seriam essas medidas, ações e práticas. Com esse entendimento, definiu-se a seguinte pergunta da pesquisa: Que medidas, ações e práticas podem apoiar a internacionalização de bibliotecas acadêmicas como parte do conjunto de processos estratégicos de internacionalização de IES brasileiras?

A partir dessa compreensão considerou-se, então, que um *framework* com recomendações de boas práticas, com as devidas referências dos autores, poderia servir como uma ferramenta auxiliar na gestão e implementação de estratégias e práticas de internacionalização em bibliotecas acadêmicas, como parte do conjunto de processos estratégicos de internacionalização das IES.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos do trabalho foram definidos a partir do contexto apresentado e são descritos a seguir.

1.2.1 Objetivo geral

Elaborar um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas de Instituições de Educação Superior brasileiras.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Realizar um levantamento e apresentar um panorama da produção científica sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior no mundo;
- b) Verificar o conteúdo das pesquisas e selecionar material com recomendações ou exemplos de estratégias, elementos, medidas, ações e práticas de internacionalização adotadas;
- c) Elaborar, com base no material selecionado, um *framework* com recomendações e/ou exemplos de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas;
- d) Validar o *framework* de gestão por meio de uma avaliação de diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis por questões relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras bem posicionadas quanto à sua internacionalização.

1.3 JUSTIFICATIVA

Trabalhar o tema da internacionalização das bibliotecas acadêmicas, segundo Lombard (2022), é uma forma de preparar as IES para uma realidade internacional cada vez maior, influenciada pela tecnologia, pela economia e pela explosão informacional.

Funcionar numa aldeia global requer uma perspectiva global, e uma perspectiva global requer dados, informações e conhecimentos de todo o mundo. Portanto, para que as bibliotecas acadêmicas possam servir melhor ao seu propósito, elas próprias precisam se internacionalizar (Lombard, 2022, p. 1, tradução nossa).

Buscando responder por que bibliotecas acadêmicas devem se internacionalizar, Lombard (2022) argumenta que, independentemente do motivo por trás da internacionalização de uma biblioteca, o processo deve ser intencional. Para a internacionalização da biblioteca acadêmica em um *campus*, deve-se considerar os limites departamentais, a importância da liderança e a colaboração eficaz. Além disso, a confiança também faz parte da compreensão das partes interessadas, especialmente dos próprios funcionários da biblioteca.

Segundo Lombard (2022, p. 02), a internacionalização de bibliotecas acadêmicas pode ser interna ou externa:

A internacionalização interna é exclusiva da biblioteca: os exemplos incluem o modelo operacional, a missão e as políticas, juntamente com recursos e serviços reais.

A internacionalização externa é a forma como apoia a sua faculdade, e por vezes a comunidade envolvente, em termos das suas internacionalizações: exemplos incluem a integração curricular, iniciativas de matrícula, e a facilitação para a competência informacional (Lombard, 2022, p. 02, tradução nossa).

Para Lombard (2022, p. 2), “analisar a internacionalização nestes termos, internos e externos, é fundamental para a compreender como um processo deliberado e holístico, e não como atividades singulares e não intencionais [...]”. Porém, Lombard (2022) entende que, apesar de os funcionários das universidades e bibliotecas terem intenções positivas quando se trata de internacionalização, sua pesquisa revela que há pouco compromisso intencional e holístico nas bibliotecas estudadas. Sendo assim, elas precisam ser mais deliberadas nos seus esforços de internacionalização e colaborar com outros funcionários universitários de departamentos e setores de fora da biblioteca. Além disso, a internacionalização pode facilitar uma melhor compreensão do potencial de transformação da missão, visão e política das bibliotecas acadêmicas.

A internacionalização requer duas abordagens estratégicas complementares para aprimorar a dimensão global das atividades acadêmicas: as estratégias programáticas, que consistem em diversas iniciativas relacionadas aos três pilares – ensino, pesquisa e extensão universitária; e as estratégias organizacionais, que envolvem a implementação de medidas por meio de sistemas operacionais e de gestão (Knight, 1997; de Wit, 1995). Nesse sentido, entende-se que as bibliotecas acadêmicas podem estar envolvidas tanto com as estratégias programáticas, relacionando-se aos três pilares, por meio de serviços, atendimento e suporte ao ensino, pesquisa e a projetos de extensão, quanto com as estratégias organizacionais, por meio de seus sistemas operacionais, administrativos e de comunicação com demais setores, de modo a contribuir para a institucionalização da dimensão internacional nas IES.

Constata-se, portanto, que as bibliotecas acadêmicas precisam se atualizar e acompanhar as mudanças decorrentes do processo crescente da internacionalização. Assim, considera-se necessária uma maior compreensão, por parte dos gestores de bibliotecas acadêmicas e das próprias IES, sobre como essas unidades podem contribuir para os processos de desenvolvimento da dimensão internacional dessas unidades e instituições.

Além da necessidade de se compreender a relação das bibliotecas acadêmicas com a internacionalização, tanto no campo teórico como para prática e gestão, no âmbito geral, considera-se também a constatação de Lombard (2022) de que países em desenvolvimento produzem pouca pesquisa sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização. Assim, entende-se necessário que no Brasil e em países da América Latina se desenvolva e se contribua mais para o conhecimento acadêmico sobre o tema, tanto no âmbito geral como

voltado para a própria realidade regional. Mas também, para desenvolver a prática em processos de internacionalização de bibliotecas em suas IES.

Sendo assim, considera-se que uma pesquisa sobre o tema – para o desenvolvimento de um *framework* adequado para a realidade das bibliotecas acadêmicas brasileiras – pode servir a acadêmicos, bibliotecários e administradores de IES, para se ampliar a compreensão sobre a necessidade de se abordar e pesquisar as relações entre bibliotecas acadêmicas e a internacionalização e, além disso, contribuir para a prática e a gestão estratégica no desenvolvimento da dimensão internacional das bibliotecas acadêmicas e IES brasileiras.

Como justificativa pessoal, acrescento que sou bibliotecário e exerço funções na Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo trabalhado anteriormente na Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e como bolsista na Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Destaco que a UFSC tem recebido, ano após ano, um número crescente de estudantes e pesquisadores internacionais. Essa é uma realidade que tem levado a um aumento perceptível de acadêmicos internacionais frequentando e utilizando os espaços e serviços oferecidos pelas unidades da BU. Também já fui estudante internacional e lembro do fundamental e significativo suporte que as bibliotecas que frequentei proporcionaram naquele período. Atualmente sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU) da UFSC, sob área de concentração em Gestão Universitária, na linha de pesquisa – Análises, Modelos e Técnicas em Gestão Universitária. Entendo que a temática do estudo pode representar uma contribuição para a área de concentração em Gestão Universitária do programa, cuja descrição é: “Desenvolver e aplicar soluções inovadoras para a gestão do ecossistema de educação superior com o intuito de transformar as realidades e os contextos das organizações que o integram e da sociedade do qual fazem parte”. Ou seja, entendo que é possível abordar a gestão estratégica para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, trazendo o tema para as discussões e como parte do escopo dos estudos da administração universitária, relacionando-se e contribuindo com os objetivos do programa do PPGAU, para a comunidade acadêmica e para a sociedade de modo geral.

Após um extenso levantamento bibliográfico, realizado entre abril e maio de 2023, apresentado neste trabalho, em que foram realizadas buscas na Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) e em outras cinco (5) bases de dados – Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), *Web of Science*, *Scopus*, Portal CAPES e *Google Acadêmico* – não se encontrou nenhum trabalho com a mesma proposta, indicando a originalidade e constatando-se, com a análise do material recuperado, a viabilidade para seguir com a pesquisa.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Com o intuito de estabelecer os fundamentos teóricos da pesquisa buscou-se, primeiramente, com base em Lombard (2022), definir o que se entende por ‘bibliotecas acadêmicas’. Em seguida, por meio de uma pesquisa bibliográfica, são apresentadas questões e assuntos que pudessem proporcionar uma compreensão geral sobre a ‘internacionalização da educação superior’. São apresentados conteúdos pertinentes ao tema, tais como conceitos, definições e contextualização histórica. Apresenta-se também uma análise sobre tendências, abordagens e novos desafios da internacionalização. Por fim, são feitas algumas considerações sobre os assuntos tratados e são levantadas questões sobre os rumos e perspectivas da internacionalização da educação superior.

2.1 BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Com o objetivo de definir e embasar teoricamente o objeto foco da pesquisa, apresenta-se a seguir, para os propósitos desta pesquisa, uma breve análise, com base em Lombard (2022), do que se entende por ‘bibliotecas acadêmicas’.

Lombard (2022) explica que buscou descrever, em sua pesquisa, “[...] a internacionalização de bibliotecas acadêmicas conforme acontece em faculdades e universidades em todo o mundo” (p. 01, tradução nossa).

Referindo-se às bibliotecas acadêmicas, com base em Knight (2004), Kumar e Suresh (2000) e Rodenberg (2010), Lombard (2022) argumenta:

Considerando as instituições de educação superior como organizações internacionais, devido à natureza universal do conhecimento que produzem, é importante que suas bibliotecas alinhem recursos e serviços neste contexto internacional, ao criarem climas favoráveis a visões de mundo que vão além do simples local ou nacional (Lombard, 2022, p. 01, tradução nossa).

Segundo Lombard (2022, p. 01, tradução nossa), “as bibliotecas acadêmicas tradicionalmente atendem às suas instituições, fornecendo suporte às funções de [...] ensino, aprendizagem e pesquisa”.

Nota-se que as bibliotecas acadêmicas, no entendimento de Lombard (2022), são o conjunto de bibliotecas estabelecidas em universidades, faculdades e Instituições de Educação Superior (IES). Assim, seguindo o entendimento do autor, considera-se as bibliotecas acadêmicas, para os propósitos deste trabalho, como o conjunto de bibliotecas que atendem e atuam junto a universidades, faculdades, institutos, escolas, centros, fundações, entre outras

organizações relacionadas à ciência, à pesquisa e ao ensino de nível superior. Ou seja, referem-se às bibliotecas integradas a IES em geral.

Destaca-se que, nacionalmente, é comum referir-se às bibliotecas que atendem a educação superior por ‘bibliotecas universitárias’, expressão genérica verificada na tipologia de bibliotecas. Porém, como analisado e explicitado na pesquisa (levantamento bibliográfico e análise bibliométrica), a expressão ‘bibliotecas acadêmicas’ pode ser mais adequada, para o propósito deste trabalho, pois abrange bibliotecas de diversos tipos de IES.

Considera-se, então, em função da internacionalização da educação superior, que as bibliotecas acadêmicas também devem se adequar a esta realidade, sendo este o lócus do presente estudo, uma vez que sua atuação junto à comunidade acadêmica é fator preponderante para o ensino, pesquisa e extensão.

2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O que é internacionalização da educação superior? Quais conceitos e definições são apresentados por autores e pesquisadores da área? Em que contextos históricos a internacionalização emergiu e foi se desenvolvendo ao longo do tempo? Para responder estas questões, apresenta-se, a seguir, uma análise acerca de conceitos e definições da internacionalização da educação superior, desde o início do uso do termo, sua transformação no decorrer das décadas, até sua compreensão e definições mais recentes. Na sequência, apresenta-se um quadro com definições da internacionalização, publicadas por diferentes autores da área, em ordem cronológica. Por fim, desenvolve-se uma breve análise da contextualização histórica de seu surgimento, como agenda no campo da educação, de quando se promoveu a dimensão internacional na educação superior, quando emergiu e se tornou mais evidente, e períodos em que ocorreram mudanças e surgiram novos enfoques.

2.2.1 Conceitos e definições da internacionalização

O termo ‘internacionalização’ tem sido usado por séculos na ciência política e nas relações governamentais, mas no setor da educação só começou a ter mais popularidade e ser usado com mais frequência no início da década de 1980 (Knight, 2004). Segundo Knight (2013), os termos mais utilizados anteriormente eram ‘educação internacional’ e ‘cooperação internacional’ e, apesar de nem o termo e nem a discussão sobre seu significado serem novos,

reitera que, seu uso e sua difusão, no setor educacional, disparou apenas a partir do começo dos anos 1980.

No mesmo sentido, de Wit (2019) aponta que alguns acontecimentos, a partir da década de 1980, levaram a uma mudança gradual da internacionalização da educação superior, da margem para o centro da educação a nível internacional. Exemplos desses acontecimentos foram: a crescente relação da pesquisa e educação para o desenvolvimento econômico; o avanço da sociedade do conhecimento; o fim da Guerra Fria; a cooperação regional no ensino superior na Europa; e a crescente busca por ensino superior no mundo.

A orientação internacional das universidades mudou dramaticamente ao longo dos séculos e assume hoje formas e abordagens substancialmente diferentes e mais complexas do que nos séculos anteriores. O que agora é chamado de “internacionalização do ensino superior”, como conceito e estratégia, é um fenômeno recente que emergiu ao longo dos últimos 30 anos, influenciado por uma combinação dinâmica de razões e interesses políticos, econômicos, socioculturais e acadêmicos. (de Wit, 2019, p. 10, tradução nossa).

Assim, como conceito e agenda estratégica, a internacionalização é um fenômeno relativamente recente, amplo e multifacetado no âmbito do ensino superior. Além de ser influenciado por interesses de natureza econômica, política, sociocultural e acadêmica, seu impacto é variado em diferentes instituições, países e regiões, de acordo com seus contextos particulares (de Wit; Altbach, 2021).

Knight (2004) entende que, como a internacionalização é um termo que pode ter significados e aplicações variadas, há muita confusão sobre o que significa. Buscando definir a internacionalização, Knight (2012) explica que:

Internacionalização é um termo que tem sido cada vez mais usado para discutir a dimensão internacional do ensino superior e, mais amplamente, da educação terciária. Como significa diferentes coisas para diferentes pessoas, é usado de inúmeras formas. Embora seja encorajador ver uma crescente atenção e uso da internacionalização, há frequentemente uma grande confusão sobre o que significa. (Knight, 2012, p. 2, tradução nossa).

Segundo Knight (2004, 2012), a internacionalização pode significar uma série de atividades ou iniciativas acadêmicas como: a mobilidade estudantil e de professores; colaborações em pesquisas internacionais; contatos, parcerias e projetos internacionais; filiais e franquias internacionais de IES; internacionalização do currículo (dimensão internacional, global e intercultural); projetos de desenvolvimento internacional; e comercialização da educação transfronteiriça.

Claramente, a internacionalização é usada para descrever uma vasta gama de questões, estratégias e novos desenvolvimentos em todo o mundo. No entanto, existe a preocupação de que a internacionalização esteja se tornando um conceito abrangente

para tudo o que esteja relacionado com a dimensão internacional do ensino superior. (Knight, 2012, p. 3, tradução nossa).

Sobre a evolução do conceito e sua definição, Knight (2004) explica que, no final dos anos 1980, a internacionalização era normalmente definida no nível institucional em termos de conjunto de atividades. Nesse sentido, Knight (2004) aponta que Arum e Van de Water (1992) referiam-se à internacionalização como “[...] as múltiplas atividades, programas e serviços que se enquadram nos estudos internacionais, no intercâmbio educacional internacional e na cooperação técnica” (Arum; Van de Water, 1992, p. 202, tradução nossa).

Em meados dos anos 1990, como Knight (2004) menciona, ela própria também trazia uma abordagem mais relacionada a processos no nível institucional, em que definia a internacionalização como “[...] o processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, pesquisa e serviço (extensão) de uma instituição de educação superior” (Knight, 1994, p. 3, tradução nossa).

No entanto, Knight (2004) destaca que van der Wende (1997) considerava limitada a abordagem com base no nível institucional, vindo a propor uma definição mais ampla da internacionalização, como “[...] qualquer esforço sistemático e sustentado destinado a tornar o ensino superior (mais) receptivo às exigências e desafios relacionados com a globalização das sociedades, da economia e dos mercados de trabalho” (van der Wende, 1997, p. 19, tradução nossa). Por outro lado, Knight (2004) entendia que, apesar de incluir importantes elementos, essa definição de van der Wende (1997) se referia à dimensão internacional mais voltada para aspectos ambientais externos, relacionados à globalização, deixando de lado o contexto do setor educacional.

Rudzki (1998), ao buscar definir a internacionalização no contexto das IES do Reino Unido, para sua tese sobre gestão estratégica da internacionalização, em que trata sobre um modelo teórico e prático da internacionalização da educação superior, explica que um dos maiores problemas em sua pesquisa foi a falta de definições aceitáveis de ‘internacionalização’ da educação superior. Para seu trabalho, Rudzki (p. 16, 1998) define a internacionalização da educação superior como: “[...] um processo de mudança organizacional, inovação curricular, desenvolvimento de pessoal e mobilidade estudantil com o propósito de alcançar a excelência no ensino, na pesquisa e nas outras atividades que as universidades realizam como parte de sua função”. E explica que sua definição foi fundamentada em seu trabalho anterior de 1992 (Rudzki, 1992).

Knight (2004) traz, também, uma definição de Söderqvist (2002), da internacionalização como um processo de transformação educacional, com uma visão mais holística da gestão, mas também no nível institucional, em que a internacionalização seria:

[...] um processo de mudança de uma instituição de ensino superior nacional para uma instituição de ensino superior internacional que conduza à inclusão de uma dimensão internacional em todos os aspectos da sua gestão holística, a fim de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e alcançar as competências desejadas. (Söderqvist, 2002, p. 29, tradução nossa).

Essa definição, para Knight (2004), ainda que tenha apresentado uma evolução no nível institucional, também tinha limitações, nesse caso, ao desconsiderar um sentido mais abrangente da internacionalização, para além do ensino e aprendizagem.

Knight (2004) explica que, devido às diferentes interpretações e definições existentes, de Wit (2002) concluiu que, na medida que a dimensão internacional ganha maior atenção e reconhecimento, as pessoas tendem a usar o termo da forma que melhor atende aos seus propósitos, e que não seria conveniente que fosse utilizado dessa forma. Assim, para de Wit (2002):

Uma definição mais focada é necessária para que seja compreendida e tratada com a importância que merece. Mesmo que não haja acordo sobre uma definição precisa, a internacionalização precisa ter parâmetros para ser avaliada e para promover o ensino superior. É por isso que a utilização de uma definição funcional em combinação com um quadro conceitual para a internacionalização do ensino superior é relevante. (De Wit, 2002, p. 14, tradução nossa).

Nesse sentido, buscando uma definição funcional, Knight (2004) afirmava ser cada vez mais claro que a internacionalização precisava ser entendida nestes três níveis: o nacional, o do setor educacional e o institucional. Assim, sugere que uma nova definição deveria compreender ambos os níveis e a ligação entre eles, e que deveria ser levado em consideração que a dimensão internacional se relaciona com todos os aspectos da educação superior e sua função na sociedade. Além disso, a internacionalização era um termo que vinha sendo cada vez mais usado para discutir a dimensão internacional da educação superior e, mais amplamente, a educação pós-secundária. Com essas considerações, Knight (2004) propõe que sua definição de internacionalização, publicada em 2003, seja uma definição funcional da internacionalização, descrita como “[...] o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global ao propósito, funções ou entrega da educação pós-secundária” (Knight, 2003, p. 2, tradução nossa).

Para Knight (2004), essa definição de 2003 compreende a internacionalização nos três diferentes níveis – nacional, setor educacional e institucional – e os termos internacional, intercultural e global se complementam um ao outro e são usados como uma tríade que reflete

a amplitude e a profundidade do processo de internacionalização. Ao comparar sua definição prévia de 1994, “amplamente utilizada”, com a nova definição de 2003, Knight (2004) explica que elas não conflitam, pelo contrário, se complementam.

Esta definição não conflita com a nova definição proposta neste artigo. Na verdade, o oposto é verdadeiro. As definições são muito complementares. A nova definição tenta abordar as realidades do contexto atual, onde o nível nacional/setorial é extremamente importante e, portanto, deve ser abrangido por uma definição. Em segundo lugar, o número e a diversidade de prestadores de educação que têm interesses e abordagens muito diferentes para as dimensões internacional, intercultural e global têm crescido. Portanto, os termos mais genéricos de propósito, função e entrega são usados em vez de termos funcionais específicos de ensino, pesquisa e serviço (extensão). Ao usar esses três em termos mais gerais, a definição proposta pode ser relevante para o nível setorial, o nível institucional e a variedade de fornecedores no amplo campo de educação pós-secundária. (Knight, 2004, p. 12, tradução nossa).

Em seu trabalho sobre internacionalização de universidades como estratégia para o desenvolvimento institucional, Sebastián (2005) explica que a internacionalização tem múltiplas manifestações, mas que podem ser distinguidas, de forma sistemática, em duas áreas complementares: dentro e fora da universidade. Ou seja, a internacionalização teria um caráter duplo e essa seria uma forma de facilitar a compreensão de suas características.

De acordo com Sebastián (2005, p. 3) a internacionalização interna, dentro da universidade, “[...] visa contribuir para a melhoria da qualidade e da relevância, introduzindo a dimensão internacional na cultura institucional e padrões internacionais na oferta e métodos de ensino, na investigação, na extensão e nos procedimentos de gestão”.

Segundo Sebastián (2005), a internacionalização externa

[...] visa projetar (internacionalmente) a oferta e as capacidades da universidade; Trata-se de ampliar a visibilidade, o reconhecimento e o alcance de atuação e influência da universidade. Esta visão está relacionada com as abordagens mais comerciais do ensino superior, mas também com o aproveitamento das oportunidades oferecidas pelas exigências não satisfeitas a nível local e nacional, e com as vantagens das tecnologias de informação e comunicação para abrir novos nichos de ação a nível regional e global (Sebastián, 2005, p. 3).

Considerando seu caráter duplo, Sebastián (2005, p. 3) define a internacionalização da educação superior como: “[...] o processo de introdução da dimensão internacional na cultura e estratégia institucional, nas funções de formação, pesquisa e extensão, e na projeção da oferta e capacidades da universidade”.

Partindo de uma visão mais específica, ao tratar do entendimento sobre a internacionalização da educação superior na América Latina, Maillard (2019) alude que é necessário pensar a internacionalização a partir de uma perspectiva de âmbito regional e cita o entendimento das Conferências Regionais sobre o Ensino Superior (CRES).

As três Conferências Regionais sobre o Ensino Superior (CRES), organizadas pela Unesco em 1996, 2008 e 2018, têm destacado os valores fundamentais no continente, nem sempre alinhados com a visão do Ensino Superior de outros blocos do planeta. A América Latina e o Caribe defendem um Ensino Superior como um bem público social, que deve ser provido pelos Estados gratuitamente e com qualidade. O processo de internacionalização deve ser solidário e respeitar as diversidades regionais. (Maillard, 2019, p. 25).

Como menciona Maillard (2019), a ‘Declaração final’ da CRES 2018 indica que essa perspectiva seria o contrário de uma internacionalização voltada para o mercado, que atende interesses hegemônicos e a lógica desnacionalizante da globalização. Para Maillard (2019), as universidades latino-americanas têm representado uma visão oposta à ideia amparada por muitos países, de uma Educação Superior com inclinação comercial.

Como exemplo dessa perspectiva latino-americana, Maillard (2019) apresenta uma definição de Gacel-Ávila (2006) em que a internacionalização seria:

Um processo que integra nas funções substantivas das instituições de educação superior uma dimensão global, internacional, intercultural, comparada e interdisciplinar, cujo alcance é o fomento de uma perspectiva e consciência global das problemáticas humanas em prol dos valores e das atividades de uma cidadania global responsável, humanista e solidária. (Gacel-Ávila, 2006, p. 61, tradução nossa).

Nesse sentido, Knight (2012) compreendia que era necessário desenvolver uma definição funcional, clara e abrangente da internacionalização da educação superior, para evitar a confusão quanto ao seu entendimento, porém a definição deveria ser genérica o suficiente para ser aplicada a muitos países, culturas e sistemas educacionais diferentes. Não acreditava numa definição universal, mas que um entendimento comum do termo, entre os que discutem e analisam o fenômeno, facilitaria, por exemplo, o trabalho na busca por apoio de representantes políticos e líderes acadêmicos. Ademais, apontava que debates, naquele momento, refletiam a preocupação sobre se a internacionalização seria uma construção ocidental, americanizada ou europeizada. Por isso, também, a definição deveria ser neutra e adequada para as diferentes realidades de cada região.

Com base na proposta de definição funcional da internacionalização de seu artigo de 2004, em que cita sua definição de internacionalização de seu artigo de 2003, Knight (2013) apresenta uma nova versão de definição da internacionalização, como “[...] o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global ao propósito, funções (principalmente ensino/aprendizagem, pesquisa e serviço) ou entrega da educação superior” (Knight, 2013, p. 85, tradução nossa).

Knight (2013) considera que essa seria uma definição bastante neutra e claramente voltada para o coração da academia, acrescentando que,

[...] se aplica para todos os níveis da educação – do nível local de instituições ao nível global de organismos internacionais. A força dessa definição é que ela não é prescritiva e foca nos objetivos e funções da educação; de qualquer forma, a fraqueza agora evidente é que valores tradicionais associados com a internacionalização como as parcerias, colaborações, benefício mútuo e intercâmbio não são articuladas, apenas assumidas. (Knight, 2013, p. 85, tradução nossa).

Considerando-a como um processo intencional e buscando refletir um entendimento mais amplo de sua natureza e propósito, voltado para a sociedade, de Wit *et al.* (2015) definem a internacionalização como:

O processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções e na oferta do ensino pós-secundário, a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e funcionários, oferecendo uma contribuição significativa para a sociedade. (de Wit *et al.*, 2015, p. 29, tradução nossa).

Maillard (2019) explica que, pela perspectiva dos Estados Unidos, com sua grande heterogeneidade em IES, destacando-se há bastante tempo em relação às parcerias internacionais, reconhecendo a diversidade de abordagens e buscando evitar uma visão particular ou descrever objetivos, Hudzik (2014) trouxe o conceito de ‘internacionalização compreensiva’ (*comprehensive internationalization*), traduzida também como ‘internacionalização abrangente’.

Hudzik (2014) descreve a internacionalização compreensiva como:

Um compromisso, confirmado pela ação, de infundir perspectivas internacionais e comparativas por meio das missões do ensino, pesquisa e serviço da educação superior. Ela molda o etos e os valores institucionais e afeta todo o empreendimento do ensino superior. É essencial que seja abraçado pela liderança institucional, pela governança, pelos docentes, pelos estudantes e por todas as unidades de serviços e suporte acadêmico. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável [...] não afeta apenas toda a vida do *campus*, mas também os quadros de referência externos, parcerias e relações das instituições. (Hudzik, 2014, p. 7, tradução nossa).

Maillard (2019) explica que Hudzik (2014) busca afirmar que a internacionalização deve: se relacionar com todas as missões da universidade; dar ênfase para as ações, criticando a simples retórica das instituições ao sempre declararem que possuem caráter internacional; insistir que o processo deve passar por todos os atores das universidades, não se limitando a um setor administrativo; e evidenciar que não deve ser apenas um desejo, e sim uma decisão diante do imperativo do mundo globalizado.

De certa forma, assim como de Wit *et al.* (2015), que compreendem a internacionalização como um processo intencional, Hudzik (2014) a descreve como um compromisso, por meio da ação, não apenas desejável, mas como um imperativo, ou seja, com alguma intencionalidade, nesse caso, decorrente da reação à necessidade imposta pela globalização e, também, destacando que o processo deve atender e envolver diversos atores universitários.

A internacionalização ganhou proeminência no final do século XX devido ao impacto significativo da globalização. As transformações ocorridas em várias esferas, abrangendo a economia, política, sociedade e cultura, influenciaram profundamente o comportamento humano e demandaram novas abordagens para lidar com os desafios apresentados por essa sociedade cada vez mais interligada globalmente (Stallivieri, 2017).

De acordo com Knight (2013, p. 84), “após várias décadas de intenso desenvolvimento, a internacionalização cresceu em âmbito, escala e importância. Não há dúvida de que transformou o mundo do ensino superior, mas a internacionalização também sofreu mudanças fundamentais”. Com essas transformações, a internacionalização do ensino superior foi se tornando mais complexa e abrangente, abrindo novas perspectivas, demandando novas conceituações e trazendo mudanças e adaptações de suas definições. Knight (2013) destaca os desafios e dificuldades desse processo.

O desafio em qualquer definição de internacionalização é a necessidade de que seja suficientemente genérica para ser aplicada a muitos países, culturas e sistemas educativos diferentes. Esta não é uma tarefa fácil. Embora não seja intenção desenvolver uma definição universal, é imperativo que ela possa ser utilizada numa ampla gama de contextos em países e regiões do mundo. Uma definição deve evitar ser um instrumento que padroniza ou homogeneiza o processo de internacionalização em todo o mundo, especificando as razões, os benefícios, os resultados, os atores, as atividades e os stakeholders da internacionalização. Estas variam enormemente entre regiões, nações e de instituição para instituição. O que é fundamental é que a dimensão internacional se relaciona com todos os aspectos do ensino superior e com o papel que este desempenha na sociedade. (Knight, 2013, p. 85, tradução nossa).

Por fim, Knight e de Wit (2018) consideram que os significados, as razões e as abordagens da internacionalização evoluíram ao longo do tempo, de acordo com o contexto histórico em que esteve inserida, tornando-se um conceito muito amplo e variado, incluindo novas lógicas, perspectivas e estratégias, em diferentes momentos e circunstâncias históricas, e que assim segue, em constante transformação, evoluindo e adaptando-se às novas condições, aos desafios e às realidades postas para a educação no mundo.

2.2.2 Definições de internacionalização em ordem cronológica

No Quadro 1 se encontram, na ordem cronológica, as definições apresentadas na análise do tópico 2.1.1.

Quadro 1 – Ordem Cronológica das definições de internacionalização

ORDEM CRONOLÓGICA DAS DEFINIÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO
“[...] as múltiplas atividades, programas e serviços que se enquadram nos estudos internacionais, no intercâmbio educacional internacional e na cooperação técnica” (Arum; van de Water, 1992, p. 202, tradução nossa).
“[...] o processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, pesquisa e serviço (extensão) de uma instituição de educação superior” (Knight, 1994, p. 3, tradução nossa).
“[...] qualquer esforço sistemático e sustentado destinado a tornar o ensino superior (mais) receptivo às exigências e desafios relacionados com a globalização das sociedades, da economia e dos mercados de trabalho” (van der Wende, 1997, p. 19, tradução nossa).
“[...] um processo de mudança organizacional, inovação curricular, desenvolvimento de pessoal e mobilidade estudantil com o propósito de alcançar a excelência no ensino, na pesquisa e nas outras atividades que as universidades realizam como parte de sua função” (Rudzki, p. 16, 1998).
“[...] um processo de mudança de uma instituição de ensino superior nacional para uma instituição de ensino superior internacional que conduza à inclusão de uma dimensão internacional em todos os aspectos da sua gestão holística, a fim de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e alcançar as competências desejadas” (Söderqvist, 2002, p. 29, tradução nossa).
“[...] o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global ao propósito, funções ou entrega da educação pós-secundária” (Knight, 2003, p. 2, tradução nossa).
“[...] o processo de introdução da dimensão internacional na cultura e estratégia institucional, nas funções de formação, pesquisa e extensão, e na projeção da oferta e capacidades da universidade” (Sebastián, 2005, p. 3).
“Um processo que integra nas funções substantivas das instituições de educação superior uma dimensão global, internacional, intercultural, comparada e interdisciplinar, cujo alcance é o fomento de uma perspectiva e consciência global das problemáticas humanas em prol dos valores e das atividades de uma cidadania global responsável, humanista e solidária” (Gacel-Ávila, 2006, p. 61, tradução nossa).
“[...] o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global ao propósito, funções (principalmente ensino/aprendizagem, pesquisa e serviço) ou entrega da educação superior” (Knight, 2013, p. 85, tradução nossa).
“Um compromisso, confirmado pela ação, de infundir perspectivas internacionais e comparativas por meio das missões do ensino, pesquisa e serviço da educação superior. Ela molda o etos e os valores institucionais e afeta todo o empreendimento do ensino superior. É essencial que seja abraçado pela liderança institucional, pela governança, pelos docentes, pelos estudantes e por todas as unidades de serviços e suporte acadêmico. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável [...] não afeta apenas toda a vida do <i>campus</i> , mas também os quadros de referência externos, parcerias e relações das instituições” (Hudzik, 2014, p. 7, tradução nossa).
“O processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções e na oferta do ensino pós-secundário, a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e funcionários, oferecendo uma contribuição significativa para a sociedade”. (De Wit <i>et al.</i> , 2015, p. 29, tradução nossa).

Fonte: elaborado pelo autor

No Quadro 2 se encontram as mesmas definições, na língua inglesa ou espanhola, como foram originalmente publicadas.

Quadro 2 – Ordem Cronológica das definições de internacionalização (inglês/espanhol)

ORDEM CRONOLÓGICA DAS DEFINIÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO (Inglês/Espanhol)
<i>"[...] the multiple activities, programs and services that fall within international studies, international educational exchange and technical cooperation" (Arum; van de Water, 1992, p. 202).</i>
<i>"[...] the process of integrating an international and intercultural dimension into the teaching, research and service functions of an institution of higher education" (Knight, 1994, p. 3).</i>
<i>"[...] any systematic, sustained effort aimed at making higher education (more) responsive to the requirements and challenges related to the globalization of societies, economy and labour markets" (van der Wende, 1997, p. 19).</i>
<i>"[...] a process of organizational change, curriculum innovation, staff development and student mobility for the purpose of attaining excellence in teaching, research and the other activities which universities undertake as part of their function" (Rudzik, p. 16, 1998).</i>
<i>"[...] a change process from a national higher education institution to an international higher education institution leading to the inclusion of an international dimension in all aspects of its holistic management in order to enhance the quality of teaching and learning and to achieve the desired competencies" (Söderqvist, 2002, p. 29).</i>
<i>"[...] the process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions or delivery of post-secondary education" (Knight, 2003, p. 2).</i>
<i>"[...] el proceso de introducción de la dimensión internacional en la cultura y estrategia institucional, en las funciones de formación, investigación y extensión, y en la proyección de la oferta y capacidades de la universidad" (Sebastián, 2005, p. 3).</i>
<i>"Un proceso que integra en las funciones sustantivas de las instituciones de educación superior una dimensión global, internacional, intercultural, comparada e interdisciplinaria, cuyo alcance es el fomento de una perspectiva y conciencia global de las problemáticas humanas en pro de los valores y actitudes de una ciudadanía global responsable, humanista y solidaria" (Gacel-Ávila, 2006, p. 61).</i>
<i>"[...] the process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions (primarily teaching/learning, research, service) or delivery of higher education" (Knight, 2013, p. 85).</i>
<i>"A commitment, confirmed through action, to infuse international and comparative perspectives throughout the teaching, research, and service missions of higher education. It shapes institutional ethos and values and touches the entire higher education enterprise. It is essential that it be embraced by institutional leadership, governance, faculty, students, and all academic service and support units. It is an institutional imperative, not just a desirable possibility... [It] not only impacts all campus life but the institutions' external frames of reference, partnerships and relations" (Hudzik, 2014, p. 7).</i>
<i>"The intentional process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions and delivery of post-secondary education, in order to enhance the quality of education and research for all students and staff, and to make a meaningful contribution to society" (de Wit et al., 2015, p. 29).</i>

Fonte: elaborado pelo autor

Basicamente, pode-se depreender que há uma evolução das definições e que trata-se de um processo em constante mudança, decorrente das transformações e de novas práticas relacionadas à internacionalização, e também das condições e contextos históricos envolvidos, como se verifica mais detalhadamente a seguir.

2.2.3 Contextos históricos da internacionalização da educação superior

Argumenta-se que as universidades, por natureza, sempre foram essencialmente internacionais, porém, ignora-se que muitas universidades foram estabelecidas ou transformadas nos séculos XVIII e XIX com uma clara orientação nacional. Eventos políticos, mais significativamente as duas grandes guerras mundiais na primeira metade do século XX,

levaram ao entendimento da necessidade de promover a paz e a compreensão mútua entre países por meio de cooperações internacionais e intercâmbio. Alguns exemplos de seu desenvolvimento foram: a criação do *Institute of International Education (IIE)* nos Estados Unidos em 1919; do *Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD)* na Alemanha em 1925; do *British Council in the United Kingdom* em 1934; do Programa *Fullbright* em 1946; e da *International Association of Universities* em 1950 (de Wit; Altbach, 2021).

Posteriormente, a lógica da Guerra Fria, em matéria de segurança nacional, e a política externa se tornam as principais razões para se promover uma dimensão internacional do ensino superior. Tendências semelhantes ocorreram na União Soviética. Foram iniciativas que evoluíram de atividades individuais para programas educativos internacionais, impulsionados mais pelos governos dos países do que pelas universidades. Assim, ao longo dos últimos 70 anos, a internacionalização da educação superior tem evoluído de uma atividade marginal para se tornar elemento chave numa agenda de reformas (de Wit; Altbach, 2021).

A partir da década de 1970, a internacionalização do ensino superior foi tomando diferentes direções. Nas décadas de 1970 e início dos anos 1980, muitos países focaram principalmente em cooperação e assistência ao desenvolvimento. Em grande parte da Europa, programas de bolsas de estudo e de mobilidade, como o programa ERASMUS, tinham como foco o intercâmbio de estudantes e professores, bem como o desenvolvimento curricular. Mas, na segunda metade dos anos 1980, a internacionalização tomou outro rumo. Em contraste, países como o Reino Unido e a Austrália mudaram o foco da assistência para o comércio. Em vez de conceder bolsas de estudo, as universidades passaram a cobrar mensalidades integrais dos estudantes internacionais, com o entendimento dos governos de que os contribuintes não deveriam pagar pela educação de estudantes estrangeiros. No entanto, ao contrário do que poderia se esperar, isso não resultou na diminuição do número de estudantes internacionais, o que houve foi um aumento significativo. Assim, o Reino Unido passou a ser o segundo destino com maior número de estudantes internacionais que buscavam completar uma graduação no exterior, atrás apenas dos Estados Unidos, em primeiro, enquanto a Austrália passou para o quinto, próximo da Alemanha e da França (de Wit, 2013).

Na década de 1980, o termo internacionalização entrou em foco no cenário do ensino superior, sendo amplamente adotado para fomentar estudos internacionais, intercâmbio acadêmico e assistência técnica. A partir desse ponto, presenciou-se uma explosão no número e na diversidade de iniciativas internacionais conduzidas por instituições de ensino superior, organizações e governos. As estratégias, os programas e as políticas de internacionalização

concebidos por esses atores têm evoluído ao longo dos anos, tanto em resposta à crescente influência da globalização como em função dela (Knight, 2012).

Tradicionalmente, a internacionalização esteve voltada para intercâmbios, para a cooperação e compreensão de diferentes culturas e línguas, e para a colaboração em pesquisas. Mas, desde meados da década de 1990, tem ocorrido uma mudança gradual para uma abordagem mais comercial (de Wit; Altbach, 2021). Como referenciam de Wit e Altbach (2021), é o que van der Wende (2001) se refere como uma mudança de paradigma da cooperação para a competição.

Juntamente com os Estados Unidos, a Austrália e o Reino Unido são as nações líderes no ensino superior internacional pelo seu fluxo de estudantes internacionais e pelas suas atividades offshore. Esta mudança na internacionalização na década de noventa e que evoluiu ainda mais na última década, é referida como uma mudança de paradigma da cooperação para a competição, uma abordagem mais comercial na educação superior internacional (de Wit, 2013, p. 22-23).

A Austrália e o Reino Unido, por exemplo, na década de 1990, em grande parte por consequência da crise econômica asiática que afetou a maioria dos estudantes internacionais dessa região, passaram a adotar uma nova abordagem para a internacionalização: a ‘educação transnacional’. Buscando alcançar esses estudantes que não tinham condições de irem estudar em suas instalações, as IES criaram filiais e parcerias em países como Cingapura, Malásia, Vietnã, África do Sul e outros locais, marcando uma mudança para além da mobilidade de estudantes, com instituições expandindo seus serviços e passando a atender estudantes em outros países (de Wit, 2013).

A crescente globalização nos anos 1990, combinada com as demandas da economia do conhecimento e com o fim da Guerra Fria, criaram um contexto que permitiu uma abordagem mais estratégica da internacionalização da educação superior. Hoje, apesar da prevalência das razões econômicas, outras tendências vêm tomando forma, em virtude de novas demandas da sociedade global (de Wit; Altbach, 2021).

A internacionalização evoluiu e, durante esse processo, as prioridades anteriores foram substituídas, ou superadas em importância, por outras. As razões econômicas tornaram-se mais dominantes, mas dados os desafios extremos enfrentados pela sociedade global – resumidos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas – a internacionalização também foi recentemente chamada a ajudar a contribuir para enfrentar estes desafios e objetivos sociais. (de Wit; Altbach, 2021, p. 119, tradução nossa).

Knight e de Wit (2018), como participantes e analistas do desenvolvimento e mudanças da internacionalização nas últimas décadas, avaliam sua história e se questionam sobre os rumos que ela vem tomando.

Nos últimos 25 anos, a internacionalização evoluiu de um componente marginal e secundário para um fator global, estratégico e dominante no ensino superior. Tendo sido participantes ativos e analistas dessa evolução, parece apropriado perguntar-nos: de onde viemos e para onde vamos? (Knight; De Wit, 2018, p. 2, tradução nossa).

À medida que o século XXI avança, a dimensão internacional do ensino pós-secundário se torna cada vez mais complexa e relevante (Knight, 2012). E, como afirma de Wit (2019), a internacionalização da educação superior segue sendo um conceito em evolução.

2.3 TENDÊNCIAS E ABORDAGENS DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Tradicionalmente, a internacionalização tem sido pensada como uma série de diferentes estratégias ou atividades que têm se enquadrado em duas correntes, a internacionalização ‘no exterior’ (*abroad*), que são as atividades que acontecem no exterior, conhecidas como ‘transfronteiriças’ (*cross borders*), e a internacionalização ‘em casa’ (*at home*) que inclui as atividades de internacionalização que ocorrem no próprio *campus* (Knight, 2004).

Nas últimas décadas, a internacionalização transformou o campo da educação superior e a si mesma, bifurcando-se, praticamente, nesses dois eixos: ‘no exterior’ e ‘em casa’ (Knight, 2012). Seguindo o mesmo entendimento, de Wit e Altbach (2021) apontam que os dois componentes-chave da internacionalização atualmente são a internacionalização ‘no exterior’, referenciada também como mobilidade, e a internacionalização ‘em casa’. Sendo que a internacionalização ‘em casa’ está voltada para a ‘internacionalização do currículo’ e o desenvolvimento de habilidades para a cidadania global – que tem recebido menor atenção que a internacionalização ‘no exterior’.

A mobilidade, também conhecida como “internacionalização no exterior”, é a atividade mais referida na internacionalização e assume uma grande variedade de formas. O currículo e o desenvolvimento profissional e de cidadania global, também referido como “internacionalização em casa”, é a outra componente chave da internacionalização, que tem recebido maior atenção, mas continua menos que a mobilidade” (de Wit; Altbach, 2021, p. 119, tradução nossa).

Sobre a educação ‘transfronteiriça’ ou ‘no exterior’, Knight (2007, p. 24) define que:

A educação transfronteiriça refere-se à circulação de pessoas, programas, fornecedores, currículos, projetos, investigação e serviços através das fronteiras jurisdicionais nacionais ou regionais. A educação transfronteiriça é um subconjunto da internacionalização e pode fazer parte de projetos de cooperação para o desenvolvimento, programas de intercâmbio acadêmico e iniciativas comerciais. [...] Transfronteiriça é um termo frequentemente usado de forma intercambiável com outros termos, como educação transnacional, offshore e sem fronteiras. Existem algumas diferenças conceituais entre esses termos, mas geralmente eles se referem a

tipos de atividades semelhantes. O termo preferido é educação transfronteiriça, dada a importância dos limites jurisdicionais, quando se trata de estabelecimentos de políticas e regulamentos (Knight, 2007, p. 24, tradução nossa).

Knight (2012, p. 12), com base na referência de 2007, atualiza o entendimento e explica que:

A educação transfronteiriça refere-se ao movimento de pessoas, programas, prestadores, políticas, conhecimentos, ideias, projetos e serviços através das fronteiras nacionais. Os modos de entrega variam do presencial ao virtual. A educação transfronteiriça pode fazer parte de projetos de cooperação para o desenvolvimento, parcerias acadêmicas ou transações comerciais. Inclui uma ampla variedade de acordos que vão desde estudos no exterior até parcerias, franquias e *campi* filiais. É um termo frequentemente utilizado de forma intercambiável com educação transnacional, offshore e sem fronteiras, o que causa alguma confusão e mal-entendidos. (Knight, 2007, p. 12, tradução nossa).

Para Knight (2013), o termo ‘educação transfronteiriça’ (*cross-border education*) evoluiu e passou a incluir uma variedade de modalidades como: diversos tipos de mobilidade acadêmica, programas de parcerias, franquias, dupla graduação, criação de *campi* filiais no exterior, plataforma virtual para atendimento no exterior, políticas de créditos e medidas para garantia de qualidade.

Sobre o conceito de internacionalização ‘em casa’, Knight (2004, p. 17) esclarece que,

A emergência deste conceito coincidiu com, ou talvez como forma de contrariar, a crescente ênfase na mobilidade estudantil, expressa em novos programas de mobilidade nacionais e regionais, e também com o interesse crescente na educação transfronteiriça. (Knight, 2004, p. 17).

Como indica Knight (2004), de acordo com Wachter (2003), a internacionalização ‘em casa’ está voltada para aspectos da internacionalização que ocorrem no *campus* de origem, como a dimensão internacional e intercultural no processo de ensino e aprendizagem, as atividades extracurriculares, e as relações com grupos da comunidade cultural e étnica local.

Sobre a internacionalização em casa, Knight (2012, p. 9-10) explica que:

O conceito “em casa” foi desenvolvido para dar maior destaque às estratégias baseadas no *campus*, dada a recente ênfase acrescida na mobilidade acadêmica internacional. Estas estratégias podem incluir a dimensão intercultural e internacional no processo de ensino/aprendizagem, investigação, atividades extracurriculares, relações com grupos comunitários culturais e étnicos locais e integração de estudantes e acadêmicos estrangeiros na vida e atividades do *campus*. A maioria das instituições – e de fato a maioria dos países – apercebeu-se de que o número de estudantes nacionais que realizam algum tipo de estudo no estrangeiro ou investigação internacional ou experiência no terreno é frustrantemente baixo. Isto exige que seja dada mais atenção aos esforços baseados no *campus* e no currículo para ajudar os estudantes a viver num mundo mais interligado e culturalmente diversificado. (Knight, 2012, p. 9-10, tradução nossa).

Como mencionado por Knight (2012), Deardorff (2006) aponta para a necessidade de estudantes e professores desenvolverem uma maior compreensão sobre questões internacionais e globais e adquirirem competências interculturais, mesmo não saindo de seu país. Para Knight (2012, p. 10, tradução nossa), essa é uma questão cada vez mais premente e as universidades têm, portanto, “a responsabilidade e o desafio de integrar perspectivas internacionais, interculturais e comparativas na experiência do estudante através de atividades virtuais e baseadas no *campus*, além de experiências de mobilidade acadêmica internacional”.

Knight (2013, p. 85) descreve algumas características sobre o conceito de internacionalização ‘em casa’.

Como resultado de uma maior ênfase na mobilidade acadêmica entre países, o conceito “em casa” foi desenvolvido para dar maior destaque à importância das dimensões internacionais e interculturais do ensino/aprendizagem, da investigação e dos serviços que são baseados no *campus* e não necessitam de mobilidade internacional. A internacionalização no país de origem inclui o desenvolvimento de compreensão e competências interculturais, formação linguística, estudos comparativos, integração de uma dimensão internacional e intercultural em atividades curriculares e extracurriculares, bem como relações com grupos da comunidade cultural local. (Knight, 2013, p. 85, tradução nossa).

Numa análise sobre os dois conceitos, internacionalização ‘em casa’ e ‘transfronteiriça’, Knight (2004, p. 17-18) afirma que,

Ao mesmo tempo que a internacionalização em casa foi introduzida, também foi introduzido o termo educação transfronteiriça, que é utilizado para descrever a internacionalização no estrangeiro. É claro que a educação transfronteiriça não é necessariamente um termo novo. Juntamente com o termo educação transnacional, ganhou maior utilização nos últimos 10 anos. No entanto, a utilização do termo transfronteiriço está a causar alguma confusão e preocupação. Transfronteiriço está começando a ser utilizado como sinônimo de internacionalização, o que negligencia a compreensão ‘em casa’ e, em segundo lugar, tem sido frequentemente utilizado para descrever o comércio na educação. É claro que ambas as interpretações são demasiado estreitas, por isso é importante ter uma análise mais aprofundada e clara sobre as duas correntes de internacionalização (Knight, 2004, p. 17-18).

De modo geral, segundo Knight (2012), a ‘educação transfronteiriça’ tem passado gradualmente de uma cooperação para o desenvolvimento, para um modelo de parcerias e concorrência comercial. E a dimensão internacional do currículo, relacionada à internacionalização ‘em casa’, tem progredido de uma abordagem focada nas línguas estrangeiras para a integração de perspectivas internacionais, globais e interculturais.

A internacionalização, após décadas de desenvolvimento, cresceu em escopo, escala e relevância, passando por transformações e trazendo mudanças para o campo da educação superior (Knight, 2013). No entanto, segundo Knight (2012), há uma preocupação de que a internacionalização esteja sendo usada para se referir a qualquer coisa relacionada à dimensão

internacional da educação superior. Conceitualizar a internacionalização, por exemplo, sob a ótica da ênfase das IES em se adequarem às classificações de *rankings* internacionais pode ser um exagero. Há, de fato, um interesse grande das IES nesse sentido, uma obsessão com sua posição e reputação global, o que leva a questionar se esse movimento representaria um processo genuíno de internacionalização ou, na realidade, um movimento estratégico de marketing e relações públicas por competição comercial no âmbito internacional (Knight, 2012).

Em relação ao viés competitivo das IES, Knight (2004, p. 21) esclarece que,

[...] dada a crescente ênfase na concorrência a nível internacional, é tentador introduzir uma nova categoria que reconheça a importância que as instituições têm dado à marca (branding) ou ao desenvolvimento de uma forte reputação internacional. Poderíamos dizer que as instituições de ensino sempre foram competitivas na tentativa de alcançar elevados padrões acadêmicos e, mais recentemente, um perfil internacional. No entanto, tem havido uma mudança não tão sutil no sentido do desenvolvimento de uma reputação internacional para competir com sucesso num ambiente mais competitivo. Instituições e empresas estão a competir por quotas de mercado no recrutamento de estudantes internacionais que pagam taxas; oferecendo programas de educação e treinamento com fins lucrativos; ou vender serviços educacionais, como testes de idiomas ou credenciamento. O interesse pelo branding tem levado as instituições a procurarem serviços de credenciamento ou garantia de qualidade por parte de organismos de credenciamento nacionais e internacionais, alguns dos quais são muito confiáveis e outros não tão respeitáveis. Basta dizer que as instituições e os fornecedores estão a empreender esforços sérios para criar uma reputação internacional e uma marca para a sua própria instituição ou para uma rede/consórcio, a fim de os colocar numa posição mais desejável para obter vantagem competitiva (Knight, 2004, p. 21, tradução nossa).

Outro exemplo é a mobilidade estudantil, que tem se tornado um grande negócio, mais ligado à busca de cérebros para inovação de nações do que na ajuda a países em desenvolvimento na construção de capacidade humana (Knight, 2013).

Atividades mais relacionadas ao conceito de globalização, com viés do ensino superior como mercadoria, passaram a ser cada vez mais executadas sob a bandeira da internacionalização, o que levou a uma preocupação com sua desvalorização e despertou para uma reflexão crítica sobre o seu conceito e o rumo que a internacionalização tem seguido (Brandenburg; de Wit, 2011).

Além disso, surge um movimento negando a internacionalização como um conceito puramente ocidental, com o entendimento de que, na atual sociedade global do conhecimento, o conceito de internacionalização do ensino superior já não deveria ser entendido em termos de uma sociedade ocidentalizada e com predomínio da língua inglesa (Jones; de Wit, 2014).

Knight (2012) considera interessante ver como o uso da terminologia mudou no decorrer do tempo. Nos anos 1960, por exemplo, a ênfase estava nas bolsas de estudo para estudantes estrangeiros e projetos de desenvolvimento internacional, ao passo que, por volta dos anos

2010, a discussão envolvia *branding*, educação transfronteiriça, cidadania global, franquias e fábricas de vistos estudantis.

Refletindo sobre a educação internacional, de Wit (2013) afirma que os rumos da internacionalização estão em debate e questiona sobre os perigos e as armadilhas a serem enfrentados, e se a compreensão sobre valores e lógicas da internacionalização terão que ser modificados ou pelo menos atualizados.

Como de Wit (2013) destaca, houve na década de 1990, por influência dos EUA, Austrália e Reino Unido, uma mudança de paradigma da internacionalização, da cooperação para a competição.

Juntamente com os Estados Unidos, a Austrália e o Reino Unido são as nações líderes no ensino superior internacional pelo seu fluxo de estudantes internacionais e pelas suas atividades offshore. Esta mudança na internacionalização na década de noventa e que evoluiu ainda mais na última década, é referida como uma mudança de paradigma da cooperação para a competição, uma abordagem mais comercial na educação superior internacional (de Wit, 2013, p. 22-23).

Segundo de Wit (2013), essa mudança para uma abordagem mais comercial, a princípio, não bem foi bem aceita em países da Europa continental. O mais comum nesses países, até aquele momento, por volta dos anos 2010, eram mensalidades mais baixas ou gratuitas, que também se aplicavam para estudantes de fora da União Europeia (UE). Porém, a partir daquele período, países como Dinamarca, Suécia e Países Baixos passaram a cobrar integralmente estudantes de fora da UE, havendo também uma pressão crescente para cobrança de estudantes nacionais desses próprios países. Outra questão era a mobilidade de estudantes dentro da UE. A busca por diplomas, especialmente de estudantes da Alemanha e, em virtude das altas cobranças de taxas e mensalidades de suas universidades, do Reino Unido, foi se tornado um problema para países pequenos como Países Baixos, Áustria, Bélgica e Escócia.

No entanto, de Wit (2013) também aponta para uma reação ao foco comercial na educação internacional. O setor do ensino superior percebeu que uma abordagem demasiadamente comercial poderia afetar a qualidade do ensino e a reputação das instituições. Como consequência, isso levou a uma melhor seleção de estudantes internacionais, maior controle de qualidade de suas operações *offshore*, mais recursos para o aconselhamento e orientação dos estudantes internacionais, mais ênfase na internacionalização do seu currículo e no apoio para estudos no exterior dos próprios estudantes.

Ademais, de Wit (2013) aborda uma transição a partir de uma perspectiva geopolítica global.

[...] vemos também uma mudança no sentido geográfico. A tradicional divisão entre Norte e Sul e Leste e Oeste do século passado já não deve ser dada como certa. A crescente importância da Ásia, os desenvolvimentos no Médio Oriente, na América Latina e na África alteram também o panorama do ensino superior e, por conseguinte, a sua dimensão internacional. Eles trazem novos valores, novas abordagens e novos relacionamentos (de Wit, 2013, p. 23, tradução nossa).

Nesse contexto geopolítico, segundo de Wit (2013), há um apelo para uma mudança de pensamento sobre a internacionalização, um movimento para evidenciar essa corrente agregada à qualidade da educação superior, com uma abordagem mais abrangente e menos baseada nas receitas.

Knight (2012, p. 16) utiliza os termos ‘comodificação’ e ‘comercialização’ da educação, relacionando-os ao termo, ‘internacionalização para o lucro’, como crítica ao viés da internacionalização voltada para a captação de receitas, em contrapartida aos valores e propósitos da educação superior.

Para muitos educadores, o cerne do debate sobre o aumento da educação comercial transfronteiriça e a visão de que a educação é uma indústria, é o impacto no propósito, no papel e nos valores da educação superior. O crescimento de novos prestadores comerciais e privados, a mercantilização e a orientação para o mercado da educação, e a perspectiva de novos quadros de política comercial são catalisadores para estimular uma reflexão séria sobre o papel, o compromisso social e o financiamento das instituições públicas de ensino superior. A trindade ensino/aprendizagem, pesquisa e serviço (extensão) tem guiado tradicionalmente a evolução das universidades e a sua contribuição para o desenvolvimento social, cultural, humano, científico e econômico de uma nação e do seu povo. A combinação destas funções ainda é válida ou podem ser desagregadas e desempenhadas por diferentes prestadores? (Knight, 2012, p. 16).

Apesar do otimismo no final da década de 1980, de que a internacionalização deixaria de ser marginalizada e fragmentada para se tornar um ponto central na agenda da educação superior, que trouxe de fato uma ampla aceitação da internacionalização como um de seus principais motores de transformação, o que se viu foi a tendência para uma abordagem competitiva, copiando o que já prevalecia no Reino Unido e na Austrália. Com o intuito de obter receita, as IES voltaram-se para o recrutamento de estudantes internacionais, para empreendimentos na ‘educação transfronteiriça’, para a competição por talentos e para a reputação com base na busca pela adequação aos critérios dos *rankings* (de Wit; Altbach, 2021).

No início dos anos 1990, segundo Knight (2012), quando a colaboração internacional entre universidades por meio de intercâmbios acadêmicos e projetos de cooperação para o desenvolvimento era a norma, seria difícil imaginar o que a internacionalização viria a se tornar com a intensa competição das IES pelas classificações mundiais (*rankings*).

Conforme de Wit e Altbach (2021), tradicionalmente, a internacionalização esteve voltada para intercâmbios, na cooperação para a compreensão de diferentes culturas e línguas,

e para a colaboração em pesquisas. Mas, desde meados da década de 1990, tem ocorrido uma notável mudança gradual para uma abordagem competitiva, comercial. Como de Wit e Altbach (2021) referenciam, é o que van der Wende (2001) chama de uma mudança de paradigma da cooperação para a competição.

Por outro lado, segundo de Wit e Altbach (2021), na virada do século, o foco da internacionalização competitiva, com viés mercadológico, passou a ser questionado com apelos pela ética e valores da cooperação por parte de um movimento na Europa, que defendia a internacionalização em casa, em reação ao foco nas bolsas como o programa Erasmus, voltado para poucos, em que aproximadamente 95% dos estudantes não participam da mobilidade. E também reivindicando a internacionalização do currículo no Reino Unido e na Austrália, em contrapartida ao foco no recrutamento de estudantes internacionais e nas iniciativas da educação *offshore*.

Por volta dos anos 2010, os *rankings* internacionais e regionais das universidades tornaram-se mais populares e problemáticos. Surgiram debates acalorados sobre sua validade, confiabilidade e validade. Por um lado, indicou-se que um resultado mensurável da internacionalização seria a conquista de uma posição em instrumentos de classificação global, um meio de ganhar visibilidade e prestígio mundial. Por outro, passou a se questionar se isso seria realmente internacionalização ou *marketing e branding* institucional. Apesar de existirem atividades voltadas para a colaboração e cooperação, os fatores que impulsionam a internacionalização tornaram-se cada vez mais variados, multifacetados e competitivos (Knight, 2012).

Em 2015, um estudo para o Parlamento Europeu sobre o estado da internacionalização no ensino superior trouxe uma nova linha de pensamento, para promover nova agenda para o futuro da internacionalização, como um processo intencional. Essa perspectiva de internacionalização do ensino superior enfatiza que o processo não acontece automaticamente, mas precisa ser intencional; deve contribuir para a melhoria da qualidade; deve beneficiar a todos, não apenas uma pequena elite de estudantes com mobilidade acadêmica; e, finalmente, deve beneficiar a sociedade (de Wit *et al.*, 2015).

No entanto, o foco na mobilidade e na geração de receitas continuou aumentando, em parte porque cada vez mais o pagamento das taxas e das mensalidades dos estudantes internacionais passou a ser considerado pelos governos como uma fonte fundamental de receitas para o ensino superior (de Wit; Altbach. 2021).

Sobre a situação da internacionalização da educação superior mais recente, de Wit e Altbach (2021), explicam que:

No início de 2020, embora a crítica à noção de internacionalização como uma mercadoria comercializável competitiva e exclusiva tenha se tornado amplamente reconhecida e noções como 'internacionalização em casa', 'internacionalização do currículo', 'internacionalização para a sociedade', 'internacionalização humanística', a “aprendizagem global para todos” encontrou amplo apoio em relatórios, documentos, declarações e até políticas, a realidade da internacionalização como uma mercadoria comercializável ainda prevalece fortemente (de Wit; Altbach. 2021, p. 121-122).

Além disso, de Wit e Altbach (2021) apontam questões que têm ocorrido no mundo (como o crescimento de movimentos nacionalistas-populistas, o banimento de imigrantes, ataques à autonomia acadêmica e tendências anti-integração como o Brexit), que podem trazer implicações negativas para a internacionalização e influenciar em matérias como a privatização e a comercialização da educação. Citam também que desastres naturais e problemas de saúde pública, como a COVID-19, que levam à interconexão de sociedades e economias, tem evidenciado o caráter global dessas adversidades, que impactam a educação superior e os esforços e empreendimentos para a internacionalização.

Como cita de Wit (2019), apesar da evolução da compreensão da internacionalização nas últimas décadas, de um fenômeno caracterizado como fragmentado e marginal para uma perspectiva mais abrangente e central da educação superior, esse último entendimento segue sendo mais retórico do que ação concreta (de Wit; Rumbley, 2017). Aponta-se que, segundo Leask, Jones e de Wit (2018), a implementação da ‘internacionalização do currículo’ relacionada à internacionalização ‘em casa’ não tem ido além de boas intenções e exemplos isolados, e que uma internacionalização inclusiva e acessível, ao invés de uma elitista e exclusiva, continua sendo algo longe da realidade.

Embora ainda presentes na retórica da educação internacional, valores tradicionais como cooperação, paz e compreensão mútua, desenvolvimento do capital humano e solidariedade foram deixados de lado à medida que as universidades lutam pela concorrência, receitas e reputação/marca (de Wit; Altbach, 2021, p. 122, tradução nossa).

Como destaca de Wit (2019), Brandenburg *et al.* (2019) apelam a uma internacionalização da educação superior voltada para a sociedade, para a solução de problemas globais, e apontam para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, para que se trabalhe no sentido de uma aprendizagem internacional e intercultural inclusiva, para todos, mais respeitosa com os diversos contextos, agendas e perspectivas em escala global.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, adotados por todos os Estados-Membros das Nações Unidas em 2015, são um apelo para a ação global, entre todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, visando acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de

prosperidade. Um plano partilhado para as pessoas e para o planeta, que deve ser acompanhado de estratégias que melhorem a saúde, a educação, reduzam a desigualdade, que preservem oceanos e florestas e combatam as alterações climáticas (United Nations, 2015).

À medida que a internacionalização saiu das margens da investigação, das políticas e das práticas do ensino superior, tornou-se claro que as abordagens anteriormente desarticuladas que caracterizaram os seus primeiros anos deram lugar a uma compreensão de que são necessárias sinergias sofisticadas para concretizar todo o seu potencial (de Wit, 2019, p. 14, tradução nossa).

Buscando responder se a internacionalização é realmente abrangente (*comprehensive*), Knight (2018) também considera que a internacionalização atingiu a maioria e já não é mais uma parte marginalizada e fragmentada da educação superior. Planos estratégicos das IES, políticas nacionais, declarações internacionais e pesquisas acadêmicas indicam essa maior centralidade da internacionalização na educação superior. Contudo, Knight (2018) também corrobora com a ideia de que, apesar da popularidade da ‘internacionalização abrangente’, ela ainda não reflete a realidade. Para a maioria das instituições em todo o mundo, a internacionalização ainda é caracterizada por um conjunto de atividades fragmentadas e não relacionadas. Apesar disso, há uma noção e consciência crescente de que a internacionalização afeta as relações entre nações, culturas e realidades locais e globais. Mas, ao mesmo tempo, a crescente mercantilização do ensino superior continua orientada principalmente para atingir metas, sem um debate crítico sobre potenciais riscos e consequências éticas.

As razões econômicas e políticas são cada vez mais os principais motores das políticas nacionais relacionadas com a internacionalização do ensino superior, enquanto as motivações acadêmicas e sociais/culturais não têm aumentado em importância ao mesmo ritmo. Devido ao mundo mais interdependente e conectado em que vivemos, este desequilíbrio deve ser abordado e recalibrado. (Knight, 2018, p. 3, tradução nossa).

Knight (2013) evidencia problemas relacionados à tendência comercial da internacionalização, tece críticas sobre suas consequências e questiona se esse caminho tem realmente melhorado ou piorado o cenário da internacionalização da educação superior.

A capacitação através de projetos de cooperação internacional tem sido substituída por iniciativas de construção de status para obter reconhecimento de classe mundial e rankings mais elevados. Alguns prestadores de ensino públicos e privados têm reduzido os padrões acadêmicos e se transformado em fábricas de vistos devido a imperativos de geração de receitas e a pressões de imigração. Fábricas de diplomas e fornecedores desonestos estão vendendo qualificações falsas e causando estragos no reconhecimento internacional de qualificações. A concessão de dois diplomas de instituições localizadas em países diferentes com base na carga de trabalho de um diploma tem sido promovida por meio de alguns programas de diplomas duplos bastante duvidosos. E tudo isto em nome da internacionalização? Não admira que estejamos a questionando se a internacionalização mudou o ensino superior para melhor ou para pior. (Knight, 2013, p. 84, tradução nossa).

Mas Knight (2013) também indica pontos positivos relacionados ao desenvolvimento da internacionalização:

Ao mesmo tempo, existem inúmeros exemplos de iniciativas positivas que ilustram como bolsas de estudo colaborativas, intercâmbios educativos transfronteiriços e estratégias de internacionalização baseadas em *campus* contribuem para o desenvolvimento de indivíduos, instituições, nações e do mundo em geral. Os benefícios da internacionalização são muitos e variados, assim como são também os riscos potenciais e as consequências não intencionais. (Knight, 2013, p. 84, tradução nossa).

De modo geral, Delgado-Márquez, Hurtado-Torres e Bondar (2011) apresentam, em um quadro, o que consideram como perspectivas de estudo da internacionalização da educação superior. As perspectivas são relacionadas a autores que têm contribuído significativamente para a compreensão e o avanço da área e aos anos das publicações encontradas na bibliografia especializada. O Quadro 3 foi elaborado com base em quatro perspectivas genéricas estabelecidas por Knight (1997): atividade, competência, *ethos* e processo, sendo acrescentada ainda uma quinta perspectiva, a da ‘internacionalização abrangente’, de Hudzik (2011).

Quadro 3 – Perspectivas de estudo da internacionalização da educação superior

1. Perspectiva da atividade	Autores
Focaliza as atividades de Educação Superior que fomentam uma dimensão intercultural, incluída a presença dos alunos internacionais, o currículo e o intercâmbio de alunos e professores.	Harari (1992); Klasek (1992); Arum e Van de Water (1992); Mestenhauser e Ellingboe (1998); Green e Olson (2003); Javalgi, Griffith e White (2003); Powell (2004); Green e Shoenberg (2006).
2. Perspectiva da competência	Autores
Destaca o desenvolvimento de habilidades, de conhecimentos e de valores que são importantes para que se possa competir no mercado global.	Soderqvist (2002); Van der Wende (2007); Ayoubi e Massoud (2007); McGowan e Potter (2008); Elkin, Farmsworth e Templer (2008); Lipsett (2009).
3. Perspectiva do <i>ethos</i>	Autores
Destaca a criação de uma cultura ou entorno onde se valorizam e se apoiam as perspectivas e as iniciativas interculturais/internacionais.	Pickert e Turlington (1992); Hanson e Meyerson (1995).
4. Perspectiva do processo	Autores
Enfatiza a integração de uma dimensão internacional e intercultural no ensino, na pesquisa e nos serviços, por meio de uma combinação de atividades, políticas e procedimentos.	Knight (1994); Schoorinan (1999); de Wit (2002); Olson <i>et al.</i> (2001).
5. Perspectiva da abrangência	Autores
Escopo mais abrangente para a internacionalização das IES como um todo e para além do <i>campus</i> .	Hudzik (2011)

Fonte: adaptado de Delgado-Márquez, Hurtado-Torres e Bondar (2011)

Mais recentemente, novas concepções sobre a internacionalização da educação superior têm surgido, em compasso com questões e demandas próprias dos novos tempos, como a ‘internacionalização inteligente’ (Rumbley, 2015), a ‘internacionalização responsável’ (Stallivieri; Vianna, 2020), a ‘internacionalização virtual’ (Bruhn, 2017) e (Stallivieri, 2022), a ‘internacionalização híbrida’ (Stallivieri; Snoeijer; Antônio de Melo, 2021) e a concepção de

uma internacionalização a partir da lente da decolonização de conceitos hegemônicos (Chasi; Heleta, 2022).

2.3.1 Novas concepções sobre a internacionalização da educação superior

Segundo Rumbley (2015, p. 16, tradução nossa), “uma das questões mais importantes que o ensino superior enfrentará em todo o mundo [...] é a necessidade crucial de uma ‘internacionalização inteligente’”, que seria uma resposta à globalização, como estratégia para melhorar sua qualidade ou visibilidade, sendo, indiscutivelmente, um dos fenômenos mais significativos a afetar atualmente as instituições de ensino superior em todo o mundo.

A internacionalização pode ser vista tanto como causa quanto como efeito do advento da economia global do conhecimento. Em graus variados nos contextos nacionais e institucionais, é também a manifestação de mudanças fundamentais – e ainda em evolução – na forma como pensamos sobre o que constitui hoje o ensino superior relevante e de alta qualidade (Rumbley, 2015, p. 16, tradução nossa).

De acordo com Stallivieri e Vianna (2020), a qualidade do processo de internacionalização da educação superior é um campo de pesquisa que tem crescido, sendo que os indicadores para sua avaliação vão desde números relacionados à mobilidade acadêmica até o número de prêmios Nobel recebidos por instituições. No entanto, destaca-se que o foco deve estar muito mais na qualidade dos resultados do que em indicadores quantitativos.

Por essa perspectiva, Stallivieri e Vianna (2020) analisam pontos-chave do processo de internacionalização e propõem cinco dimensões transversais aos modelos acadêmico-administrativos existentes, contemplando a chamada ‘internacionalização responsável’. Baseada na sigla BASIC, (*Balance, Accountability, Sustainability, Inclusion and Compliance*), também como uma resposta ao processo de globalização, o conceito de ‘internacionalização responsável’ traz algumas reflexões sobre aspectos cruciais da internacionalização do ensino superior, relacionadas a essas cinco dimensões: equilíbrio e igualdade, prestação de contas, sustentabilidade, inclusão e conformidade às normas. Uma concepção que visa melhorar o desenvolvimento do processo de internacionalização, buscando níveis de qualidade que contemplem valores substantivos para a sociedade e os indivíduos, não restringindo as demais teorias, mas acrescentando e expandindo a importância do conceito de internacionalização.

Como resposta a aspectos mais práticos, Bruhn (2017) explica que a internacionalização do ensino superior tem mudado sua natureza nos últimos anos, não se limitando à ideia, como ocorria anteriormente, de ser praticamente um sinônimo de mobilidade física dos estudantes, indicando que certas atividades curriculares no *campus* ou *on-line* tem sido desenvolvidas para complementar ou mesmo substituir a mobilidade física.

Bruhn (2017, p. 2, tradução nossa), com base no conceito de internacionalização de Knight (2003), define a ‘internacionalização virtual’, nos níveis nacional, do setor educacional e institucional como: “[...] o processo de introdução de uma dimensão internacional, intercultural ou global na oferta, finalidade ou funções do ensino superior, com a ajuda das tecnologias de informação e comunicação (TIC)”.

De acordo com Bruhn (2017), o conceito de ‘internacionalização virtual’ tem potencial em três dimensões – global, intercultural e internacional – e vai muito além da ‘mobilidade virtual’, que considera uma expressão da moda. Iniciativas como educação transnacional virtual, treinamentos interculturais e cursos de idiomas virtuais, estágios e visitas de campo virtuais, aprendizagem internacional *on-line* colaborativa COIL (*collaborative online international learning*), entre outras, mostram que a ligação entre o internacional e o digital na educação superior não é apenas uma possibilidade teórica, mas já é uma realidade em muitas instituições de ensino superior. Assim, a internacionalização poderia ajudar a avaliar melhor as possibilidades de cruzar os esforços de internacionalização com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), levando ao descobrimento de possibilidades com potenciais promissores.

Stallivieri (2022, p. 296, tradução nossa) confirma o conceito de ‘internacionalização virtual’, argumentando que se trata “da transição de ambientes presenciais para ambientes digitais, através de todas as ferramentas e modelos disponíveis que utilizam as tecnologias como forma de comunicação e aprendizagem” e propõe a adoção do conceito de ‘internacionalização virtual’, definindo-o como “o processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e oferta da educação pós-secundária, apoiado pelas tecnologias de informação e comunicação” (Stallivieri, 2022, p. 296, tradução nossa).

Além disso, Stallivieri (2022) observa que a ‘internacionalização virtual’ é uma modalidade educacional em que se utiliza o ambiente digital, que acabou servindo como estratégia para mitigar os impactos da COVID-19 nos processos e iniciativas relacionados à internacionalização da educação superior.

Sobre a transição do ambiente presencial para o virtual, impulsionado pela situação imposta pela pandemia de COVID-19, Stallivieri (2020) explica que:

Uma das principais respostas aos confinamentos da COVID-19 tem sido a migração da internacionalização do ensino superior de ambientes presenciais para ambientes digitais. Ou seja, a virtualização da internacionalização. Um dos modelos já consagrados é a utilização do ‘Intercâmbio Virtual’, nome utilizado para designar programas educativos que utilizam a tecnologia para permitir que pessoas

geograficamente separadas interajam, se comuniquem e desenvolvam competências globais (Stallivieri, 2020, tradução nossa).

Além do conceito de ‘internacionalização virtual’, Stallivieri, Snoeijer e Antônio de Melo (2022) tratam sobre o conceito de ‘internacionalização híbrida’, explicando que, com base no conceito consolidado de internacionalização, definido por de Wit *et al* (2015), Stallivieri (2022) propõe que a ‘internacionalização híbrida’ seria “o processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e oferta da educação pós-secundária, ocorrendo tanto de forma presencial quanto apoiado nas tecnologias de informação e comunicação” (Stallivieri; Snoeijer; Antônio de Melo, 2022, p. 302, tradução nossa).

De acordo com Stallivieri, Snoeijer e Antônio de Melo (2022), a transição para a ‘internacionalização híbrida’ se deve, também, às condições impostas pela pandemia de COVID-19. “A utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) deu suporte à transição dos ambientes presenciais aos digitais como resposta ao momento pandêmico” (Stallivieri; Snoeijer; Antônio de Melo, 2022, p. 286).

De todo modo, Stallivieri, Snoeijer e Antônio de Melo (2022) compreendem que a internacionalização híbrida é uma nova dinâmica nos processos de internacionalização e uma nova forma de interagir com parceiros de todo o mundo.

Autores como Heleta e Chasi (2022a) defendem uma internacionalização do ensino superior que leve em conta a sustentabilidade ambiental, devido, por exemplo, ao impacto negativo da mobilidade internacional, como viagens aéreas para conferências presenciais. Por essa perspectiva, entendem que, diante da urgência das mudanças climáticas, especialistas e instituições devem repensar suas práticas, adotando alternativas mais sustentáveis, como eventos virtuais ou híbridos, promovendo assim, também, maior equidade e inclusão.

Uma internacionalização pautada por uma atuação responsável do setor pode contribuir para a mitigação de impactos ambientais, desde que haja compromisso ético e transparente na redução da pegada de carbono, reforçando o papel da internacionalização como parte da solução para um futuro mais sustentável e justo (Heleta; Chasi, 2022).

Heleta e Chasi (2023) também tratam da questão da colonialidade e argumentam que a internacionalização do currículo, quando baseada em concepções vagas e na propagação do conhecimento do Norte Global, como universal, reforça sua hegemonia. Assim, partindo da perspectiva de IES da África do Sul, defendem uma decolonização da internacionalização e sua hegemonia epistêmica eurocêntrica. Sua proposta é repensar o mundo, o conhecimento e o currículo a partir de uma compreensão crítica das dimensões históricas e contemporâneas do

poder, da geopolítica e da colonialidade do saber, de modo a ajudar acadêmicos e desenvolvedores curriculares a identificar quais vozes são valorizadas e quais são silenciadas, promovendo, assim, uma maior pluralidade epistêmica na educação superior.

E Chasi e Heleta (2022, p. 269, tradução nossa) apontam, inclusive, para questões raciais, argumentando que:

[...] as definições de internacionalização que moldaram o campo globalmente surgiram e representam experiências, perspectivas e prioridades do Norte global. Essas definições e os artigos que as enquadram não discutem as complexidades, injustiças e desigualdades do passado e do presente em todo o mundo. Não falam sobre conquistas coloniais e séculos de racismo e outras formas de opressão, globalização neocolonial, exploração e colonialidade, e as maneiras como isso moldou a educação e a produção de conhecimento.

Nesse sentido, Chasi e Heleta (2022) acreditam que uma nova definição da internacionalização pode impactar progressivamente e contribuir para a transformação e decolonização da educação superior na África do Sul e, potencialmente, em demais regiões do mundo, sobretudo em países do Sul Global. Assim, propõem a definição de que:

A internacionalização do ensino superior é um processo crítico e comparativo de estudo do mundo e de suas complexidades, das desigualdades e injustiças passadas e presentes, e das possibilidades de um futuro mais equitativo e justo para todos. Por meio do ensino, da aprendizagem, da pesquisa e do engajamento, a internacionalização promove a pluralidade epistêmica e integra aprendizagens críticas, antirracistas e anti-hegemônicas sobre o mundo a partir de diversas perspectivas globais, a fim de melhorar a qualidade e a relevância da educação. (Chasi; Heleta, 2022, p. 269)

Constata-se, portanto, que o tema tem se tornado mais abrangente, mais complexo, sendo trabalhado por mais autores e pesquisadores, levando ao surgimento de novas abordagens e perspectivas. Sendo assim, a evolução da internacionalização da educação superior, considerando as iniciativas voltadas para seu desenvolvimento, mas também os problemas relacionados, requer novos olhares e formas de se pesquisar e trabalhar, mas um olhar crítico, compreendendo a realidade e o contexto atual, de modo a enfrentar os novos desafios colocados.

2.3.2 *Rankings Acadêmicos*

Atualmente, uma questão presente são os desafios relacionados aos *rankings* acadêmicos e à emergência competitiva das universidades em alcançarem um nível baseado nos modelos de Universidades de Classe Mundial (*World Class University*), padrão estabelecido por meio da adequação a requisitos de análise, indicadores e métricas definidos em *rankings* internacionais.

[...] o tema Universidade de Excelência ou de Classe Mundial trata de um processo amplo e complexo de transformações da educação superior em âmbito global, que envolvem a expansão, a diferenciação e a internacionalização deste nível de ensino, em conformidade com as novas finalidades suscitadas pelo capital no âmbito do regime de acumulação de predominância financeira. Esse processo [...] é recente e está em curso (Thiengo, 2018, p. 393).

Essa é uma questão relacionada à lógica competitiva de mercado que tem influenciado os rumos da internacionalização da educação superior. Segundo Thiengo (2018),

[...] a noção de World Class University vem sendo utilizada como um arquétipo indutor de condições para expansão do capital, no Brasil e no mundo, a partir da promoção de uma nova cultura institucional pautada pelos fundamentos empresariais, pela seleção de áreas estratégicas para inovação e, especialmente, pela promoção da internacionalização. Tendo isso em consideração, [...] a ideia de universidade como espaço de ciência ‘não diretamente interessada em preceitos de mercado’ e formação humana ampla e crítica torna-se uma realidade/possibilidade cada vez mais distante (Thiengo, 2018, p. 392).

A dimensão internacional e a posição da educação superior no cenário global estão recebendo maior ênfase em documentos internacionais e nacionais, assim como em declarações de missão institucional, como nunca visto antes (de Wit, 2010). Considera-se, então, nos casos em que a internacionalização deva estar alinhada à missão institucional, que ela possa ser compreendida como um meio estratégico para atender a missão definida para a IES, que, por sua vez, pode estar atrelada a objetivos estratégicos da instituição em atender critérios de avaliação de *rankings* acadêmicos.

Leal, Stallivieri e Moraes (2018) realizaram uma pesquisa em que foram analisados os principais *rankings* acadêmicos, com foco nos indicadores relacionados à internacionalização da educação superior. Foram três *rankings* internacionais – *Academic Rankings of World Universities* (ARWU); *Q&S World University Rankings* (Q&S) e *Times Higher Education World University Rankings* (THE) – e três nacionais – *Ranking Universitário Folha* (RUF); *Ranking Guia do Estudante* (GE) e *Conceito Preliminar de Curso* (CPC). Dos seis *rankings* acadêmicos analisados no recorte da pesquisa, cinco utilizam como critérios de análise aspectos relacionados à internacionalização. Verificou-se que o ARWU avalia de forma indireta e os *rankings* Q&S, THE, RUF e GE o fazem de forma direta. Os pesos percentuais que o Q&S, o THE e o RUF explicitamente relacionam e destinam à internacionalização são respectivamente: 10%, 7,5% e 4%.

No entanto, Leal, Stallivieri e Moraes (2018, p. 67) inferem que:

[...] a forma como a internacionalização tem sido medida pelos rankings acadêmicos apresenta limitações significativas, resultantes do reducionismo e da simplificação de algo complexo, dinâmico e multifacetado. Tais ferramentas parecem se limitar ao

cotejamento de um percentual reduzido de dimensões decorrentes dos processos institucionais de internacionalização, sendo avaliados apenas quantitativamente e reforçando o instrumentalismo econômico que permeia a internacionalização da educação superior global (Leal; Stallivieri; Moraes, 2018, p. 67).

Entende-se, portanto, que os processos de ranqueamento apresentam fraquezas técnicas e metodológicas e nenhum deles, até o momento, contempla a totalidade das missões e dos objetivos que permeiam instituições universitárias ao redor do mundo. Assim, as IES não devem reduzir suas políticas e estratégias de internacionalização a critérios exclusivamente quantitativos, buscando apenas um melhor posicionamento nos *rankings*. O seu compromisso deve ser maior, voltado para a qualidade da educação e entrega à sociedade (Leal; Stallivieri; Moraes, 2018).

Ou seja, é uma lógica que pode interferir no desenvolvimento de uma concepção de educação voltada para uma formação mais humana e crítica. Quando relacionada à internacionalização, essa concepção de educação poderia se referir, como defendem Brandenburg *et al.*, (2019), à formação de cidadãos globais, que desenvolvam habilidades concernentes à solução de problemas sociais e ambientais planetários, de acordo com os pressupostos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Uma educação voltada para a aprendizagem internacional e intercultural, inclusiva, que seja respeitosa com os diversos contextos, agendas e perspectivas em escala global.

A ideia de uma educação mais humana e crítica, como cita Thiengo (2018), em contrapartida a uma educação guiada pela lógica competitiva de mercado, poderia, também, ser relacionada à visão de educação libertadora que Freire (1979) defendia, à necessidade de uma educação que torne o homem em um ser histórico, sujeito de uma sociedade contraditória e em constante transformação. Uma educação que leve ao pensamento crítico, de acordo com o contexto de seu tempo, que liberte pela conscientização, ao invés de uma educação que domestica e acomoda.

2.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A internacionalização, como conceito e agenda estratégica no campo da educação superior é relativamente recente. A partir dos anos 1980, o termo ‘internacionalização’ passou a ser utilizado com maior frequência no setor educacional, e seu conceito, suas definições e suas abordagens foram se alterando ao longo das décadas, conforme o contexto histórico em que ocorreram.

A internacionalização pode ter significados e utilizações variadas, sendo aplicada para uma série de atividades ou de iniciativas acadêmicas, que podem confundir sua compreensão. Por esse motivo, alguns autores defenderam uma definição funcional do termo.

Ao fim dos anos 1980, normalmente referia-se à internacionalização como um conjunto de atividades realizadas no nível institucional. Mais tarde, nos anos 1990, buscou-se uma abordagem mais ampla, relacionada à globalização.

Nos anos 2000, passou a ser referida como um processo de transformação educacional, trazendo uma concepção mais holística de sua gestão. No entanto, essas abordagens ainda apresentavam limitações. Na busca por uma definição funcional, mais ampla, mas focada no ensino superior, foi sugerida uma proposta de definição de internacionalização que compreendesse três níveis: nacional, do setor educacional, e institucional.

Já nos anos 2010, buscou-se desenvolver uma definição funcional, clara e abrangente, mas que fosse genérica o suficiente para ser aplicada a realidades e contextos de países, culturas e sistemas educacionais diferentes. Passou também a ser considerada como um processo intencional, que deveria trazer contribuições para a sociedade. Na mesma década, reconhecendo a diversidade de abordagens e buscando evitar uma visão estrita, particular de um contexto, passou a se utilizar o conceito de ‘internacionalização abrangente’ (*comprehensive internationalization*), descrita como um compromisso, com ênfase na ação, e como um imperativo diante do mundo globalizado.

No decorrer das décadas, a internacionalização foi se consolidando no campo da educação superior, crescendo em escala e importância, tornando-se mais complexa e abrangente, demandando novas perspectivas, conceituações e adaptações de suas definições. Ou seja, os significados, as razões e as abordagens da internacionalização se transformaram ao longo do tempo, como consequência do contexto histórico em que ocorreram, e assim segue, como um conceito em evolução.

Como aponta de Wit (2019, 2021), a internacionalização, nas últimas décadas, apresentou as seguintes características: maior foco na internacionalização no exterior do que na internacionalização em casa; mais fragmentada e marginal do que estratégica, abrangente e central nas políticas; mais voltada para uma elite de estudantes e professores do que em resultados globais e interculturais para todos; foco crescente nas motivações econômicas; cada vez mais influenciada por *rankings*; pouco alinhamento com o ensino, pesquisa e extensão; mais escolha estratégica e foco pelas IES, e menos prioridade dos governos nacionais; e mais uma preocupação estratégica de economias desenvolvidas do que de economias emergentes.

Mas, de modo geral, segundo de Wit (2019), apesar de a mobilidade acadêmica continuar a ser a modalidade dominante da internacionalização, tem se dado maior atenção, em todo o mundo, à ‘internacionalização do currículo em casa’. E, ainda que as razões econômicas e os *rankings* estejam dominando e impulsionando a agenda da internacionalização, há também um apelo maior à ‘internacionalização abrangente’.

Considera-se importante, portanto, destacar que a internacionalização não deve estar voltada apenas para uma visão mercantilista, pautada na geração de renda, como se verifica em universidades norte americanas e do Reino Unido. Entende-se necessário trazer um toque humanístico, ético, de uma internacionalização responsável, conforme defendem Stallivieri e Vianna (2020). Uma visão que não esteja voltada somente na internacionalização baseada na mobilidade e conceitos do Norte Global, mas também atenta e a partir de perspectivas próprias do Sul Global (Chasi; Heleta, 2022). Uma visão no sentido de abrir as portas da universidade para que seja inclusiva, ética, sustentável e responsável, para que todos tenham seu espaço.

Por fim, de Wit (2019) entende que é tempo para a reflexão crítica e levanta questionamentos sobre os caminhos que a internacionalização vem tomando. Estaria uma internacionalização mais culturalmente diversa e inclusiva substituindo uma concepção tradicionalmente ocidental? Há realmente uma mudança de paradigma da cooperação para a competição? Permanecerá a dominância da internacionalização no exterior em relação à internacionalização em casa? E, seria a internacionalização um agente fundamental de mudança para a responsabilidade social global da educação superior?

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de complementar os estudos sobre o tema da internacionalização de bibliotecas acadêmicas, buscou-se analisar o cenário e o conteúdo da produção científica sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização das Instituições de Educação Superior (IES) e verificar se e como elas vêm lidando estrategicamente com a internacionalização em suas instituições e, ainda, se indicam ou apontam exemplos de medidas, ações e práticas relacionadas aos processos de implementação da internacionalização em suas unidades. Com a confirmação dessa possibilidade, foi proposta a elaboração de um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Para isso, a sequência da pesquisa foi dividida em duas partes. Na primeira parte foram realizados um levantamento bibliográfico, uma análise bibliométrica, uma revisão da literatura e uma revisão sistemática, de modo a verificar, no material recuperado e revisado, conteúdo sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização, mais especificamente a estratégias de internacionalização de bibliotecas acadêmicas, e identificar elementos, medidas, ações e práticas adotadas nesses processos.

Para a segunda parte da pesquisa, com base no material recuperado e selecionado, foi elaborado um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas e, ao final, foi realizada uma validação desse *framework*, por meio de uma avaliação de diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Dessa forma, objetivou-se entregar uma ferramenta que possa servir como um instrumento de gestão e contribuir, por parte das bibliotecas acadêmicas, para o conjunto de processos estratégicos de implementação e desenvolvimento da internacionalização das IES.

3.1 MÉTODOLOGIAS PARA O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO, ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA, REVISÃO DA LITERATURA E REVISÃO SISTEMÁTICA

A primeira parte da pesquisa foi realizada em quatro etapas: primeiramente um levantamento bibliográfico (1); em seguida uma análise bibliométrica (2); na sequência, uma revisão da literatura (3) e, por fim, uma revisão sistemática (4). O propósito das etapas 1 e 2 foi verificar e apresentar um panorama da produção científica sobre o tema das bibliotecas acadêmicas no contexto da internacionalização das IES no mundo. O propósito das etapas 3 e 4 foi verificar o conteúdo das publicações, as abordagens, descobertas e concepções dos autores

sobre o tema, verificar metodologias, temas e assuntos tratados, e organizar dados e informações das pesquisas relativas ao material selecionado para a elaboração do *framework*.

3.1.1 Metodologia para o levantamento bibliográfico e análise bibliométrica

O objetivo do levantamento bibliográfico foi buscar material que relacionasse internacionalização com bibliotecas acadêmicas. Não se encontrou, em busca prévia nas Bases de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), material relevante em monografias acadêmicas, nem bibliografia consistente em termos de quantidade de livros. Assim, no caso deste estudo, delimitou-se à busca por artigos científicos e *papers* em bases de dados na internet.

Para tal busca, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Base de dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); *Web of Science*; *Scopus*; Portal de Periódicos Capes; e o *Google Acadêmico*.

Em seguida, foi realizada uma análise bibliométrica do material selecionado. De acordo com Merigó *et al.* (2018), a bibliometria, é um campo de estudo da área da Ciência da Informação e Biblioteconomia que, utilizando uma abordagem quantitativa, examina dados bibliográficos, tais como o ano de publicação, a contribuição de diferentes países, as revistas científicas, autores, entre outros aspectos.

Verificou-se, por meio da análise bibliométrica das publicações recuperadas: os periódicos, os eventos e os sites em que foram publicados; os anos de publicação; os autores; as línguas; os países; as palavras-chave; e as organizações e editoras responsáveis.

A descrição dos procedimentos adotados, para a realização do levantamento bibliográfico e da análise bibliométrica com respectivas considerações, se encontra no Capítulo 4. Essa etapa foi realizada com o intuito de cumprir com o objetivo específico ‘a’.

O levantamento bibliográfico e a análise bibliométrica foram publicados em formato de artigo na Revista Internacional de Educação Superior – RIESUP.

3.1.2 Metodologia para a revisão da literatura e revisão sistemática

Para a revisão da literatura e para a revisão sistemática, foi elaborado um modelo padrão (APÊNDICE A) para coleta, organização e fichamento dos dados e informações de cada artigo e *paper* analisado. O modelo foi constituído por três partes: primeiro, um quadro para preencher com informações e dados gerais dos trabalhos, que foi utilizado para a revisão sistemática; em segundo, uma parte com tópicos, para serem preenchidos, apenas quando considerados relevantes, para se desenvolver uma revisão da literatura sobre o tema da internacionalização de bibliotecas acadêmicas; e terceiro, quando houvesse, a seleção de material com

contribuições, recomendações ou exemplos de práticas adotadas, para a elaboração do 'FRAMEWORK – recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas'.

Os quadros preenchidos, da primeira parte do modelo utilizado para a revisão sistemática, com dados e informações de cada artigo e *paper*, somando 37 (trinta e sete) trabalhos, encontram-se no APÊNDICE B, e foram utilizados para elencar e relacionar os países foco das pesquisas, os temas e assuntos abordados nos trabalhos, e as metodologias utilizadas. O conteúdo dos tópicos preenchidos na segunda parte do modelo, quando considerados relevantes para a pesquisa, foram separados em fichamentos para desenvolver a revisão da literatura dos trabalhos selecionados, contribuindo para a complementação teórica e maior embasamento específico sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização. E o material coletado na terceira parte, com recomendações e/ou exemplos adotados de estratégias, elementos, medidas, ações e práticas relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas, que foi identificado em vinte e quatro (24) artigos entre os trinta e sete (37) selecionados, foi organizado em fichamentos para a elaboração do *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Primeiramente foi apresentada a revisão da literatura, em que se aprofundou no conteúdo dos trabalhos relacionados ao tema da pesquisa. Em seguida, a revisão sistemática, em que foram verificados e organizados por tópicos – os países foco das pesquisas, os principais assuntos e temas referentes a bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior, e as metodologias utilizadas. Por fim, com a revisão sistemática, foram identificados vinte e quatro (24) trabalhos com recomendações e/ou exemplos adotados de estratégias, medidas, ações e práticas de internacionalização em bibliotecas acadêmicas.

Foi com base no material selecionado desses vinte e quatro (24) artigos identificados, organizado em fichamentos com conteúdo sobre recomendações e exemplos, que o *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas foi elaborado, contendo as referências dos autores, como uma ferramenta para auxiliar na gestão dessas unidades de informação junto às iniciativas e estratégias de internacionalização das IES.

3.2 MÉTODOLOGIA PARA A ELABORAÇÃO DO *FRAMEWORK* DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Para este trabalho, considera-se o conceito de *framework* com base em Tomhave (2005, p. 9), que se configura como “um construto fundamental que define pressupostos, conceitos, valores e práticas, e que inclui orientações para sua implementação”, conformando-se num protótipo contendo uma série de instruções práticas para implementação.

O *framework* foi elaborado com base nas informações coletadas dos 24 trabalhos, identificados na revisão sistemática, contendo recomendações e exemplos de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, e com a utilização da ferramenta 5W2H adaptada para o formato 3W1H. Dessa forma, foi possível estruturar uma primeira versão do *framework*.

3.2.1 *Framework* 5W2H

A ferramenta 5W2H serve para orientar profissionais a fazerem o planejamento, identificarem objetivos a serem alcançados e desenvolverem um plano de ação, assim como para definir processos ou projetos relacionados ao planejamento estratégico. Facilita a compreensão de demandas e na proposta de soluções, de forma visual clara, ágil e simplificada, auxiliando os gestores em melhores decisões e indicando a função dos envolvidos nas atividades (Lacruz *et al.*, 2022).

O 5W2H é uma ferramenta de gestão que ajuda na organização e planejamento de ações, sendo muito útil na resolução de problemas e na definição de projetos. A sigla deriva das iniciais de sete perguntas: *What* (o que), *When* (quando), *Why* (por quê), *Where* (onde), *Who* (quem), *How* (como) e *How much* (quanto custa), conforme descreve o Quadro 4. Ela é representada por meio de um *framework*, com as sete perguntas, que ajudam a obter uma visão de um plano de ações (Lacruz *et al.*, 2022).

Quadro 4 – Perguntas do método 5W2H

5W	<i>What?</i>	O que?	O que será feito? (Objetivo, metas)
	<i>When?</i>	Quando?	Quando será feito? (Data, cronograma)
	<i>Where?</i>	Onde?	Onde será feito? (Local, departamento)
	<i>Why?</i>	Por quê?	Por que será feito? (Motivo, benefícios)
	<i>Who?</i>	Quem?	Por quem será feito? (Responsável, equipe)
2H	<i>How?</i>	Como?	Como será feito? (Atividade, processo)
	<i>How Much?</i>	Quanto?	Quanto custará? (Custo, quantidade)

Fonte: adaptado de Lacruz (2022)

De acordo com Lacruz *et al.* (2022), o 5W2H

[...] é uma ferramenta de planejamento que consiste em sete questões que buscam orientar os profissionais a fazerem o planejamento, identificarem quais objetivos devem ser alcançados e por fim desenvolverem o plano de ação, embora também sirva para definir um processo ou projeto e para elaborar o planejamento estratégico (Lacruz *et al.*, 2022).

A seguir, no Quadro 5, pode-se verificar a forma como o *framework*, elaborado a partir da ferramenta 5W2H, pode ser estruturado.

Quadro 5 – Estrutura do *framework* 5W2H

FRAMEWORK 5W2H	
<i>What?</i>	O que?
<i>When?</i>	Quando?
<i>Where?</i>	Onde?
<i>Why?</i>	Por quê?
<i>Who?</i>	Quem?
<i>How?</i>	Como?
<i>How much?</i>	Quanto?

Fonte: elaborado pelo autor

As perguntas do *framework* 5W2H (Quadro 5) ajudam a estruturar um plano de ação de forma clara, permitindo identificar objetivos, responsabilidades e recursos necessários. O 5W2H é amplamente utilizado em ambientes corporativos e pessoais, sendo uma ferramenta acessível para profissionais de diversas áreas (Lucinda, 2016; Meira, 2003). O *framework* elaborado a partir da ferramenta 5W2H serve como suporte no planejamento estratégico, apresentando, de forma clara e objetiva, informações relevantes para a realização das ações propostas, indicando os meios e detalhes necessários para sua implementação, de modo simples e permitindo um fácil entendimento (Meira, 2003).

O 5W2H é uma ferramenta de gestão desenvolvida para organizar processos metodológicos de modo a resolver problemas. Basicamente, apresenta-se como uma lista de atividades que precisam ser realizadas em um projeto. A ferramenta resume as tarefas, facilitando o planejamento, a distribuição de responsabilidades e a definição dos elementos que farão parte de um plano de ação (Lucinda, 2016). Na prática, o 5W2H é um *framework* que facilita a realização de um plano de ação, um instrumento que auxilia a gestão na resolução de problemas, em teoria, voltado para o controle e melhoria da qualidade (Meira, 2003). É uma ferramenta que auxilia a elaboração de um *framework* voltado para o planejamento de objetivos estratégicos (Lacruz *et al.*, 2022).

3.2.2 Framework 3W1H

Para este trabalho, devido à sua eficácia e praticidade de aplicação (Lacruz *et al.*, 2022), optou-se por elaborar um *framework* com base na ferramenta 5W2H, porém, adaptada para o formato 3W1H, conforme se verifica nos trabalhos de Bartsch e Schmidt (2023), de Resende, Mainardes e Lima Junior (2018), e de Rehem Neto *et al.* (2015).

Ou seja, foram excluídas as perguntas *When* (Quando), *Where* (Onde) e *How much* (Quanto custa) por não apresentarem relevância considerável para as informações e desenvolvimento do *framework*. Além disso, o quadro foi adaptado para conter, também, informações para as referências bibliográficas, com as devidas citações de todos os autores relacionados, de acordo com as respectivas recomendações indicadas. Assim, o formato do *framework*, adaptado para este trabalho, foi elaborado conforme a estrutura do Quadro 6.

Quadro 6 – Formato 3W1H

FRAMEWORK 3W1H	
Recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas	
<i>What?</i>	O que?
<i>Why?</i>	Por quê?
<i>Who?</i>	Quem?
<i>How?</i>	Como?
Referência	Autor citado

Fonte: Elaborado pelo autor

Entende-se que não faria sentido apresentar informações sobre – quando, onde e quanto custaria cada medida. Em princípio porque não estão explicitadas nos trabalhos acadêmicos verificados, mas também porque não acrescentariam para o objetivo e propósito da ferramenta e da pesquisa em si. Inclusive, em relação ao custo de cada prática, sendo os trabalhos de diferentes países e regiões, as moedas não são as mesmas, o que inviabilizaria uma verificação adequada. Mas sobretudo, porque não há estimativas de valores apresentadas nas publicações nesse sentido.

O 3W1H apresenta algumas vantagens. É um método simples que ajuda a gestão a entender a razão e pontos-chave por trás de uma tarefa. Assim, é possível determinar os aspectos importantes de uma situação e definir um plano de ação a fim de encontrar soluções. Permite executar tarefas de forma eficiente e rápida, concentrando-se em pontos essenciais. Enfim, é uma ferramenta simples mas eficaz, que pode ser usada para melhorar a gestão e a qualidade dos serviços (Bartsch; Schmidt, 2023; Resende; Mainardes; Lima Junior, 2018; Rehem Neto *et al.*, 2015).

Após a finalização da primeira versão, buscou-se validar o *framework* com recomendações de boas práticas, solicitando a avaliação e as sugestões para melhorias, de administradores, de chefes ou de diretores de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras consideradas bem-avaliadas, por *ranking* acadêmico, quanto à sua internacionalização.

3.2.3 Metodologia para a seleção das IES e das bibliotecas dos avaliadores

Para a seleção das bibliotecas acadêmicas dos bibliotecários gestores convidados a participar do trabalho, verificou-se, primeiramente, em *ranking* acadêmico, as IES brasileiras bem posicionadas em relação à internacionalização. Em seguida, foram buscados, nos sites das bibliotecas dessas IES, *e-mails* de contato das bibliotecas, de diretores, de vice-diretores, de coordenadores, de secretarias, de chefias e de bibliotecários responsáveis pela internacionalização dessas unidades. Após a identificação e a relação desses contatos de *e-mail*, foram enviados convites a esses gestores para que participassem de uma avaliação, aberta a sugestões de melhorias, de modificações, de adaptações e de ajustes do *framework*.

O *ranking* acadêmico utilizado para a seleção das IES foi escolhido com base no trabalho de Leal, Stallivieri e Moraes (2018), em que se buscou analisar os principais *rankings* internacionais e nacionais com foco em indicadores relacionados à internacionalização da educação superior.

Em sua pesquisa, Leal, Stallivieri e Moraes (2018) analisaram três *rankings* internacionais – *Academic Rankings of World Universities* (ARWU); *Q&S World University Rankings* (Q&S) e *Times Higher Education World University Rankings* (THE) – e três nacionais – *Ranking* Universitário Folha (RUF); *Ranking* Guia do Estudante (GE) e Conceito Preliminar de Curso (CPC).

Como a avaliação seria realizada por diretores, vice-diretores, coordenadores ou bibliotecários responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras, decidiu-se por selecionar bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras consideradas bem-avaliadas, em relação à sua internacionalização, por *rankings* acadêmicos brasileiros.

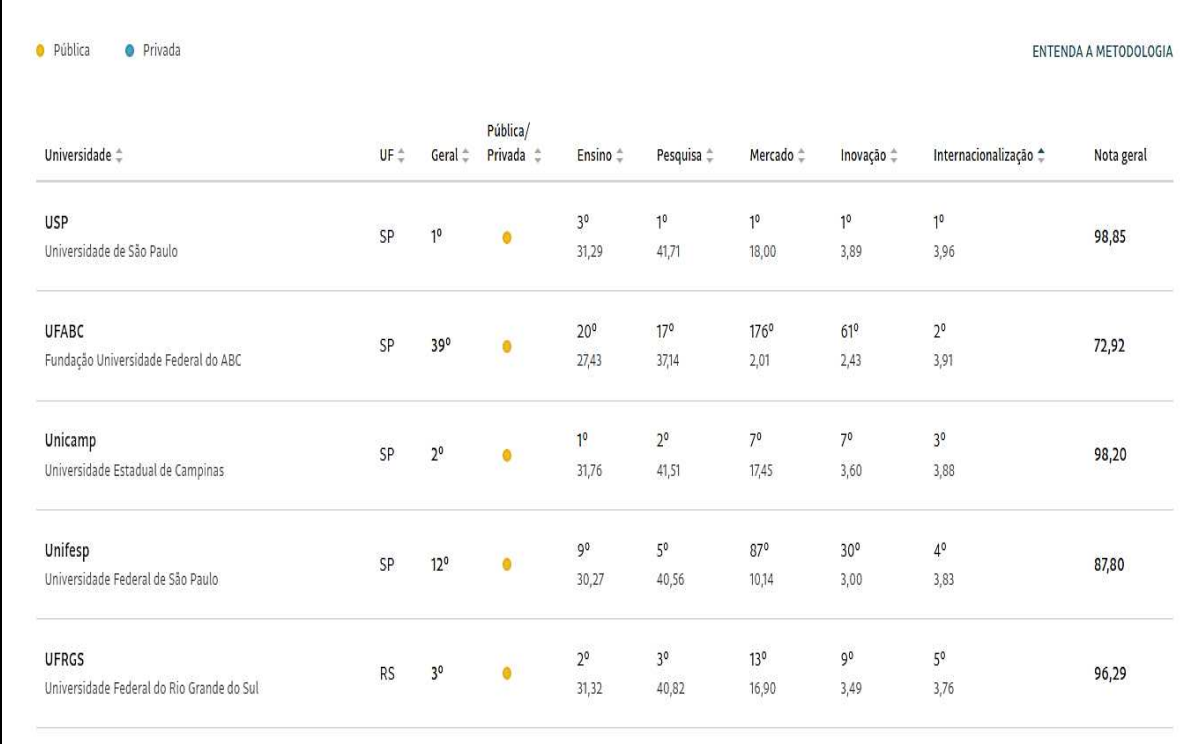
Entre os *rankings* nacionais analisados na pesquisa de Leal, Stallivieri e Moraes (2018), constatou-se que o RUF e o GE possuem indicadores específicos quanto à internacionalização das instituições avaliadas.

Para esta pesquisa, foi então realizada uma análise desses dois *rankings*, verificando-se que o RUF possui uma interface bastante prática, que permite filtrar, na busca, as instituições mais bem posicionadas de acordo com os indicadores de internacionalização do *ranking*, ou seja, as IES mais bem-avaliadas em relação à internacionalização. Já quanto ao *ranking* GE,

não se encontrou um sistema que permita verificar as IES mais bem-avaliadas, especificamente quanto ao indicador de internacionalização.

Portanto, para a seleção das IES brasileiras, decidiu-se por utilizar a versão mais recente do RUF, o Ranking Universitário Folha 2024. Como pode-se perceber, na Figura 1, é possível buscar no RUF 2024 as instituições mais bem-avaliadas quanto aos indicadores de internacionalização.

Figura 1 – *Ranking* Universitário Folha



Universidade	UF	Geral	Pública/ Privada	Ensino	Pesquisa	Mercado	Inovação	Internacionalização	Nota geral
USP Universidade de São Paulo	SP	1º	Pública	3º 31,29	1º 41,71	1º 18,00	1º 3,89	1º 3,96	98,85
UFABC Fundação Universidade Federal do ABC	SP	39º	Pública	20º 27,43	17º 37,14	176º 2,01	61º 2,43	2º 3,91	72,92
Unicamp Universidade Estadual de Campinas	SP	2º	Pública	1º 31,76	2º 41,51	7º 17,45	7º 3,60	3º 3,88	98,20
Unifesp Universidade Federal de São Paulo	SP	12º	Pública	9º 30,27	5º 40,56	87º 10,14	30º 3,00	4º 3,83	87,80
UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS	3º	Pública	2º 31,32	3º 40,82	13º 16,90	9º 3,49	5º 3,76	96,29

Fonte: Folha de S. Paulo – UOL

Nota: Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2023/ranking-de-universidades/principal>. Acesso em: 17 jul. 2024.

Foram, desta forma, selecionadas as IES mais bem-avaliadas quanto à sua internacionalização e buscados, nos sites institucionais de suas bibliotecas acadêmicas, os contatos para encaminhar *e-mails* para os diretores, os vice-diretores, as secretarias, as chefias, os coordenadores e os bibliotecários dessas unidades, para solicitar que participassem da avaliação da ferramenta de gestão – o *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

3.2.4 Metodologia para solicitação de participação aos avaliadores

Decidiu-se enviar solicitações, por e-mail, para participação na avaliação do *framework*, com prazo definido para as respostas. As solicitações foram enviadas e, depois, reenviadas mais duas vezes, com o objetivo de reforçar o pedido de participação e obter maior número de

respostas. O limite estabelecido de solicitações foi de 60 bibliotecas acadêmicas, seguindo a ordem decrescente por nota das avaliações das IES pelo RUF 2024. A quantidade mínima estabelecida foi de dez bibliotecas acadêmicas participantes da avaliação ou a quantidade obtida nas três solicitações. Se não fosse obtida uma quantidade de respostas considerada suficiente para a avaliação do instrumento, seria considerada a possibilidade de ampliar a quantidade de bibliotecas acadêmicas para enviar mais solicitações pelo mesmo método.

3.2.5 Formulários para avaliação

Optou-se por utilizar a ferramenta *Google Forms* (Formulários do *Google*) para que os participantes avaliassem o *framework* de boas práticas. Assim, as solicitações para a avaliação do *framework* foram encaminhadas, com *link* para o formulário de avaliação, para os gestores bibliotecários das bibliotecas acadêmicas selecionadas para a pesquisa.

De acordo com Chiesa, Coughlan e Voss (1996), ferramentas desenvolvidas por meio de pesquisas acadêmicas para aplicação em organizações não devem ser validadas apenas pela academia, é necessário que sejam verificadas também por gestores especialistas, de modo a avaliar atributos como funcionalidade e usabilidade. Assim, para validação e verificação de sua aplicabilidade, a primeira versão do *framework* foi apresentada para gestores de bibliotecas acadêmicas, para que avaliassem sua estrutura, verificassem seu conteúdo e a possibilidade de aplicação no seu cotidiano.

A solicitação para avaliação e para sugestões de melhorias do *framework* de boas práticas e o formulário, encaminhados para os gestores bibliotecários, foram elaborados utilizando como referência o trabalho de Bernard (2021) e de Rudzki (1998).

O objetivo do trabalho de Bernard (2021) foi propor um *framework*, elaborado por meio da ferramenta 5W2H, com indicadores para gerenciar a inovação em empresas de base tecnológicas. A proposta foi de um *framework* que serve como base para empresas iniciarem seu processo de mensuração da inovação, por meio da utilização de indicadores mapeados na literatura, que foi avaliado por especialistas acadêmicos e corporativos.

A pesquisa de Rudzki (1998) teve como objetivo examinar o processo de internacionalização no ensino superior, especificamente em cursos de administração de IES do Reino Unido. A tese fornece um modelo de processo de internacionalização que pode ser igualmente utilizado por acadêmicos individuais, bem como por departamentos, faculdades, instituições, sistemas nacionais de educação ou por organizações transnacionais. O modelo foi concebido no formato de um *framework* conceitual.

Tanto as solicitações como os modelos de formulário encaminhados foram adaptados durante os envios e respostas obtidas, buscando um resultado mais satisfatório. O processo de modificação dos modelos das solicitações e os Formulários do *Google* enviados para a avaliação encontram-se detalhados no Capítulo 7, ‘Apresentação e Análise dos Resultados’. Os modelos de solicitação para avaliação e os modelos dos formulários utilizados encontram-se nos Apêndices C, D, F e G.

Ao final, após a análise dos resultados, com a verificação de todas as respostas e sugestões dos avaliadores, foram seguidas as recomendações, realizadas modificações e ajustes para concluir a versão final do *framework*, que foi assim considerado validado, para que possa servir como instrumento auxiliar na execução de planejamentos estratégicos e na implementação de ações, de medidas e de práticas de internacionalização em bibliotecas acadêmicas, de modo a contribuir como parte do conjunto de processos estratégicos para a internacionalização das IES.

3.3 ETAPAS DA METODOLOGIA CORRESPONDENTES AOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A seguir são apresentadas, de forma resumida, as etapas do trabalho correspondentes aos objetivos específicos e suas respectivas metodologias.

- Para o objetivo específico ‘a’ foi apresentado um panorama da produção científica, por meio de um levantamento bibliográfico e de uma análise bibliométrica, de artigos recuperados em bases de dados, sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização das IES no mundo.
- A revisão da literatura e a revisão sistemática, relacionadas ao objetivo específico ‘b’, foram realizadas com base no material coletado no levantamento bibliográfico, em que se buscou verificar e apresentar o conteúdo dos trabalhos, os temas, assuntos, abordagens, metodologias; identificar trabalhos com recomendações ou exemplos de boas práticas adotadas; e selecionar e organizar o material dos trabalhos em fichamentos para a elaboração do *framework*.
- Para o objetivo específico ‘c’, foi elaborado, com base no material selecionado na revisão sistemática e aplicando a ferramenta 3W1H, um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

- E, por fim, para o objetivo específico ‘d’, validou-se o *framework* por meio da avaliação de diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas brasileiras de IES bem posicionadas em *ranking* acadêmico brasileiro quanto à sua internacionalização.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A seguir é apresentada, com base em Gil (2002), a caracterização da pesquisa.

- Tipos de pesquisa de acordo com os objetivos: Exploratória e Descritiva.
- Tipos de pesquisa de acordo com os procedimentos técnicos: Pesquisa Bibliográfica; Levantamento Bibliográfico; Análise Bibliométrica; Revisão da literatura; Revisão Sistemática; e Pesquisa de avaliação.
- Lócus da pesquisa: Bibliotecas Acadêmicas.
- Instrumento para coleta de dados e informações: Modelo para fichamento de dados e informações de artigos e *papers*.
- Ferramenta para organização e apresentação dos dados e informações: *Framework* 3W1H.
- Instrumento para avaliação e validação: questionários on-line aos avaliadores.
- Participantes colaboradores da pesquisa de avaliação: diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis por questões relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras.
- Tratamento dos dados e informações coletados: abordagem qualitativa.
- Tratamento dos dados coletados na pesquisa de avaliação: abordagem qualitativa.

4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA – BIBLIOTECAS ACADÊMICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

Verificou-se, por meio do levantamento bibliográfico e da análise bibliométrica das publicações recuperadas: os periódicos, os eventos e os sites em que foram publicados; os anos de publicação; os autores; as línguas; os países; as palavras-chave; e as organizações e editoras responsáveis. Por fim, apresentam-se algumas considerações sobre o levantamento e a análise, sobre as perspectivas de continuidade da pesquisa, além de uma breve reflexão sobre possibilidades de estudos sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização como estratégia organizacional das Instituições de Educação Superior (IES).

4.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para o levantamento bibliográfico, foi realizada uma busca em bases de dados sobre o tema das bibliotecas acadêmicas no contexto da internacionalização das IES no **verde**. As bases de dados de periódicos utilizadas estão relacionadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Bases de dados utilizadas

1. Base de dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)
2. <i>Web of Science</i>
3. Scopus
4. Portal de Periódicos CAPES
5. Google Acadêmico

Fonte: elaborado pelo autor

Também foram estabelecidas, para o levantamento bibliográfico, definições para os termos de busca e estratégias para uso dos limitadores e operadores *booleanos* para cada base de dados, de modo a recuperar e selecionar o material mais relevante que formou o *portfólio* de artigos pertinentes para a análise bibliométrica.

4.1.1 Definição de Termos e Estratégia de Busca

Como exemplo da verificação, inicialmente utilizou-se, para busca na língua inglesa, o termo “*university library*”, percebendo-se e confirmando-se o uso frequente do termo “*academic library*” ou “*academic libraries*”. Assim, decidiu-se por utilizar as duas expressões para as buscas, traduzidas também para o português e para o espanhol. Porém, como mencionado, considera-se a expressão “*academic library*” (biblioteca acadêmica) mais

abrangente, compreendendo, além das bibliotecas universitárias, as de faculdades, institutos, centros, fundações, entre outras organizações relacionadas à ciência, à educação, ao ensino e à pesquisa de nível superior.

Ao se buscar, na língua portuguesa, por “universidades”, percebeu-se o uso recorrente da expressão “ensino superior” com remissiva para “educação superior”, que traz, também, maior abrangência da educação como um todo, para além do ensino. Assim, optou-se por “educação superior” como termo mais adequado para o escopo do trabalho, sendo traduzido para o inglês como “*higher education*” e para o espanhol como “*educación superior*”.

A palavra ‘internacionalização’ foi traduzida para o inglês e para o espanhol. Notou-se a utilização de duas formas da palavra nos artigos em língua inglesa: ‘*internationalization*’, predominantemente utilizada no inglês americano, e ‘*internationalisation*’, recorrente no inglês britânico. Porém, não houve necessidade da utilização das duas formas, pois os sistemas de busca das bases de dados possuem remissivas para recuperação das duas variações. Verificou-se também o uso frequente do termo “*international students*”. Desta forma, foram definidos os descritores identificados como ‘principal, segundo, terceiro e quarto’, conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – Termos para a pesquisa

Descritor	Português	Inglês	Espanhol
Principal	“biblioteca acadêmica”	“ <i>academic Library</i> ”	“ <i>biblioteca academica</i> ”
Segundo	“biblioteca universitária”	“ <i>university Library</i> ”	“ <i>biblioteca universitaria</i> ”
Terceiro	“educação superior”	“ <i>higher education</i> ”	“ <i>educación superior</i> ”
Quarto	Universidade	<i>University</i>	<i>Universidad</i>
Op. Booleano	AND	AND	AND
Principal	Internacionalização	<i>Internationalization</i>	<i>Internacionalización</i>
Segundo	“estudantes internacionais”	“ <i>international students</i> ”	“ <i>estudiantes internacionales</i> ”

Fonte: elaborado pelos autores

Esses descritores foram utilizados como referência para a estratégia de busca, que foi adaptada para cada base de dados. Por fim, foi utilizado o método *snowball* para desconsiderar artigos repetidos na contabilização do material relevante. Todas as buscas foram realizadas em abril e maio de 2023.

4.1.2 Busca nas bases de dados

A base de dados referenciais BRAPCI possuía, em abril de 2023, apenas um campo de busca. Ao se optar por uma busca avançada, a plataforma encaminhava para uma página com instruções sobre estratégias de buscas. Para o propósito da pesquisa, seguindo as instruções, optou-se pela ‘Busca por Termo Composto’, ou seja, com palavras entre aspas, e pela ‘Busca

Composta’, incluindo o elemento *booleano* AND entre os termos compostos e palavras. O período temporal foi de 1993 a 2023 e o ranqueamento ordenado por ‘relevância’.

Como exemplo, na primeira busca (Quadro 9 – português), utilizou-se o termo composto entre aspas “biblioteca acadêmica”, o operador booleano AND e a palavra ‘internacionalização’. Obteve-se, assim, zero (0) resultados. Em seguida, buscou-se pelo termo composto “biblioteca universitária”, operador AND e a palavra ‘internacionalização’, obtendo-se, assim, um (1) resultado – um (1) artigo em espanhol considerado relevante para a pesquisa.

Na sequência, utilizou-se a palavra ‘universidade’, o operador AND e a palavra ‘internacionalização’, obtendo-se vinte e um (21) resultados. Após uma verificação de leitura dos resumos, apenas um (1) foi considerado relevante. E, por fim, utilizou-se o termo composto “educação superior”, o operador AND e a palavra ‘internacionalização’, obtendo-se seis (6) resultados, dois (2) repetidos, que já haviam sido selecionados, e, após a leitura dos resumos, mais nenhum considerado relevante. Como resultado, obteve-se um total de dois (2) artigos relevantes na busca em português. Procedeu-se do mesmo modo para as buscas nas outras línguas, conforme o Quadro 9 (inglês e espanhol).

Quadro 9 – Busca na BRAPCI

Termos, palavras e operador lógico utilizados no campo de buscas (1993-2023)		Resultado	Relevantes	Relevantes Repetidos	Relevantes não repetidos
Português	“biblioteca acadêmica” AND internacionalização	0	0	0	0
	“biblioteca universitária” AND internacionalização	1	1	0	1
	universidade AND internacionalização	21	1	0	1
	“educação superior” AND internacionalização	6	2	-2	0
Total - Busca em português			4	-2	2
Inglês	"academic library" AND internationalization	1	1	0	1
	"university library" AND internationalization	0	0	0	0
	university AND internationalization	11	1	-1	0
	"higher education" AND internationalization	7	2	-2	0
Total - Busca em inglês			4	-3	1
Espanhol	"biblioteca académica" AND internacionalización	0	0	0	0
	"biblioteca universitaria" AND internacionalización	3	3	-2	1
	"educación superior" AND internacionalización	5	3	-3	0
	universidad AND internacionalización	7	0	0	0
Total - Busca em espanhol			6	-5	1
TOTAL DE ARTIGOS RELEVANTES NÃO REPETIDOS					4

Fonte: dados da pesquisa

Para a busca na plataforma *Web of Science*, foi selecionada a opção ‘todas as bases de dados’. Para os campos de busca, foi selecionada a opção ‘todos os campos’, ou seja, foram considerados todos os campos de verificação do sistema de busca, como: tópico, título, nome da publicação, entre outros. Para o período de ‘tempo estipulado’, optou-se pelo ‘intervalo de tempo personalizado’ de 1993 a 2023. E, ainda, optou-se por ‘pesquisa avançada’, combinando

os termos de busca dos campos 1 e 2, o operador *booleano* AND e as aspas, conforme o Quadro 10. Foram obtidos, assim, sete (7) documentos relevantes.

Quadro 10 – Busca na *Web of Science*

	Campo 1 (todos os campos)	Op. Lógico	Campo 2 (todos os campos)	Resultado	Relevantes	Relevantes repetidos	Relevantes não repetidos
Português	“biblioteca acadêmica”	AND	Internacionalização	0	0	0	0
	“biblioteca universitária”	AND	Internacionalização	0	0	0	0
Inglês	“academic library”	AND	<i>Internationalization</i>	8	8	-2	6
	“university library”	AND	<i>Internationalization</i>	4	2	-1	1
Espanhol	“biblioteca académica”	AND	<i>Internacionalización</i>	0	0	0	0
	“biblioteca universitaria”	AND	<i>Internacionalización</i>	0	0	0	0
TOTAL DE ARTIGOS					10	-3	7

Fonte: dados da pesquisa

Para a plataforma SCOPUS, limitou-se a busca por ‘artigos’. Tanto para o campo 1 como para o campo 2, optou-se pela busca em ‘*title, abstract e keywords*’ (título, resumo e palavras-chave) dos documentos. O período de tempo estipulado foi de 1993 a abril de 2023 (momento em que a pesquisa estava em desenvolvimento). A combinação de termos dos campos 1 e 2, operador *booleano* AND e as aspas foram aplicados conforme o Quadro 11. Assim, foram obtidos onze (11) artigos relevantes.

Quadro 11 – Busca na SCOPUS

	Campo 1 (<i>Title, abstract, keywords</i>)	Op. Lógico	Campo 2 (<i>Title, abstract, keywords</i>)	Resultado	Relevantes	Relevantes repetidos	Relevantes não repetidos
Português	“biblioteca acadêmica”	AND	Internacionalização	0	0	0	0
	“biblioteca universitária”	AND	Internacionalização	1	1	-1	0
Inglês	“academic library”	AND	<i>Internationalization</i>	18	14	-5	9
	“university library”	AND	<i>Internationalization</i>	7	5	-3	2
Espanhol	“biblioteca académica”	AND	<i>Internacionalización</i>	0	0	0	0
	“biblioteca universitaria”	AND	<i>Internacionalización</i>	1	1	-1	0
TOTAL DE ARTIGOS					21	-10	11

Fonte: dados da pesquisa

A busca no Portal de Periódicos CAPES foi realizada em ‘pesquisa avançada’, utilizando o filtro ‘qualquer campo contém’, ou seja, qualquer campo ‘título, autor/criador e assunto’ que pudesse conter os termos buscados, aplicado para os campos 1 e 2. Limitou-se o

‘tipo de material’ a ‘artigos’. Optou-se por ‘qualquer idioma’. Delimitou-se o período de tempo de 1993 a 2023. A combinação entre termos de busca, operador *booleano* AND e aspas foi aplicada conforme o Quadro 12. Desta forma, foram obtidos quatro (4) artigos relevantes.

Quadro 12 – Busca no Portal de periódicos CAPES

	Campo 1 (Qualquer campo contém)	Op. Lógico	Campo 2 (Qualquer campo contém)	Resultados	Relevantes NÃO Repetidos
Por	“biblioteca acadêmica”	AND	Internacionalização	0	0
	“biblioteca universitária”	AND	Internacionalização	2	0
Ing	“academic library”	AND	<i>Internationalization</i>	52	4
	“university library”	AND	<i>Internationalization</i>	291	0
Esp	“biblioteca académica”	AND	<i>Internacionalización</i>	0	0
	“biblioteca universitaria”	AND	<i>Internacionalización</i>	4	0
Total de artigos relevantes não repetidos					4

Fonte: dados da pesquisa

Para a busca no *Google Acadêmico*, a primeira estratégia consistiu na utilização dos seguintes limitadores: ‘Período específico’ de 1993 a 2023, ordenado por ‘relevância’, em ‘qualquer idioma’, e apenas por ‘artigos de revisão’. Do material recuperado, verificou-se apenas os cem (100) primeiros ranqueados por ordem de relevância. A combinação dos termos, os operadores *booleanos* AND e OR e as aspas foram aplicados conforme o Quadro 13. Deste modo, foram obtidos três (3) artigos relevantes.

Quadro 13 – Busca no *Google Acadêmico* – Estratégia de busca 1

(Período específico: 1993-2023) (Ordenado por relevância) (Em qualquer idioma) (Artigos de revisão) (Análise limitada aos 100 primeiros ranqueados)		
Termos e palavras de busca	Resultados	Relevantes não repetidos
“Academic library” OR “University library” AND <i>internationalization</i>	836	3
“Academic libraries” OR “University libraries” AND <i>internationalization</i>	480	0
“Bibliotecas académicas” OR “Bibliotecas universitárias” AND internacionalização	26	0
“Bibliotecas académicas” OR “Bibliotecas universitarias” AND internacionalización	12	0
TOTAL Relevantes não repetidos		3

Fonte: dados da pesquisa

A segunda estratégia de busca no *Google Acadêmico* foi uma verificação mais simples e direta, porém com recuperação mais abrangente de documentos. Quanto ao ‘período específico’, optou-se pela busca ‘a qualquer momento’, a ordem foi por ‘relevância’; para as línguas, optou-se ‘em qualquer idioma’; e, para os documentos, optou-se por ‘qualquer tipo’. A verificação dos documentos também ficou limitada aos cem (100) primeiros ranqueados por relevância. A combinação dos termos também foi simplificada, sem a utilização de operadores

booleanos nem aspas, conforme o Quadro 14. Desta forma, foram obtidos oito (8) documentos relevantes.

Quadro 14 – Busca no Google Acadêmico - Estratégia de busca 2

(Período específico: a qualquer momento) (Ordenado por relevância) (Em qualquer idioma) (Qualquer tipo) (Análise limitada aos 100 primeiros ranqueados)		
Termos e palavras de busca	Resultados	Relevantes NÃO repetidos
<i>University libraries internationalization</i>	61.800	8
<i>University library internationalization</i>	221.000	0
<i>Academic libraries internationalization</i>	53.300	0
<i>Academic library internationalization</i>	162.000	0
TOTAL Relevantes não repetidos		8

Fonte: dados da pesquisa

Por fim, foram obtidos, na soma total, trinta e sete (37) documentos relevantes (Quadro 15) que relacionam bibliotecas acadêmicas e internacionalização.

Quadro 15 – Total de artigos relevantes para a pesquisa bibliométrica

BRAPCI	4
<i>Web of Science</i>	7
Scopus	11
Portal de Periódicos CAPES	4
Google Acadêmico	11
TOTAL	37

Fonte: dados da pesquisa

A quantidade de trabalhos recuperados foi considerada suficiente para a análise bibliométrica, possibilitando a coleta, a organização, a verificação e a apresentação dos dados e informações.

4.1.3 Considerações sobre a busca

Na BRAPCI, foram encontrados apenas artigos em português e espanhol e os quatro artigos relevantes também foram encontrados em outras bases de dados. Nas outras bases, com exceção dos relevantes também encontrados na BRAPCI e de mais um em espanhol, todos os artigos e *papers* relevantes encontrados foram publicados na língua inglesa.

Na pesquisa geral, foram encontrados artigos escritos em japonês, chinês, persa, ucraniano e alemão, a princípio relevantes, considerando-se apenas os títulos e os resumos traduzidos, mas foram desconsiderados para a pesquisa, pela dificuldade com as línguas.

O termo “estudantes internacionais” foi, a princípio, considerado para a busca, mas descartado em seguida, por se entender que o foco das publicações estaria mais voltado, especificamente, para o atendimento a estudantes internacionais. Bordonaro (2013) aponta a

mesma questão quanto ao propósito de seu trabalho sobre internacionalização e bibliotecas universitárias norte-americanas, em que buscou mudar o foco dos ‘estudantes internacionais’ para a ‘internacionalização’, buscando assim explorar o assunto das bibliotecas universitárias dentro de um quadro teórico mais amplo. No entanto, considera-se necessário realizar um levantamento bibliográfico à parte, para a análise de material relacionado a bibliotecas acadêmicas e estudantes internacionais, como parte do escopo da internacionalização, contemplando de forma mais abrangente a produção científica relacionada ao tema da pesquisa.

4.2 ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

Considerou-se satisfatória a quantidade de publicações recuperadas, chegando-se a um total de trinta e sete (37) publicações relevantes. Entre estas, trinta e quatro (34) artigos em periódicos, um (1) artigo em evento, um (1) *paper* em evento e um (1) *paper* em site (Quadro 16).

Quadro 16 – Periódicos, eventos e site

Periódicos		
<i>Australian Academic & Research Libraries</i> (AARL). ISSN: 0004-8623 (Print) 1839-471X (Online) (2006) (2006) (2006)	Austrália	3
<i>Bibliotecas Anales de Investigación. Bib.An.Invest.</i> ISSN: 1683-8947 (2018)	Cuba	1
<i>College & Research Libraries News</i> (C&RL News). ISSN 0099-0086 (print) 2150-6698 (web) (2016)	EUA	1
<i>College & Research Libraries</i> . ISSN: 0010-0870 (2015) (2017)	EUA	2
<i>El profesional de la información</i> . eISSN: 1699-2407 (2015)	Espanha	1
<i>IFLA Journal</i> . ISSN: 0340-0352 (print) 1745-2651 (web) (2015) (2015) (2022)	EUA	3
<i>Informação & Sociedade: Estudos. Inf. & Soc.: Est.</i> ISSN: 1809-4783 (2016)	Brasil	1
<i>International Leads</i> . ISSN 0892-4546 (2014)	EUA	1
<i>JLIS.it – Italian journal of Library Science, Archival Science and Information Science</i> . ISSN: 2038-1026 online (2022)	Itália	1
<i>Journal of Library Administration</i> . ISSN: 0193-0826 (print) 1540-3564 (web) (2016)(2019)(2020)	Reino Unido	3
<i>Leaa - Lenguas en Aprendizaje Autodirigido</i> . eISSN: 1870-5820 (2015)	México	1
<i>Library Management</i> . ISSN: 0143-5124 (2008) (2009) (2010) (2023)	Reino Unido	4
<i>New Review of Academic Librarianship</i> . Print ISSN: 1361-4533 Online ISSN: 1740-7834 (2018)	EUA	1
<i>Partnership: the Canadian Journal of Library and Information Practice and Research</i> . ISSN: 1911-9593 (2012)	Canadá	1
<i>Perspectivas em Ciência da Informação</i> . eISSN: 1981-5344 / ISSN: 1413-9936 (2017)	Brasil	1
<i>Portal: Libraries and the Academy</i> . ISSN: 1531-2542 (print) 1530-7131 (web) (2002)(2015)(2015)	EUA	3
<i>Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação</i> . RDBCI. ISSN 1678-765X (2021)	Brasil	1
<i>The Journal of Academic Librarianship</i> . ISSN: (print) 0099-1333 (web) 1879-1999 (1994)(2002)(2012)(2018)	Holanda	4
<i>The Southeastern Librarian</i> (SELn). ISSN: 0038-3686 (2019)	EUA	1
Eventos		
(ARTIGO) <i>Anais / ACRL 2015 Conference</i> (2015) / <i>Association of College and Research Libraries Conference</i> (2015) / <i>Oregon Convention Center, Portland, Oregon, USA. March 25 to 28, 2015. Oregon, EUA.</i> https://www.ala.org/acrl/acrl/conferences/acrl2015/papers		
(PAPER) <i>CAPAL/ACBAP Annual Meeting</i> (2014) / <i>Congress of the Humanities and Social Sciences</i> (2014) / <i>Brock University, St. Catharines – Ontário, CANADÁ.</i> https://capalibrarians.org/capal-conference-2014		
Site		
(PAPER) <i>Academic Futures / University of Colorado Boulder</i> (2018) – Colorado, EUA. https://www.colorado.edu/academicfutures/2018/01/17/libraries-substantive-role-internationalization-efforts-university-colorado-boulder-li		

Fonte: dados da pesquisa

Constata-se que trinta e quatro (34) artigos foram publicados em dezenove (19) títulos de periódicos: dois (2) periódicos com quatro (4) publicações cada, quatro (4) periódicos com três (3) publicações cada, um (1) periódico com duas (2) publicações e doze (12) periódicos com apenas uma (1) publicação.

4.2.1 Publicações

- Total de publicações relevantes: trinta e sete (37) [trinta e cinco (35) artigos e dois (2) *papers*].
- Trinta e quatro (34) artigos em periódicos, um (1) artigo em evento, um (1) *paper* em evento e um (1) *paper* em site.
- Total de títulos de periódicos: dezenove (19) / Total de eventos: dois (2) / Total de sites: um (1) (Quadro 16).

4.2.2 Ano de publicação

No que se refere ao quantitativo de publicações no período, destacam-se o ano de 2015 com oito (8) e 2018 com quatro (4) publicações (Quadro 17).

Quadro 17 – Publicações por ano

1994	2002	2006	2008	2009	2010	2012	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
1	2	3	1	1	1	2	2	8	3	2	4	2	1	1	2	1

Fonte: dados da pesquisa

Quanto aos anos de publicação, percebe-se um aumento na frequência das publicações de 1994 a 2023.

4.2.3 Autores

Em relação aos autores, verifica-se que, do total de cinquenta e oito (58) autores, um (1) publicou quatro (4) trabalhos, quatro (4) publicaram três (3) e cinco (5) publicaram 2 (dois) trabalhos sobre o tema (Quadro 18).

Quadro 18 – Autores com mais publicações

Liz Cooper	Inglês	4
Karen Bordonaro	Inglês	3
Leilah Santiago Bufrem	Espanhol	3
Linda K W Becker	Inglês	3
Nancy Sanchez-Tarragó	Espanhol	3
Bonnie Jean Smith	Inglês	2
Laurie Kutner	Inglês	2
Mary M. Somerville	Inglês	2
Meggan Houlihan	Inglês	2
Steven W. Witt	Inglês	2

Fonte: dados da pesquisa

Porém, os autores com mais publicações possuem produções realizadas conjuntamente. Dos dez (10) autores com mais trabalhos, oito (8) publicaram em inglês e dois (2) em espanhol. Os outros quarenta e oito (48) autores publicaram um (1) trabalho cada sobre o tema. Do total

de trinta e sete (37) trabalhos, vinte e um (21) foram publicados por mais de um autor e dezesseis (16) foram publicados por apenas um (1) autor.

4.2.4 Línguas

No total, dos trinta e sete (37) trabalhos recuperados, trinta e dois (32) foram publicados em inglês, quatro (4) em espanhol e um (1) em português. A grande maioria dos trabalhos foram publicados por revistas de países de língua inglesa – Estados Unidos, do Reino Unido, Austrália e Canadá, somando vinte e seis (26) trabalhos. Além disso, nota-se que as publicações da Holanda, México e Itália também foram apresentadas na língua inglesa, num total de seis (6) trabalhos, totalizando os trinta e dois (32) na língua inglesa. Das publicações em espanhol, Espanha e Cuba somam dois (2) artigos, e Brasil dois (2) artigos, totalizando quatro (4) publicações em espanhol. E, em português, tem o Brasil com apenas um (1) artigo (Quadro 19).

Quadro 19 – Línguas das publicações

Inglês	32
Espanhol	04
Português	01

Fonte: dados da pesquisa

Do total de trinta e sete (37) trabalhos, vinte (20) [dezoito (18) artigos e dois (2) *papers*] não possuem palavras-chave e nove (9) trabalhos [sete (7) artigos e dois (2) *papers*] não possuem resumos. Em dois (2) artigos de língua espanhola, verifica-se o título, o resumo e as palavras-chave em espanhol, inglês e português. Outros dois (2) artigos em espanhol apresentam o título, o resumo e as palavras-chave em espanhol e inglês. Em um (1) artigo na língua portuguesa, verifica-se o título, o resumo e as palavras-chave em português e inglês. E apenas um (1) artigo em inglês apresenta o resumo e as palavras-chave em inglês e espanhol (Quadro 20).

Quadro 20 – Línguas de títulos, resumos e palavras-chave

Formato e língua	Título	Resumo	Palavras-chave	Qtd
Paper em inglês	Inglês	----	----	2
Artigo em inglês	Inglês	----	----	7
Artigo em inglês	Inglês	Inglês	----	11
Artigo em inglês	Inglês	Inglês	Inglês	11
Artigo em inglês	Inglês	Inglês/espanhol	Inglês/espanhol	1
Artigo em espanhol	Espanhol/inglês	Espanhol/inglês	Espanhol/inglês	2
Artigo em espanhol	Espanhol/ingl/port	Espanhol/ingl/port	Espanhol/ingl/port	2
Artigo em português	Português/inglês	Português/inglês	Português/inglês	1

Fonte: dados da pesquisa

Chamou atenção a pouca quantidade relativa de trabalhos com títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas, apenas cinco (5), sendo que o único artigo em português possui título, resumo e palavras-chave em mais uma língua. Dos quatro (4) artigos em espanhol, todos possuem títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas. E dos trinta e dois (32) trabalhos em inglês [trinta (30) artigos e dois (2) *papers*], apenas um (1) tem o resumo e as palavras-chave em outra língua.

4.2.5 Países

Quanto aos países em que foram publicados, temos catorze (14) nos Estados Unidos da América, sete (7) no Reino Unido, quatro (4) na Holanda, três (3) na Austrália, três (3) no Brasil, dois (2) no Canadá e um (1) em cada um dos demais países: Cuba, Espanha, Itália e México, conforme pode-se conferir no Quadro 21.

Quadro 21 – Países

Austrália	Brasil	Canadá	Cuba	Espanha	Estados Unidos	Holanda	Itália	México	Reino Unido
03	03	02	01	01	14	04	01	01	07

Fonte: dados da pesquisa

Constata-se um destaque dos Estados Unidos e do Reino Unido em publicações sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização.

4.2.6 Palavras-chave

As principais palavras-chave encontradas foram as seguintes: internacionalização (inglês, espanhol e português) catorze (14) vezes; bibliotecas acadêmicas (inglês) treze (13) vezes; bibliotecas universitárias (espanhol, inglês e português) oito (8) vezes; educação superior (inglês, espanhol e português) sete (7) vezes; e estudantes internacionais sete (7) vezes. Vinte (20) trabalhos [dezoito (18) artigos e dois (2) *papers*] não possuem palavras-chave (Quadro 22).

Quadro 22 – Palavras-chave mais utilizadas

<i>Internationalization</i> (8)	<i>Internacionalización</i> (5)	Internacionalização (1)	14
<i>Academic libraries</i> (11)	<i>Academic library</i> (2)	---	13
<i>Bibliotecas universitárias</i> (5)	<i>University Libraries</i> (2)	Bibliotecas universitárias (1)	08
<i>Higher education</i> (4)	<i>Educación Superior</i> (2)	Educação Superior (1)	07
<i>International Students</i> (6)	<i>Estudiantes internacionales</i> (1)	---	07

Fonte: dados da pesquisa

Observa-se que a expressão ‘*academic library*’, no plural e no singular, é bastante utilizada na língua inglesa, em trabalhos científicos, para se referir a bibliotecas estabelecidas em IES. No caso desta pesquisa, relacionando-as à internacionalização, verifica-se a sua utilização como palavras-chave nos trabalhos em um número maior do que as expressões ‘*university libraries*’ em inglês, ‘bibliotecas acadêmicas’ em português e ‘bibliotecas académicas’ em espanhol, juntas. Confirma-se, assim, o uso da expressão, na língua inglesa, para se referir a bibliotecas que servem e atuam junto a universidades, faculdades, institutos, centros, fundações, entre outras organizações relacionadas à ciência, à pesquisa e ao ensino de nível superior. Ou seja, bibliotecas integradas a IES em geral. O mesmo não se verifica em trabalhos em língua espanhola e portuguesa. No entanto, deve-se considerar a pouca quantidade de trabalhos sobre o tema levantados nessas línguas e a possibilidade dos trabalhos que utilizaram a expressão ‘bibliotecas universitárias’ nas três línguas estarem se referindo, apenas, a bibliotecas universitárias especificamente.

No Quadro 23 verificam-se outras palavras-chave menos utilizadas, organizadas por similaridade.

Quadro 23 – Outras palavras-chave

<i>Librarian practices; Prácticas Bibliotecarias; Práticas Bibliotecárias; Prácticas profesionales; Professional practices; library services; library training and development</i>	04
<i>Cross-cultural; cultural competency; multicultural librarian; multiculturalism</i>	04
<i>Diversity; human library; inclusion; (Internacionalización solidaria; Solidarity internationalization)</i>	04
<i>Organizational culture; organizational development; Learning organizations</i>	03
<i>Multilingual catalogues; bilingual cataloguing; language of cataloguing</i>	03
<i>Globalization</i>	02
<i>International collaboration; International cooperation</i>	02
<i>Bilingual publications; cross-linguistic subject searching</i>	02
<i>Personnel; Staff Exchange</i>	02
<i>Study abroad programs; student journey</i>	02
<i>International faculty</i>	01
<i>(Ciencia de la Información; Information Science)</i>	01
<i>Global perspectives on libraries and information</i>	01
<i>(Information needs; Necessidades de informação)</i>	01

Fonte: dados da pesquisa

São verificados então, por similaridade, mais 14 outros grupos de palavras-chave referindo-se ao conteúdo dos trabalhos recuperados sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização.

4.2.7 Organizações responsáveis pelas publicações

Conforme pode-se verificar no **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, quanto às organizações relacionadas às publicações, foram verificadas sete (7) associações, uma (1) biblioteca nacional, oito (8) universidades e cinco (5) editoras.

Quadro 24 – Organizações

Associações		
<i>American Library Association (ALA)</i>	EUA	2
<i>Association of College and Research Libraries (ACRL) (ALA)</i>	EUA	4
<i>Australian Library and Information Association (ALIA)</i>	Austrália	3
<i>Canadian Association of Professional Academic Librarians (CAPAL)</i>	Canadá	1
<i>International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)</i>	Multinacional	3
<i>International Relations Round Table (IRRT) of the American Library Association (ALA)</i>	EUA	1
<i>Southeastern Library Association (SELA)</i>	EUA	1
<i>The Partnership – The Provincial and Territorial Library Association of Canada</i>	Canadá	1
Bibliotecas		
<i>Biblioteca Nacional de Cuba – José Martí</i>	Cuba	1
Universidades		
<i>Brock University</i>	Canadá	1
<i>Firenze University Press</i>	Itália	1
<i>Johns Hopkins University Press</i>	EUA	3
UFPB – Universidade Federal da Paraíba	Brasil	1
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	Brasil	1
UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México	México	1
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas	Brasil	1
<i>University of Colorado Boulder</i>	EUA	1
Editoras		
<i>Ediciones Profesionales de la Información S.L. (EPI SL)</i>	Espanha	1
<i>Elsevier</i>	Holanda	4
<i>Emerald Group Publishing Limited / Emerald Insight</i>	Reino Unido	4
<i>Routledge / Taylor & Francis Group</i>	Reino Unido	7
<i>SAGE Publications</i>	EUA	3

Fonte: dados da pesquisa

Das associações, três (3) são dos Estados Unidos, somando um total de oito (8) trabalhos relacionados, duas (2) do Canadá, com dois (2) trabalhos, uma (1) da Austrália com três (3) trabalhos, e uma (1) de multinacional, com três (3) trabalhos. Verificou-se uma (1) biblioteca nacional, de Cuba, com um (1) trabalho. Em relação às universidades, três (3) são do Brasil, com três (3) trabalhos, duas (2) dos Estados Unidos, com quatro (4) trabalhos, uma (1) do Canadá, uma (1) da Itália e uma (1) do México com um (1) trabalho relacionado de cada. Entre as editoras, duas (2) são do Reino Unido, com onze (11) publicações, uma (1) da Holanda com quatro (4) publicações, uma (1) dos Estados Unidos com três (3) publicações e uma (1) da Espanha com uma (1) publicação.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E A ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

A partir do material recuperado, foi possível realizar a análise bibliométrica e verificar dados quantitativos que expõem o panorama da publicação científica sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização das IES no mundo.

Primeiramente, em relação ao levantamento bibliográfico, houve dificuldade em se estabelecer a estratégia de busca, pelas particularidades nas delimitações de pesquisa das diferentes plataformas de bases de dados utilizadas, não sendo possível estabelecer uma estratégia padrão para todas, mas sim, adaptando-se de acordo com as ferramentas de cada buscador. Outra dificuldade foi em relação ao método *snowball*, que consiste em desconsiderar os materiais repetidos. Este trabalho é realizado na base da verificação, um a um, dos materiais relevantes, conferindo o que já foi previamente selecionado.

Apesar de a BRAPCI ser uma base de dados específica da área da Ciência da Informação e Biblioteconomia, foram encontrados apenas quatro (4) artigos, um (1) em português e três (3) em espanhol, que também foram encontrados nas outras bases. Como se constatou, a maior parte das publicações científicas relacionadas ao tema da pesquisa, que foi recuperada, foi produzida em língua inglesa, porém a BRAPCI possui material predominantemente publicado em português e espanhol.

A BRAPCI surgiu como produto de pesquisa oriundo de convênio interinstitucional e binacional, estabelecido entre universidades do Brasil e da Espanha. Planejada em 1995, teve como objetivo inicial proporcionar um ambiente tecnológico e operacional para a realização de estudos comparativos entre a produção periódica científica brasileira e espanhola, no campo da Ciência da Informação. Foi uma iniciativa que contou com a participação de professores da *Universidad Carlos III de Madrid* (UC3M) e do Departamento de Ciência e Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com a proposta concebida, a base tornou-se referência como fonte de pesquisa na área da Ciência da Informação (Bufrem *et al.*, 2023).

Outra questão foi a decisão de não se pesquisar pelo termo composto “estudantes internacionais”, neste momento, para esta pesquisa. Considera-se necessário, no entanto, para uma percepção mais abrangente da produção científica relacionada ao tema proposto, que se realize também um levantamento bibliográfico relacionando bibliotecas acadêmicas e estudantes internacionais.

Quanto à análise bibliométrica, verificou-se uma quantidade satisfatória da produção científica sobre internacionalização de bibliotecas acadêmicas, o que indica a possibilidade de futuros estudos sobre práticas e estratégias de internacionalização dessas unidades. No total, foram trinta e sete (37) trabalhos, sendo trinta e quatro (34) artigos em periódicos, um (1) artigo em evento, um (1) *paper* em evento e um (1) *paper* em site. Percebe-se um aumento na frequência das publicações no

decorrer do período de 1994 a 2023. Foram identificados cinquenta e oito (58) autores relacionados ao tema da Internacionalização de Bibliotecas Acadêmicas. Constatou-se que a grande maioria dos trabalhos foram publicados em inglês e em países de língua inglesa. Foram recuperados trinta e dois (32) trabalhos em inglês, quatro (4) em espanhol e apenas um (1) em português, o que evidencia a necessidade de maiores estudos por países da América Latina, por exemplo, para que se possa compreender e explorar sua própria realidade em relação ao tema.

Chama atenção a pouca quantidade relativa de trabalhos com títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas, apenas cinco (5). O único artigo recuperado em português possui título, resumo e palavras-chave em mais uma língua; dos quatro (4) artigos em espanhol, os quatro (4) possuem títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas; e dos trinta e dois (32) trabalhos em inglês [trinta (30) artigos e dois (2) *papers*], apenas um (1) tem o resumo e as palavras-chave em outra língua (espanhol). Foram recuperadas publicações de dez (10) países, com os Estados Unidos da América se destacando, em relação aos demais, como o país com maior produção acadêmica relacionada ao tema, com catorze (14) publicações.

Confirma-se o uso da expressão '*academic library*' ou '*academic libraries*', na língua inglesa, para se referir a bibliotecas integradas a IES em geral. Assim, no sentido de trazer um significado mais abrangente do que 'bibliotecas universitárias', sugere-se a utilização da expressão 'biblioteca acadêmica', em português, e 'biblioteca académica', no espanhol, para se referir ao conjunto de bibliotecas que servem e atuam junto a universidades, faculdades, institutos, escolas, centros, fundações, entre outras organizações relacionadas à ciência, à pesquisa e ao ensino de nível superior. Ou seja, bibliotecas integradas a IES em geral.

A partir do material coletado, por meio do levantamento bibliográfico, considerou-se possível a elaboração de uma revisão da literatura para proporcionar um maior aprofundamento sobre o tema, verificar diferentes abordagens e práticas que têm sido adotadas nas unidades de informação. Questões sobre a comunicação com demais departamentos e setores nas IES, desenvolvimento de coleções, atendimento a estudantes internacionais, entre outras perspectivas de pesquisa voltadas para uma melhor compreensão e para o desenvolvimento da dimensão internacional das bibliotecas acadêmicas. Além disso, considerou-se possível a realização de uma revisão sistemática, para se apontar os principais assuntos tratados, evidenciar informações relevantes sobre o tema da internacionalização das bibliotecas acadêmicas e buscar identificar trabalhos que apresentem conteúdo com recomendações e exemplos de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Ao observar a internacionalização das bibliotecas acadêmicas, em diferentes bibliotecas em todo o mundo, Lombard (2022) conclui que a internacionalização nem sempre é um processo

ou fenômeno simples e que a literatura relacionada ao tema pode fornecer meios para compreender melhor as questões específicas de uma determinada unidade, ajudando-a a tornar-se mais relevante dentro da sua faculdade ou universidade, além de ajudar a responder os motivos de sua implementação e permitir que outros tomem decisões em suas próprias bibliotecas.

Ainda, segundo Lombard (2022, p. 2), não se verifica, nas fontes de sua pesquisa, o uso claro da expressão ‘internacionalização de bibliotecas acadêmicas’, o que se percebe são abordagens sobre aspectos singulares e uma ênfase ao atendimento à estudantes internacionais.

A maioria dessas fontes não usa explicitamente a frase “internacionalização de bibliotecas acadêmicas”, ou mesmo variantes dela (por exemplo, “globalização”); isso provavelmente se deve ao foco em aspectos singulares [...] (por exemplo, instrução em biblioteca; referência; compartilhamento de banco de dados) e à ênfase em estudantes internacionais (Lombard, 2022, p. 2, tradução nossa).

Apesar dessas constatações, Lombard (2022) afirma que “existem muitos temas literários relacionados à internacionalização das bibliotecas acadêmicas” (p. 02, tradução nossa).

Considerando-se os resultados da análise bibliométrica e as constatações de Lombard (2022), entendeu-se oportuna e necessária a continuidade de estudos sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização. Sobretudo estudos relacionados à adoção de medidas, práticas, ações e estratégias possíveis para a implementação da internacionalização nas bibliotecas acadêmicas. Além disso, devido à verificação da escassa produção científica sobre o tema em língua portuguesa e espanhola, e em países da América Latina, verificou-se a necessidade de pesquisas voltadas para uma melhor compreensão de sua realidade no Brasil e em países dessa região, de modo a evidenciar e entender suas particularidades, desenvolver o conhecimento e contribuir para a produção científica nessa temática e para a própria gestão das bibliotecas acadêmicas e IES.

Conforme indicado na metodologia, para verificar os temas literários relacionados, foi realizada uma revisão da literatura sobre bibliotecas acadêmicas e internacionalização, apresentada no capítulo a seguir (Capítulo 5). Sobre estudos relacionados à adoção de práticas, decidiu-se por realizar uma revisão sistemática, apresentada no Capítulo 6, de modo a identificar os trabalhos que apresentassem recomendações e exemplos de boas práticas e a coletar material relevante para a elaboração do *framework* de boas práticas. Quanto à escassez de trabalhos na América Latina, decidiu-se por desenvolver o *framework* de boas práticas voltado para a realidade brasileira e para ser avaliado por profissionais de bibliotecas de IES brasileiras.

5 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

Com a leitura dos 37 trabalhos recuperados no levantamento bibliográfico, foi possível verificar uma variedade de informações específicas sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior. As informações e descobertas dos autores, por meio de seus estudos, convergem para pontos em comum que reforçam suas constatações e corroboram com os resultados obtidos na análise bibliométrica e na revisão sistemática desta pesquisa. Além disso, foram verificadas recomendações para o desenvolvimento de estudos com formato e métodos que foram adotados neste projeto de pesquisa, como a revisão de literatura e a revisão sistemática e, inclusive, recomendações para desenvolvimento e utilização de *frameworks* ou modelos que indiquem boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. A seguir, são apresentadas algumas abordagens sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização que se destacam nos trabalhos selecionados.

5.1 PESQUISAS SOBRE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

Por uma perspectiva mais ampla, Sánchez-Tarragó, Bufrem e Santos (2016) realizaram um estudo que trata sobre como se manifestam as relações entre a Ciência da Informação (CI), área que engloba a Biblioteconomia, e os processos de internacionalização da educação superior em produção científica publicada até 2015. Os resultados mostram um aumento da produção de trabalhos científicos que relacionam a CI com a internacionalização, mais evidentemente a partir de 2005, acompanhando o crescimento da produção científica sobre internacionalização da educação superior. Constatou-se um predomínio de autores da América do Norte, Austrália e Europa, também de alguns países asiáticos, e uma escassa produção científica proveniente da América Latina.

Sanchez-Tarragó, Bufrem e Santos (2016) identificaram três dimensões fundamentais nas pesquisas que relacionam CI e Internacionalização da Educação Superior:

1. A contribuição das bibliotecas universitárias e a internacionalização do *campus* por meio da adaptação dos serviços para estudantes internacionais, o desenvolvimento de coleções multiculturais, e o apoio a programas e serviços de educação transnacional.
2. A internacionalização das escolas e programas de educação em CI.

3. A internacionalização da pesquisa e de publicações sobre essa temática, por consequência do aumento da coautoria e da cooperação institucional.

Segundo Sanchez-Tarragó, Bufrem e Santos (2016), a literatura sobre ‘bibliotecas universitárias e estudantes internacionais’ (dimensão 1) destaca-se em volume em relação às outras duas dimensões analisadas, sendo que alguns autores consideram que o papel da biblioteca universitária ainda passa despercebido pelos gestores das políticas e estratégias de internacionalização universitária. Os processos de internacionalização das escolas e programas de CI (dimensão 2) ainda apresentam poucos reflexos na literatura publicada, o que também poderia apontar para uma atividade incipiente nesta dimensão. E, a análise de documentos que abordam os processos de produção científica, colaboração internacional e coautoria em CI (dimensão 3) permite verificar o crescimento e a institucionalização da área, a elevação de sua visibilidade internacional e a expansão dos processos de cooperação institucional.

Os resultados obtidos trazem uma perspectiva para estudos mais aprofundados em cada uma das dimensões identificadas, que poderiam subsidiar o estabelecimento de marcos de ação para políticas e estratégias de internacionalização do ensino superior com o reconhecimento e destaque da biblioteca universitária nesses processos, bem como permitir que escolas e programas de CI desenvolvam diferentes modalidades de internacionalização (Sanchez-Tarragó; Bufrem; Santos, 2016).

Em outro artigo, Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017, p. 188, tradução nossa) apontam que “os processos de internacionalização universitária constituem resposta adaptativa a um contexto mundial marcado pela globalização, que implica, grosso modo, maior inter-relação política, econômica e social entre países e regiões”. Partindo desse contexto, questionam sobre qual seria o papel e as contribuições da biblioteca universitária nos processos de internacionalização do *campus*, considerando-se que, historicamente, as bibliotecas têm o propósito de apoiar as IES da qual fazem parte no desenvolvimento de suas funções.

Como resultado, verificou-se um crescimento contínuo de pesquisas e publicações sobre a temática, lideradas por bibliotecários dos Estados Unidos, China e Canadá, que tratam de diferentes aspectos do trabalho bibliotecário. Constata-se que as bibliotecas contribuem tanto para a ‘educação transnacional’ como para a internacionalização ‘em casa’. Foram identificadas recomendações para a prática bibliotecária relacionadas com estratégias administrativas, serviços, infraestrutura, formação e pesquisa. Destacam-se, em relação ao que os autores se referem como ‘guias ou recomendações de boas práticas’: serviços bibliotecários para apoiar estudantes e programas no exterior; programas de alfabetização informacional; estudos sobre a

influência das diferenças culturais e linguísticas na comunicação e serviços; e o desenvolvimento de coleções (Sanchez-Tarragó; Bufrem; Santos, 2016).

Sobre a biblioteca universitária nos processos de internacionalização, Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017) consideram que:

A biblioteca universitária, cuja razão de ser é apoiar a universidade no desenvolvimento das suas funções, articulando a sua missão, finalidades e objetivos, deve desempenhar um papel protagonista no processo de internacionalização universitária. Em linha com o aumento da pesquisa e a implementação de políticas universitárias neste sentido, há também um interesse crescente por estes temas por parte das bibliotecas (Sánchez-Tarragó; Castellanos-Gallardo; Bufrem, 2017, p. 205, tradução nossa).

Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017) analisam a contribuição da biblioteca universitária no processo de internacionalização.

O contributo da biblioteca universitária para a internacionalização do *campus* passa por apoiar todos os processos que favorecem a integração de estudantes e professores móveis na dinâmica universitária, tanto do ponto de vista académico como social; estimular e possibilitar a troca e divulgação de informações, tanto entre os membros do *campus* (nacionais ou estrangeiros) como nacional e internacionalmente; contribuir para promover a sensibilidade intercultural e a adoção de perspectivas globais no ensino, na pesquisa e outras atividades universitárias [...] (Sánchez-Tarragó; Castellanos-Gallardo; Bufrem, 2017, p. 205, tradução nossa).

O estudo de Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017) sugere recomendações para a prática que incluem, entre outras, a incorporação e articulação das funções da biblioteca universitária ao plano estratégico de internacionalização da universidade e a transformação dos planos estratégicos próprios da biblioteca, para acomodar e dar destaque aos processos e atividades que apoiam e promovem a internacionalização do campus. Além disso, indicam a formação contínua de profissionais da informação, que inclui o domínio de outras línguas e competências interculturais, bem como o conhecimento da história, da cultura e dos sistemas educativos de outros países, além de estudos comparativos em CI, que favorecem o conhecimento das características dos usuários internacionais e as tradições e práticas de suas bibliotecas. Adicionalmente, são sugeridos aspectos relacionados ao desenho de serviços e produtos de informação de acordo com as necessidades, académicas ou cotidianas, dos usuários internacionais.

Vale destacar que, segundo Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017, p. 205), as recomendações apresentadas em sua pesquisa apontam para linhas de ação que devem ser contextualizadas de acordo com as características de cada biblioteca e centro universitário, como, por exemplo, o número e a origem dos alunos e dos professores

internacionais que recebem ou enviam para o exterior, as características dos seus programas de estudos, as diferentes modalidades de internacionalização que adotam, a sua cultura organizacional e os recursos de que dispõem. Nesse sentido, consideram pertinente a realização de estudos locais sobre as formas de participação da biblioteca universitária na internacionalização do ensino superior, para que as estratégias internacionais possam ser contextualizadas e adaptadas.

E em mais outro artigo, Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) objetivaram desenvolver um quadro de referência sobre aspectos-chave da área da internacionalização da educação, bem como a sua relevância como espaço de reflexão e ação para profissionais da informação no domínio das bibliotecas universitárias. Como resultado, foi estabelecido um quadro contextual para a reflexão crítica e ação dos profissionais da informação. Foram considerados os efeitos da globalização e da internacionalização do ensino superior, destacando-se perspectivas como a elevação da qualidade académica e a compreensão intercultural, em contrapartida a outras como a privatização e comercialização da educação. Nesse sentido, as bibliotecas universitárias são chamadas a apoiar a missão das universidades nos processos de internacionalização através de diversas atividades relacionadas ao apoio a estudantes internacionais, e considera-se necessário uma abordagem crítica que favoreça ações bibliotecárias destinadas a promover e apoiar a internacionalização solidária. Assim, concluem que os processos de internacionalização do ensino superior implicam desafios no âmbito das bibliotecas universitárias e que são necessários o domínio do contexto e atitudes proativas, críticas e de liderança que permitam ocupar espaços de reflexão e ação.

Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) reafirmam que as pesquisas que indicam a convergência entre a internacionalização do ensino superior e a CI são escassas na América Latina, especialmente no campo das bibliotecas universitárias, com a grande maioria dos trabalhos publicada por autores dos Estados Unidos, Austrália, China, Canadá e Reino Unido, com uma presença ínfima de autores latino-americanos.

Ou seja, a internacionalização da educação superior e seus desdobramentos para as ciências da informação ainda é um fenómeno pouco reconhecido e estudado entre os profissionais da informação na América Latina, especialmente em seu aspecto relacionado às bibliotecas universitárias. Porém, estudos mostram que, mesmo em países como os Estados Unidos da América e o Canadá, líderes nos processos de internacionalização, o papel e o espaço das bibliotecas universitárias na internacionalização dos *campi* muitas vezes passam despercebidos e estão ausentes ou quase invisíveis nos planos estratégicos institucionais e nos

estudos desenvolvidos por organizações e agências de ensino superior (Bordonaro, 2013; Witt; Kutner; Cooper, 2015; Sánchez-Tarragó; Bufrem, 2018).

Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) indicam que é precisamente no domínio das bibliotecas universitárias que muitas das atividades internacionais se destacam, e que o trabalho bibliotecário é, por definição, internacional. As pesquisas científicas e as publicações que os bibliotecários apoiam diariamente estão inseridas numa rede de relações internacionais que transcende as fronteiras geopolíticas. Mas, apesar de terem uma história rica e extensa de atividades internacionais, incluindo o apoio a atividades de internacionalização universitária, as bibliotecas acadêmicas, até recentemente, não têm sido reconhecidas dessa forma. Contudo, o impulso que a internacionalização recebeu no contexto do ensino superior nos últimos anos, as transformações nas suas formas de se expressar, bem como a expansão das tecnologias como meios de aprendizagem e disseminação da informação, trouxeram mudanças importantes na forma como as bibliotecas concebem e participam de processos de internacionalização. Esses desafios encontram-se num quadro de transformação mais amplo como o crescimento das tecnologias distribuídas, o desenvolvimento de paradigmas abertos (código aberto, acesso aberto, ciência aberta) e a emergência das bibliotecas como agentes cada vez mais envolvidos com a missão fundamental da universidade – criação e disseminação de conhecimento – tornando-se colaboradores essenciais nessas atividades.

Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) entendem que os profissionais da informação têm um desafio que vai além do fornecimento de dados e informações e que a biblioteca estaria numa posição única para contribuir e, de fato, liderar os esforços de internacionalização do campus.

Os estudos apontam para temas voltados tanto para a pesquisa como para a prática, com destaque para o reconhecimento dos desafios que a internacionalização representa, para as habilidades e atitudes dos profissionais da informação, para a adaptação de serviços e acervos, e para responder às necessidades e expectativas dos estudantes internacionais. Essas atividades desenvolvem-se tanto na modalidade de internacionalização ‘em casa’ como na ‘transnacional’ (Sánchez-Tarragó; Bufrem, 2018).

Como mencionado, Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) apontam críticas em relação à internacionalização lucrativa em contrapartida a uma visão solidária. A pesquisa indica que nos últimos anos têm surgido, com cada vez mais frequência, perspectivas críticas relacionadas à internacionalização do ensino superior com orientação voltada para a mercantilização da educação, com a concorrência, a criação de estatutos e marcas, e novas formas de colonialismo e desigualdades, em contrapartida a valores de cooperação, colaboração, benefício mútuo e qualidade da educação.

No entanto, Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018, p. 92) verificam que:

[...] a maior parte dos trabalhos que abordam atualmente os espaços e papéis das bibliotecas universitárias na internacionalização do campus o fazem numa perspectiva neutra, que assume acriticamente a internacionalização como um processo inerentemente benéfico, cujo argumento central é “preparar os estudantes para uma sociedade global”, e à crescente orientação lucrativa da internacionalização, como um fato que se insere no contexto dinâmico da globalização ao qual devemos inevitavelmente adaptar-nos (Sánchez-Tarragó e Bufrem, 2018, p. 92, tradução nossa).

Assim, Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) consideram que uma das funções dos profissionais da informação é a reflexão crítica sobre os efeitos da globalização e das diferentes orientações e modelos em que se manifestam os processos de internacionalização. Além disso, entendem que as bibliotecas universitárias têm entre suas funções: a criação de espaços e serviços que permitam o resgate de culturas e saberes invisibilizados pelas práticas acadêmicas etnocêntricas; o reconhecimento e valorização do conhecimento dos usuários internacionais, que pode contribuir para o desenvolvimento de coleções, serviços e promover a interculturalidade; o apoio à transformação curricular e métodos de ensino com perspectivas mais interculturais, internacionais e inclusivas; o apoio a redes de cooperação internacional e regional por meio de serviços especializados; e a coordenação com departamentos e unidades universitárias para o desenvolvimento da internacionalização.

Verifica-se, então, que a relação entre bibliotecas universitárias e processos de internacionalização constitui uma área de interesse crescente na literatura de ciência da informação, e que este interesse aumenta, também, na medida em que mais países e universidades incluem, entre as suas motivações para a internacionalização, a obtenção de lucros com o recrutamento de estudantes internacionais. Inclusive, atualmente, muitas bibliotecas universitárias desses países citam, entre suas motivações para participar de processos de internacionalização, exatamente, o apoio às estratégias comerciais de recrutamento de estudantes implementadas por suas universidades (Sánchez-Tarragó; Bufrem, 2018).

Por outro lado, as contribuições da biblioteca universitária nos processos de internacionalização também envolvem esforços criativos para alcançar espaços abertos e compartilhados que facilitem a exploração e o intercâmbio dentro da comunidade acadêmica. A principal manifestação destas contribuições é a orientação global para o acesso aberto e a proliferação de repositórios institucionais (Sánchez-Tarragó; Bufrem, 2018).

Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) concluem que as bibliotecas universitárias desempenham diversas funções na sua missão de apoiar os objetivos institucionais e que, cada

vez mais, estudos confirmam que a biblioteca tem papel importante na internacionalização do campus, tanto ‘transnacional’ como ‘em casa’. Portanto, é importante desenvolver as competências dos profissionais da informação em temas relacionados à internacionalização universitária. Destacam-se algumas atividades de apoio como a criação e adaptação de serviços para usuários internacionais, o que requer estudos e pesquisas específicos das necessidades e preferências desses usuários; a colaboração com professores em competência informacional e projetos curriculares; a formação de coleções multiculturais; a criação de repositórios de acesso aberto; colaboração com equipes de pesquisas internacionais; participação em redes de cooperação internacional; e a criação de atividades de extensão que incentivem o intercâmbio entre os membros do *campus* (Sánchez-Tarragó; Bufrem, 2018).

5.2 CONTRIBUIÇÕES DA BIBLIOTECA ACADÊMICA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO *CAMPUS*

Witt, Kutner e Cooper (2015) realizaram uma pesquisa sobre bibliotecas acadêmicas nos Estados Unidos para estabelecer dados básicos sobre suas contribuições para a internacionalização do *campus*. A pesquisa buscou medir o nível de atividades internacionais que ocorrem nas bibliotecas acadêmicas e o seu papel nos esforços de internacionalização do *campus*. Os resultados indicam que as bibliotecas participantes contribuem amplamente para os esforços de internacionalização dos *campi* e seguem a administração geral em planejamento estratégico e no apoio organizacional. Os autores fornecem sugestões para futuras iniciativas de bibliotecas e pesquisas que se concentrem em atividades de aprendizagem internacional e global.

Além disso, Witt, Kutner e Cooper (2015) observam que as iniciativas de internacionalização continuam a aumentar nos *campi* universitários nos Estados Unidos e recomendam a realização de pesquisas sobre melhores práticas para a internacionalização, no sentido de garantir que a aprendizagem dos alunos esteja no centro dos esforços de internacionalização. Paralelamente, os autores recomendam o desenvolvimento de melhores práticas e medidas de avaliação no apoio da biblioteca para a internacionalização do *campus*.

No geral, os resultados da pesquisa sobre internacionalização de bibliotecas e *campus* corresponderam bem às evidências encontradas na revisão da literatura. As bibliotecas veem atividades internacionais crescentes e respondem às necessidades de apoio aos serviços estudantis e às mudanças curriculares que resultaram de iniciativas de educação global no *campus*. Embora o inquérito não seja preditivo, é fácil levantar a hipótese de que, no futuro, haverá uma ênfase crescente no papel da biblioteca no cumprimento dos objetivos internacionais e das exigências dos estudantes (Witt; Kutner; Cooper, 2015, p. 606, tradução nossa).

Verificou-se, também, segundo Witt, Kutner e Cooper (2015), que há um nível mais elevado de atividades de internacionalização em bibliotecas acadêmicas de instituições que possuem doutoramento; que em todas as bibliotecas, a motivação mais frequente foi apoiar iniciativas mais amplas de internacionalização do *campus* e prioridades institucionais; e que os diretores de bibliotecas são os principais catalizadores da internacionalização de bibliotecas.

Witt, Kutner e Cooper (2015) consideram que as bibliotecas acadêmicas têm uma longa história de envolvimento em projetos e programas internacionais, que vão desde o apoio no *campus* para a pesquisa, currículos e em serviços estudantis, até o apoio ao crescimento profissional no exterior. Alguns exemplos são: o desenvolvimento de coleções em línguas estrangeiras; parcerias internacionais e programas de intercâmbio de bibliotecas; apoio à pesquisa e estudo no exterior; e serviços para estudantes internacionais. Os autores indicam que a literatura específica sobre bibliotecas acadêmicas demonstra seu longo envolvimento nas atividades de internacionalização do *campus*, porém, até recentemente, não têm sido assim reconhecidas. Além disso, embora as bibliotecas acadêmicas tenham um papel substancial a desempenhar no apoio aos esforços crescentes de internacionalização nos *campi*, a literatura sobre internacionalização da educação superior geralmente não tem incluído as bibliotecas.

Alguns temas explorados na literatura nesse contexto, segundo Witt, Kutner e Cooper (2015) são: trabalhos com estudantes internacionais; competência informacional; apoio a estudantes e programas de estudos no exterior; *campi* filiais internacionais; educação em biblioteconomia e ciência da informação; intercâmbio de funcionários de bibliotecas; e desenvolvimento de coleções.

Denda (2012), em estudo conduzido para ilustrar a forma como as bibliotecas de instituições dos EUA estão apoiando programas de estudos no exterior, indica que esses programas desempenham um papel cada vez mais importante na formação de estudantes para a cidadania global. Seu estudo, realizado numa biblioteca de uma grande universidade dos Estados Unidos – a *Rutgers University* – e com outras associadas à ARL (*Association of Research Libraries*), conforme representado em suas páginas na internet, buscou identificar as necessidades de informação de estudantes e professores em programas de estudo no estrangeiro.

Se quiserem cumprir a sua missão na era da informação, as bibliotecas acadêmicas devem promover relações sólidas com iniciativas universitárias, como estudos no exterior. O envolvimento com estes programas aumenta a capacidade das bibliotecas acadêmicas transformarem a vida dos estudantes, a desenvolverem competências de liderança e expandirem as suas oportunidades de trabalharem confortavelmente além das fronteiras nacionais como membros de uma sociedade global. Estas estratégias também demonstram o valor que as bibliotecas acadêmicas agregam para as instituições que estão integradas – valor que lhes permite enfrentar o futuro com confiança (Denda, 2012, p. 160, tradução nossa).

Como interesse particular, Denda (2012) buscou compreender como o conhecimento dos recursos e serviços da biblioteca enriquece as experiências de estudo de estudantes no exterior, e analisou também o envolvimento de bibliotecas acadêmicas com programas de estudos no exterior. Seu estudo conclui com um conjunto de recomendações sobre como as bibliotecas acadêmicas podem servir melhor as necessidades da sua comunidade participante de programas de estudos no exterior, buscando maior envolvimento e unindo forças com esses programas.

5.3 ATENDIMENTO DA BIBLIOTECA A ESTUDANTES E ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

Click, Wiley e Houlihan (2017), por meio de uma revisão sistemática, buscaram identificar na literatura das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI) relacionadas a estudantes internacionais, relativa ao período de 1990 a 2014, o perfil dos pesquisadores e tendências de autoria, tópicos específicos relacionados ao tema, e as metodologias que geralmente são adotadas. A pesquisa também inclui: definições e conceitos; evolução da internacionalização no ensino superior ao longo dos anos; perspectivas sobre a internacionalização da biblioteca acadêmica, incluindo a literatura sobre serviços para estudantes no estrangeiro; a internacionalização da educação em Biblioteconomia e CI; e o desenvolvimento de *campi* filiais internacionais.

Click, Wiley e Houlihan (2017) consideram que a revisão sistemática no campo da Biblioteconomia e da CI é um método valioso e viável, e sugerem maiores pesquisas seguindo esse método, que embasem os profissionais de Biblioteconomia e CI nos seus esforços para apoiar estudantes internacionais, fornecendo uma visão geral da literatura sobre o tema relacionado à esta população. Em seu entendimento, o método pode servir como uma ferramenta para bibliotecários que se esforçam para tomar decisões baseadas em evidências e para melhorar a prática. Ou seja, segundo os autores, a revisão sistemática pode ser usada como uma ferramenta que oriente a prática de forma objetiva, tornando a grande quantidade de informação sobre o tema menos intimidante.

Por outro lado, Click, Wiley e Houlihan (2017) apontam limitações relacionadas à sua pesquisa, como a busca por material somente na língua inglesa, o que dificultou o acesso a material relacionado produzido em outras regiões.

Embora esta revisão sistemática tenha sido projetada para ser abrangente, reconhecemos que existem algumas limitações nesta pesquisa. O estudo revisou apenas publicações em inglês em três grandes bases de dados ocidentais, [...], e as

publicações identificadas na busca bibliográfica manual. Todos os artigos em língua não inglesa que apareceram na lista de resultados foram excluídos. A análise de pesquisas publicadas em outros idiomas poderia resolver algumas das lacunas de localização de autores e pesquisas, e traçar um quadro mais completo das necessidades de informação e experiências em bibliotecas acadêmicas com estudantes internacionais em todo o mundo (Click; Wiley; Houlihan, 2017, p. 345, tradução nossa).

Click, Wiley e Houlihan (2017) constataam que a literatura de Biblioteconomia e de CI sobre estudantes internacionais é limitada, mas é crescente. A autoria única diminuiu e as colaborações internacionais têm se tornado mais comuns. O corpo da literatura está fortemente focado na competência informacional, em bibliotecas, e nas experiências bibliotecárias com estudantes internacionais. Faltam pesquisas originais e existem amplas oportunidades para mais investigação.

De acordo com Click, Wiley e Houlihan (2017, p. 329, tradução nossa), “a literatura sobre estudantes internacionais na biblioteca acadêmica é um subconjunto da literatura sobre a internacionalização da biblioteca acadêmica, que pode ser considerada um aspecto da internacionalização do ensino superior”.

Por fim, Click, Wiley e Houlihan (2017, p. 345, tradução nossa) enfatizam a continuidade de estudos acadêmicos sobre necessidades de informação de estudantes internacionais e indicam a necessidade de pesquisas que identifiquem melhores práticas relacionadas a essa população.

Este estudo mostra que os bibliotecários acadêmicos e outros acadêmicos prestaram e continuarão a prestar muita atenção às necessidades de informação e às experiências de pesquisa dos estudantes internacionais, mas são necessárias mais pesquisas para identificar as melhores práticas para ensinar, servir e compreender esta população. Recomendamos que aqueles que publicam nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre este tópico se concentrem em pesquisas originais, bem concebidas e replicáveis. Além disso, uma consideração cuidadosa dos métodos de investigação para identificar a escolha mais apropriada para um estudo específico provavelmente melhoraria a qualidade e a profundidade da investigação. Os tópicos de pesquisa identificados neste estudo indicam algumas áreas onde mais pesquisas são necessárias. Por exemplo, identificar as melhores práticas para satisfazer as necessidades de informação dos estudantes internacionais – talvez através de um grande estudo multifacetado – seria uma contribuição significativa e bem-vinda para a literatura sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação (Click; Wiley; Houlihan, 2017, p. 345, tradução nossa).

Nesse sentido, Toner (2019) realizou uma pesquisa em que buscou compreender as melhores práticas em serviços de bibliotecas no atendimento à estudantes internacionais de IES do Reino Unido. Para a pesquisa, um questionário *on-line* foi enviado a 116 bibliotecas de IES no Reino Unido. O objetivo foi compreender quais os serviços oferecem e quais as suas percepções sobre a melhor forma de apoiar os estudantes internacionais no ambiente bibliotecário.

[...] embora exista algum trabalho feito para compreender como os estudantes internacionais se envolvem com as bibliotecas, há muito poucos trabalhos voltados ou realizados para compreender as necessidades específicas e em transformação dos estudantes internacionais, como eles muitas vezes se diferenciam substancialmente em comparação com os estudantes “baseados em casa” e como eles se envolvem com a biblioteca como serviço e espaço (Toner, 2019, p. 813, tradução nossa).

No geral, segundo Toner (2019), as respostas, opiniões e exemplos gerados como resultado da pesquisa forneceram uma visão útil sobre o pensamento e a opinião das bibliotecas acadêmicas do Reino Unido em relação ao desenvolvimento e à implementação de serviços destinados especificamente a estudantes internacionais. A pesquisa oferece uma série de sugestões e exemplos do que outras instituições de ensino superior fizeram para melhorar a experiência e o envolvimento dos estudantes internacionais com a biblioteca. Fornece informações e exemplos de estratégias e iniciativas que as bibliotecas acadêmicas do Reino Unido adotaram e que foram particularmente bem-sucedidas.

Toner (2019) faz uma observação, referindo-se aos estudantes internacionais que chegam às IES do Reino Unido, mas que pode ser aplicada de forma mais ampla para a comunidade acadêmica em geral. A ideia de que é importante compreender que os estudantes internacionais têm uma série de necessidades, experiências e conhecimentos diferentes, que podem variar dramaticamente dependendo do seu país de origem, e que as IES devem ter a responsabilidade de valorizar e encorajar estas diferenças e buscar criar no *campus* um ambiente de aprendizagem internacional reconhecendo os benefícios que isso pode trazer, tanto para os estudantes nacionais, como para os estudantes internacionais, assim como para a comunidade universitária em geral.

Toner (2019) conclui que seu trabalho é de potencial interesse para profissionais de bibliotecas, legisladores e administradores do ensino superior. A pesquisa oferece uma visão sobre as práticas e opiniões das bibliotecas de educação superior do Reino Unido sobre a melhor forma de apoiar estudantes internacionais, no entanto, indica que são necessárias pesquisas mais aprofundadas. Os serviços de apoio aos estudantes internacionais continuam se desenvolvendo, portanto é oportuno que as bibliotecas busquem e compartilhem experiências de modo a estabelecerem melhores práticas visando oferecer serviços de excelência.

O recrutamento de estudantes internacionais continua a ser uma prioridade crescente para as instituições de ensino superior preocupadas em reforçar a sua abordagem à internacionalização. À medida que os números continuam a crescer, a biblioteca universitária tem sido obrigada a autoavaliar a forma como pode apoiar uma população estudantil tão diversificada (Toner, 2019, p. 812, tradução nossa).

Em estudo sobre como estudantes internacionais asiáticos utilizam bibliotecas universitárias australianas, O'Dwyer (2022) destaca, com base na literatura, que as diferenças na busca por informação, a transição cultural, as barreiras para acesso à informação, os desafios da língua inglesa e os estilos de aprendizagem dos estudantes internacionais asiáticos não são totalmente compreendidos pelas bibliotecas universitárias de cultura ocidental. Assim, sugere que essas bibliotecas universitárias podem não estar estrategicamente alinhadas com os objetivos de internacionalização de suas universidades, e que a falta de compreensão das experiências dos estudantes internacionais asiáticos atenua potencialmente o seu bem-estar e sucesso acadêmico.

O'Dwyer (2022, p. 1, tradução nossa) explica que, apesar de a pesquisa tratar de um grupo específico de estudantes e de que se “[...] examina o contexto das bibliotecas universitárias australianas [...]”, as descobertas podem ser relevantes para outras bibliotecas universitárias com grupos de estudantes internacionais culturalmente diversos em todo o mundo”.

Em sua pesquisa, O'Dwyer (2022) constatou que as revisões de literatura são o método de pesquisa preferencial na área da gestão da informação; que a literatura sobre como os estudantes internacionais asiáticos utilizam as bibliotecas universitárias australianas é limitada; e que a falta de consciência intercultural pode potencialmente afetar o atendimento a estudantes internacionais asiáticos, a reputação da biblioteca e da própria universidade australiana e, conseqüentemente, seu financiamento.

O'Dwyer (2022) também observa a história da formação das bibliotecas acadêmicas e sua adaptação no decorrer do tempo para atender às novas necessidades.

O objetivo das bibliotecas universitárias orientais e ocidentais passou historicamente de repositórios de textos religiosos e culturais monásticos para fornecer acesso a coleções de materiais de aprendizagem para apoiar o estudo, o ensino e a pesquisa. Historicamente, a literatura mostra que a biblioteca universitária, tanto no Oriente como no Ocidente, adaptou-se às novas necessidades de serviço das comunidades acadêmicas (O'Dwyer, 2022, p. 4, tradução nossa).

Em estudo realizado por Bail, Lewis e Power (2014), buscou-se examinar o papel da biblioteca nas instituições acadêmicas canadenses em relação aos estudantes internacionais que as frequentam e os serviços que estão sendo oferecidos a eles. As principais questões que se buscaram responder foram: se as bibliotecas acadêmicas no Canadá oferecem serviços especializados para estudantes internacionais e que tipos de programas estão sendo oferecidos.

Os resultados da pesquisa apontam que a maioria das bibliotecas acadêmicas canadenses pesquisadas estão conscientes e se preocupam em oferecer serviços bibliotecários especializados a estudantes internacionais. Existem muitas bibliotecas e universidades em todo

o Canadá que oferecem programas inovadores para estudantes internacionais. As conclusões revelam o formato de alguns destes programas e podem servir para instituições que pretendem incorporar objetivos de internacionalização nos seus planos estratégicos, ou como experiências a serem desenvolvidas. A pesquisa apresenta uma perspectiva sobre as tendências de bibliotecas de IES do Canadá e pode ser de particular importância para bibliotecas onde a internacionalização foi recentemente adotada (Bail; Lewis; Power, 2014).

Se é responsabilidade de toda a universidade apoiar os estudantes internacionais, todas as unidades, incluindo a biblioteca, precisam considerar as diversas origens e diferenças culturais na educação dos alunos, não sendo tarefa exclusiva do escritório de estudantes internacionais no *campus* (Bail; Lewis; Power, 2014).

Bail, Lewis e Power (2014) verificaram, como uma das principais conclusões de sua pesquisa, que grande parte (27%) das bibliotecas de instituições de educação superior canadenses que participaram do estudo, não têm conhecimento de quantos estudantes internacionais estão matriculados nas suas instituições. Isso demonstra a necessidade de as bibliotecas estabelecerem relações e contato com unidades no *campus* que possam fornecer informações sobre os estudantes internacionais.

Bail, Lewis e Power (2014) constataram, também, que a maioria das Instruções de Biblioteca são realizadas com estudantes internacionais de graduação, sugerindo maiores esforços para se alcançar, também, os estudantes internacionais de pós-graduação.

Em outro estudo, Rioga e Baracho (2021), por meio de uma revisão de literatura, basearam-se em três pontos principais: a internacionalização nas universidades e programas de pós-graduação brasileiros; a percepção dos estudantes internacionais sobre instituições brasileiras de ensino superior; e as necessidades informacionais do estudante internacional. Como conclusão, constataram uma escassez de publicações voltadas às necessidades de informação dos estudantes internacionais, sobretudo dos pós-graduandos, considerando o panorama das universidades brasileiras.

Em artigo sobre as experiências de estudantes internacionais do primeiro ano no uso de recursos, de serviços e de espaços de biblioteca da universidade anfitriã, Hughes *et al.* (2018) apresentam um estudo de caso coletivo (comparativo) realizado entre 2014 e 2016 com uma biblioteca australiana e três bibliotecas norte-americanas (bibliotecas da *Queensland University of Technology* (QUT), na Austrália, e da *Purdue University*, da *University of Colorado Denver* (UCD) e da *University New Mexico* (UNM), nos Estados Unidos), com 320 estudantes internacionais do primeiro ano.

Segundo Hughes *et al.* (2018, p. 582, tradução nossa), os quatro casos foram comparados entre si e resultaram em quatro insights principais:

- Os estudantes internacionais são caracterizados pela sua diversidade e individualidade.
- O uso da biblioteca e da informação pelos estudantes internacionais do primeiro ano, e os desafios associados, são geralmente semelhantes aos dos estudantes nacionais do primeiro ano dos EUA que transitam do ensino secundário para a universidade.
- Os desafios que os estudantes internacionais enfrentam geralmente estão relacionados com o desconhecimento do ambiente sociocultural e das práticas acadêmicas e bibliotecárias na universidade anfitriã, e não com o déficit educativo generalizado.
- A biblioteca é vital para apoiar a adaptação/transição dos estudantes internacionais para a vida e os estudos numa universidade anfitriã (Hughes *et al.*, 2018, p. 582, tradução nossa).

No trabalho são apresentadas diretrizes que sugerem estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação/transição dos estudantes internacionais do primeiro ano. As descobertas informam sobre *design* e espaços da biblioteca, o apoio à transição/adaptação inclusiva e a pedagogia da transição/adaptação (Hughes *et al.*, 2018).

Segundo Hughes *et al.* (2018), o estudo é relevante para administradores universitários, bibliotecários e educadores de um ensino superior culturalmente diversificado. As recomendações dos participantes da pesquisa sinalizam focos para um melhor apoio à adaptação/transição dos estudantes internacionais nas universidades anfitriãs. E indicam que as estratégias sugeridas dependem da colaboração do pessoal da biblioteca com colegas acadêmicos e profissionais em toda a universidade, para garantir um apoio inclusivo aos estudantes internacionais do primeiro ano.

Para Hughes *et al.* (2018), o tema da adaptação/transição dos estudantes internacionais no primeiro ano, sendo de potencial interesse para administradores universitários, bibliotecários e educadores, requer uma investigação mais aprofundada. As descobertas indicam o redirecionamento dos serviços bibliotecários, a reinvenção das instalações da biblioteca e o desenvolvimento de respostas estratégicas às necessidades de adaptação/transição dos alunos no primeiro ano (Hughes *et al.*, 2018).

A diversidade estudantil oferece oportunidades estratégicas para as bibliotecas acadêmicas em relação à internacionalização dos serviços de informação e aos programas de competência informacional, em linha com os objetivos universitários de internacionalização. Enquanto centros sociais e culturais, as bibliotecas podem acentuar diferentes visões do mundo por meio de eventos, espaços e recursos que promovam a apreciação cultural em vez da discriminação (Hughes *et al.*, 2018).

As bibliotecas inclusivas respeitam a individualidade multifacetada de cada aluno e a diversidade cultural que eles criam coletivamente. Estas bibliotecas reconhecem que, independentemente da origem, nacional ou internacional, todos os novos estudantes têm um ponto em comum – embarcar na vida e estudar numa determinada universidade. Mas a sua experiência de transição nesta universidade será matizada por atributos pessoais, sociais e culturais que podem ser influenciados, mas não definidos exclusivamente pelas condições do país de origem. Portanto, diferenciar a assistência bibliotecária aos estudantes com base na língua ou na cultura pareceria contraproducente em comparação com iniciativas colaborativas que reconhecem toda a experiência dos estudantes em transição (Hughes *et al.*, 2018, p. 591, 592, tradução nossa).

Por fim, Hughes *et al.* (2018) indicam que algumas questões devem ser bem-avaliadas antes de implementadas. Fornecer guias e funcionários de bibliotecas multilíngues, por exemplo, pode não ser sustentável ou equitativo quando as bibliotecas universitárias atendem falantes de muitas línguas. Nesse caso, dar preferência para grupos linguísticos mais numerosos pode ser visto como uma desconsideração aos estudantes de origens menos representadas. Por outro lado, do ponto de vista educacional, a utilização de recursos e serviços na língua de ensino da universidade pode contribuir para a proficiência de todos os grupos linguísticos. Ou seja, a nível prático, a prestação de serviços e recursos em diferentes idiomas coloca vários desafios.

Hammond (2009), em seu trabalho sobre atendimento a estudantes e acadêmicos internacionais no exterior, propõe que, com o aumento de professores e estudantes envolvidos em estudos e pesquisas em locais internacionais, os bibliotecários do *campus* de origem precisam expandir o alcance geográfico dos seus serviços. Assim, sugere-se que acordos firmados entre bibliotecas universitárias de instituições de diferentes países podem ser usados para proporcionar aos usuários o acesso a coleções, conhecimentos especializados e espaço de estudo durante a sua residência no estrangeiro.

Por meio de estudos de casos foram analisados Memorandos de Entendimento (MOU) (*Memorandum of Understanding*) firmados em acordos celebrados pela equipe da Biblioteca do Oriente Asiático da Universidade de Yale (*Yale East Asia Library*), em New Haven, Connecticut, EUA, com as bibliotecas da Universidade de Tóquio e da Universidade de Waseda, ambas em Tóquio, Japão, para garantir o acesso de seus afiliados a essas bibliotecas (Hammond, 2009).

Os acordos distintos entre a Biblioteca da Universidade de Yale e as bibliotecas das duas instituições em Tóquio, a Universidade de Tóquio e a Universidade Waseda, foram formalizados por meio de MOU em que se buscou fornecer acesso aos usuários de Yale às bibliotecas das instituições japonesas sempre que estivessem em Tóquio para estudos e pesquisas (Hammond, 2009).

Constatou-se que os acordos institucionais facilitaram o nível de acesso dos afiliados da Universidade de Yale às bibliotecas das instituições japonesas, o que não seria possível para um pesquisador ou estudante individual. O acordo com a Universidade de Tóquio é um exemplo de parceria recíproca, detalhado, que proporciona privilégios tanto para o uso da biblioteca como para empréstimos. O acordo com Waseda também é recíproco, mas com linguagem escrita muito menos específica. No geral, o *framework* fornecido pelos acordos por meio dos MOU permitiu um melhor acesso aos serviços para os clientes (Hammond, 2009).

Ao contrário da maioria dos intercâmbios e parcerias internacionais de bibliotecas descritas na literatura bibliotecária até o momento, este estudo de caso desenvolveu-se a partir da ideia de que os acordos devem ser estratégicos e concebidos para servir às necessidades dos usuários. Embora exista uma extensa literatura sobre o atendimento a estudantes e pesquisadores internacionais, este artigo proporciona uma mudança de perspectiva, concentrando-se no que a “instituição de envio” pode fazer através de acordos estratégicos para melhorar os serviços de biblioteca para usuários no estrangeiro (Hammond, 2009, p. 88, tradução nossa).

Estudantes e professores se deslocam cada vez mais ao redor do mundo para estudar, ensinar e realizar pesquisas; portanto, as bibliotecas acadêmicas têm de se preparar para serviços que apoiem os seus usuários a nível global. Parcerias internacionais estratégicas entre bibliotecas são uma forma de mediar esse apoio (Hammond, 2009).

Xie (2012) trata, em seu artigo sobre o atendimento ao corpo docente internacional, especificamente, acadêmicos visitantes chineses na biblioteca da *University of Western Ontario*, Canadá. No estudo foram identificados quatro temas relacionados ao uso de bibliotecas por professores e acadêmicos chineses visitantes na instituição: a barreira linguística, a conscientização sobre a biblioteca, a experiência de uso da biblioteca, e necessidades de informação. O trabalho apresenta recomendações para atender professores internacionais quanto a abordagens de divulgação, serviços de referência, direitos autorais e informações de acesso aberto (Xie, 2012).

Os bibliotecários acadêmicos devem estar cientes do corpo docente visitante internacional em sua comunidade de usuários e da necessidade de conscientizar esse grupo de usuários sobre os recursos e serviços da biblioteca. Professores visitantes internacionais são facilmente ignorados pelos bibliotecários acadêmicos devido ao curto período de visita e ao fato de serem difíceis de rastrear no *campus*. O corpo docente internacional, assim como os estudantes internacionais, muitas vezes encontra dificuldades e desafios ao usar bibliotecas acadêmicas canadenses se não tiverem experiência anterior com instituições acadêmicas norte-americanas. Por fim, mais pesquisas deveriam ser realizadas para preencher a lacuna na literatura bibliográfica sobre esses usuários internacionais (Xie, 2012, p. 12, tradução nossa).

Xie (2012) sugere que as bibliotecas acadêmicas considerem cuidadosamente o corpo docente internacional ao planejar serviços relevantes para grupos de usuários diversos. Fornecer

serviços de biblioteca necessários e satisfatórios para este grupo de usuários é uma excelente oportunidade para melhor servir as comunidades acadêmicas e demonstrar que as bibliotecas acadêmicas são um parceiro importante no apoio às iniciativas internacionais das suas universidades.

5.4 MOBILIDADE E INTERCÂMBIO DE FUNCIONÁRIOS DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Kidd e Roughton (1994) realizaram uma pesquisa sobre intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas. A pesquisa foi realizada com diretores de bibliotecas acadêmicas e com funcionários de bibliotecas acadêmicas participantes de intercâmbio em IES do Reino Unido, da Irlanda, dos Estados Unidos e do Canadá. Em relação à perspectiva dos diretores de bibliotecas acadêmicas foram verificadas: as razões para não se fazer intercâmbios, a performance dos intercambistas e os benefícios e desvantagens dos intercâmbios. Em relação aos membros das equipes de bibliotecas participantes de intercâmbios, foram verificadas: as características pessoais, a duração dos intercâmbios, arranjos para os intercâmbios, benefícios profissionais, benefícios pessoais, desvantagens e outras considerações.

Como conclusão, Kidd e Roughton (1994) constataram que os intercâmbios entre pessoal de biblioteca, em geral, não ocorreram sob a orientação de um programa formal, em que trocam empregos e condições de vida por um período relativamente longo. Este tipo de intercâmbio é frequentemente uma exceção e não a regra. Também verificaram que existe um possível ruído na comunicação entre diretores e funcionários. Diretores declaram que não há pessoal interessado em participar de intercâmbios, por outro lado, os funcionários que participaram sentiram que, em grande parte, foi sua iniciativa individual e perseverança que concretizou o intercâmbio. E destacam que ambos os grupos de entrevistados enfatizaram a necessidade de comunicação, apoio institucional e preparação antecipada aos intercâmbios, no sentido de se obter informação e declaração clara sobre os deveres do participante, proporcionando, assim, melhores condições para que o intercâmbio seja útil e gratificante.

Por fim, Kidd e Roughton (1994, p. 295, tradução nossa) entendem que “a internacionalização é uma grande preocupação para muitas universidades e os intercâmbios entre membros das bibliotecas têm aumentado em importância para os participantes e para as suas comunidades acadêmicas”.

Hooper e Shaffer (2019), em estudo de caso na Biblioteca da *Troy University*, no Alabama, EUA, analisaram exemplos de iniciativas de internacionalização como viagens de

intercâmbio de bibliotecários, participações e organizações de eventos, *workshops*, cursos e programas no exterior.

Segundo Hooper e Shaffer (2019), os bibliotecários que participaram de experiências internacionais descobriram uma variedade de resultados positivos e benéficos que os ajudam a desempenhar melhor suas funções. Os bibliotecários que participaram de viagens ao exterior indicaram que se tornaram mais empáticos com as necessidades e desafios dos estudantes internacionais, mais capazes de compreender o que é estar num lugar onde todos falam uma língua diferente e de se colocarem no lugar do outro. O estudo de caso se concentrou em eventos de uma biblioteca acadêmica, e indica que outras bibliotecas podem encontrar maneiras de replicar essas ideias ou desenvolvê-las para atender às necessidades de seus alunos, usuários e instituições.

Embora entendam que cada instituição possa ser diferente, Hooper e Shaffer (2019) apresentam alguns fatores e recomendações a serem considerados ao se implementar um programa de internacionalização em bibliotecas universitárias.

A biblioteca pode desempenhar o papel de líder na comunidade universitária, expondo o seu corpo docente, funcionários e clientes a uma variedade de ideias fora das suas normas culturais habituais. Este papel pode ser alcançado através da utilização de uma série de bolsas e subsídios que estão disponíveis para bibliotecas e bibliotecários, bem como através do uso de fundos de viagens para apoiar os bibliotecários que participam em conferências e seminários, que irão melhorar o seu conhecimento de outras culturas. Fazer isso trará um benefício triplo para os bibliotecários acadêmicos. Primeiro, ao possibilitar que bibliotecários se envolvam com culturas estrangeiras, permitindo-lhes conhecer pessoas de diversas origens internacionais, que pode levar ao desenvolvimento de uma empatia que propicie melhores interações com estudantes internacionais nas bibliotecas nacionais. Tais experiências também podem levar os bibliotecários a procurarem oportunidades para desenvolver uma programação baseada em tópicos internacionais que podem, por sua vez, ajudar os estudantes nacionais de uma universidade a compreenderem melhor outras culturas. Finalmente, após essas experiências, os bibliotecários podem optar por procurar oportunidades que desenvolvam ainda mais as coleções das suas instituições sobre vários temas internacionais (Hooper; Shaffer, 2019, p. 3, tradução nossa).

Em outro trabalho sobre intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas, Somerville *et al.* (2015) descrevem um projeto de um programa de intercâmbio entre equipes de bibliotecas acadêmicas, formalizado numa parceria entre a *University of Linnaeus*, na Suécia, e da *University of Colorado Denver*, nos EUA, com observações comparativas entre as duas bibliotecas. Os resultados trouxeram contribuições em relação às concepções de mundo e pressupostos profissionais tanto dos anfitriões quanto dos visitantes. As reflexões finais sugerem que as IES considerem intercâmbios internacionais para funcionários de bibliotecas, pois as competências culturais desenvolvidas em projetos colaborativos beneficiaram o corpo técnico, docente e estudantil de ambas as instituições de origem.

Somerville *et al* (2015) recomendam, como parte dos processos de internacionalização das IES, o desenvolvimento de programas de intercâmbio entre equipes de bibliotecas acadêmicas, pois entendem que deve-se desenvolver o pessoal da biblioteca para que se crie uma cultura bibliotecária que possa responder a um *campus* e a um mundo internacionalizados.

5.5 POSICIONAMENTO E ATUAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Em pesquisa sobre o posicionamento da biblioteca acadêmica nas instituições, Cox (2018) traz uma discussão da literatura sobre como as bibliotecas acadêmicas têm se adaptado funcional, física, estratégica e organizacionalmente para se posicionarem eficazmente dentro da instituição. O artigo pretendeu oferecer evidências de posicionamento por meio de ação ou planejamento estratégico para orientar os profissionais das bibliotecas acadêmicas diante de um cenário de mudanças contínuas. Para isso, o artigo foi dividido em quatro temas: perspectivas das partes interessadas; estratégias de posicionamento de bibliotecas; posicionamento para o sucesso do aluno; e posicionamento para a produtividade do pesquisador.

Cox (2018, p. 219, tradução nossa) conclui que “as instituições de ensino superior têm passado por mudanças radicais, impulsionadas por uma maior responsabilização, uma concorrência mais forte e uma maior internacionalização”. Assim, “uma posição forte na instituição é vital para qualquer biblioteca acadêmica, afetando o seu reconhecimento, recursos e perspectivas”.

Em artigo que teve como objetivo principal levar a discussão da internacionalização de bibliotecas acadêmicas para além dos EUA e Canadá e investigar uma perspectiva europeia, Bordonaro e Rauchmann (2015) buscaram explorar como a internacionalização é compreendida e vivenciada nas bibliotecas acadêmicas alemãs.

A pesquisa buscou investigar como os bibliotecários acadêmicos norte-americanos e alemães compreendem a internacionalização, como se envolvem, e suas similaridades e diferenças. Verificou-se uma série de semelhanças e diferenças entre as bibliotecas acadêmicas da América do Norte e da Alemanha, com destaque para dois temas abrangentes que foram a internacionalização implícita e o plurilinguismo (Bordonaro; Rauchmann, 2015). Destacam-se alguns resultados da pesquisa:

- A maioria dos participantes observou que as suas bibliotecas incentivam o pessoal do balcão de referência e do balcão de circulação a ter aulas de inglês.

- Os participantes responderam que a internacionalização é uma alta prioridade na sua universidade
- Na Alemanha, tal como na América do Norte, se a internacionalização é um objetivo declarado da administração central da universidade, então as bibliotecas acadêmicas também a veem como parte da sua missão.
- A internacionalização continua a ser um tema de muito interesse no ensino superior e sua exploração continua a fascinar muitos bibliotecários acadêmicos.

Saw, Wai Lui e Yu (2007) realizaram uma pesquisa em que tiveram como objetivo fornecer uma visão geral de como a biblioteca acadêmica de uma IES da Austrália se preparou para as mudanças e desafios do futuro e como se posicionou diante de algumas das grandes tendências e perspectivas previstas para 2020.

Segundo Saw, Wai Lui e Yu (2007, p. 58, tradução nossa), “sob as pressões da globalização e da internacionalização, as atividades dos bibliotecários expandiram-se consideravelmente. A maioria das bibliotecas respondeu a este aumento na educação internacional através de pacotes melhorados de competências de informação”.

5.6 INTERNACIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DE BIBLIOTECAS

Bordonaro (2015) realizou uma pesquisa em que examina o conteúdo, os tipos de materiais, os locais e as políticas de desenvolvimento de coleções de bibliotecas relacionadas à materiais de *ESL* (*English as a Second Language*) (Inglês como Segunda Língua) em bibliotecas de *campi* universitários nos Estados Unidos e no Canadá. Os materiais de *ESL* são definidos como materiais de apoio a alunos adultos que não são falantes nativos de inglês em um ambiente de ensino superior.

Segundo Bordonaro (2015), os estudantes internacionais têm muitos meios para se tornarem alunos de idiomas bem-sucedidos. Um desses poderia ser o aproveitamento de materiais prontamente disponíveis para fins de aprendizagem de línguas em coleções de *ESL* em bibliotecas universitárias. A biblioteca universitária que optar por criar, construir e manter tal coleção pode apoiar potencialmente o sucesso do aprendizado de idiomas de estudantes internacionais no *campus*.

Bordonaro (2015) se refere à realidade de instituições dos EUA e Canadá, que utilizam a língua inglesa, porém a necessidade do estudante internacional de aprender a língua de um país, utilizada na IES anfitriã, pode ser considerada tão importante quanto.

Ainda sobre a realidade dos dois países norte-americanos, de acordo com Bordonaro (2015), a internacionalização é hoje um objetivo comum em muitos planos estratégicos universitários nos Estados Unidos e no Canadá. Porém, em relação à organização de coleções de materiais de ESL, há uma grande estagnação ou inércia nos *campi* universitários. Uma forma de potencialmente mudar essa situação seria uma ênfase na internacionalização como uma prioridade estratégica para muitas universidades na América do Norte.

Em artigo que trata sobre internacionalização relacionada a catalogação de materiais bibliográficos. Riva (2022) destaca que, nas atuais práticas de catalogação, os registros bibliográficos contêm vários elementos dependentes do idioma. Quando os catálogos são configurados em uma única língua, o trabalho de superar a barreira do idioma é confiado ao usuário. No entanto, fornecer acesso através de metadados deveria ser o papel do catálogo. Embora uma abordagem teórica completa aos metadados multilíngues seja ilusória, diversas ações pragmáticas podem ser implementadas para tornar o idioma uma barreira a menos na busca e interpretação de dados bibliográficos. As medidas podem ser aplicadas tanto na criação dos metadados, quanto no ajuste da busca. O controle de autoridade, os arquivos de autoridade vinculados e os vocabulários controlados têm um papel importante a desempenhar nesse sentido.

Hammond (2009) entende que ainda há muito o que se pensar para se estabelecer melhores práticas para catálogos bilíngues ou multilíngues. Existem vários idiomas de catalogação e o sistema que deveria estar fazendo o trabalho para a recuperação, não o usuário. São necessárias abordagens pragmáticas que levem em conta a relação custo-eficácia, que tirem o máximo benefício dos dados existentes. Uma abordagem robusta terá de combinar várias estratégias, compensando a falta de metadados e recorrendo a mecanismos alternativos.

5.7 CAMPI FILIAIS INTERNACIONAIS

Salaz *et al.* (2016) apresentam, em seu artigo, relatos e considerações de atuação bibliotecária em três bibliotecas de *campi* filiais internacionais, de instituições dos EUA na China (Hong Kong), nos Emirados Árabes Unidos (Abu Dhabi) e no Catar. São descritas experiências relacionadas a desafios e oportunidades que encontraram na gestão, competências e desenvolvimento profissional, e serviços de instruções aos usuários.

De acordo com Salaz *et al.* (2016), com o crescente número de parcerias interuniversitárias internacionais, intercâmbios, programas de graduação e *campi* filiais internacionais, estabelecidos pelas universidades dos EUA, os bibliotecários acadêmicos estão cada vez mais propensos a se envolverem no apoio a programas internacionais e transfronteiriços.

A transnacionalização educacional está afetando a vida profissional e a prática profissional dos bibliotecários dos EUA. À medida que as instituições de ensino superior dos EUA dão passos maiores e mais rápidos para se ampliarem e globalizarem, é essencial incorporar esta tendência no planejamento da profissão e buscar formas para os bibliotecários acompanharem as mudanças (Salaz *et al.*, 2016).

Clause (2015) apresenta um artigo com suas impressões, como bibliotecária, sobre a experiência de trabalhar numa biblioteca acadêmica da *Northwestern University* (NU) em *campus* filial internacional no Catar, a *Northwestern University in Qatar* (NU-Q) e faz considerações gerais sobre bibliotecas acadêmicas, globalização e internacionalização.

Não é possível que todos tenham a fantástica oportunidade de viver num país muito diferente e de trabalhar com uma clientela pequena e diversificada. Mas existem milhares de outras formas de envolvimento global envolvendo bibliotecários de todo o mundo através das quais todos podemos aprender. A consciência global pode ser aumentada no conforto de onde quer que lemos e as perspectivas internacionais podem ser aplicadas onde quer que trabalhemos. É certo que nos beneficiaremos de uma consciência global mais ampla e, idealmente, os benefícios estender-se-ão àqueles que servimos (Clause, 2015, p. 392, tradução nossa).

Segundo Clause (2015, p. 390, tradução nossa), “a internacionalização prepara os indivíduos para o sucesso num mundo e numa sociedade cada vez mais interdependentes. Isto é verdade para estudantes e professores, e também para bibliotecários”. Porém, Clause (2015) aponta, assim como outros autores destacaram, que:

Relatórios e outros recursos sobre a internacionalização do ensino superior nos EUA quase ou raramente mencionam bibliotecas, muito menos serviços de biblioteca ou desenvolvimento de competências para a busca por informação. Sem uma revisão abrangente da literatura, é impossível fornecer evidências exatas de quão pouco frequente é a menção às bibliotecas e à experiência dos bibliotecários (Clause, 2015, p. 391, tradução nossa).

Portanto, Clause (2015, p. 391, tradução nossa) entende que “cabe aos administradores de bibliotecas acadêmicas e aos bibliotecários demonstrarem que existem papéis vitais para as bibliotecas à medida que o engajamento da empreitada global avança”. E indica, assim como outros autores, o papel histórico das bibliotecas nesse contexto:

As bibliotecas podem divulgar tanto a sua história como as suas atividades atuais para garantir-lhes um lugar na mesa de planejamento. Durante décadas, se não durante séculos, as bibliotecas adquiriram materiais de editoras estrangeiras para satisfazer a procura local. As bibliotecas também têm um sólido histórico de apoio a estudantes no exterior com acesso remoto a recursos do *campus* de origem, por meio do suporte ao alcance de documentos e outros meios. Da mesma forma com o apoio fornecido por bibliotecas a pesquisadores que chegam do exterior. Podemos reforçar esses esforços e envolvimento durante o atual impulso rumo à globalização do ensino superior. Sem dúvida, a participação ativa permite que os bibliotecários se tornem mais conscientes dos contextos e operações das bibliotecas que servem estudantes de outros países (Clause, 2015, p. 391, tradução nossa).

Para Clause (2015, p. 391, tradução nossa) “a razão pela qual as bibliotecas e os bibliotecários devem participar na tendência da globalização, envolver-se internacionalmente e ganhar a exposição de bibliotecas acadêmicas e de suas instituições-mãe em todo o mundo merece ser explorada”. Devemos questionar quais são os benefícios da internacionalização para os bibliotecários e para os usuários, com o foco voltado para as pessoas que trabalham nessas bibliotecas, nos serviços que prestam e a quem os prestam (Clause, 2015).

5.8 DESENVOLVIMENTO INTERCULTURAL E MULTICULTURAL

Wang e Franck (2002), em artigo em que examinam as diferenças culturais no atendimento a estudantes e acadêmicos internacionais por bibliotecas acadêmicas em *campi* nos Estados Unidos, focam nos processos e estilos de comunicação e recomendam formas de acomodar as diferenças interculturais nos serviços de informação. O artigo inclui uma pesquisa de literatura e baseia-se nos resultados de uma série de estudos com grupos focais realizados na Universidade de Harvard, no Instituto de Tecnologia da Geórgia, na Universidade Estadual de Portland e com grupo participante de uma das conferências anuais da *American Library Association* (ALA).

As recomendações de Wang e Franck (2002) destinam-se a auxiliar os bibliotecários acadêmicos nos esforços para fornecer serviços de informação eficazes para estudantes internacionais, considerando diferentes culturas à medida que programas e serviços são desenvolvidos e implementados.

A comunicação entre culturas é essencial e deve ser uma prioridade para os bibliotecários acadêmicos que prestam serviços de informação a estudantes internacionais. A literatura de biblioteconomia acadêmica não foca em questões de comunicação e comunicação intercultural. Comunicar eficazmente entre culturas é uma prioridade nas bibliotecas acadêmicas, para que os estudantes internacionais tenham maior sucesso acadêmico. São necessárias mais pesquisas sobre questões relacionadas à comunicação com estudantes internacionais em bibliotecas acadêmicas. Os

bibliotecários devem se familiarizar mais com as realidades das diferentes culturas e estilos de comunicação, para integrar ideias e perspectivas inovadoras em programas e serviços de informação. A relevância das bibliotecas acadêmicas depende da capacidade dos bibliotecários se integrarem eficazmente ao ensino e à pesquisa das IES. Os bibliotecários acadêmicos devem ser capazes de identificar e trabalhar com questões específicas relacionadas à informação associadas aos estudantes internacionais (Wang; Franck, 2002).

As bibliotecas acadêmicas são organizações que existem no contexto de culturas específicas que são moldadas e, até certo ponto, governadas por vários pressupostos subjacentes. Bibliotecas e bibliotecários desenvolvem e implementam serviços que são influenciados por pressupostos específicos com base cultural e intelectual (Wang; Franck, 2002, p. 209, tradução nossa).

Segundo Wang e Franck (2002, p. 210, tradução nossa), “os serviços de informação em bibliotecas que são sensíveis e abrangem diferenças nos estilos de comunicação, influenciados culturalmente, têm maior probabilidade de responder às necessidades e interesses de informação dos estudantes internacionais”.

Os bibliotecários acadêmicos estão trabalhando e colaborando com estudantes de diferentes culturas. Esses alunos veem os bibliotecários por diferentes perspectivas, que são moldadas e influenciadas por diferenças culturais fundamentais. À medida que os profissionais da informação se tornam mais conscientes das várias diferenças culturais, bem como do impacto relativo destas diferenças nas comunicações interculturais, tornam-se ouvintes e comunicadores mais eficazes, capazes de ter empatia e compreender. Desta forma, os serviços de informação tornam-se mais receptivos às necessidades dos estudantes internacionais (Wang; Franck, 2002, p. 210, tradução nossa).

De acordo com Wang e Franck (2002, p. 210, tradução nossa) “apesar das diferenças culturais, os estudantes internacionais geralmente partilham problemas comuns, incluindo barreiras linguísticas, ansiedades de desempenho, solidão, saudades de casa e dificuldades financeiras”. Assim, são constantemente desafiados a se ajustarem às novas condições de ambientes acadêmicos e sociais.

As barreiras linguísticas constituem um problema significativo para os estudantes internacionais. [...] criam problemas de comunicação, afetando a capacidade dos alunos de se comunicarem eficazmente com bibliotecários acadêmicos e outros membros da academia. Os alunos ficam frustrados, o que afeta sua capacidade de sucesso. [...] É provável que os estudantes internacionais experimentem algum grau de “choque cultural” no seu primeiro ano de adaptação à vida e aos estudos num novo ambiente. As tensões psicológicas e físicas decorrentes das diferenças culturais e das pressões para se adaptar ou se conformar a uma cultura desconhecida podem ser avassaladoras. Os alunos precisam de apoio e aconselhamento para desenvolverem suas competências. Os bibliotecários acadêmicos podem ser importantes orientadores e conselheiros, ajudando os estudantes internacionais a obterem informações de valor agregado necessárias e a ter sucesso acadêmico (Wang; Franck, 2002, p. 211, tradução nossa).

Os estudantes internacionais têm se constituído como um grupo cada vez mais significativo nos *campi*. Sendo assim, de acordo com Wang e Franck (2002, p. 215, tradução nossa), “os bibliotecários acadêmicos devem ser capazes de identificar e trabalhar com questões específicas relacionadas à informação associadas aos estudantes internacionais”. Pois entendem que, “se os bibliotecários não o fizerem, os estudantes recorrerão a outras fontes de informação e a outros fornecedores de informação”.

Serviços de informação eficazes são customizados e personalizados de acordo com as necessidades específicas de estudantes, acadêmicos e administradores. As necessidades específicas dos estudantes internacionais devem ser incluídas neste ‘mix’ personalizado de serviços. Os estudantes internacionais acrescentam uma vitalidade social e intelectual especial aos nossos *campi*. À medida que trabalhamos e colaboramos com estes estudantes, fornecendo assistência, aconselhamento e informação de valor agregado, aprendemos e crescemos como bibliotecários e, no processo, as nossas bibliotecas tornam-se mais relevantes (Wang; Franck, 2002, p. 215, tradução nossa).

Nesse sentido, Bordonaro (2020), em artigo que relata a realização de um evento promovido por uma biblioteca acadêmica com estudantes internacionais em uma IES no Canadá, explica que a biblioteca acadêmica pode ser apresentada como um ambiente amigável no qual pessoas de diferentes culturas podem se conectar pessoalmente. Por meio de um evento pode-se demonstrar o apoio da biblioteca à educação internacional. O ambiente amigável da biblioteca pode proporcionar aos participantes a oportunidade de praticar a conversação em inglês de forma mais descontraída.

O foco nas melhores práticas parece reforçar a ideia de que prestar serviços a estudantes internacionais é de suma importância para os bibliotecários e que estudar a melhor forma de fazê-lo bem serve à profissão. Pode estar implícito nesse entendimento que as barreiras ao bom serviço devem ser superadas. Embora isso possa ser verdade, gostaria de sugerir que, considerar como os estudantes internacionais podem nos ajudar a nos tornarmos melhores bibliotecários, também pode ser um caminho útil como questão de pesquisas futuras (Bordonaro, 2020, p. 106, tradução nossa).

Bordonaro (2020) relata que a experiência foi uma forma de explorar os aspectos positivos do trabalho bibliotecário com estudantes internacionais.

Reestruturar o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais pode levar ao reconhecimento e à valorização da importância da inclusão, da diversidade, do interculturalismo, do multiculturalismo e da internacionalização em casa, no *campus* universitário. Ao posicionar a biblioteca para funcionar como uma encruzilhada intelectual onde estes valores são reconhecidos, realçados e promovidos, os bibliotecários demonstram o importante papel que as bibliotecas podem desempenhar na construção do conhecimento internacional. Organizar um evento [...] pode ser uma boa maneira de começar a pensar sobre esses temas e o bem maior que eles podem trazer para uma biblioteca acadêmica (Bordonaro, 2020, p. 106, tradução nossa).

Para Bordonaro (2020), um evento de Biblioteca pode se enquadrar em uma gama de serviços de biblioteca oferecidos a estudantes internacionais como oficinas de orientação, vídeos de boas-vindas em diferentes idiomas e o desenvolvimento de coleções em língua estrangeira.

5.9 O PAPEL, A PRÁTICA E *FRAMEWORKS* DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO *CAMPUS*

Ramos-Eclevia (2023) realizou um estudo com o objetivo de examinar a percepção sobre o papel das bibliotecas acadêmicas e suas contribuições para a internacionalização do ensino superior e identificar os serviços de biblioteca disponíveis para estudantes e professores internacionais nas bibliotecas de IES das Filipinas, e indica que sua pesquisa é de interesse para administradores de bibliotecas e IES interessados em desenvolver ou expandir atividades de internacionalização.

A pesquisa, aplicada pela internet à gestores de bibliotecas acadêmicas de IES das Filipinas, buscou verificar as diferentes atividades e práticas de internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Os resultados do estudo revelam que as bibliotecas acadêmicas: apoiam as necessidades de ensino, aprendizagem e investigação de estudantes e docentes internacionais; fornecem instrução bibliográfica para que estudantes internacionais adquiram competências informacionais; e promovem os objetivos e as razões das atividades de internacionalização da instituição. As implicações práticas podem beneficiar os gestores de bibliotecas, ao aprofundar a compreensão dos gestores sobre o papel das bibliotecas na internacionalização do ensino superior filipino.

As atividades de internacionalização foram agrupadas em cinco categorias: apoio organizacional e administrativo; parcerias internacionais, vínculos e cooperação; desenvolvimento de pessoal e recursos humanos; pesquisa; e acervo de bibliotecas. Verificou-se que os principais responsáveis pelo planejamento e implementação de atividades de internacionalização nas bibliotecas acadêmicas nas Filipinas são os bibliotecários-chefes, diretores ou bibliotecários universitários, e o Conselho de Bibliotecas, o Gabinete de Internacionalização e o Gabinete de Garantia de Qualidade também ajudam a gerir, rever e monitorizar os esforços de internacionalização de bibliotecas (Ramos-Eclevia, 2023).

Sobre os benefícios de internacionalizar as bibliotecas acadêmicas, Ramos-Eclevia (2023) explica que:

Quase todos os entrevistados relataram que a internacionalização fortalece a capacidade institucional da universidade para pesquisa e geração de conhecimento. Os gestores de bibliotecas neste estudo também acreditam que a internacionalização proporciona um melhor apoio às atividades acadêmicas para além das fronteiras tradicionais das bibliotecas e ajuda o pessoal da biblioteca a compreender melhor os ambientes educativos multiculturais (Ramos-Eclevia, 2023, p. 144, tradução nossa).

Os resultados indicam que as bibliotecas acadêmicas pesquisadas desempenham vários papéis na internacionalização do ensino superior filipino e as suas funções foram incorporadas nos planos estratégicos institucionais. Contudo, alguns administradores seniores não acreditam que a biblioteca também possa ser parceira na internacionalização do *campus*. As bibliotecas acadêmicas neste estudo oferecem vários serviços para estudantes internacionais e se envolvem em diversas atividades de internacionalização. Apesar de a maioria das bibliotecas acadêmicas nesta pesquisa não oferecerem um ambiente bilíngue para estudantes internacionais e de os entrevistados relatarem que o ensino do idioma não é frequente para estudantes internacionais, verificou-se que as bibliotecas acadêmicas filipinas fornecem recursos para facilitar o aprendizado de outros idiomas e organizam atividades para estudantes e professores aprenderem outros idiomas. Os gestores de bibliotecas acadêmicas filipinas enfrentam desafios em relação ao planejamento, implementação e gerenciamento de atividades de internacionalização. No geral, os resultados são consistentes com os resultados da revisão da literatura, os gestores respondem positivamente à internacionalização universitária, desenvolvendo novos serviços inovadores, aumentando o envolvimento internacional e reconhecendo seu papel na internacionalização das universidades. O estudo fornece dados básicos sobre o status da internacionalização nas bibliotecas acadêmicas filipinas e oferece oportunidades para mais pesquisas e diálogo sobre as contribuições das bibliotecas para a internacionalização do ensino superior (Ramos-Eclevia, 2023).

Com base na revisão da literatura e nos resultados do estudo, Ramos-Eclevia (2023) conclui que as bibliotecas acadêmicas apoiam e contribuem para os esforços de internacionalização das suas instituições de diversas formas. Assim, recomenda estudos sobre como articular essas iniciativas para que as bibliotecas possam contribuir, sugerindo a utilização de um *framework*, para o desenvolvimento da internacionalização de acordo com as políticas, necessidades e processos de internacionalização das IES.

Uma implicação teórica significativa deste estudo seria realizar uma análise qualitativa das experiências e contribuições dos bibliotecários de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização nas principais universidades do país, a fim de desenvolver um *framework* para enfrentar alguns dos desafios que possam surgir (Ramos-Eclevia, 2023, p. 147, tradução nossa).

As conclusões do estudo, segundo Ramos-Eclevia (2023), podem beneficiar a profissão e os gestores de bibliotecas, aumentando a sua consciência sobre o papel das bibliotecas na internacionalização do ensino superior filipino.

No mundo digital de hoje, as bibliotecas acadêmicas devem assumir um papel ativo na agenda de internacionalização das instituições de ensino superior. Isto pode exigir mudanças nas prioridades e políticas das bibliotecas e um elevado nível de compromisso para responder às necessidades dos estudantes internacionais e garantir que as atividades de internacionalização das bibliotecas estejam alinhadas com o plano de internacionalização da instituição. [...] os gestores de bibliotecas devem estar conscientes do plano estratégico de internacionalização, que lhes permitirá desenvolver serviços e atividades específicas e institucionalmente alinhadas (Ramos-Eclevia, 2023, p. 147, tradução nossa).

Segundo Ramos-Eclevia (2023), as bibliotecas acadêmicas possuem equipes limitadas para gerenciar serviços e programas especializados para estudantes internacionais. Sendo assim, os administradores escolares devem considerar o recrutamento de bibliotecários adicionais com competências necessárias para um local de trabalho globalizado, tais como: competência digital; competência cultural; gestão de informação digital; e competências para a colaboração e gestão de mudanças. Pois entende que o sucesso das atividades e dos serviços internacionais depende muito do pessoal que os presta.

Em pesquisa direcionada para associações internacionais de bibliotecas e suas afiliadas que atendem bibliotecas acadêmicas e de pesquisa em todo o mundo, Smith (2016) explora três aspectos sobre internacionalização e bibliotecas acadêmicas: (1) iniciativas colaborativas internacionais anteriores; (2) o nível de interesse numa maior colaboração e/ou partilha de melhores práticas a nível internacional; e (3) recompensas e barreiras percebidas no envolvimento internacional.

De acordo com Smith (2016), os respondentes concordaram que suas associações e grupos demonstram muito interesse em colaborar e partilhar as melhores práticas. O maior nível de interesse foi em competências, práticas de treinamento, planeamento estratégico, recursos de treinamento e desenvolvimento de pessoal. Os participantes demonstraram forte interesse em se conectarem sobre tópicos relacionados à reformulação, e a repensar e cultivar uma força de trabalho que seja ágil e responsiva às prioridades e mudanças. Os participantes na discussão do grupo focal do estudo também expressaram uma necessidade clara de maiores ligações a nível internacional, além de um grande interesse em melhor entender e apoiar as necessidades de treinamento.

Smith (2016) conclui que as bibliotecas acadêmicas enfrentam desafios difíceis e se beneficiariam de uma comunidade internacional voltada para a prática, composta por

profissionais responsáveis por dirigir e gerir a mudança por meio da formação e desenvolvimento nas suas bibliotecas. O estudo indica oportunidades para futuras pesquisas nesse sentido e sugere um diálogo sobre locais apropriados para a formação de uma comunidade voltada para a prática.

Em pesquisa realizada por meio de uma revisão de literatura em que se buscou examinar ferramentas de avaliação e tendências atuais no ensino superior e nas bibliotecas acadêmicas relacionados com a internacionalização, Cooper, Kutner e Witt (2015) fornecem ideias para *frameworks* e práticas de avaliação que permitam as bibliotecas acadêmicas a avaliarem o que está sendo feito nos seus *campi* em relação à internacionalização quanto às metas, objetivos, prioridades e culturas da sua própria instituição.

Segundo Cooper, Kutner e Witt (2015), as bibliotecas têm se envolvido em atividades relacionadas à internacionalização de diversas maneiras e essas atividades têm aumentado nos últimos anos. Na maioria das bibliotecas, porém, não existe nenhuma pessoa ou unidade específica que supervisione ou coordene essas atividades. Além disso, raramente se menciona, no planejamento estratégico e nos documentos administrativos das bibliotecas, meios de contribuir para a internacionalização do *campus*.

Trabalhar de forma mais coordenada e utilizar a avaliação para medir o trabalho e o impacto são ferramentas que podem ajudar as bibliotecas a serem mais eficazes. À medida que a profissão bibliotecária avança de forma assertiva no sentido de articular o valor que as bibliotecas trazem para as suas instituições, é chegado o momento de desenvolver ainda mais a avaliação das atividades de internacionalização (Cooper; Kutner; Witt, 2015, p. 53, tradução nossa).

Com base na revisão de literatura são apresentadas recomendações de elementos a serem incluídos num conjunto de atividades para que se tenha uma avaliação eficaz em esforços relacionados com a internacionalização em bibliotecas acadêmicas. Essas recomendações baseiam-se na ideia de vincular os esforços da biblioteca a missão e objetivos estratégicos mais amplos do *campus* (Cooper; Kutner; Witt, 2015).

O objetivo desta discussão foi revisar a literatura a fim de considerar as melhores práticas para avaliar as contribuições das bibliotecas para a internacionalização do *campus*. Com base na literatura, foram feitas recomendações sobre princípios a serem incorporados no desenvolvimento de uma ferramenta de avaliação eficaz para medir esses esforços. Embora tenha estado além do escopo da presente discussão desenvolver um protótipo de ferramenta de avaliação para medir as contribuições das bibliotecas para a internacionalização do *campus*, a esperança é que, com uma discussão futura e mais ampla das recomendações apresentadas, possamos desenvolver uma ferramenta significativa e útil para as bibliotecas elucidarem, dentro dos seus próprios contextos institucionais, o que estão fazendo bem, o que poderiam melhorar e qual o valor das suas atividades para as suas instituições-mãe. À medida que a comunidade bibliotecária acadêmica avança na avaliação de suas contribuições internacionais para a internacionalização do *campus*, cabe a nós encorajarmos nossas

associações [...] a colaborarem com ferramentas e protocolos de avaliação para garantir que as contribuições da biblioteca para a internacionalização do *campus* sejam incluídas em futuras avaliações e pesquisas sobre a internacionalização do ensino superior (Cooper; Kutner; Witt, 2015, p. 53, tradução nossa).

Cooper, Kutner e Witt (2015) levantam algumas questões que consideram necessárias:

À medida que as bibliotecas acadêmicas se debatem com questões sobre como integrar estrategicamente a internacionalização nas suas missões, planos estratégicos e trabalho, há necessidade de uma compreensão mais ampla de como medir adequadamente a extensão das atividades atuais, compreender as necessidades e desenvolver estratégias de internacionalização. A fim de determinar melhor o âmbito das contribuições das bibliotecas para a internacionalização, as principais questões a serem abordadas incluem: Como as bibliotecas podem apoiar eficientemente o crescimento em áreas internacionais? Como as bibliotecas podem medir o seu nível de atividade e saber quando alcançaram sucesso? Como as bibliotecas podem demonstrar suas contribuições aos colegas do *campus*? (Cooper; Kutner; Witt, 2015, p. 49, tradução nossa).

Cooper, Kutner e Witt (2015) sugerem que as instituições precisam desenvolver melhores medidas da qualidade e do impacto das atividades curriculares e extracurriculares que apoiam a internacionalização:

Esta necessidade de planejar e avaliar a atividade de internacionalização a vários níveis (biblioteca, *campus*, nacional) apresenta uma oportunidade para bibliotecas e instituições aprenderem umas com as outras e trabalharem em conjunto para estabelecerem *frameworks* de avaliação (Cooper; Kutner; Witt, 2015, p. 49, tradução nossa).

O artigo examina a literatura que se concentra na avaliação de atividades de *campi* internacionais e nas tendências na avaliação de bibliotecas acadêmicas. A intenção, segundo Cooper, Kutner e Witt (2015, p. 50, tradução nossa), foi “[...] fornecer ideias para *frameworks* e práticas de avaliação que permitam às bibliotecas acadêmicas avaliar o que estão fazendo nos seus *campi* quanto à internacionalização relacionada às metas, objetivos, prioridades e culturas da própria instituição”.

[...] recentes iniciativas nacionais das principais organizações bibliotecárias dos EUA demonstram a importância, nas bibliotecas de hoje, de vincular a avaliação da biblioteca aos objetivos, missão e resultados da instituição-mãe. Portanto, ao pensar em avaliar a atividade de internacionalização em bibliotecas, é primeiro necessário determinar a extensão e a importância da internacionalização na organização-mãe de uma biblioteca. A internacionalização está refletida nos valores ou nas declarações de missão, nos planos estratégicos ou nos documentos institucionais da instituição-mãe? Se não, onde “mora” a internacionalização na instituição e onde está a internacionalização como prioridade do *campus* ou do departamento do *campus*? É importante garantir que os esforços da biblioteca no sentido da internacionalização complementem e apoiem o trabalho da instituição. Da mesma forma, antes de se envolverem na avaliação relacionada com a internacionalização, as bibliotecas devem considerar como a sua instituição-mãe irá medir o seu sucesso relacionado com a internacionalização e como a biblioteca pode contribuir e/ou espelhar essas atividades de avaliação no seu próprio trabalho (Cooper; Kutner; Witt, 2015, p. 51, 52, tradução nossa).

Cooper, Kutner e Witt (2015) explicam que, depois de a biblioteca ter investigado os objetivos do *campus*, o trabalho atual e as necessidades de avaliação em torno da internacionalização, ela pode começar a elaborar os seus próprios objetivos, atividades de trabalho e avaliação em torno das suas contribuições para a internacionalização do *campus*. Os autores indicam ferramentas como a “*Academic Library Value: The Impact Starter Kit*”, de Megan Oakleaf, uma apostila com mais de 50 atividades que ajudam as bibliotecas a refletirem sobre seu trabalho e como ele se alinha com sua instituição-mãe, e o “*ACE Mapping Internationalization Assessment Tool*”, que podem ser úteis para as bibliotecas como forma de avaliar o nível de atividade de internacionalização da sua instituição-mãe, ajudando as bibliotecas a determinarem as prioridades institucionais e depois se alinharem com elas.

Becker (2006a) realizou um estudo em que revisou pesquisas relacionadas às mudanças provocadas pela globalização nas bibliotecas acadêmicas australianas. Foram analisados o papel dos bibliotecários acadêmicos na internacionalização e as medidas adotadas para melhorar as atividades bibliotecárias, instrucionais e de serviços nesse sentido. Verificou-se na revisão de literatura a abordagem de temas como: bibliotecas acadêmicas e bibliotecários; bibliotecários e mudança de funções; bibliotecários como agentes de mudança; garantia da qualidade; ensino, aprendizagem e competência informacional; educação a distância; colaboração internacional; mobilidade profissional; e desenvolvimento de coleções.

Segundo Becker (2006a), claramente, os bibliotecários acadêmicos estão assumindo papéis políticos centrais em questões de garantia da qualidade e competência informacional para fins de ensino e aprendizagem, enquanto outros são particularmente ativos na oferta de educação a distância (Becker, 2006a).

De acordo com Becker (2006a), seu estudo explorou a literatura sobre bibliotecas acadêmicas para determinar as pressões da globalização e da internacionalização que impulsionam a mudança dos bibliotecários e suas organizações profissionais, e as adaptações institucionais adotadas por bibliotecários acadêmicos para internacionalizar seu ambiente. A revisão da literatura levou aos seguintes questionamentos para pesquisa:

- Qual é hoje o papel dos bibliotecários universitários da Austrália na educação internacional?
- Quais elementos da globalização moldam as suas atividades institucionais?
- Que atividades os bibliotecários realizam especificamente para internacionalizar as suas perspectivas e vidas profissionais?

Em outro artigo, publicado no mesmo ano, Becker (2006b) apresenta uma visão geral sobre atividades e estratégias de internacionalização em bibliotecas acadêmicas australianas, buscando verificar como o processo de mudança na educação superior da Austrália, decorrente da globalização, transformou a prática das bibliotecas em universidades australianas para incluir a internacionalização no contexto da biblioteca, da universidade e da educação superior.

A questão primária de pesquisa foi entender qual o papel dos bibliotecários acadêmicos australianos na internacionalização do ensino superior. Para responder a essa pergunta, um questionário foi enviado por *e-mail* para 36 diretores de bibliotecas universitárias, membros do Conselho de Bibliotecários Acadêmicos Australianos (*Council of Australian University Librarians* – CAUL) (Becker, 2006b).

Primeiro, buscou-se examinar as atividades e práticas dos bibliotecários para determinar como essas práticas contribuem para a internacionalização nas universidades australianas e para explorar o que constitui a melhor prática de internacionalização para os bibliotecários. Em segundo, buscou-se reunir evidências de padrões de comportamento que pudessem, em última análise, serem utilizadas estrategicamente para internacionalizar bibliotecas em outras instituições de ensino superior. A pesquisa foi desenhada para examinar os padrões de comportamento dos indivíduos e das mudanças institucionais (Becker, 2006b).

Segundo Becker (2006b), para se compreender a necessidade de internacionalização no ensino superior, deve haver um reconhecimento de que as pressões da globalização têm transformado os sistemas nacionais de ensino superior para se tornarem eficazes nos mercados educativos internacionais. As mudanças mais rápidas foram conseguidas por governos que centralizaram o controle dos seus sistemas educativos. O governo da Austrália, a partir de 1987, optou por mudar radicalmente o seu sistema de ensino superior para torná-lo competitivo no mercado global. Com isso, as diretivas governamentais começaram a impor mudanças que transformaram todo o panorama educativo, levando a um único modelo, o de universidades empreendedoras.

De acordo com Becker (2006b), apesar da necessidade, o ensino superior geralmente faz pouco para encorajar ou recompensar a compreensão internacional e o intercâmbio acadêmico para bibliotecários e outros profissionais. Nem todos os bibliotecários são treinados para trabalhar no ambiente global em expansão do ensino superior. Portanto, cabe aos próprios bibliotecários mudarem os procedimentos da biblioteca. Os bibliotecários terão que ampliar a sua própria perspectiva para uma visão global inclusiva e culturalmente competente. A prática da biblioteca institucional também deve tornar-se internacionalizada em consonância com as missões universitárias e os bibliotecários terão de se tornar parte integrante do planejamento

estratégico e da implementação de políticas e programas universitários, a fim de mostrar a centralidade das bibliotecas na consecução dos objetivos universitários.

Os resultados revelaram padrões de liderança e envolvimento em atividades universitárias que podem ser utilizados de forma prática e estratégica por outros bibliotecários que pretendam internacionalizar suas instituições. Com base nas informações coletadas, duas bibliotecas foram identificadas como as que apresentaram melhores práticas de internacionalização (Becker, 2006b).

Becker (2006c), em um terceiro artigo no mesmo ano, examina, em função da globalização, o papel dos bibliotecários na internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES australianas. São analisadas práticas adotadas e formas de atuação dos bibliotecários. A pesquisa baseia-se no estudo de caso de duas bibliotecas acadêmicas australianas nas quais se verificou um padrão bem-sucedido de internacionalização. Foram realizadas entrevistas em que se buscou obter uma melhor compreensão das práticas e perspectivas dos bibliotecários dessas duas instituições, relacionadas diretamente com atividades internacionais. Por fim, é apresentada uma discussão sobre o tema e são oferecidas recomendações para a prática e pesquisas futuras.

De acordo com Becker (2006c), sua pesquisa pode eventualmente ser utilizada para internacionalizar a prática e trazer uma perspectiva mais ampla para os bibliotecários em relação ao funcionamento da universidade. Os padrões descobertos no estudo, aplicados pelos bibliotecários, podem gerar mudanças operacionais. Confirma-se que as universidades australianas pesquisadas no estudo de casos, como resposta às forças da globalização, tornaram-se instituições empreendedoras. Constata-se, também, que os bibliotecários que têm altos níveis de participação no planejamento estratégico universitário são mais bem-sucedidos em fazer parte do processo de mudança. Ao trabalharem junto a comitês e conselhos, tornam-se parceiros respeitados no desenvolvimento de programas e estratégias de mudança para formar modelos de internacionalização bem-sucedidos.

O estudo buscou responder qual o papel dos bibliotecários acadêmicos australianos na internacionalização do ensino superior e fornece informações sobre as estratégias empregadas pelos bibliotecários australianos para ganhar experiência e perspectiva internacional e para internacionalizar suas práticas tanto na biblioteca universitária quanto no ensino superior em geral. Também fornece formas de identificar e descrever a prática de internacionalização para bibliotecários e demonstra como essa prática é uma resposta às mudanças trazidas pela globalização (Becker, 2006c).

Becker (2006c) resume os padrões verificados que têm maior probabilidade de levar à prática e a perspectivas de internacionalização nos seguintes tópicos:

- Os bibliotecários são proponentes proativos das atividades internacionais.
- A biblioteca ou universidade estabelece um orçamento estável para a prática internacional.
- Os bibliotecários envolvem-se no planeamento estratégico.
- A liderança da biblioteca é consistente.
- O tempo gasto em tarefas de internacionalização aumenta a probabilidade de sucesso.

Por fim, Becker (2006c) também indica, entre várias atitudes relacionadas aos bibliotecários para contribuírem para a internacionalização das IES, a possibilidade da utilização de um *framework* estratégico para o planeamento da biblioteca com base no planeamento estratégico de suas IES.

5.10 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura possibilitou verificar uma variedade de informações específicas sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior. Como se viu, as informações e descobertas dos autores, por meio de seus estudos, convergem para pontos em comum que reforçam suas constatações e corroboram com os resultados obtidos na análise bibliométrica e na revisão sistemática desta pesquisa. Constata-se também a indicação de recomendações para o desenvolvimento de estudos sobre o tema, com formato e métodos que foram adotados neste projeto de pesquisa, como a revisão de literatura e a revisão sistemática, com destaque para o desenvolvimento e utilização de *frameworks* ou modelos que indiquem boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Foram verificados temas e abordadas como: levantamento de pesquisas sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização; contribuições da biblioteca acadêmica para a internacionalização do *campus*; atendimento a estudantes e acadêmicos internacionais; mobilidade e intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas; posicionamento e atuação de bibliotecas acadêmicas; formação de bibliotecários; internacionalização e desenvolvimento de coleções de bibliotecas; *campi* filiais internacionais; desenvolvimento intercultural e multicultural; realização de eventos; parcerias, cooperações e

acordos; o papel, a prática e propostas de *frameworks* de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do *campus*; entre outras abordagens de pesquisa voltadas para uma melhor compreensão e para o desenvolvimento da dimensão internacional das bibliotecas acadêmicas. A seguir, na revisão sistemática, são verificados os países foco das pesquisas, os principais assuntos tratados; as metodologias utilizadas, e são identificados trabalhos que trazem contribuições com recomendações ou exemplos de práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas

6 REVISÃO SISTEMÁTICA

Na revisão sistemática, com base nos 37 artigos selecionados, apresenta-se primeiramente uma revisão da literatura. Em seguida, foram verificados e organizados por tópicos: os países foco das pesquisas; os principais assuntos/temas referentes a bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior; e as metodologias utilizadas. E, por fim, foram identificados vinte e quatro (24) trabalhos com recomendações e/ou exemplos adotados de estratégias, medidas, ações e práticas de internacionalização em bibliotecas acadêmicas.

A seguir, foram verificados e organizados por tópicos: os países foco das pesquisas; os principais assuntos/temas referentes a bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior; e as metodologias utilizadas.

6.1 PAÍSES FOCO DAS PESQUISAS

A seguir, apresenta-se a relação de países em que os estudos se focaram, por ordem de quantitativo de trabalhos relacionados (Quadro 25).

Quadro 25 – Países foco das pesquisas

Países foco das pesquisas	Qtd.
Estados Unidos da América	14
Sem foco em país específico	8
Austrália	7
Canadá	5
Reino Unido	2
Irlanda	2
Catar	2
China	1
China (Hong Kong)	1
Países asiáticos	1
Japão	1
Brasil	1
Suécia	1
Filipinas	1
Espanha	1
México	1
Alemanha	1
Emirados Árabes Unidos	1

Fonte: dados da pesquisa

Foram identificados, conforme relacionados, quinze (15) países como foco específico das pesquisas, sendo que algumas pesquisas tiveram foco em mais de um país.

6.2 TEMAS E ASSUNTOS ABORDADOS

Foram considerados apenas os principais temas dos trabalhos. Para alguns trabalhos foram considerados mais de um assunto ou tema identificados como principais. A seguir, apresentam-se os temas e assuntos organizados por tópicos e a quantidade de trabalhos relacionados.

Sobre o tema relacionado a estudantes e acadêmicos internacionais, foram identificados treze (13) trabalhos, com os assuntos relacionados conforme o Quadro 26.

Quadro 26 – Estudantes acadêmicos internacionais

Estudantes e acadêmicos internacionais	13
Serviços de bibliotecas no atendimento a estudantes internacionais	3
Necessidades informacionais do estudante internacional de pós-graduação	1
Estudantes internacionais (asiáticos) como usuários de bibliotecas (australianas)	1
Internacionalização de bibliotecas acadêmicas e atendimento a estudantes internacionais	1
Melhores práticas em serviços de bibliotecas no atendimento à estudantes internacionais	1
Papel da biblioteca em IES (canadenses) em relação aos estudantes internacionais	1
Serviços de biblioteca acadêmica oferecidos a estudantes internacionais	1
Transição/adaptação de estudantes internacionais no primeiro ano	1
Impressões de estudantes internacionais em relação ao design e espaços de biblioteca	1
Atendimento de biblioteca e diferenças interculturais de estudantes internacionais	1
Atendimento de biblioteca ao corpo docente internacional	1

Fonte: dados da pesquisa

Foram identificados doze (12) trabalhos com tema relacionado a atividades de internacionalização em bibliotecas acadêmicas. Os assuntos estão relacionados conforme o Quadro 27.

Quadro 27 – Atividades de internacionalização em bibliotecas acadêmicas

Atividades de internacionalização em bibliotecas acadêmicas	12
Internacionalização relacionada à catalogação de materiais bibliográficos	1
Desenvolvimento de coleções de bibliotecas acadêmicas (Materiais ESL)	1
Avaliação de internacionalização de bibliotecas acadêmicas	1
Análise de atividades de bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização	1
Análise sobre temas relacionados a bibliotecas universitárias, incluindo internacionalização	1
Atividades e estratégias de internacionalização em bibliotecas acadêmicas	1
Melhores práticas de internacionalização em bibliotecas acadêmicas	1
Iniciativas de internacionalização de uma biblioteca universitária	1
Medidas, ações, atividades e práticas de internacionalização em uma biblioteca acadêmica	1
Atividades de internacionalização em uma biblioteca acadêmica	1
Evento de internacionalização organizado por uma biblioteca acadêmica	1
Análise sobre serviços prestados por uma biblioteca, incluindo internacionalização	1

Fonte: dados da pesquisa

Sobre papéis de bibliotecas e bibliotecários na internacionalização da educação superior, foram encontrados seis (6) trabalhos, com os assuntos relacionados no Quadro 28.

Quadro 28 – Papéis de bibliotecas e bibliotecários na internacionalização da educação superior

Papéis de bibliotecas e bibliotecários na internacionalização da educação superior	6
Papéis da biblioteca universitária na internacionalização da educação superior	2
Papel dos bibliotecários na internacionalização de bibliotecas acadêmicas	2
Papel dos bibliotecários (australianos) na internacionalização da educação superior	1
Papel da biblioteca em IES (canadenses) em relação aos estudantes internacionais	1

Fonte: dados da pesquisa

Sobre colaborações internacionais entre bibliotecas acadêmicas foram encontrados quatro (4) publicações, como se verifica no Quadro 29.

Quadro 29 – Colaborações internacionais entre bibliotecas acadêmicas

Colaborações internacionais entre bibliotecas acadêmicas	4
Colaboração internacional de bibliotecas acadêmicas	2
Acordos firmados entre bibliotecas (<i>Memorandum of Understanding</i> – MOU)	1
Alcance de serviços de bibliotecas acadêmicas prestados no exterior	1

Fonte: dados da pesquisa

Foram encontrados quatro (4) trabalhos sobre a relação de bibliotecas acadêmicas e internacionalização do *campus*, conforme o Quadro 30.

Quadro 30 – Biblioteca acadêmicas e internacionalização do *campus*

Bibliotecas acadêmicas e internacionalização do <i>campus</i>	4
Contribuições da biblioteca para internacionalização do <i>campus</i>	3
Participação de bibliotecas nos esforços de internacionalização do <i>campus</i>	1

Fonte: dados da pesquisa

E como pode se verificar no Quadro 31, foram encontrados os demais temas e assuntos relacionando bibliotecas acadêmicas e internacionalização.

Quadro 31 – Demais temas e assuntos

Bibliotecas acadêmicas em <i>campi</i> filiais	3
Experiência profissional em <i>campi</i> filiais internacionais	2
Avaliação de atividades de bibliotecas acadêmicas em <i>campi</i> filiais internacionais	1
Intercâmbio de equipe/funcionários de bibliotecas	2
Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas	2
Posicionamento de bibliotecas em relação à internacionalização	2
Posicionamento e adaptação das bibliotecas em relação à internacionalização nas IES	1
Posicionamento de uma biblioteca acadêmica diante de tendências e perspectivas de internacionalização	1
Globalização e internacionalização de bibliotecas acadêmicas	2
Impacto da globalização nas bibliotecas acadêmicas	1
Internacionalização de bibliotecas acadêmicas	1
Internacionalização e Ciência da Informação	1
Relações entre Ciência da Informação e Internacionalização da Educação Superior	1

Fonte: dados da pesquisa

Os demais temas e assuntos e o quantitativo de publicações encontrados foram: bibliotecas acadêmicas em *campi* filiais – três (3) publicações; intercâmbio de equipe/funcionários de bibliotecas – duas (2) publicações; posicionamento de bibliotecas em relação à internacionalização – duas (2) publicações; globalização e internacionalização de bibliotecas acadêmicas – duas (2) publicações; e internacionalização e ciência da informação – uma (1) publicação.

6.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS

A seguir estão relacionadas as principais metodologias utilizadas e mencionadas nos trabalhos. A quantidade de trabalhos relacionados às metodologias pode ser verificada conforme a enumeração nos quadros. Alguns trabalhos apresentaram mais de uma metodologia combinando duas ou mais metodologias relacionadas nos quadros. Foram identificados doze (12) trabalhos em que se utilizou, como metodologia, a aplicação de questionários, conforme mencionado nas publicações e como se verifica no Quadro 32.

Quadro 32 – Questionários

Questionários para diretores e funcionários de bibliotecas acadêmicas	1
Questionário semiestruturado <i>on-line</i> para diretores de bibliotecas acadêmicas	1
Questionário <i>on-line</i> , direcionado às bibliotecas de IES	1
Questionário <i>on-line</i> direcionado a associações de bibliotecas	2
Questionário <i>on-line</i> (<i>Google docs</i>) enviado por <i>e-mail</i>	1
Questionário por <i>e-mail</i> direcionado para diretores de bibliotecas universitárias	1
Questionário eletrônico enviado para bibliotecas universitárias	1
Questionário <i>on-line</i>	1
Questionário <i>on-line</i> e entrevistas semiestruturadas com estudantes internacionais	1
Pesquisa/questionário <i>on-line</i> aplicado a gestores de bibliotecas acadêmicas	1
Pesquisa/questionário por <i>e-mail</i> direcionada a bibliotecários universitários	1

Fonte: dados da pesquisa

Foram identificados treze (13) trabalhos com metodologia de estudos de caso, estudos comparativos e relatos sobre bibliotecas, como se verifica no Quadro 33.

Quadro 33 – Estudos de caso, comparativos e relatos

Estudos de caso, comparativos e relatos	13
Estudo de caso	4
Estudo de caso/comparativo	2
Estudos de caso com entrevistas aplicadas a bibliotecários universitários	1
Estudo comparativo	1
Relato do envolvimento de uma biblioteca em atividades de internacionalização	1
Relato de um evento/experimento de internacionalização organizado por biblioteca	1
Relato de medidas e atividades de internacionalização de uma biblioteca acadêmica	1
Relato de experiência profissional em <i>campi</i> filiais internacionais (estudos de caso)	2

Fonte: dados da pesquisa

Foram encontradas seis (6) publicações em que se menciona o uso de metodologias como entrevistas, reuniões e grupos focais, conforme o Quadro 34.

Quadro 34 – Entrevistas, reuniões, grupos focais

Entrevistas, reuniões, grupo focal	6
Entrevistas presenciais com bibliotecários	1
Questionário online e entrevistas semiestruturadas com estudantes internacionais	1
Estudos de caso com entrevistas aplicados a bibliotecários universitários	1
Reuniões com grupos selecionados (professores, administradores, estudantes e diretores)	1
Grupo focal de representantes de associações de bibliotecas	2

Fonte: dados da pesquisa

Foram identificados três (3) trabalhos em que se utilizou a análise documental como metodologia, como se verifica no Quadro 35.

Quadro 35 – Análise documental

Análise documental	3
Análise documental (<i>Memorandum of Understanding</i> – MOU)	1
Análise documental (registros de catálogos, sites)	1
Busca sistemática em sites de bibliotecas acadêmicas	1

Fonte: dados da pesquisa

E foram identificadas mais outros 8 tipos de metodologias nos trabalhos, conforme o Quadro 36.

Quadro 36 – Outras metodologias

Revisão de literatura	9
Pesquisa exploratória	3
Análise bibliométrica	2
Revisão sistemática da literatura	2
Revisão bibliográfica de literatura	2
Levantamento bibliográfico	1
Análise de conteúdo	1
Análise de abordagens na utilização de um catálogo de biblioteca	1

Fonte: dados da pesquisa

Foram então identificados doze (12) trabalhos em que se utilizou como metodologia a aplicação de questionários, treze (13) trabalhos com estudos de caso, estudos comparativos ou relatos sobre bibliotecas, seis (6) trabalhos em que se menciona a aplicação de metodologias como entrevistas, reuniões e grupos focais, três (3) trabalhos em que se realizou a análise documental, além de oito (8) outros tipos de metodologia identificadas.

6.4 IDENTIFICAÇÃO DE RECOMENDAÇÕES OU EXEMPLOS ADOTADOS DE ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Dos trinta e sete (37) trabalhos recuperados, analisados e revisados, vinte e quatro (24) apresentam contribuições de recomendações e/ou exemplos adotados de estratégias por meio de ações, atividades, práticas e medidas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, e treze (13) trabalhos não trazem contribuições nesse sentido.

- Trabalhos COM recomendações e/ou exemplos: 24
- Trabalhos SEM recomendações e/ou exemplos: 13

As informações sobre recomendações e exemplos adotados de boas práticas encontradas nos vinte e quatro (24) artigos selecionados foram separadas e organizadas em fichamentos com dados de referência para a elaboração do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Com base nesse material coletado dos vinte e quatro (24) artigos selecionados, foi possível elaborar uma primeira versão do *framework* com recomendações e exemplos adotados de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. A primeira versão encontra-se no APÊNDICE H. Essa primeira versão foi, então, enviada por *e-mail* para ser avaliada por diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis por questões relacionadas a internacionalização de bibliotecas acadêmicas brasileiras. O processo e os resultados da avaliação são apresentados no capítulo a seguir.

7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

As bibliotecas acadêmicas selecionadas, para as quais foram encaminhadas a solicitação para avaliação do *framework*, foram definidas por meio do *Ranking* Universitário Folha 2024 (RUF 2024). Primeiramente, buscou-se no *ranking* as IES brasileiras mais bem-avaliadas pelo critério da internacionalização, por ordem decrescente das notas. Em seguida, buscou-se pelos *e-mails* das bibliotecas acadêmicas nos sites institucionais dessas IES, que foram então selecionadas até completar a quantidade de 60 contatos de bibliotecas encontrados. No total foram buscados contatos de bibliotecas de 66 IES, listadas no Quadro 37.

Quadro 37 – Seleção das IES e contatos das bibliotecas acadêmicas

Posição em Internacionalização	Nota Inter.	INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR	Pública/Privada
1 ^o	3,96	USP – Universidade de São Paulo	Pública
2 ^o	3,91	UFABC – Fundação Universidade Federal do ABC	Pública
3 ^o	3,88	Unicamp – Universidade Estadual de Campinas	Pública
4 ^o	3,87	Unifesp – Universidade Federal de São Paulo	Pública
5 ^o	3,80	UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Pública
6 ^o	3,75	UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	Pública
7 ^o	3,72	UNIB – Universidade Ibirapuera	Privada
8 ^o	3,69	UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina	Pública
9 ^o	3,66	Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Pública
9 ^o	3,66	PUC Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Privada
11 ^o	3,64	PUCRS – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul	Privada
12 ^o	3,62	UnB – Universidade de Brasília	Pública
13 ^o	3,57	UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	Pública
14 ^o	3,55	UPE – Universidade de Pernambuco	Pública
15 ^o	3,50	UFSCar – Universidade Federal de São Carlos	Pública
15 ^o	3,50	UCB DF – Universidade Católica de Brasília	Privada
17 ^o	3,47	UCPel – Universidade Católica de Pelotas	Privada
18 ^o	3,45	UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Pública
19 ^o	3,43	UFC – Universidade Federal do Ceará	Pública
20 ^o	3,38	UFPR – Universidade Federal do Paraná	Pública
21 ^o	3,36	Unifor CE – Universidade de Fortaleza	Privada
22 ^o	3,34	UCDB – Universidade Católica Dom Bosco	Privada
23 ^o	3,33	UFES – Universidade Federal do Espírito Santo	Pública
23 ^o	3,33	PUC PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Privada
25 ^o	3,28	UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora	Pública
25 ^o	3,28	UNIT SE – Universidade Tiradentes	Privada
27 ^o	3,27	UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Pública
28 ^o	3,25	UFPel – Universidade Federal de Pelotas	Pública
29 ^o	3,24	UFSM – Universidade Federal de Santa Maria	Pública
29 ^o	3,24	Uniso – Universidade de Sorocaba	Privada
31 ^o	3,23	UFBA – Universidade Federal da Bahia	Pública
32 ^o	3,20	UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei	Pública
33 ^o	3,15	UFV – Universidade de Viçosa	Pública
34 ^o	3,14	UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	Pública
35 ^o	3,13	UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Pública
36 ^o	3,12	Unicid – Universidade Cidade de São Paulo	Privada
37 ^o	3,11	UFG – Universidade Federal de Goiás	Pública
38 ^o	3,10	Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Privada
39 ^o	3,09	UFS – Universidade Federal de Sergipe	Pública

Posição em Internacionalização	Nota Inter.	INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR	Pública/Privada
39 ⁰	3,09	UNG – Universidade Universus Veritas Guarulhos	Privada
41 ⁰	3,07	UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	Pública
42 ⁰	3,06	FURG – Universidade Federal do Rio Grande	Pública
42 ⁰	3,06	UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz	Pública
44 ⁰	3,05	UFF – Universidade Federal Fluminense	Pública
45 ⁰	3,03	UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa	Pública
45 ⁰	3,03	Unesc SC – Universidade do Extremo Sul Catarinense	Privada
47 ⁰	3,01	Unigranrio – Universidade do Grande Rio Prof. José de Sousa Herdy	Privada
48 ⁰	3,00	UFLA – Universidade Federal de Lavras	Pública
49 ⁰	2,99	Unilasalle – Universidade La Salle	Privada
50 ⁰	2,96	Univap – Universidade do Vale do Paraíba	Privada
51 ⁰	2,95	UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	Pública
52 ⁰	2,94	UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Pública
53 ⁰	2,93	UP – Universidade Positivo	Privada
54 ⁰	2,91	UFU – Universidade Federal de Uberlândia	Pública
54 ⁰	2,91	Mackenzie – Universidade Presbiteriana Mackenzie	Privada
54 ⁰	2,91	Unifacs – Universidade Salvador	Privada
57 ⁰	2,90	Unifei – Universidade Federal de Itajubá	Pública
58 ⁰	2,86	UFPI – Universidade Federal do Piauí	Pública
59 ⁰	2,85	UEL – Universidade Estadual de Londrina	Pública
60 ⁰	2,80	Unicsul – Universidade Cruzeiro do Sul	Privada
61 ⁰	2,79	UFPA – Universidade Federal do Pará	Pública
62 ⁰	2,71	UEA – Universidade do Estado do Amazonas	Pública
63 ⁰	2,68	UPF – Universidade de Passo Fundo	Privada
64 ⁰	2,67	UFPB – Universidade Federal da Paraíba	Pública
65 ⁰	2,66	UEM – Universidade Estadual de Maringá	Pública
65 ⁰	2,66	UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto	Pública

Fonte: adaptado de Folha (2024)

Não foram encontrados *e-mails* para contato de seis (6) bibliotecas, que foram descartadas. Assim, foram selecionadas 66 bibliotecas no total, descartadas seis (6) e consideradas 60 para participarem da avaliação. Do total de 66 bibliotecas, 22 são privadas e 44 públicas. Das seis (6) bibliotecas descartadas, porque não se obteve *e-mails* para contato, todas as seis (6) são privadas. Das 60 bibliotecas consideradas para a avaliação, 44 são públicas e 16 são privadas.

Para a coleta dos dados e informações das avaliações do *framework*, de acordo com o que foi indicado nos procedimentos metodológicos, foram realizadas algumas adaptações para a aplicação do formulário, que são descritas a seguir.

Primeiramente foi elaborado um formulário (Formulário 1) pelo *Google Forms* com seis (6) questões. Em seguida, foi enviada uma solicitação para avaliação do *framework* (Solicitação 1) por e-mail aos diretores, coordenadores ou bibliotecários responsáveis pela internacionalização das bibliotecas acadêmicas selecionadas. Essa primeira solicitação (Solicitação 1) foi enviada por e-mail em 3 de dezembro de 2024 para as 15 primeiras bibliotecas acadêmicas selecionadas, com prazo para preenchimento do Formulário 1 até o dia

11 de dezembro de 2024. A Solicitação 1 foi enviada com um link para o Formulário 1 e, no próprio formulário, foi incluído um link para a ‘primeira versão do *framework*’ (APÊNDICE H), disponibilizado em PDF no Google Drive, para que pudesse ser avaliado. Durante a elaboração do Formulário 1, decidiu-se por enumerar os grupos de recomendações e exemplos de boas práticas do *framework*, de modo a facilitar o preenchimento do formulário. O primeiro modelo de solicitação para avaliação (Solicitação 1), com *link* para o Formulário 1, encontra-se no APÊNDICE C, e o modelo do Formulário 1 encontra-se no APÊNDICE E.

Porém, ao se verificar, no decorrer dos dias, que não foi obtida nenhuma resposta com o Formulário 1, foi elaborado um novo formulário pelo *Google Forms* (Formulário 2), resumido, com três (3) questões. Também foram retiradas as solicitações de identificação da instituição e de informações sobre os avaliadores, e a própria mensagem de solicitação para avaliação no *e-mail* foi resumida, evitando barreiras e buscando facilitar a aceitação para participação. Em 9 de dezembro de 2024, o Formulário 1, que continuava sem nenhuma resposta, foi desativado e a nova solicitação resumida (Solicitação 2), com *link* para o Formulário 2, foi encaminhada para as 30 primeiras bibliotecas acadêmicas selecionadas, para ser respondido até o dia 13 de dezembro de 2024. O segundo modelo de solicitação para avaliação (Solicitação 2), enviado por *e-mail*, com *link* para o Formulário 2, encontra-se no APÊNDICE D, e o modelo do Formulário 2 encontra-se no APÊNDICE F.

No mesmo dia, 9 de dezembro, foi enviada mais uma solicitação (Solicitação 3), idêntica à Solicitação 2, com um terceiro formulário (Formulário 3), idêntico ao Formulário 2, para mais 30 bibliotecas acadêmicas selecionadas, subsequentes às 30 primeiras, totalizando as 60 bibliotecas selecionadas para participarem da avaliação, para ser respondido, também, até o dia 13 de dezembro de 2024. O intuito foi obter um maior número de respostas com o formulário resumido. O modelo de solicitação para avaliação (Solicitação 3) com *link* para o Formulário 3 encontra-se no APÊNDICE D e o modelo do Formulário 3 no APÊNDICE F.

No dia 10 de dezembro de 2024, foram reenviadas a Solicitação 2 e a Solicitação 3 (idênticas) para as mesmas bibliotecas acadêmicas. A Solicitação 2 para as 30 primeiras bibliotecas selecionadas e a Solicitação 3 para as 30 bibliotecas subsequentes selecionadas. E, no dia 12 de dezembro de 2024, a Solicitação 2 e a Solicitação 3 foram reenviadas novamente, para as mesmas bibliotecas.

As solicitações e formulários foram enviados nas datas, com prazos para respostas, e com quantidade de respostas obtidas, conforme o Quadro 38.

Quadro 38 – Envio e respostas dos formulários

Formulários	Solicitação 1	Solicitação 2	Solicitação 3	Prazo para respostas	Qtd. de formulários respondidos
Formulário 1 (Enviado para as 15 primeiras bibliotecas)	03/12/2024	---	---	11/12/2024	2 (*)
Formulário 2 – (Enviado para as 30 primeiras bibliotecas)	09/12/2024	10/12/2024	12/12/2024	13/12/2024	12 (**)
Formulário 3 – (Enviado para as 30 bibliotecas subsequentes)	09/12/2024	10/12/2024	12/12/2024	13/12/2024	5 (**)
Total de formulários respondidos					19

Fonte: Dados da pesquisa

*** Observação 1:**

- Não foi obtida nenhuma resposta do Formulário 1 até 09/12/2024, que foi então desativado.
- No dia 10/12/2024, foi recebido um *e-mail* da direção de uma biblioteca de uma universidade federal solicitando a reativação do formulário para que pudesse ser preenchido. Em 11/11/2024 o *e-mail* foi respondido, agradecendo a participação e informando que o formulário havia sido reativado. Em 12/12/2024 o formulário foi respondido. A comunicação por *e-mail* com os avaliadores encontra-se em APÊNDICE G.
- No dia 07/01/2025, foi recebido um *e-mail* da biblioteca de uma universidade estadual solicitando a possibilidade de preencher o formulário. Em 09/01/2025 foi respondido o *e-mail*, agradecendo e informando que sim, que o formulário permanecia ativado. No mesmo dia, em 09/01/2025, o formulário foi respondido. A comunicação por *e-mail* com os avaliadores encontra-se em APÊNDICE G.

**** Observação 2:**

- Como os Formulários 2 e 3 foram desativados apenas em 10/01/2025, três avaliadores entregaram respostas após o prazo solicitado, que também foram consideradas para a pesquisa de avaliação. Os avaliadores que responderam após o prazo e suas respectivas respostas no formulário estão indicados nos Quadros 39 e 40.

Alguns avaliadores entraram em contato por *e-mail*. As mensagens recebidas e as respostas enviadas podem ser conferidas em APÊNDICE G. Os nomes, contatos e identificações dos avaliadores e das IES foram apagados com o intuito de se manter o anonimato.

Verifica-se, então, no Quadro 38, que com o Formulário 1 foram obtidos 2 (dois) formulários respondidos, com o Formulário 2, mais 12 (doze) formulários respondidos, e com o Formulário 3, mais 5 (cinco) formulários respondidos, totalizando 19 (dezenove) formulários respondidos.

As respostas de cada questão dos formulários são analisadas a seguir, por formulário, considerando-se o conteúdo das respostas. Ao final do capítulo é feita uma análise descritiva numérica, considerando o conjunto das respostas dos três (3) formulários. Decidiu-se analisar as respostas por formulário pois o Formulário 1 se diferencia dos Formulários 2 e 3, e porque

os Formulários 2 e 3 foram encaminhados para grupos distintos. E optou-se por utilizar o termo “avaliador” para se referir aos respondentes da pesquisa de avaliação do *framework*.

7.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO 1

Os dois avaliadores (avaliador 1 e avaliador 2) que preencheram o Formulário 1 são de bibliotecas de duas grandes universidades públicas brasileiras por tamanho e pelo reconhecimento em *rankings* de avaliação. Um(a) dos(as) avaliadores(as) tem formação em Biblioteconomia, é Diretor(a) da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas e é responsável por questões relacionadas à internacionalização da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas. O(a) outro(a) avaliador(a) também tem formação em Biblioteconomia, é Vice-Diretor(a) da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas e também é responsável por questões relacionadas à internacionalização da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas. A seguir, são analisadas as respostas de cada questão do Formulário 1.

Questão 1. Você considera que as medidas, ações e atividades, descritas nos 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados do 'Framework de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas' podem servir para melhorar a gestão da internacionalização de bibliotecas acadêmicas? Favor assinalar ‘Sim’ ou ‘Não’ para cada grupo.

O avaliador 1 marcou ‘Sim’ para todos os 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados indicados no *Framework*. O avaliador 2 marcou ‘Sim’ para 42 grupos de recomendações ou exemplos adotados indicados no *Framework* e “Não” para 1 grupo de recomendações ou exemplos. O grupo assinalado com ‘Não’ foi o 35 ‘*Campi* filiais internacionais’. A análise para esta resposta encontra-se a seguir, na análise da resposta da questão 2, em que se solicitou a explicação do motivo da indicação negativa do respondente.

Questão 2. Favor informar, em relação ao(s) grupo(s) de recomendações em que marcou ‘não’, o motivo de considerar que as medidas, ações e práticas relacionadas não contribuem para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas. Favor indicar o número do grupo de recomendações e sua opinião.

O avaliador 1 respondeu “*Não se aplica*”, pois assinalou “Sim” para todos os grupos. O avaliador 2 escreveu a seguinte resposta: “*Campi filiais internacionais. A criação ou suporte*

de bibliotecas em campi internacionais geralmente está fora do controle direto das bibliotecas acadêmicas, sendo uma decisão estratégica das instituições. Manter bibliotecas em campi internacionais envolve desafios logísticos, culturais e financeiros que normalmente as bibliotecas universitárias não possuem”(sic).

Entende-se que a resposta é pertinente, pois indica que a criação de *campi* internacionais é decisão estratégica das instituições, e não das bibliotecas. Deve-se considerar também que, a princípio, essa não é uma realidade de universidades públicas, e sim uma situação mais específica de IES privadas, pois normalmente as universidades públicas não possuem política para expansão física de *campi* internacionais. Considerando que o avaliador 1 atua profissionalmente em uma universidade pública, entende-se que a resposta reflete um ponto de vista da gestão relacionada a realidade de bibliotecas de universidades públicas. Porém, como se verificou no *Ranking* Universitário Folha 2024, boa parte das IES brasileiras bem-avaliadas quanto ao critério da internacionalização são instituições privadas, ou seja, o *framework* também pode ser direcionado para políticas e lógicas de internacionalização dessas instituições. Ainda assim, é possível que iniciativas nesse sentido, por parte de IES privadas brasileiras, se existirem, sejam ainda muito incipientes.

De todo modo, pela perspectiva das IES privadas brasileiras, apesar da indicação de que as bibliotecas acadêmicas não decidem sobre a criação e suporte de bibliotecas em *campi* filiais, a depender do que se vislumbra para a internacionalização do ensino superior no Brasil, se existir a possibilidade da criação dessas filiais, é necessário que exista uma gestão dessas unidades, adequada às políticas de internacionalização de suas instituições. Pois a produção científica aponta para um maior interesse em relação à questão dos *campi* filiais.

Witt, Kutner e Cooper (2015) verificaram temas explorados na literatura no contexto das bibliotecas acadêmicas e internacionalização e, entre diversas perspectivas, destacam-se também estudos sobre *campi* filiais internacionais. No mesmo sentido, Click, Wiley e Houlihan (2017), por meio de uma revisão sistemática, buscaram identificar na literatura das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI) relacionadas à estudantes internacionais, o perfil dos pesquisadores, tendências de autoria e tópicos específicos relacionados ao tema. A pesquisa identificou que, entre diversos tópicos verificados, inclui-se também o tema do desenvolvimento de *campi* filiais internacionais. Assim como Salaz *et al.* (2016), que apresentam relatos de experiências e considerações de bibliotecários em *campi* filiais internacionais de IES dos EUA. A pesquisa aponta que, com o crescimento de diversas atividades e medidas relacionadas à internacionalização, os bibliotecários acadêmicos nos EUA

estão cada vez mais propensos a se envolverem, também, com a questão dos *campi* filiais internacionais, entre demais atividades relacionadas ao desenvolvimento da dimensão internacional na educação superior.

Apesar de as pesquisas apontarem para realidades de IES de outros países, considerando que é uma das perspectivas de internacionalização indicada na literatura, entende-se pertinente incluir no *framework* as recomendações e exemplos de boas práticas relacionadas a bibliotecas de *campi* filiais internacionais. Pois entende-se que as tendências da internacionalização vem se modificando ao longo do tempo, e essa pode ser uma perspectiva a ser adotada também por IES nacionais.

Questão 3. Você vê aplicabilidade do *framework* para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?

O avaliador 1 respondeu: “*Nossa avaliação é de que todos os itens do framework auxiliam na internacionalização das bibliotecas acadêmicas. Algumas informações se repetem em diferentes itens. Poderia constituir uma síntese, um guia para orientar a internacionalização em bibliotecas acadêmicas*” (sic).

O avaliador 2 respondeu: “*Sim, o Framework apresenta uma aplicabilidade significativa para a gestão da internacionalização, desde que seja adaptado às realidades institucionais e regionais*” (sic).

Considerou-se as duas opiniões favoráveis para a aplicabilidade do *framework*. Quanto à repetição de informações apontada pelo avaliador 1, como o conteúdo foi organizado por recomendações de autores, pode acontecer de mais de um autor tratar sobre um mesmo tópico, que podem ser abordados por perspectivas similares ou distintas. Essa resposta serviu como base, junto com a resposta de outra questão em outro formulário (Formulário 2, questão 3, avaliador 13), analisada mais adiante, para se criar um índice ou sumário com *hiperlinks* para títulos e/ou tópicos do documento, de modo a facilitar sua utilização na busca por um mesmo assunto.

Quanto à menção sobre a aplicação das recomendações adaptadas para realidades distintas (avaliador 2), considerou-se elaborar uma introdução sobre a utilização do *framework* para esclarecer essa questão, indicando o bom senso na implementação das recomendações de acordo com a realidade, necessidades e condições institucionais e regionais específicas. Essa resposta foi considerada em conjunto com outras respostas que convergem para o mesmo

entendimento (Formulário 1, questão 4, avaliador 1) (Formulário 1, questão 5, avaliador 2) (Formulário 2, questão 1, avaliador 13).

Nesse sentido, Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017) destacam que as recomendações apresentadas em sua pesquisa apontam para linhas de ação que devem ser contextualizadas de acordo com as características de cada biblioteca e centro universitário. Como exemplo, indicam que deve-se considerar o número e a origem dos alunos e professores internacionais que recebem ou enviam para o exterior, as características dos seus programas de estudos, as diferentes modalidades de internacionalização que adotam, a sua cultura organizacional e os recursos de que dispõem. Além disso, consideram muito pertinente a realização de estudos locais sobre as formas de participação da biblioteca universitária na internacionalização do ensino superior, para que as estratégias internacionais possam ser contextualizadas e adaptadas.

Corroborando com a ideia de se aplicar as medidas com bom senso, Hughes *et al.* (2018) indicam que algumas questões devem ser bem-avaliadas antes de implementadas. Indicando que, a nível prático, podem apresentar desafios e demandam uma capacidade de avaliação para uma aplicação adequada.

A análise descritiva numérica dessas respostas foram avaliadas em conjunto com respostas dos formulários 2 e 3 em “6.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”.

Questão 4. Foi fácil entender como usar o *framework*?

Resposta do avaliador 1: “*Sim, porque o framework apresentado fornece diretrizes claras e práticas que podem ser adaptadas às necessidades específicas das bibliotecas, facilitando sua implementação*” (sic).

Resposta do avaliador 2: “*Não é fácil. Exige tempo, leitura atenta e compreensão*” (sic).

A resposta do avaliador 1 indica um entendimento sobre adaptação das práticas de acordo com necessidades específicas de cada biblioteca. O que corrobora com o que foi indicado na análise da questão anterior (Formulário 1, questão 3, avaliador 2) e em respostas de outras questões (Formulário 1, questão 5, avaliador 2) (Formulário 2, questão 1, avaliador 13). No entanto, as duas respostas para essa questão, considerando apenas o Formulário 1, indicam uma ambiguidade. Assim, para essa questão, foram consideradas também as respostas dos outros formulários, que possibilitou uma visão mais abrangente da opinião dos avaliadores, permitindo uma compreensão mais clara sobre este aspecto. A análise descritiva numérica

encontra-se mais adiante em “6.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”, em conjunto com as respostas dos outros formulários. Ainda assim, em relação a resposta do avaliador 2, considerou-se, a princípio, a possibilidade de se realizar uma revisão e um resumo do *framework*, entendimento obtido com base nessa e outras respostas (Formulário 1, questão 6, avaliador 1) (Formulário 2, questão 3, avaliador 4).

Vale destacar que o *framework* foi elaborado por meio de uma revisão sistemática e que, no decorrer da pesquisa, verificou-se que alguns autores indicam esse método para melhor organização de informações de temas da Biblioteconomia. Click, Wiley e Houlihan (2017) consideram que a revisão sistemática no campo da Biblioteconomia e da CI é um método valioso e viável e sugerem maiores pesquisas seguindo esse método, pois pode embasar profissionais de Biblioteconomia nos seus esforços para apoiar estudantes internacionais, fornecendo uma visão geral da literatura sobre o tema relacionado à esta população. Dessa forma, indicam que uma revisão sistemática pode servir como uma ferramenta para bibliotecários que se esforçam para tomar decisões baseadas em evidências e melhorar a prática. Os autores entendem que uma revisão sistemática pode ser usada como uma ferramenta para que, exatamente, oriente a prática de forma objetiva, tornando a grande quantidade de informação sobre o tema menos intimidante.

Questão 5. A linguagem e a terminologia estão adequadas para sua realidade?

Resposta do avaliador 1: “*Na maior parte sim*” (sic).

Resposta do avaliador 2: “*Sim, a linguagem está objetiva e acompanhada de exemplos práticos, o que facilita sua adaptação e aplicação*” (sic).

Uma das respostas (avaliador 1) indica que, para alguns avaliadores, o tema pode ser novo e, portanto, pode trazer conceitos e definições que ainda não são automaticamente assimilados pelos profissionais bibliotecários, o que se constata em resposta à questão de outro formulário (Formulário 3, questão 1, avaliador 16). A outra (avaliador 2) indica uma compreensão de que as recomendações podem ser adaptadas para serem implementadas, se for o caso, de acordo com cada contexto e condições locais e institucionais, reforçando o entendimento sobre a adaptabilidade e o bom senso na aplicação das recomendações e exemplos, conforme entendimento indicado na análise de outras respostas (formulário 1, questão 3, avaliador 2) (formulário 1, questão 4, avaliador 1) (formulário 2, questão 1, avaliador 13).

Questão 6. Você tem qualquer sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?

Respostas:

Avaliador 1 – *“A iniciativa é super interessante e necessária. O framework traz um levantamento abrangente e detalhado, mas sua extensão e complexidade dificultam o seu uso. Uma síntese baseada na literatura poderia transformá-lo em um guia prático e objetivo para a internacionalização das bibliotecas acadêmicas” (sic).*

Avaliador 2 – *“Sim, sugiro as seguintes melhorias ao framework: Propor ferramentas claras para medir o impacto das atividades de internacionalização; Adaptar exemplos e recomendações para contextos de bibliotecas com restrições orçamentárias e estruturais; Adicionar métricas objetivas para monitorar a implementação das boas práticas propostas” (sic).*

As duas respostas foram consideradas pertinentes. Quanto à complexidade e à extensão indicada pelo avaliador 1, verificou-se a mesma observação em outra resposta (Formulário 2, questão 3, avaliador 4) e foram consideradas duas possibilidades, já apontadas anteriormente, a de se realizar uma revisão e um resumo de seu conteúdo (Formulário 1, questão 4, avaliador 2), e também a possibilidade de se criar um sumário com *hiperlinks* para facilitar seu uso, conforme indicado também na análise de das respostas de outras questões (Formulário 1, questão 3, avaliador 1) (Formulário 2, questão 3, avaliador 13).

Em relação à proposta de ferramentas para medir o impacto das atividades de internacionalização (avaliador 2), considerou-se a possibilidade de incluir uma introdução indicando a utilização de algumas recomendações ou exemplos adotados pela biblioteca, também, como parâmetros para avaliação, métrica e monitoramento das boas práticas implementadas.

Nesse sentido, Cooper, Kutner e Witt (2015) fornecem ideias para *frameworks* e práticas de avaliação que permitam que as bibliotecas acadêmicas avaliem o que está sendo feito nos seus *campi* em relação à internacionalização quanto às metas, objetivos, prioridades e culturas da sua própria instituição. Cooper, Kutner e Witt (2015) entendem que, com o avanço da articulação das bibliotecas com os processos de internacionalização das IES, é chegado o momento para se desenvolver a avaliação das atividades de internacionalização. Os autores indicam que a avaliação mede o impacto do trabalho e serve como uma ferramenta que pode

ajudar as bibliotecas a se tornarem mais eficazes. Suas recomendações baseiam-se na ideia de vincular os esforços da biblioteca a missão e objetivos estratégicos mais amplos do *campus*. Nesse sentido, a expectativa é de que se desenvolva uma ferramenta que sirva para as bibliotecas elucidarem, de acordo com seus próprios contextos institucionais, o que estão fazendo bem e o que podem melhorar de acordo com as necessidades de sua instituição-mãe.

Segundo Cooper, Kutner e Witt (2015), após a investigação dos objetivos e as necessidades de internacionalização da instituição, a biblioteca pode começar a elaborar os seus próprios objetivos, atividades de trabalho e avaliação em torno das suas contribuições para a internacionalização do *campus*. A intenção do estudo, de acordo com Cooper, Kutner e Witt (2015, p. 50, tradução nossa) foi “[...] fornecer ideias para *frameworks* e práticas de avaliação que permitam às bibliotecas acadêmicas avaliarem o que estão fazendo nos seus *campi* quanto à internacionalização – relacionada às metas, objetivos, prioridades e culturas da própria instituição”.

A avaliação geral para esta questão, em conjunto com as respostas dos outros formulários, encontra-se em “7.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”.

7.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO 2

Os Formulários 2 e 3 são idênticos, diferem-se apenas em relação aos grupos de bibliotecas acadêmicas selecionadas para as quais foram enviados. O Formulário 2 para as 30 primeiras bibliotecas acadêmicas selecionadas e o Formulário 3 para as 30 bibliotecas acadêmicas subsequentes. Este formulário se caracteriza como um modelo de coleta de dados e informações qualitativas, mas permite também uma análise descritiva numérica das respostas, pois em seu enunciado, no *e-mail* de solicitação para participação da avaliação, foi indicada a opção aos avaliadores de preencherem respostas mais sucintas (‘sim’ ou ‘não’) ou mais elaboradas, a critério dos próprios avaliadores. A intenção foi buscar maior adesão de participantes na avaliação, consequência do resultado preliminar de não ter sido obtida nenhuma resposta com o Formulário 1. As respostas obtidas com o Formulário 2 estão apresentadas no Quadro 39.

Quadro 39 – Respostas ao Formulário 2

Avaliadores	1. Você vê aplicabilidade do <i>framework</i> para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?	2. Foi fácil entender como usar o <i>framework</i> ?	3. Você tem qualquer comentário, sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do <i>framework</i> de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?
3	Sim	Sim	Não
4	Não	Sim	Sim, sintetizaria. Ficou muito longo.
5	Sim, com certeza. ajuda na valorização das Bibliotecas Acadêmicas.	Sim.	Não.
6	Sim.	Sim.	Não.
7	Sim	Sim	Não. Achei bem interessante a proposta
8	Sim. É uma boa ferramenta para se aplicar	Sim, ele é bem intuitivo	Não tenho
9	Sim	Sim	Acredito que templates já desenvolvidos e os em desenvolvimento fazem parte das funcionalidades da estrutura de trabalho dos responsáveis pelo TI desta Universidade, para atender demandas de automação de cada setor.
10	Não	Sim	Não
11	Sim	Sim	Não
12	Sim.	Sim	Importante as iniciativas de desenvolvimento da competência informacional dos bibliotecários tendo em vista a internacionalização, de forma a potencializar as estratégias da unidade a serem alinhadas com as proposta institucional da Universidade a qual faz parte.
13	Sim, a aplicabilidade oferece diversas ideias. A sua operacionalização depende muito de como está estruturada a biblioteca ou o sistema de bibliotecas na instituição.	Sim, a estrutura em tabela para cada recomendação/ação/estratégia, facilita o entendimento.	Um índice linkado com a tabela correspondente facilitaria o uso. O link da referência da tabela com a lista de referências também pode facilitar.
14 (Após o prazo)	Sim	Sim	----

Fonte: Dados da Pesquisa

A seguir são analisadas as respostas de cada questão do Formulário 2.

Questão 1. Você vê aplicabilidade do *framework* para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?

Obteve-se, com essa pergunta, dez (10) respostas afirmativas e uma (1) negativa. Destacam-se as respostas dos avaliadores 5, 8 e 13:

Resposta do avaliador 5 – “*Sim, com certeza. Ajuda na valorização das Bibliotecas Acadêmicas*” (sic).

Resposta do avaliador 8 – “*Sim. É uma boa ferramenta para se aplicar*” (sic).

Resposta do avaliador 13 – “*Sim, a aplicabilidade oferece diversas ideias. A sua operacionalização depende muito de como está estruturada a biblioteca ou sistema de bibliotecas na instituição*” (sic).

Infere-se, portanto, que houve concordância com a aplicabilidade do *framework*. A consideração sobre a aplicação do *framework* de acordo com a estrutura da biblioteca e instituição, do avaliador 13, indica uma percepção que pode ter ficado mais clara com o enunciado do próprio formulário, onde havia a seguinte explicação:

O *framework* contém apenas recomendações ou exemplos de boas práticas. Deve ficar claro que as bibliotecas acadêmicas não precisam ou devem adotar todas as práticas nele descritas para que desenvolvam plenamente sua internacionalização. O entendimento é de que as bibliotecas podem ou não adotar procedimentos, com base nas informações do *framework*, de forma adaptada e/ou adequada para cada realidade.

Essa percepção do avaliador 13 se coaduna com as respostas analisadas no Formulário 1 (Formulário 1, questão 3, avaliador 2) (Formulário 1, questão 4, avaliador 1) (Formulário 1, questão 5, avaliador 2) indicando a compreensão de que as medidas e práticas podem ser aplicadas de acordo com as necessidades e estrutura da biblioteca e da própria IES. Considerou-se, portanto, com base nessa e nas respostas analisadas no Formulário 1, como já mencionado anteriormente, a possibilidade de se elaborar uma introdução com esse entendimento sobre a adaptação da aplicação das recomendações do *framework* para distintas realidades das bibliotecas e instituições.

Quanto às duas respostas negativas, verifica-se que em uma delas, o avaliador (avaliador 4) indica uma justificativa na questão 3 deste mesmo formulário (Formulário 2, questão 3,

avaliador 4), em que recomenda uma síntese, pois entende que o *framework* ficou longo/extenso, trazendo relação com a resposta de outra questão (formulário 1, questão 6, avaliador 1). Essa recomendação foi considerada e analisada junto às respostas da questão 3 do formulário 2. A outra resposta negativa quanto à aplicabilidade não apontou nenhum problema e não trouxe nenhuma recomendação de melhoria.

A análise descritiva numérica das respostas dessa pergunta, em conjunto com as respostas dos outros formulários, encontra-se em “7.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”.

Questão 2. Foi fácil entender como usar o *framework*?

Foram obtidas, com essa pergunta, 12 respostas afirmativas, indicando que o *framework* é “*bem intuitivo*” (*sic*) (avaliador 8) e que sua “*estrutura em tabela para cada recomendação/ação/estratégia, facilita o entendimento*” (*sic*) (avaliador 13). Os resultados para essa pergunta são verificados em conjunto com os resultados da mesma pergunta nos outros dois formulários, em “7.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”.

Questão 3. Você tem qualquer comentário, sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?

Obteve-se com essa pergunta quatro (4) comentários/recomendações para melhoria do *framework*. Outros sete (7) avaliadores não indicaram nenhuma recomendação ou crítica, sendo que um (1) deles considerou “*bem interessante a proposta*” (*sic*) (avaliador 7), e um (1) avaliador não respondeu (avaliador 14).

A seguir algumas considerações sobre os comentários ou recomendações da questão 3.

Resposta do avaliador 4 – “*Sim, sintetizaria. Ficou muito longo*”.

Essa resposta se vincula a outra (Formulário 1, questão 6, avaliador 1) que aponta para uma complexidade e extensão do *framework*. Para essa questão, como já mencionado na análise de outras respostas, considerou-se a possibilidade de se realizar uma revisão e um resumo do *framework* (Formulário 1, questão 4, avaliador 2) (Formulário 1, questão 6, avaliador 1), e a

inclusão de um índice com *hiperlinks* dos títulos dos grupos e/ou um sumário com *hiperlinks* dos tópicos e assuntos do *framework* (Formulário 1, questão 3, avaliador 1) (Formulário 1, questão 6, avaliador 1), de modo a facilitar o seu uso.

Resposta do avaliador 9 – “*Acredito que templates já desenvolvidos e os em desenvolvimento fazem parte das funcionalidades da estrutura de trabalho dos responsáveis pelo TI desta Universidade, para atender demandas de automação de cada setor*” (sic).

Considerou-se essa resposta mais como um comentário, sem muita relação com indicações para melhoria do *framework*.

Resposta do avaliador 12 – “*Importante as iniciativas de desenvolvimento da competência informacional dos bibliotecários tendo em vista a internacionalização, de forma a potencializar as estratégias da unidade a serem alinhadas com as proposta institucional da Universidade a qual faz parte*” (sic).

Esta resposta destaca a importância de os bibliotecários estarem atentos a iniciativas de desenvolvimento da competência informacional relacionada à internacionalização, de modo a potencializar as estratégias e as medidas alinhadas à internacionalização da própria instituição, conteúdo abordado e recomendado no *framework*.

Sobre a competência informacional, Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) concluem que as bibliotecas universitárias desempenham diversas funções na sua missão de apoiar os objetivos institucionais e que uma importante atividade de apoio, entre várias mencionadas, seria a colaboração com professores para o desenvolvimento da competência informacional e projetos curriculares. Witt, Kutner e Cooper (2015) realizaram uma pesquisa sobre atividades internacionais que ocorrem nas bibliotecas acadêmicas e o seu papel nos esforços de internacionalização do *campus* e indicam que entre alguns temas explorados na literatura nesse contexto, encontra-se, também a questão da competência informacional. Click, Wiley e Houlihan (2017) buscaram, por meio de uma revisão sistemática, identificar na literatura das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, tópicos específicos relacionados ao tema e identificaram que o corpo da literatura está fortemente focado na competência informacional em bibliotecas e nas experiências bibliotecárias com estudantes internacionais.

Segundo Saw, Wai Lui e Yu (2007, p. 58, tradução nossa), as pressões da globalização e da internacionalização levaram as atividades dos bibliotecários a expandirem-se

consideravelmente. Com isso, a maioria das bibliotecas de IES da Austrália responderam a este aumento na educação internacional através de pacotes melhorados de competências de informação. Assim como Ramos-Eclevia (2023), que realizou um estudo sobre o papel das bibliotecas acadêmicas e suas contribuições para a internacionalização do ensino superior em que buscou identificar os serviços de biblioteca disponíveis para estudantes e professores internacionais nas bibliotecas de IES das Filipinas. Os resultados de seu estudo revelam que as bibliotecas acadêmicas analisadas apoiam as necessidades de ensino, aprendizagem e investigação de estudantes e docentes internacionais, e fornecem instrução bibliográfica para que estudantes internacionais adquiram competências informacionais.

Becker (2006a) realizou um estudo em que revisou pesquisas relacionadas às mudanças provocadas pela globalização nas bibliotecas acadêmicas australianas. Verificou-se na revisão de literatura a abordagem de diversos temas de aprendizagem e competência informacional. Segundo Becker (2006a), claramente os bibliotecários acadêmicos estão assumindo papéis políticos centrais em questões de garantia da qualidade e competência informacional para fins de ensino e aprendizagem. E, em artigo sobre as experiências de estudantes internacionais do primeiro ano no uso de recursos, serviços e espaços de biblioteca da universidade anfitriã, Hughes *et al.* (2018) indicam que a diversidade estudantil oferece oportunidades estratégicas para as bibliotecas acadêmicas em relação à internacionalização dos serviços de informação e aos programas de competência informacional, em linha com os objetivos universitários de internacionalização.

Por outro lado, apesar do destaque da competência informacional nos estudos citados, Clause (2015) apresenta um artigo em que indica que relatórios e outros recursos sobre a internacionalização do ensino superior nos EUA quase ou raramente mencionam bibliotecas, muito menos serviços de biblioteca ou desenvolvimento de competências para a busca por informação. O que indica a necessidade de maiores esforços na produção da pesquisa e divulgação da internacionalização relacionada a bibliotecas acadêmicas, incluindo a questão da competência informacional, e para o desenvolvimento de iniciativas e práticas de internacionalização, e competência informacional, voltadas para as bibliotecas e IES.

Resposta do avaliador 13 – *“Um índice linkado com a tabela correspondente facilitaria o uso. O link da referência da tabela com a lista de referências também pode facilitar” (sic).*

Essa recomendação está alinhada a outras respostas, de outro formulário (formulário 1, questão 3, avaliador 1) (formulário 1, questão 3, avaliador 1) (formulário 1, questão 6, avaliador 1). E, ainda, indica outra possibilidade: a de linkar os nomes dos autores de cada grupo de recomendações às referências bibliográficas utilizadas (artigos) para a elaboração do *framework*.

As respostas do formulário 2 foram verificadas em conjunto com as respostas dos outros dois formulários, por meio de uma análise descritiva numérica, em “7.4 Análise geral dos resultados das avaliações”, onde foram relacionadas as considerações para ajustes e melhorias do *framework*.

7.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO 3

As respostas obtidas com o Formulário 3 estão apresentadas no Quadro 40.

Quadro 40 – Respostas ao Formulário 3

Avaliadores	1. Você vê aplicabilidade do <i>framework</i> para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?	2. Foi fácil entender como usar o <i>framework</i> ?	3. Você tem qualquer comentário, sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do <i>framework</i> de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?
15	Sim	Sim	Não
16	Não	Sim	Não, está sendo o meu primeiro contato com o tema.
17	Sim	Sim	Não
18 (Após o prazo)	sim, com certeza a biblioteca universitária contribui para a internacionalização com seus serviços e produtos, capacitações, formação continua dos bibliotecários, todos esses dados e outros são repassados a Administração.	sim. Muito fácil e compreensiva a apresentação do <i>framework</i> .	Acredito que a Infraestrutura e coleções para muitas bibliotecas ainda é um fator imprescindível, estamos enfrentando com dificuldade a falta de pessoal capacitado para atuar nessas frentes junto a administração.
19 (Após o prazo)	Sim. E considero relevante um posicionamento proativo das BU, dialogar com outros departamentos da instituição ao qual pertence, mostrar as potencialidades desta tipologia de biblioteca entre outros pontos.	Sim. Está claro!	Compartilhar em artigo científico ações práticas que estão sendo realizadas nas BU. Percebo que quando há exemplos concretos de ações sendo implementadas auxilia a prática de outros profissionais.

Fonte: Dados da Pesquisa

A seguir, são analisadas as respostas do Formulário 3.

Questão 1. Você vê aplicabilidade do *framework* para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?

Foram obtidas quatro (4) respostas afirmativas para essa pergunta e uma (1) negativa. Quanto à resposta negativa (avaliador 16), verifica-se que o mesmo avaliador não indica, na resposta 3 desse mesmo formulário (Formulário 3), nenhuma recomendação para a melhoria do *framework*, indicando apenas que é o seu primeiro contato com o tema, o que se relaciona à resposta de outra questão em outro formulário (formulário 1, questão 5, avaliador 1). A seguir, os dois comentários mais elaborados:

Resposta do avaliador 18 – *“sim, com certeza a biblioteca universitária contribui para a internacionalização com seus serviços e produtos, capacitações, formação continua dos bibliotecários, todos esses dados e outros são repassados a Administração” (sic).*

Resposta do avaliador 19 – *“Sim. E considero relevante um posicionamento proativo das BU, dialogar com outros departamentos da instituição ao qual pertence, mostrar as potencialidades desta tipologia de biblioteca entre outros pontos” (sic).*

A afirmação do avaliador 18 está de acordo com o conteúdo analisado na pesquisa e apresentado no *framework*. Alguns autores indicam a necessidade de capacitações e formação adequada para os bibliotecários desenvolverem suas competências relacionadas à internacionalização, como se verifica nos trabalhos de Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017); Saw, Wai Lui e Yu (2007); Ramos-Eclevia (2023) e Becker (2006a).

O avaliador 19 considera relevante um posicionamento proativo das bibliotecas universitárias no diálogo com outros departamentos, no sentido de desenvolver potencialidades relacionadas a internacionalização. Este ponto também está em concordância com o conteúdo pesquisado e também encontra-se nas recomendações de boas práticas do *framework*.

Nesse sentido, destaca-se, em relação ao posicionamento das bibliotecas mencionado pelo avaliador 19, a pesquisa de Cox (2018), que traz uma discussão da literatura sobre como as bibliotecas acadêmicas têm se adaptado funcional, física, estratégica e organizacionalmente para se posicionarem eficazmente dentro da instituição. O artigo oferece evidências de posicionamento por meio de ação ou planejamento estratégico para orientar os profissionais das bibliotecas acadêmicas diante de um cenário de mudanças contínuas, impulsionadas por uma maior responsabilização, uma concorrência mais forte e uma maior internacionalização. Assim,

conclui-se que uma posição forte na instituição é vital para qualquer biblioteca acadêmica, pois pode afetar o seu reconhecimento, recursos e perspectivas.

Sobre o diálogo com outros departamentos, indicado pelo avaliador 19, Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) consideram que a coordenação com departamentos e unidades universitárias é uma das funções, entre diversas por elas mencionadas, necessárias para o desenvolvimento da internacionalização das bibliotecas acadêmicas em suas instituições.

Bail, Lewis e Power (2014) verificaram, como uma das principais conclusões de sua pesquisa, que grande parte das bibliotecas de instituições de educação superior canadenses que participaram do estudo não têm conhecimento de quantos estudantes internacionais estão matriculados nas suas instituições. Isso demonstra a necessidade de as bibliotecas estabelecerem relações e contato com unidades no *campus* que possam fornecer informações sobre os estudantes internacionais. E entendem que, se é responsabilidade de toda a universidade apoiar os estudantes internacionais, todas as unidades, incluindo a biblioteca, precisam considerar as diversas origens e diferenças culturais na educação dos alunos, não sendo tarefa exclusiva do escritório de estudantes internacionais no *campus*. Por fim, Hughes *et al.* (2018), em seu estudo sobre apoio à adaptação dos estudantes internacionais no primeiro ano, entendem que as estratégias sugeridas na pesquisa dependem da colaboração do pessoal da biblioteca com colegas acadêmicos e profissionais em toda a universidade.

As respostas para essa questão são verificados em conjunto com as respostas para a mesma questão nos outros dois formulários, em “7.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”.

Questão 2. Foi fácil entender como usar o *framework*?

Para essa questão obtiveram-se cinco (5) respostas afirmativas, indicando que o entendimento para utilização do *framework* “*está claro*” (*sic*) (avaliador 19) e que sua apresentação “*é muito fácil e compreensiva*” (*sic*) (avaliador 18). As respostas para essa questão são verificadas numa análise descritiva numérica, em conjunto com as respostas para a mesma questão nos outros dois formulários, em “7.4 – Análise geral dos resultados das avaliações”.

Questão 3. Você tem qualquer comentário, sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?

Nas respostas para essa questão, dois (2) avaliadores não trazem nenhum comentário ou recomendação de melhoria, um (1) faz um comentário relativo à sua resposta negativa na questão 1, mas sem recomendações, e dois (2) avaliadores comentam ou indicam recomendações.

Quanto à resposta negativa (avaliador 16), verifica-se que o mesmo avaliador não traz nenhuma recomendação para a melhoria do *framework* e explica que esse é o seu primeiro contato com o tema, que se relaciona com a resposta a questão de outro formulário (formulário 1, questão 5, avaliador 1). Constata-se com essa resposta que o tema pode ser novo para alguns bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, o que reforça a necessidade de mais estudos e divulgação do tema da internacionalização para os profissionais da área.

A seguir, são analisadas as respostas que trazem comentários ou recomendações.

Avaliador 18 – *“Acredito que a Infraestrutura e coleções para muitas bibliotecas ainda é um fator imprescindível, estamos enfrentando com dificuldade a falta de pessoal capacitado para atuar nessas frentes junto a administração” (sic).*

Esse comentário indica a dificuldade recorrente de bibliotecas acadêmicas quanto à infraestrutura, ao desenvolvimento de coleções e à capacitação de pessoal, imprescindíveis para um bom funcionamento de qualquer biblioteca. Esse é um problema que interfere diretamente, também, numa gestão adequada da internacionalização das bibliotecas acadêmicas e demanda uma luta constante por melhores condições de trabalho para a entrega de melhores serviços e produtos para a comunidade acadêmica, para estudantes e acadêmicos nacionais e internacionais, e para a comunidade em geral.

Sobre infraestrutura e coleções, Sanchez-Tarragó, Bufrem e Santos (2016) destacam em sua pesquisa recomendações para a prática bibliotecária relacionadas com estratégias administrativas voltadas, entre outros aspectos, para a infraestrutura e o desenvolvimento de coleções. Os autores indicam que as coleções desenvolvidas para estudantes internacionais e com temas multiculturais é parte das iniciativas voltadas para o desenvolvimento das dimensões fundamentais relacionadas à CI e a internacionalização da educação superior. Witt, Kutner e Cooper (2015), também consideram, entre outros temas explorados na literatura nesse contexto, que o desenvolvimento de coleções em línguas estrangeiras é parte das atividades relacionadas à internacionalização das bibliotecas acadêmicas. Bordonaro (2015), enquadra o desenvolvimento de coleções em língua estrangeira entre uma gama de serviços de biblioteca

que podem ser oferecidos a estudantes internacionais e entende que a biblioteca universitária que optar por criar coleções para fins de aprendizagem de línguas, e manter tal coleção, pode apoiar potencialmente o sucesso do aprendizado de idiomas de estudantes internacionais no *campus*. E Becker (2006a), que realizou um estudo em que revisou pesquisas relacionadas às mudanças provocadas pela globalização nas bibliotecas acadêmicas australianas, verificou na revisão de literatura a abordagem de diversos temas relacionados à internacionalização de bibliotecas, entre eles o desenvolvimento de coleções.

Sobre a limitação de pessoal, indicada pelo avaliador 18, Ramos-Eclevia (2023) destaca que a limitação, em relação às equipes de bibliotecas acadêmicas, prejudica o gerenciamento de serviços e programas especializados para estudantes internacionais. Assim, os administradores universitários devem considerar o recrutamento de bibliotecários adicionais com competências necessárias para um local de trabalho globalizado, pois entende que o sucesso das atividades e serviços internacionais depende muito do pessoal que os presta.

Avaliador 19 – *“Compartilhar em artigo científico ações práticas que estão sendo realizadas nas BU. Percebo que quando há exemplos concretos de ações sendo implementadas auxilia a prática de outros profissionais” (sic).*

Há concordância direta desse comentário com os resultados obtidos na pesquisa. Melhores práticas de bibliotecas universitárias podem ser compartilhadas de forma dinâmica por meio de artigos científicos, a própria elaboração do *framework* demonstra essa possibilidade. O envolvimento de bibliotecários em pesquisas, nacionais ou internacionais, contribui para promover uma melhor compreensão das atividades, possibilidades, particularidades, perspectivas e saberes em geral relacionados ao meio da gestão bibliotecária. No caso, especificamente relacionado à gestão e melhores práticas para a internacionalização das bibliotecas acadêmicas, essas possibilidades são indicadas no *framework*, sugerindo um maior envolvimento dos bibliotecários em pesquisas, eventos e atividades acadêmicas em geral. O envolvimento desses profissionais em atividades acadêmicas mais internacionalizadas ou relacionadas ao tema da internacionalização são consideradas medidas que possibilitam o desenvolvimento de competências relacionadas à internacionalização e, consequentemente, contribuem para a internacionalização da própria biblioteca acadêmica.

Witt, Kutner e Cooper (2015) observam que as iniciativas de internacionalização continuam a aumentar nos *campi* universitários nos Estados Unidos e recomendam a realização de pesquisas sobre melhores práticas para a internacionalização, e a aplicação de melhores

práticas e medidas de avaliação no apoio da biblioteca para a internacionalização do *campus*. Click, Wiley e Houlihan (2017) também enfatizam a continuidade de estudos acadêmicos sobre necessidades de informação de estudantes internacionais e indicam a necessidade de pesquisas que identifiquem melhores práticas relacionadas a essa população. No mesmo sentido, Toner (2019) realizou uma pesquisa em que buscou compreender as melhores práticas em serviços de bibliotecas no atendimento à estudantes internacionais e, também, sugere que são necessárias pesquisas mais aprofundadas. Pois os serviços de apoio aos estudantes internacionais continuam se desenvolvendo, tornando oportuno que as bibliotecas busquem e compartilhem experiências de modo a estabelecerem melhores práticas visando oferecer serviços de excelência.

De acordo com Smith (2016), os respondentes de sua pesquisa, que exploram aspectos sobre internacionalização e bibliotecas acadêmicas, direcionada para associações internacionais de bibliotecas e suas afiliadas que atendem bibliotecas acadêmicas e de pesquisa em todo o mundo, concordaram e demonstram muito interesse em colaborar e partilhar as melhores práticas. Smith (2016) conclui que as bibliotecas acadêmicas enfrentam desafios difíceis e se beneficiariam de uma comunidade internacional voltada para a prática.

Ramos-Eclevia (2023) conclui, em sua pesquisa, que as bibliotecas acadêmicas apoiam e contribuem para os esforços de internacionalização das suas instituições de diversas formas. Assim, recomenda estudos sobre como articular essas iniciativas para que as bibliotecas possam contribuir, sugerindo a utilização de um *framework*, para o desenvolvimento da internacionalização de acordo com as políticas, necessidades e processos de internacionalização das IES. E, ainda, Becker (2006c) também sugere, entre várias atitudes relacionadas aos bibliotecários no sentido de contribuir para a internacionalização das IES, a possibilidade da utilização de um *framework* estratégico para o planejamento da biblioteca com base no planejamento estratégico das próprias IES.

7.4 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES

Três questões foram incluídas nos três formulários. A seguir, no Quadro 41, são apresentados os resultados com a descrição numérica desses três questionamentos comuns nos três formulários.

Quadro 41 – Respostas gerais dos três formulários

Questão. Você vê aplicabilidade do <i>framework</i> para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?		
Formulário 1	Formulário 2	Formulário 3
2 avaliadores	12 avaliadores	5 avaliadores
Respostas afirmativas: 2 Respostas negativas: 0	Respostas afirmativas: 10 Respostas negativas: 2	Respostas afirmativas: 4 Respostas negativas: 1
Total de avaliadores: 19		
Total de respostas afirmativas: 16 Total de respostas negativas: 3		
Questão. Foi fácil entender como usar o <i>framework</i>?		
Formulário 1	Formulário 2	Formulário 3
2 avaliadores	12 avaliadores	5 avaliadores
Respostas afirmativas: 1 Respostas negativas: 1	Respostas afirmativas: 12 Respostas negativas: 0	Respostas afirmativas: 5 Respostas negativas: 0
Total de avaliadores: 19		
Total de respostas afirmativas: 18 Total de respostas negativas: 1		
Questão. Você tem qualquer comentário, sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do <i>framework</i> de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?		
Formulário 1	Formulário 2	Formulário 3
2 avaliadores	12 avaliadores	5 avaliadores
Respostas afirmativas: 2 Respostas negativas: 0	Respostas afirmativas: 4 Respostas negativas: 8	Respostas afirmativas: 2 Respostas negativas: 3
Total de avaliadores: 19		
Total de respostas afirmativas: 8 Total de respostas negativas: 11		

Fonte: dados da Pesquisa

Verificou-se com os formulários aplicados para a avaliação do *framework* que, do total de 19 avaliadores, 16 consideraram o *framework* aplicável para a gestão de bibliotecas acadêmicas, 18 consideraram o *framework* fácil de entender e utilizar, e oito (8) avaliadores indicaram recomendações, além de outros comentários, para a melhoria do *framework*. Considera-se, portanto, que o *framework* foi bem-avaliado pelos profissionais bibliotecários, diretores, vice-diretores, e responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas. No geral, foi bem-aceito quanto à sua aplicabilidade, também foi bem-recebido em relação à sua facilidade de entendimento para utilização, e foram apresentadas contribuições, comentários e recomendações para sua melhoria.

Como já mencionado, alguns avaliadores entraram em contato por *e-mail*, o que também permitiu obter um *feedback* sobre a receptividade e as opiniões dos avaliadores em relação à pesquisa e ao *framework*. Apesar das poucas respostas obtidas com o Formulário 1, percebe-se nas mensagens de *e-mail* uma boa recepção por parte dos que responderam. Quanto aos Formulário 2 e 3, percebeu-se uma boa aceitação para participação, apesar das dificuldades com tempo e compromissos profissionais mencionados. As mensagens recebidas e as respostas enviadas por *e-mail* podem ser conferidas em APÊNDICE G. Os nomes, contatos e identificações dos avaliadores e das IES foram apagados, de modo a preservar o anonimato.

Com o processo de elaboração dos formulários, envio das solicitações para avaliação, e com a análise das respostas dos formulários, foi possível destacar algumas recomendações para ajustes e melhorias do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. As considerações estão relacionadas a seguir:

1. Foi incluída uma introdução para a utilização do *framework*, para esclarecer que as recomendações devem ser adaptadas para serem aplicadas de acordo com cada realidade, indicando o bom senso na implementação e adoção de procedimentos e medidas adequadas com as necessidades específicas, as condições e contextos institucionais e regionais.
2. Foi incluída na introdução uma indicação sobre a possibilidade de utilização de recomendações de boas práticas do *framework*, que possam porventura serem adotadas, adequadas ao contexto, como parâmetros para avaliação, métrica e monitoramento das boas práticas implementadas.
3. Foi incluído um sumário com hiperlinks para títulos dos grupos de recomendações, de modo a facilitar sua utilização.
4. Foi incluído um índice de tópicos com hiperlinks para os grupos de recomendações, em que são abordados ou mencionados, de modo a facilitar sua utilização.
5. Foram relacionados, por meio de hiperlinks, os nomes dos autores de cada grupo de recomendações com a lista de referências bibliográficas.
6. Foi feito o resumo de alguns grupos de recomendações do *framework*.
7. Foi realizada uma revisão geral.

Com base nessas considerações, foram realizadas as melhorias e ajustes que levaram à configuração da versão final, avaliada, do ‘*Framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas’, apresentado no capítulo a seguir.

8 *FRAMEWORK* – RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

Após a avaliação por parte dos diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas, foi possível elencar algumas considerações e sugestões de melhorias e então realizar alguns ajustes e modificações no *framework*. Neste capítulo apresenta-se a versão final do *framework* com recomendações e exemplos de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, avaliada, revisada, resumida e ajustada de acordo com as recomendações dos avaliadores.

Observação: O ‘*Framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas’ com todas as funcionalidades dos *hyperlinks*, encontra-se em arquivo separado que acompanha a dissertação. A versão a seguir apresenta todo o seu conteúdo e pode ser utilizada no formato impresso.

FRAMEWORK

**RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS
ACADÊMICAS**

THIAGO DE STURDZE

FRAMEWORK

RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

- As estratégias, medidas, ações, práticas e atividades para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas foram identificadas em 24 artigos, selecionados por meio de um levantamento bibliográfico seguido de uma revisão sistemática, e foram descritas no *framework* em 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados de boas práticas.
- O *framework* apenas indica recomendações ou exemplos de boas práticas. Deve ficar claro que as bibliotecas acadêmicas não precisam ou devem adotar todas as práticas nele descritas para que desenvolvam plenamente sua internacionalização. O entendimento é de que as bibliotecas podem optar por adotar procedimentos indicados no *framework*, com base no bom senso, que podem ser adaptados ou adequados para cada realidade, considerando as características e quantidade de estudantes internacionais matriculados; condições e interesses próprios da instituição de educação superior; e questões específicas locais e regionais.
- Pode-se considerar também a possibilidade de utilização de recomendações ou exemplos de práticas e estratégias do *framework*, implementadas de acordo com cada contexto, como parâmetros para avaliação, métrica e monitoramento das boas práticas para a internacionalização.
- Ao final encontra-se um índice de tópicos com *links* para os grupos de recomendações em que são abordados ou mencionados.

SUMÁRIO

1. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do *campus* – Estratégia administrativa
2. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do *campus* – Formação de bibliotecários
3. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do *campus* – Infraestrutura e coleções
4. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do *campus* – Serviços de informação
5. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do *campus* – Pesquisa
6. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘no exterior’
7. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘em casa’
8. Boas práticas de internacionalização para alunos de pós-graduação
9. Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
10. Contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do *campus*
11. Aspectos de internacionalização apoiados pelas equipes das bibliotecas
12. Serviços de apoio de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do *campus*
13. Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior
14. Realização de eventos multiculturais e internacionalizados de bibliotecas

15. Serviços para estudantes internacionais
16. Suporte a estudantes internacionais
17. Formação de bibliotecários internacionais
18. Programas de parceria
19. Programas de intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
20. Medidas relacionadas ao papel das bibliotecas acadêmicas na internacionalização da educação
21. Serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais
22. Atividades de internacionalização – Apoio organizacional e administrativo
23. Atividades de internacionalização – Parcerias, ligações e cooperação internacionais
24. Atividades de internacionalização – Desenvolvimento de pessoal e recursos humanos
25. Atividades de internacionalização – Pesquisa
26. Atividades de internacionalização – Coleção da biblioteca
27. Atividades de internacionalização encontradas na literatura
28. Práticas de internacionalização de bibliotecas
29. Intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural
30. Padrões de práticas e perspectivas de internacionalização
31. Atitudes recomendadas para bibliotecários acadêmicos contribuírem para a internacionalização das IES
32. Acordos estratégicos
33. Atendimento ao corpo docente internacional e acadêmicos visitantes
34. Contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições
35. *Campi* filiais internacionais
36. Mapear contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do *campus*
37. Comunicação intercultural
38. Desenvolvimento de coleções para estudos de línguas
39. Iniciativas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas
40. Serviços bibliotecários especializados para estudantes internacionais
41. Aprimoramento das relações interdisciplinares e interprofissionais, da pesquisa sobre questões globais, e promoção de maior exposição internacional para a comunidade acadêmica
42. Estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais do primeiro ano
43. Papel das bibliotecas acadêmicas nos esforços de internacionalização

O QUE?	1. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Estratégia administrativa
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas podem contribuir tanto para articular os esforços das bibliotecas universitárias na mediação entre a universidade e os processos de internacionalização, como para tornar seus serviços mais eficazes para estudantes e professores envolvidos nesses processos. Iniciativas de internacionalização são geralmente lideradas por autoridades universitárias e, em muitos casos, os níveis de internacionalização que as universidades declaram não correspondem aos níveis exibidos pelas bibliotecas. Além disso, embora as bibliotecas realizem inúmeras atividades que contribuem para a internacionalização, estas não estão articuladas em seus planos estratégicos.
Quem?	A biblioteca acadêmica em conjunto com outros setores administrativos da instituição, responsáveis por questões internacionais.
Como?	A colaboração pode incluir: - Incorporar e articular as funções da biblioteca acadêmica ao plano estratégico de internacionalização da IES. - Realizar mudanças na missão e no plano estratégico da biblioteca para que inclua os processos e atividades que apoiem e promovam a internacionalização do <i>campus</i>. - A biblioteca acadêmica pode desenvolver e manter canais de comunicação com a unidade administrativa responsável pelos estudantes internacionais e com outras instituições e redes de estudantes internacionais. - Incentivar a participação de bibliotecários em comitês de internacionalização de <i>campus</i> e organizações internacionais. - Estabelecer alianças estratégicas com instituições acadêmicas no estrangeiro que acolham estudantes internacionais. - Fornecimento de informações cruzadas entre os sites de instituições. - A participação da biblioteca em reuniões de orientação a estudantes internacionais. Deve-se considerar que quaisquer que sejam as recomendações, devem ser contextualizadas de acordo com as características de cada biblioteca e centro universitário como, por exemplo, a quantidade e a origem dos alunos e professores internacionais que recebem ou enviam para o exterior, as características dos seus programas de estudos, as diferentes modalidades de internacionalização que adotam, a sua cultura organizacional e os recursos de que dispõem. Nesse sentido, considera-se muito pertinente a realização de estudos locais sobre as formas de participação da biblioteca universitária na internacionalização do ensino superior, para que as estratégias internacionais possam ser contextualizadas e adaptadas.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	2. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Formação de bibliotecários
Por quê?	Estabelecer formação contínua de bibliotecários com o objetivo de melhorar o seu desempenho profissional, domínio de outras línguas e competências interculturais.
Quem?	Biblioteca acadêmica e colegiados de cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
Como?	- A biblioteca acadêmica pode desenvolver, em conjunto com outros departamentos e centros da IES (Psicologia, Educação, Centros de Línguas Estrangeiras), formação para que os bibliotecários aprendam a reconhecer o impacto dos padrões de pensamento e das diferenças culturais na comunicação e nos estilos de aprendizagem. - Integrar a comunicação intercultural no currículo de Biblioteconomia e Ciência da Informação. - Incentivar os bibliotecários a ampliarem seus conhecimentos e leituras sobre a história, a cultura e os sistemas educacionais de outros países, além de estudos comparativos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, que lhes permitirá conhecer as características dos usuários e tradições estrangeiras para as práticas de suas bibliotecas. - Promover a mobilidade e o intercâmbio dos bibliotecários com colegas de outras instituições nacionais e internacionais.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	3. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Infraestrutura e coleções
Por quê?	Proporcionar um ambiente adequado na biblioteca que favoreça a comunicação e a empatia entre usuários internacionais e bibliotecários.
Quem?	A gestão da unidade em conjunto com a equipe de funcionários.
Como?	- Considerar a disposição de um sistema de sinalização bilíngue ou multilíngue na biblioteca que ajude os usuários a identificar e localizar instalações e serviços. - Preparar informação multilíngue sobre a natureza e finalidades da biblioteca, as funções dos bibliotecários e termos típicos da biblioteca. - Incluir materiais multiculturais e multilíngues nas coleções da biblioteca de acordo com a origem típica dos usuários internacionais. - Apoiar estudantes e professores em estadias no estrangeiro com bibliografia atualizada sobre diferentes temas de pesquisa, por meio da disponibilização de coleções digitais online. - Criar articulações entre a biblioteca e redes de estudantes residentes no país e no estrangeiro, que estimulem a troca de informação.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	4. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Serviços de informação
Por quê?	Atender necessidades de acordo com percepções e experiências de utilização de serviços de informação de estudantes e professores internacionais, incluindo necessidades de competência informacional.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Realizar estudos para identificar necessidades, percepções e experiências de utilização de serviços de informação de estudantes e professores internacionais, incluindo necessidades de competência informacional. - Desenvolver serviços de informação de acordo com as necessidades dos utilizadores internacionais, incluindo informação académica e cotidiana. - Desenhar interfaces dos websites, tendo em conta as especificidades dos utilizadores internacionais, especialmente relacionadas com as barreiras linguísticas. - Ministras sessões de formação básica sobre a biblioteca e os seus serviços aos alunos ingressantes no primeiro semestre. - Identificar os meios de comunicação preferidos pelos estudantes internacionais e explorar o seu potencial de comunicação e disseminação de informação. - Promover oportunidades de interação informal entre a equipa de bibliotecários e utilizadores internacionais. - Definir indicadores de avaliação da qualidade dos serviços prestados na biblioteca e do desempenho dos bibliotecários, incluindo indicadores relacionados com utilizadores internacionais e outros processos de internacionalização. - Colaborar com professores na internacionalização de currículos e com pesquisadores na concepção de pesquisas colaborativas.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	5. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Pesquisa
Por quê?	Compreender as percepções e necessidades de formação dos bibliotecários e as necessidades dos usuários internacionais
Quem?	Profissionais envolvidos com a gestão de bibliotecas e formação de bibliotecários.
Como?	- Realizar estudos que identifiquem as percepções dos bibliotecários sobre os serviços para usuários internacionais, bem como suas necessidades de formação. - Realizar estudos que caracterizem a população de estudantes e outros utilizadores internacionais e suas necessidades de informação. - Promover a realização de projetos colaborativos onde participem bibliotecários, professores e estudantes internacionais. - Promover a pesquisa por bibliotecários, que lhes permita ampliar os seus conhecimentos sobre a história, a cultura, os sistemas educativos de outros países e as práticas das suas bibliotecas. - Realizar estudos que permitam comparar as experiências e abordagens de internacionalização de bibliotecas universitárias em diferentes países e o desenvolvimento de guias de boas práticas.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	6. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘no exterior’
Por quê?	Desenvolver e compreender melhor a realidade, as práticas e os serviços em bibliotecas acadêmicas relacionados à internacionalização ‘no exterior’.
Quem?	Bibliotecários e funcionários de bibliotecas acadêmicas
Como?	Visitar bibliotecas no exterior; trabalhar em bibliotecas no exterior; realizar pesquisas no exterior; ministrar cursos no exterior; criação de bibliotecas no exterior; viagens de estudo a bibliotecas; assistir e participar de eventos científicos no exterior; participar de programas de intercâmbio.
Referência	Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018)

O QUE?	7. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘em casa’
Por quê?	Desenvolver e compreender melhor a realidade, as práticas e os serviços em bibliotecas acadêmicas relacionados à internacionalização ‘em casa’.
Quem?	Bibliotecários e funcionários de bibliotecas acadêmicas
Como?	Criação e adaptação de serviços para usuários internacionais, o que requer estudos e pesquisas específicos das necessidades e preferências desses usuários; criação de espaços e serviços que permitam o resgate de culturas e saberes invisibilizados pelas práticas acadêmicas etnocêntricas; o reconhecimento e a valorização do conhecimento dos usuários internacionais, que pode contribuir para o desenvolvimento de coleções, serviços e promover a interculturalidade; o apoio à transformação curricular e métodos de ensino com perspectivas mais interculturais, internacionais e inclusivas; apoio a redes de cooperação internacional e regional através de serviços especializados; e a coordenação com departamentos e unidades universitárias para o desenvolvimento da internacionalização. Destacam-se: o apoio a estudantes internacionais; o apoio a pesquisadores internacionais visitantes; a colaboração com professores em projetos curriculares e para o desenvolvimento da competência informacional; formação de coleções multiculturais; criação de repositórios de acesso aberto; colaboração com equipes de pesquisas internacionais; colaboração com bibliotecários de outros países; participação em redes de cooperação internacional; criação de atividades de extensão que incentivem o intercâmbio entre os membros do <i>campus</i> ; reunião com bibliotecários visitantes; realizar pesquisas com profissionais de outros países; treinar bibliotecários internacionais; conduzir webinários para bibliotecários no exterior; assistir e participar de eventos científicos internacionais online; participar de programas de parcerias entre bibliotecas; oferecer serviços de referência virtual; apoio à distância a pesquisadores e estudantes em estadia no exterior; e a criação de exposições/eventos multiculturais.
Referência	Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018)

O QUE?	8. Boas práticas de internacionalização para alunos de pós-graduação
Por quê?	Atender as necessidades de informação dos alunos internacionais de pós-graduação
Quem?	A gestão dos programas de pós-graduação e a biblioteca acadêmica.
Como?	- Recomenda-se que a universidade alie a gestão de processos às ferramentas de comunicação, envolvendo os funcionários da instituição, de modo a criar um ciclo de autonomia para os estudantes, desde o acesso ao site da universidade até os canais de comunicação do programa de Pós-Graduação, como redes sociais e outros meios de atendimento ao público. - A internacionalização da pós-graduação deve ir além das redes de contato dos professores com universidades no exterior. O processo pode acontecer, também, mediante a disseminação das publicações, participação de eventos, cotutela, intercâmbio de docentes e discentes, publicações conjuntas, entre outras ações. - A universidade deve disponibilizar fontes e ferramentas para a disseminação da informação, que são fundamentais para o candidato à Pós-Graduação, no momento da sua chegada e no seu período de adaptação. As informações devem ser divulgadas em mais de um idioma, preferencialmente com o inglês como segundo idioma, por ser língua referencial na academia. - A qualidade do tipo de informações que os estudantes têm acesso e a facilidade de encontrarem essas informações afetam diretamente na sua adaptação e qualidade de vida, podendo refletir nos estudos e produtividade acadêmica. Alguns desafios encontrados pelos estudantes internacionais durante o período de adaptação estão relacionados a moradia, transporte, alimentação, serviços, saúde, entre outros. Assim, seria interessante que os canais oficiais da universidade informem sobre questões práticas do dia a dia.

	- Deve-se considerar, quanto à aquisição e ao uso da informação, que há uma diferença entre estudantes recém-chegados, que já possuem uma rede de contatos com outros estudantes do mesmo país, que já estudaram ou estudam na universidade receptora, e estudantes que não possuem essa rede de apoio. Há uma facilidade para os que obtêm informações por essa rede, sobretudo em relação à estrutura da universidade receptora e à cidade em que está localizada. - Eventos de recepção aos estudantes internacionais podem influenciar positivamente no modo com que os estudantes internacionais adquirem informações, inclusive ao longo do processo de adaptação.
Referência	Rioga e Baracho (2021)

O QUE?	9. Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
Por quê?	Satisfação pessoal aos funcionários com a experiência de intercâmbio, melhorando na sua motivação, desempenho, atitudes, confiança, orientação para o serviço e na comunicação. Promove a capacidade dos funcionários de encorajar mudanças e melhorias em seu local de trabalho com contribuições específicas e positivas como resultado do seu tempo de intercâmbio. Melhorar a imagem institucional e as relações internacionais e trazer benefícios para os membros individuais da equipe e no funcionamento interno das bibliotecas. Os intercâmbios entre membros das bibliotecas têm aumentado em importância para os participantes e para as suas comunidades acadêmicas.
Quem?	Administração Universitária, direção e funcionários das bibliotecas acadêmicas
Como?	- Se os intercâmbios forem considerados valiosos para as instituições e para os funcionários das bibliotecas acadêmicas, pode ser integrado no programa de desenvolvimento do pessoal da biblioteca um mecanismo para explorar possibilidades, formalizar canais de comunicação, definir expectativas, estabelecer objetivos, verificar potenciais parceiros de intercâmbio e providenciar meios para que os conhecimentos e experiências adquiridos sejam compartilhados após o regresso. - A iniciativa para a realização dos intercâmbios pode ser continuada após o regresso, na forma de realizações tangíveis, para que recebam reconhecimento e progresso satisfatórios. As administrações das bibliotecas devem utilizar os recursos e competências adquiridas pelos funcionários que regressaram do estrangeiro, dando-lhes incentivo e oportunidade de utilizar e transmitir os conhecimentos e experiências recentemente adquiridos, garantindo que tanto a instituição como os funcionários obtenham todos os benefícios do processo de intercâmbio.
Referência	Kidd e Roughton (1994)

O QUE?	10. Contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas podem contribuir amplamente para os esforços de internacionalização dos <i>campi</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Gestores e funcionários de bibliotecas em contato com outros setores da instituição e com agentes de instituições no exterior.
Como?	Atividades mencionadas com mais frequência incluem: a ligação com secretarias ou departamentos responsáveis pela internacionalização, com departamentos de línguas estrangeiras e de estudos de área/regiões internacionais; fornecimento de orientações e aconselhamentos para estudantes internacionais; desenvolvimento de coleções internacionais e em línguas estrangeiras; funcionários focados em empréstimos entre bibliotecas internacionais e na divulgação de tópicos internacionais ao <i>campus</i> e à comunidade. Outras atividades seriam: a administração de parcerias internacionais; auxílio no desenvolvimento de currículos internacionais; liderança em programas de estudos no exterior; e o trabalho de angariar fundos para programas internacionais.
Referência	Witt, Kutner e Cooper (2015)

O QUE?	11. Aspectos de internacionalização apoiados pelas equipes das bibliotecas
Por quê?	Contribuir para os esforços de internacionalização dos <i>campi</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Equipes de bibliotecas acadêmicas
Como?	- Instruções/orientações para estudantes internacionais - Divulgação de tópicos internacionais - Ligação com departamentos de línguas estrangeiras - Ligação com área de estudos internacionais - Ligação com programas de línguas - Ligação com setor de educação/estudos no exterior - Serviço de referência em língua estrangeira - Empréstimo entre bibliotecas internacionais - Programação de biblioteca em questões globais/internacionais - Desenvolvimento de coleções internacionais e em língua estrangeira - Desenvolvimento e monitoramento de parcerias internacionais - Suporte a <i>campi</i> filiais internacionais
Referência	Witt, Kutner e Cooper (2015)

O QUE?	12. Serviços de apoio de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>
Por quê?	Contribuir para os esforços de internacionalização dos <i>campi</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Equipes de bibliotecas acadêmicas em conjunto com outros setores e departamentos da instituição.
Como?	- Visitas orientadas em língua estrangeira - Orientação especializada para estudantes internacionais - Serviço de pesquisa individualizada para estudantes internacionais - Guias para estudantes internacionais - Guias para estudantes de línguas - Guias para estudos no exterior - Guias para cursos em línguas estrangeiras - Guias para estudos de área/regiões internacionais - Instruções para estudantes internacionais - Instruções para cursos de línguas - Instruções para cursos de estudos no exterior - Instruções sobre informação global - Instruções sobre ensino em cursos de temáticas globais
Referência	Witt, Kutner e Cooper (2015)

O QUE?	13. Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior
Por quê?	Segundo Denda (2012) as descobertas de sua pesquisa levaram a sugerir novos serviços e políticas para bibliotecas acadêmicas, para que possam colaborar de forma mais ambiciosa com programas de estudos no exterior, em conjunto com outros parceiros do <i>campus</i> . O objetivo é fomentar uma nova geração de estudantes capazes de atuar num mundo global e complexo, bem como envolver as bibliotecas de forma mais estratégica na internacionalização do ensino superior.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas em conjunto com demais setores e administração central
Como?	- Criar um guia para estudos no exterior on-line, que descreva a gama de serviços disponíveis para estudantes e professores com interesse em programas de estudos e intercâmbio no exterior. - Disponibilizar uma lista de contatos de bibliotecários para responder a consultas de pesquisa e informações práticas sobre países de destino de programas de estudos e intercâmbio oferecidos pela instituição. - Explorar caminhos para expandir o acesso remoto à serviços de biblioteca para participantes de programas de estudos no exterior, como um chat de mensagens instantâneas. - Participar de eventos de programas de estudos no exterior. - Disponibilizar informação aos pais dos alunos, que assegurem que a infraestrutura acadêmica estará disponível, na instituição no exterior, e como suporte à distância, enquanto seus filhos estiverem no exterior. - Designar um funcionário ou grupo de bibliotecários para partilhar algumas das responsabilidades de contato com os participantes (professores e estudantes) de programas acadêmicos no exterior, tanto os que vão para o exterior como os que chegam na instituição. - O acesso à biblioteca é essencial para apoiar o ensino dos estudantes, onde quer que residam seus trabalhos acadêmicos e jornadas intelectuais. - A biblioteca deve garantir que todos os serviços de acesso remoto cobertos pelos acordos de licenciamento estejam disponíveis para os participantes dos programas vinculados à instituição. - As bibliotecas acadêmicas devem estender os seus serviços de repositório institucional aos estudantes de graduação. Um repositório com conteúdo relacionado à programas de estudos no exterior, como mapas interativos de países, traçados com trabalhos de pesquisa, dados coletados, apresentações, fotos e ensaios reflexivos de ex-participantes de programas no exterior pode redefinir experiências individuais, bem como facilitar novas conexões entre estudantes e reunir comunidades como grupos de ex-alunos. - As bibliotecas acadêmicas devem se conectar aos programas de estudo no exterior de sua instituição estabelecendo uma ligação específica com este grupo de usuários, traduzindo intenção em ação. O contato pode servir como o primeiro ponto de ligação para estudantes, administradores e professores envolvidos em programas de estudo no exterior, explorando rotineiramente caminhos adicionais para benefício mútuo e novas iniciativas. Mais importante ainda, o responsável pelos contatos deve ter a responsabilidade de regularmente revisar e atualizar os guias de pesquisa e as políticas correntes para estudar no exterior, mantendo-se a par das necessidades e aspirações contínuas da comunidade. - As bibliotecas acadêmicas devem encontrar formas ativas de interagir com professores e estudantes envolvidos em estudos no exterior. À medida que as instituições de ensino superior evoluem no seu compromisso com a internacionalização abrangente, as suas bibliotecas devem integrar estas perspectivas para continuarem a ser um parceiro essencial nesta mudança de paradigma. Programas acadêmicos de estudos no exterior podem tirar vantagem de aplicações inovadoras de novas tecnologias de mídia de modo que as bibliotecas acadêmicas trabalhem em estreita colaboração com parcerias estratégicas dentro e fora do <i>campus</i>.
Referência	Denda (2012)

O QUE?	14. Realização de eventos multiculturais e internacionalizados de bibliotecas
Por quê?	A biblioteca pode demonstrar, por meio de um evento, seu apoio à educação internacional, apresentando a biblioteca como um ambiente amigável no qual pessoas de diferentes culturas possam se conectar pessoalmente. Reestruturar o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais pode levar ao reconhecimento e à valorização da importância da inclusão, da diversidade, do interculturalismo, do multiculturalismo e da internacionalização em casa, no <i>campus</i> universitário. Ao posicionar a biblioteca para funcionar como um ambiente onde estes valores são reconhecidos, realçados e promovidos, os bibliotecários demonstram o importante papel que as bibliotecas podem desempenhar na construção do conhecimento internacional. Organizar um evento da ‘Biblioteca Humana’ pode ser uma boa maneira de começar a pensar sobre esses temas e o bem maior que eles podem trazer para uma biblioteca acadêmica.
Quem?	A biblioteca acadêmica em conjunto com outros setores da instituição
Como?	A realização de um evento como o da ‘Biblioteca Humana’, considerando suas consequências positivas, pode servir como uma forma útil de reformular o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais. Em vez de apenas fornecer apoio bibliotecário aos estudantes internacionais para superar barreiras, os bibliotecários podem envolvê-los mais profundamente na construção de conhecimento compartilhado através de eventos bibliotecários. Um evento de ‘Biblioteca Humana’ se enquadra em uma gama de serviços de biblioteca oferecidos a estudantes internacionais, como oficinas de orientação, vídeos de boas-vindas em diferentes idiomas e desenvolvimento de coleções em língua estrangeira.
Referência	Bordonaro (2020)

O QUE?	15. Serviços para estudantes internacionais
Por quê?	É importante compreender que os estudantes internacionais têm uma série de necessidades, experiências e conhecimentos diferentes, que podem variar dramaticamente dependendo do seu país de origem, e que as IES devem ter a responsabilidade de valorizar e encorajar estas diferenças e buscar criar no <i>campus</i> um ambiente de aprendizagem internacional, reconhecendo os benefícios que isso pode trazer tanto para os estudantes nacionais, como para os estudantes internacionais.
Quem?	Biblioteca acadêmica
Como?	• Oferecer: - Guias de biblioteca/recursos - Atividades de introdução individualizadas - Sessões individuais de educação do usuário - Páginas da web dedicadas - Cursos de treinamento - Guias/material de divulgação sobre pesquisas em bases de dados em outros idiomas • Designar um membro da equipe que atue como principal ponto de contato para estudantes internacionais na biblioteca, cujas funções incluam tarefas como: - Criação de guias (impressos e online) - Criação de conteúdo online destinados especificamente a estudantes internacionais - Prover treinamento a outros membros da equipe - Estabelecer contato com outras equipes e departamentos (por exemplo, Secretaria de assuntos internacionais) - Atuar como representante da biblioteca em questões relacionadas com os serviços projetados para estudantes internacionais em toda a universidade • Toner (2019) destaca o que os participantes de sua pesquisa consideram como as coisas mais importante que as bibliotecas poderiam fazer para apoiar estudantes internacionais: - Consciência das diferentes necessidades dos estudantes internacionais.

	- Compreender as diferenças nas origens culturais e educacionais dos estudantes internacionais e adotar estratégias para melhor apoiá-los. - Garantir que os alunos se sintam um membro bem-vindo/valorizado da instituição e que se sintam à vontade para solicitar assistência em qualquer local (não apenas na biblioteca). - Os estudantes internacionais podem sentir-se isolados devido a diferenças culturais ou barreiras linguísticas. Uma vez estabelecido o contato em sessões de aprendizagem individuais, verifica-se uma grande diferença em garantir que o contato social seja mantido. - Ter uma pessoa designada responsável pelo apoio aos estudantes internacionais dentro da biblioteca. - Ter uma estratégia adequada. - Oferecer sessões de introdução voltadas especificamente para estudantes internacionais. - Garantir que os funcionários tenham o treinamento necessário para compreender e apoiar os estudantes internacionais da melhor maneira possível. - Página web específica da biblioteca para estudantes internacionais, que funcione como um centro geral de todas as informações que precisam e que se sintam confortáveis com o acesso. - Certificar-se de que o currículo reflete a diversidade da população estudantil. - Variedade de opções de como acessar serviços de ajuda (por exemplo, pessoalmente, e-mail, chat ao vivo, mídia social) para que os estudantes internacionais possam escolher um método com o qual se sintam confortáveis. - Atividades de treinamento em introdução e em competência informacional para alunos, elaboradas em parceria com tutores para melhor apoiar os alunos na adaptação a diferentes sistemas/práticas educacionais. - Garantir que o pessoal da biblioteca tenha formação e compreensão para apreciar a perspectiva do estudante internacional.
Referência	Toner (2019)

O QUE?	16. Suporte a estudantes internacionais
Por quê?	Responder à demanda, fornecendo produtos, serviços e programas de informação, integrados e fundamentais para as atividades de ensino e pesquisa, com foco nos estudantes internacionais.
Quem?	Administração e equipe da biblioteca em conjunto com outros setores acadêmicos.
Como?	- Os estudantes internacionais devem ter acesso a toda a gama de serviços e instalações de todas as bibliotecas da instituição. - A biblioteca pode oferecer treinamento no uso de serviços, como um programa de orientação personalizado, que inclui passeios pelas instalações da biblioteca e um seminário do tipo 'Descobrimos a Biblioteca'. - Estudantes internacionais podem frequentar ou se inscrever em algum programa de preparação ou introdução acadêmica, que incorpore algumas horas de treinamento na biblioteca com sessões para habilidades de informação. - A biblioteca pode manter contato com os serviços de apoio ao estudante para integrar seus serviços. - Estudantes internacionais em cursos de línguas estrangeiras podem receber seminários e passeios de treinamento na biblioteca. - Os bibliotecários podem trabalhar com conselheiros de aprendizagem nos serviços de apoio ao estudante internacionais para se tornarem independentes e confiantes, capazes de atingir seus objetivos acadêmicos, de aprimorar suas habilidades de coleta de informações e comunicação. - Indicar responsáveis por contato com os estudantes internacionais nomeados pela biblioteca, para ajudar estudantes internacionais e estudantes que não falam a língua do país. Informações com funcionários da biblioteca que falam mais de um idioma podem ser úteis. - Considerar a utilização de software especializado em computadores de biblioteca, para que o navegador da Web leia muitos outros scripts de linguagem. - Considerar a disponibilização de jornais de notícias internacionais. - Disponibilizar uma página especializada no site, que forneça informações para estudantes internacionais. - Disponibilizar computadores, com acesso a e-mail, para entrega de trabalhos acadêmicos e para ajudar os alunos a manterem contato com familiares e amigos. - Oferecer amplo horário de funcionamento e acesso, 24 horas por dia, 7 dias por semana, aos recursos da biblioteca via internet.
Referência	Saw, Wai Lui e Yu (2007)

O QUE?	17. Formação de bibliotecários internacionais
Por quê?	Melhorar o atendimento desenvolvendo habilidades com foco nos produtos e serviços oferecidos a estudantes internacionais.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- A biblioteca pode oferecer formação à bibliotecários e técnicos de bibliotecas em serviços e atendimento à estudantes internacionais. - A biblioteca pode manter contato com bibliotecas acadêmicas de outros países, das instituições de origem dos estudantes internacionais, buscando estabelecer uma relação de trabalho profissional contínua, fornecendo aconselhamento e apoio e, em troca, obtendo uma maior compreensão sobre como essas bibliotecas funcionam. - Disponibilizar módulos de treinamento em programas voltados para uma biblioteca do futuro, incluindo experiências práticas de trabalho de bibliotecas que oferecem serviços especializados para estudantes internacionais.
Referência	Saw, Wai Lui e Yu (2007)

O QUE?	18. Programas de parceria
Por quê?	A biblioteca pode conceber programas de formação especial para atender às necessidades específicas dos acadêmicos visitantes participantes dos programas de parceria.
Quem?	A biblioteca acadêmica adequando-se ao plano estratégico da IES.
Como?	As universidades podem estabelecer acordos de geminação ou parceria, articulados com instituições estrangeiras. Estes empreendimentos corporativos devem estar de acordo com o plano estratégico das universidades e ter como objetivo construir oportunidades de colaboração e parcerias estratégicas no ensino e aprendizagem com instituições de todo o mundo. Atividades relacionadas aos programas de parcerias podem ter impacto nas bibliotecas acadêmicas, porque os acadêmicos visitantes necessitam de acesso aos recursos da biblioteca e também precisam de ajuda sobre como utilizar esses recursos.
Referência	Saw, Wai Lui e Yu (2007)

O QUE?	19. Programas de intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
Por quê?	Deve-se desenvolver o pessoal da biblioteca e criar uma cultura bibliotecária que possa responder a um <i>campus</i> e a um mundo internacionalizados. As competências culturais desenvolvidas em projetos colaborativos beneficiam o corpo docente e estudantil de ambas as instituições. O intercâmbio internacional de funcionários de bibliotecas pode aumentar a criatividade, gerar ideias, promover a inovação e melhorar as relações, enriquecendo a maneira como os funcionários experimentam o mundo de forma mais profunda e ampla. No caminho para promover a experiência da equipe de estar “em casa no mundo”, insights inestimáveis sobre si mesmo e sobre os outros preparam os indivíduos e suas organizações para um maior envolvimento e impacto da biblioteca acadêmica na internacionalização do <i>campus</i> .
Quem?	Diretores de bibliotecas em conjunto com diretores acadêmicos das instituições.
Como?	- Assinatura, pelos diretores das bibliotecas e diretores acadêmicos, de um Memorando de Entendimento (Memorandum of Understanding – MOU) interinstitucional, que formalize e oriente as atividades de um programa de parceria para intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas. - Avaliar regularmente, ao longo do programa, os resultados do intercâmbio internacional das equipes por meio de comunicações entre as duas instituições, complementadas por discussões presenciais em conferências internacionais com participação das duas instituições. Esta coordenação pode garantir o desenvolvimento progressivo da organização em ambas as bibliotecas acadêmicas.
Referência	Somerville <i>et al.</i> (2015)

O QUE?	20. Medidas relacionadas ao papel das bibliotecas acadêmicas na internacionalização da educação
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas devem contribuir para o desenvolvimento da internacionalização nas IES.
Quem?	Biblioteca acadêmica.
Como?	- Desenvolver serviços de biblioteca para apoiar as necessidades de aprendizagem e pesquisa de estudantes e professores internacionais. - Fornecimento de instrução bibliográfica para estudantes internacionais adquirirem habilidades de competência informacional. - Promoção das razões e dos objetivos das atividades de internacionalização da instituição. - Desenvolvimento de coleções para fortalecer as dimensões internacionais dos programas e currículos acadêmicos. - Implementar a garantia de qualidade usando padrões internacionais vinculados a parceiros internacionais. - Presença ativa nos espaços físicos e virtuais dos programas de estudos no exterior. - Promover a colaboração internacional e a mobilidade profissional do pessoal/equipe da biblioteca. - Manter contato com setor de educação ou estudo no exterior. - Manter contato com o Departamento de Língua Estrangeira. - Manter contato com setor de Estudos de Regionais ou Programas de estudos internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	21. Serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais
Por quê?	Melhorar o atendimento aos estudantes e professores internacionais. São medidas que visam obter uma maior compreensão dos ambientes acadêmicos multiculturais; promover maior inovação; obter insights sobre como melhorar processos; e melhorar a compreensão e o apoio às necessidades de formação das bibliotecas universitárias.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Instrução de biblioteca e competência informacional. - Orientação de biblioteca especializada para estudantes e professores internacionais. - Materiais de biblioteca on-line em outros idiomas. - Orientação para ensino de idiomas a estudantes internacionais. - Site da biblioteca com opção para outras línguas. - Guias para estudantes e professores internacionais. - Sinalização de biblioteca em outras línguas.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	22. Atividades de internacionalização – Apoio organizacional e administrativo
Por quê?	No mundo digital atual, as bibliotecas acadêmicas devem assumir um papel ativo na agenda de internacionalização das instituições de ensino superior. Isto pode exigir mudanças nas prioridades e políticas das bibliotecas e um elevado nível de compromisso para responder às necessidades dos estudantes internacionais e garantir que as atividades de internacionalização das bibliotecas estejam alinhadas com o plano de internacionalização da instituição. Os gestores de bibliotecas devem estar conscientes do plano estratégico de internacionalização, que lhes permitirá desenvolver serviços e atividades específicas e institucionalmente alinhadas.
Quem?	Administração acadêmica e biblioteca acadêmica.
Como?	- A administração universitária deve considerar o recrutamento de bibliotecários adicionais, com competências necessárias para um local de trabalho globalizado, tais como competência digital, competência cultural, gestão de informação digital, colaboração e gestão de mudanças. O sucesso das atividades e serviços internacionais depende muito do pessoal que os presta.

	- Envolvimento ativo em programas internacionais de credenciamento e garantia de qualidade para faculdades e universidades. - Recebimento e hospedagem de bibliotecários internacionais visitantes. - Disponibilizar, se for o caso, bibliotecas satélites em <i>campi</i> filiais internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	23. Atividades de internacionalização – Parcerias, ligações e cooperação internacionais
Por quê?	Desenvolver parcerias com outras instituições melhorando a cooperação internacional e o desenvolvimento de capacidades.
Quem?	Administração acadêmica e biblioteca acadêmica.
Como?	- Desenvolver projeto/atividade de benchmarking com bibliotecas internacionais. - Associação institucional em organizações internacionais ou redes de bibliotecas. - Participação em bolsas de estudos internacionais para bibliotecários. - Desenvolver projetos com bibliotecas internacionais. - Membro ativo ou liderança do pessoal da biblioteca em associações internacionais relevantes de bibliotecários.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	24. Atividades de internacionalização – Desenvolvimento de pessoal e recursos humanos
Por quê?	Desenvolver equipes de bibliotecas acadêmicas quanto a questões relacionadas à internacionalização.
Quem?	Gestão da biblioteca acadêmica.
Como?	- Participação do pessoal da biblioteca em programas internacionais de treinamento de liderança em bibliotecas. - Participação ativa do pessoal da biblioteca em treinamentos, conferências e seminários internacionais. - Programa de intercâmbio de funcionários com bibliotecas no exterior. - Cursos de línguas estrangeiras para funcionários da biblioteca. - Recrutamento de bibliotecários ou pessoal de apoio com experiência internacional. - Programa de estágio para estudantes estrangeiros de biblioteconomia/ciência da informação ou bibliotecas de outros países.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	25. Atividades de internacionalização – Pesquisa
Por quê?	Fortalecer a capacidade institucional no desenvolvimento de pesquisa e produção de conhecimento no campo da biblioteconomia.
Quem?	Administração acadêmica, pesquisadores, biblioteca acadêmica e funcionários das bibliotecas.
Como?	- Apresentação de trabalhos relacionados a bibliotecas em conferências internacionais com apoio institucional. - Acordos internacionais de pesquisa ou colaboração com bibliotecas, consórcios e universidades de outros países.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	26. Atividades de internacionalização – Coleção da biblioteca
Por quê?	Desenvolver serviços e coleções de biblioteca para um melhor atendimento à estudantes, pesquisadores e professores internacionais.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Participação em exposições/feiras internacionais de livros. - Empréstimo entre bibliotecas.

	- Aquisição cooperativa de recursos bibliotecários com consórcios internacionais ou redes de bibliotecas/universidades. - Serviço de comutação bibliográfica internacional.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	27. Atividades de internacionalização encontradas na literatura
Por quê?	Exemplos de atividades relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas encontradas na literatura, em pesquisa realizada por Ramos-Eclevia (2013). Indicação para adoção de práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.
Quem?	Administração acadêmica e gestão de bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Ligações institucionais internacionais. - Colaboração internacional em pesquisa. - Participação em conferências internacionais. - Programas de intercâmbio de funcionários de bibliotecas. - Equipe de bibliotecas treinada no exterior. - Instrução/orientação de biblioteca para estudantes internacionais. - Hospedagem de bibliotecários/professores internacionais visitantes. - Empréstimo entre bibliotecas. - Participações e compras em feiras internacionais de livros. - Projetos internacionais. - Programas de estágio. - Participação em formações internacionais, seminários-workshops. - Intercâmbio/bolsa de estudos internacional. - Contratação de pessoal com experiência internacional. - Oferecimento de estudo de língua estrangeira. - Biblioteca satélite no <i>campus</i> da filial internacional. - Aquisição cooperativa de materiais de biblioteca com parceiros internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	28. Práticas de internacionalização de bibliotecas
Por quê?	Apoiar as atividades acadêmicas além dos limites tradicionais das bibliotecas, expandindo a compreensão do ambiente global, melhorando os serviços para os funcionários e clientes, a qualidade do ensino e da aprendizagem e o prestígio e perfil da instituição.
Quem?	Segundo Ramos-Eclevia (2023), os principais responsáveis pelo planejamento e implementação de atividades de internacionalização nas bibliotecas acadêmicas nas bibliotecas que pesquisou são os bibliotecários-chefes, diretores ou bibliotecários universitários. Conselhos de bibliotecas, gabinetes de internacionalização e gabinetes de garantia de qualidade também ajudam a gerir, rever e monitorar os esforços de internacionalização de bibliotecas.
Como?	- Viajar para o exterior para comprar livros em feiras internacionais de livros. - Realizar pesquisas no exterior. - Participar de projetos colaborativos internacionais para as bibliotecas. - Participar de reuniões e atividades de associações internacionais/redes de bibliotecas. - Benchmarking de biblioteca internacional. - Promover acordos, vínculos e redes internacionais.

	- Desenvolver treinamentos, conferências e seminários internacionais. - Filiação a associações/redes internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	29. Intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural
Por quê?	Segundo Becker (2006), são cinco variáveis que podem contribuir para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.
Quem?	Administração da biblioteca acadêmica e administração acadêmica.
Como?	- As bibliotecas podem se tornar ativas em colaborações e intercâmbios internacionais. - Bibliotecários que publicam são muito mais propensos a viajar para apresentar suas pesquisas. As publicações de pesquisa são um meio de mobilidade para atividades, experiência e perspectiva internacional. - Os bibliotecários devem apresentar motivos para financiamento em apoio à mobilidade, apresentando trabalhos de pesquisa em conferências ou participando em atividades de intercâmbio ou de colaboração que beneficiem a biblioteca ou a universidade. - Incentivar os bibliotecários a prosseguirem com estudos e apoiar seus esforços, possibilitando a participação, de forma justa, em oportunidades de conferências nacionais e internacionais, intercâmbios e outras experiências, abertas e acessíveis a todos os que quiserem ser proativos. - Participação em esforços de colaboração com parceiros internacionais, realizados presencialmente ou por via eletrônica, promovida por atitude positiva. - Desenvolver abordagem profissional e respeitosa com todos os alunos, estrangeiros ou nacionais. - Bibliotecas podem desenvolver programas especiais para trazer consciência e perspectiva multicultural ao pessoal da biblioteca.
Referência	Becker (2006)

O QUE?	30. Padrões de práticas e perspectivas de internacionalização
Por quê?	Padrões verificados, em pesquisa de Becker (2006), que indicam maior probabilidade de levar a práticas e perspectivas de internacionalização.
Quem?	Bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, biblioteca acadêmica e administração acadêmica.
Como?	• Os bibliotecários são proponentes proativos das atividades internacionais de: - intercâmbio internacional; - colaboração internacional; - participação em conferências internacionais; - conhecimentos de línguas estrangeiras; e - formação/cursos para uma perspectiva internacional multicultural. • A biblioteca ou universidade estabelece um orçamento estável para a prática internacional. • Os bibliotecários envolvem-se no planejamento estratégico: - na Biblioteca; - na Universidade; e - em organizações internacionais. • A liderança da biblioteca é consistente. • O tempo gasto em tarefas de internacionalização aumenta a probabilidade de sucesso.
Referência	Becker (2006)

O QUE?	31. Atitudes recomendadas para bibliotecários acadêmicos contribuírem para a internacionalização das IES
Por quê?	Becker (2006) indica atitudes relacionadas especificamente aos bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, com base nos exemplos verificados e adotados em dois estudos de caso, considerados modelos bem-sucedidos de internacionalização de bibliotecas acadêmicas. São atitudes recomendadas para bibliotecários de bibliotecas acadêmicas para contribuir para a internacionalização nas IES.
Quem?	Bibliotecários de bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Devem ser proativos, não devem esperar serem convidados a participar de processos de planejamento ou atividades internacionais. - Devem assumir a liderança no planejamento estratégico para a mudança. - Os bibliotecários da equipe podem sugerir um <i>framework</i> estratégico para o planejamento da biblioteca com base no planejamento estratégico de sua IES. - O planejamento estratégico deve começar dentro da biblioteca para determinar os valores, metas e objetivos da biblioteca e para discutir onde ela se enquadra na visão, estratégia e estrutura da universidade. - Necessitarão compreender a direção da sua instituição e saber se podem trabalhar da melhor forma para promover os objetivos da universidade ou, em alguns casos, se precisarão tentar ampliar a visão e as práticas da instituição. - Devem traçar uma estratégia de participação nos comitês universitários que trabalham para internacionalizar a universidade. - É importante participarem e serem proativos ao ingressar em comitês administrativos e em comitês acadêmicos que trabalham em questões de ensino e aprendizagem, pesquisa, serviço comunitário e uso de tecnologia da informação. - Podem utilizar os pontos fortes únicos da biblioteca e construir parcerias em todo o <i>campus</i>, na comunidade e em colaborações internacionais. - Trabalhar no desenvolvimento de novos centros de estudo e pesquisa, ajudar a universidade a conceber novos websites, fornecer serviços comunitários baseados em bibliotecas, ou trabalhar com parceiros transnacionais. - Demonstrar criatividade nas abordagens à resolução de problemas e vontade de trabalhar em estreita colaboração com parceiros apropriados pode torná-los membros bem aceitos pela comunidade universitária. - Planejar a adesão e participação em organizações e colaborações nacionais e internacionais também deve fazer parte do processo estratégico. - Podem trabalhar ativamente com colegas de <i>campi</i> filiais internacionais. - Podem escrever e apresentar suas pesquisas em fóruns internacionais e trabalhar com colegas de todo o mundo. - Devem ser conscientes dos desafios da globalização e enfrentá-los com respostas positivas e novas formas de cooperação interdisciplinar e internacional. - Podem ministrar cursos sobre perspectiva internacional e multicultural para bibliotecários recém-contratados e para associados mais velhos que precisam ampliar seus conhecimentos sobre as mudanças nas populações estudantis e acadêmicas. - Devem encontrar formas de obter financiamento para práticas internacionais e para a mobilidade que melhorem a missão da universidade. A biblioteca deve estabelecer um orçamento estável para atividades internacionais. - Devem fornecer liderança para uma internacionalização que seja consistente. Será mais eficaz se os objetivos das práticas de internacionalização das bibliotecas forem compreendidos, as oportunidades de participação forem vistas como abertas a todos e a liderança for partilhada por todos os níveis do pessoal, através das linhas departamentais. Desta forma, a administração garante que cada membro da equipe se envolva no processo. - Qualquer biblioteca que pretenda mudar a sua prática e perspectiva deve encarar isto como um projeto de longo prazo, que será melhor realizado ao longo de um período de anos de trabalho estratégico, como um parceiro importante dentro da universidade.
Referência	Becker (2006)

O QUE?	32. Acordos estratégicos
Por quê?	O estudo de caso de Hammond (2009) desenvolveu-se a partir da ideia de que os acordos devem ser estratégicos e concebidos para servir as necessidades dos usuários. O estudo proporciona uma mudança de perspectiva, concentrando-se no que a ‘instituição de envio’ do intercâmbio, pode fazer através de acordos estratégicos para melhorar os serviços de biblioteca para usuários no estrangeiro. Com o aumento de professores e estudantes envolvidos em estudos e pesquisas em localidades internacionais, os bibliotecários do <i>campus</i> de origem precisam expandir o alcance geográfico dos seus serviços. Assim, sugere-se que acordos firmados entre bibliotecas universitárias de instituições de diferentes países podem ser usados para proporcionar aos usuários o acesso a coleções, conhecimentos especializados e espaço de estudo durante a sua residência no estrangeiro.
Quem?	Administração das IES e direção de bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Os acordos por meio dos Memorandos de Entendimento (Memorandum of Understanding - MOU) em nível de biblioteca, podem melhorar o acesso aos serviços fornecidos para professores e estudantes durante viagens de pesquisa e também dos visitantes de outras instituições. • Qualquer pessoa vinculada à instituição ou de qualquer uma das instituições oficialmente afiliadas e parceiras, podem normalmente obter privilégios de biblioteca por meio de um cartão, ou algum outro tipo de identificação, que recebe como parte dessa afiliação. Esses acordos ajudam a estender os serviços de acesso à biblioteca para usuários no exterior no intuito de resolver diversas questões e problemas como: - Com um cartão, ou algum tipo de identificador de biblioteca, emitido nos termos do MOU, facilita-se a permissão para acesso à biblioteca para as tarefas dos cursos. Sem um cartão ou algum outro tipo de identificação para as bibliotecas, não seria permitido a esses estudantes utilizarem a biblioteca ou retirar livros. - Evita-se a necessidade de estudantes e professores contemplados pelos termos do MOU precisarem recorrer a conexões pessoais para obterem acesso ampliado à biblioteca. - Os ambientes das bibliotecas oferecem serviços mais parecidos com aqueles das bibliotecas parceiras do MOU. - Alunos e professores em alojamentos temporários no exterior durante as férias escolares e períodos de férias muitas vezes não têm conexões de rede em seus alojamentos. O acesso às bibliotecas pode permitir acesso à Internet e a computadores para fins de pesquisa e conexões de rede para laptops que permitem acesso por proxy ou VPN a recursos eletrônicos licenciados pela instituição. Podem existir recursos eletrônicos que os visitantes podem acessar, que podem não estar disponíveis na instituição de origem. - Além do acesso aos acervos e ao espaço de estudo, bibliotecários de referência da instituição anfitriã podem orientar estudantes com serviços de apoio para estudantes internacionais. • Os MOUs, devem se basear em obrigações e benefícios mútuos, para ambas as instituições, e formalizados entre bibliotecas de instituições com alta prioridade à internacionalização. O entendimento é de que o fluxo de estudantes e professores internacionais continue aumentando, e estes acordos com bibliotecas são um passo em direção a um melhor atendimento e uma vantagem diante dessa tendência.
Referência	Hammond (2009)

O QUE?	33. Atendimento ao corpo docente internacional e acadêmicos visitantes
Por quê?	O corpo docente internacional constitui uma proporção relativamente pequena da comunidade de usuários de bibliotecas nas instituições pós-secundárias, mas podem ser mal atendidos quando comparados a outros grupos de usuários no <i>campus</i>, especialmente estudantes internacionais. Xie (2012) sugere que as bibliotecas acadêmicas considerem cuidadosamente o corpo docente internacional ao planejar serviços relevantes para diversos grupos de usuários. Fornecer serviços de biblioteca necessários e satisfatórios para este grupo de usuários é uma excelente oportunidade para melhor servir as comunidades acadêmicas e demonstrar que as bibliotecas acadêmicas são um parceiro importante no apoio às iniciativas internacionais das suas universidades.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Em relação a Abordagens de Divulgação: Geralmente, o contato com acadêmicos visitantes internacionais é difícil, no entanto, deve-se construir um relacionamento para lhes fornecer serviços relevantes. Uma forma seria os bibliotecários identificarem e trabalharem com professores internacionais permanentes individuais, que podem ter conexões com professores visitantes do mesmo país ou região. Outra forma de contatar seria por meio do contato

	responsável principal, para chegar a todo o grupo de docentes internacionais. As bibliotecas acadêmicas precisam estabelecer parcerias com outros departamentos do <i>campus</i> para tornar os serviços e programas da biblioteca visíveis para estes usuários. Por exemplo, explorar a oportunidade, em colaboração com setores de apoio ao ensino, de realizar uma introdução à biblioteca para professores ou acadêmicos internacionais. Podem, também, elaborar um panfleto para apresentar brevemente as coleções e serviços da biblioteca, com destaque para serviços específicos para visitantes internacionais e distribuir para esses departamentos para que entreguem aos professores internacionais em sua chegada. São abordagens que podem ajudar a transmitir uma mensagem de boas-vindas aos docentes internacionais da biblioteca, a aumentar sua consciência sobre os recursos da biblioteca, a incentivar a utilizá-la, e a contatar um bibliotecário quando necessário. • Em relação a Serviços de Referência: Os bibliotecários devem estar cientes que professores internacionais de países que não falam a mesma língua podem se frustrar ao usar as bibliotecas acadêmicas. Os bibliotecários de referência precisam ser pacientes com professores internacionais. Devem entender que os professores podem ser mais proficientes em escrita e leitura do que em fala e audição. Nesse caso, uma sugestão é pedir ao usuário que escreva palavras ou frases relevantes. Os bibliotecários podem se valer também de glossários multilíngues. Outra alternativa seria encaminhar o usuário para um colega da biblioteca, se disponível, que compreenda a língua falada pelo professor ou acadêmico. Além disso, os bibliotecários de referência devem estar atentos de que diferentes culturas têm diferentes estilos de comunicação. • Em relação a Direitos Autorais e Informações de Acesso Aberto: O corpo docente internacional vem de vários países que possuem diferentes leis ou políticas de direitos autorais e podem ter valores e perspectivas sociais diferentes no que diz respeito à propriedade intelectual. Assim sugere-se, para a realidade das bibliotecas acadêmicas, destacar, em qualquer instrução de biblioteca para professores internacionais, os regulamentos sobre informações licenciadas e protegidas por direitos autorais. Além disso, a estadia do professor internacional na universidade anfitriã pode ser temporária, assim, é apropriado que os bibliotecários incluam fontes relevantes de informação de acesso aberto e coleções de bibliotecas, permitindo que continuem a utilizar as fontes quando regressarem à sua instituição de origem, sem serem afetados pelo licenciamento e assinaturas da coleção da instituição anfitriã.
Referência	Xie (2012)

O QUE?	34. Contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas devem passar a dar mais foco nas coleções, repensar as estruturas para um melhor trabalho em equipe, aprofundar parcerias no <i>campus</i> , apresentar projetos e experiências de estudo no exterior e promover o multiculturalismo através de eventos e exposições.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	As bibliotecas estão, cada vez mais, interagindo com públicos globais e culturalmente mais diversos, a fim de se alinharem às estratégias de internacionalização do <i>campus</i> . O seu envolvimento abrange uma série de dimensões, incluindo pesquisa, intercâmbio de pessoal e participação em projetos internacionais, mas o foco principal é o ensino e a aprendizagem. As bibliotecas não tem conseguido acompanhar a internacionalização dos <i>campi</i> e não estão fazendo o suficiente para se posicionarem como atores-chave nessa agenda institucional.
Referência	Cox (2018)

O QUE?	35. <i>Campi</i> filiais internacionais
Por quê?	Com o crescente número de parcerias interuniversitárias internacionais, intercâmbios, programas de graduação e <i>campi</i> filiais internacionais, estabelecidos pelas universidades, os bibliotecários acadêmicos estão cada vez mais propensos a estar envolvidos no apoio a programas internacionais e transfronteiriços.
Quem?	Administração acadêmica e administração de redes de bibliotecas acadêmicas em <i>campi</i> filiais internacionais.
Como?	• Administração e gestão: - Com o intuito de garantir que os alunos obtenham a mesma experiência de biblioteca em todo o sistema, os bibliotecários-chefes de todas as localidades e o diretor da biblioteca podem se reunir quinzenalmente por videoconferência.

	- A instituição pode se comprometer em replicar o estilo do sistema de educação do seu país de origem, no entanto, pode depender fortemente de funcionários locais. Assim, simular o mesmo sistema educacional pode ser desafiador, em relação à linguagem e a cultura. Para isso, deve-se administrar e treinar funcionários de biblioteca contratados locais para que se comuniquem na mesma língua padrão em todos os <i>campi</i> da instituição. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, encorajar os funcionários da biblioteca a aprimorarem suas habilidades culturais, e na língua adotada pela instituição, retirando livros da biblioteca e participando de seminários e cursos de línguas. - As barreiras culturais podem ser um desafio ao trabalhar em projetos que abrangem toda a biblioteca. Mas, apesar das dificuldades com barreiras linguísticas e culturais, o processo de superação destes desafios e de construção de uma equipe forte é gratificante. Para isso, é essencial a paciência e o pensamento criativo para a gestão e formação de pessoal local num contexto de bibliotecas de <i>campi</i> filiais internacionais. • Competências e desenvolvimento profissional: - A flexibilidade é essencial para um ambiente de trabalho bem-sucedido em uma biblioteca de <i>campus</i> filial internacional. Muitas vezes, o suporte técnico é centralizado no <i>campus</i> principal, a muitos fusos horários de distância, o que resulta em atrasos no serviço. - As bibliotecas de <i>campi</i> filiais internacionais tendem a ser menores, o que significa que os bibliotecários e funcionários da biblioteca podem precisar desempenhar diversas funções. Os bibliotecários neste ambiente podem esperar obter uma experiência prática valiosa e construir seus currículos rapidamente. Muitos <i>campi</i> filiais internacionais incentivam a colaboração <i>intercampi</i> através da participação em comitês e intercâmbios de trabalho. Envolver-se em um desenvolvimento profissional significativo desse tipo enquanto trabalha em um <i>campus</i> filial internacional pode ser desafiador e extremamente gratificante. - Os bibliotecários dos <i>campi</i> filiais internacionais podem organizar webinars, workshops regionais e conferências, utilizando conhecimentos adquiridos localmente para fornecer oportunidades de desenvolvimento profissional para a equipe. - Outra medida que pode ajudar seria adequar os horários e datas de reuniões e webinars para permitir a participação de todos os <i>campi</i>, levando em consideração os fusos horários dos <i>campi</i> filiais. - Traduzir documentação importante para outros idiomas. • Serviços e instruções ao usuário: - Criação de bibliotecas predominantemente eletrônicas, que forneçam acesso 24 horas por dia, 7 dias por semana, aos seus usuários. - Desenvolver um serviço de bate-papo (chat) para responder dúvidas quando a biblioteca do <i>campus</i> filial estiver fechada e vice-versa. - Os bibliotecários podem desenvolver vídeos curtos sobre questões multiculturais e também criar guias de apoio a disciplinas e cursos. - Desenvolver uma abordagem estruturada para a competência informacional para alunos dos <i>campi</i> filiais de acordo com o Plano Estratégico da instituição. Considerar a forma como tem se abordado as competências de informação tradicionais, incluindo o pensamento crítico e a reflexão. Os desafios continuam sendo o idioma, o tempo, a tecnologia e a cultura. • Transnacionalização: - A transnacionalização educacional está afetando a vida profissional e a prática profissional dos bibliotecários. À medida que as instituições de ensino superior dão passos maiores e mais rápidos para se ampliarem e globalizarem, é essencial incorporar esta tendência no planejamento da profissão e buscar formas para os bibliotecários acompanharem as mudanças.
Referência	Salaz <i>et al.</i> (2016)

O QUE?	36. Mapear contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>
Por quê?	Raramente se menciona, no planejamento estratégico e nos documentos administrativos das bibliotecas, meios de se avaliar suas contribuições para a internacionalização do <i>campus</i> . Ferramentas para medir o trabalho e seu impacto podem ajudar as bibliotecas a serem mais eficazes. É chegado o momento de desenvolver a avaliação das atividades de internacionalização de bibliotecas (Cooper; Kutner; Witt, 2015).
Quem?	A intenção é fornecer ideias para <i>frameworks</i> e práticas de avaliação que permitam às bibliotecas acadêmicas verificarem o que está sendo feito nos seus <i>campi</i> em relação à internacionalização quanto às metas, objetivos, prioridades e culturas da sua própria instituição (Cooper; Kutner; Witt, 2015).

Como?	• Com base numa revisão da literatura sobre ferramentas de avaliação e tendências atuais no ensino superior e nas bibliotecas acadêmicas, seguem-se recomendações de elementos a serem incluídos num conjunto de atividades para uma avaliação eficaz em esforços relacionados à internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Estas recomendações baseiam-se num princípio abrangente de vincular os esforços da biblioteca a missão e objetivos estratégicos mais amplos do <i>campus</i> (Cooper; Kutner; Witt, 2015): - Antes de iniciar uma avaliação das atividades internacionais, realize uma análise ambiental da biblioteca. A pesquisa sugere que as atividades internacionais nas bibliotecas acadêmicas são em grande parte descoordenadas e dispersas por toda a organização. Vários indivíduos e unidades podem estar envolvidos em atividades internacionais complementares que precisam ser consideradas em qualquer avaliação geral da biblioteca. - Realizar uma verificação ambiental de atividades internacionais em seu <i>campus</i>. Quais são as prioridades da instituição nesta área? - Incorporar uma maneira de considerar simultaneamente o apoio da biblioteca às atividades relacionadas à internacionalização em relação aos objetivos mais amplos da universidade e ao apoio à internacionalização do <i>campus</i>. - Incorporar meios de medir tanto as formas atuais pelas quais a biblioteca apoia a internacionalização, como as mudanças mais dinâmicas que ocorrem ao longo do tempo, tanto a nível da biblioteca como a nível institucional mais amplo. - Incorporar uma escala progressiva que permita medir vários níveis de envolvimento e satisfação com atividades específicas relacionadas à internacionalização. As classificações podem variar de mínimas ou inexistentes, a aceitáveis e ótimas. - Incluir um elemento qualitativo reflexivo que forneça informações adicionais sobre metas e prioridades específicas da instituição e áreas para melhoria. - A documentação da avaliação deve incluir seções sobre como administrar, como analisar os dados e como utilizar os resultados para aumentar o desempenho e demonstrar valor. As ferramentas de avaliação devem ser fáceis de usar e devem ser concluídas evitando muito gasto de tempo.
Referência	Cooper, Kutner e Witt (2015)

O QUE?	37. Comunicação intercultural
Por quê?	A comunicação entre culturas é essencial e deve ser uma prioridade para os bibliotecários acadêmicos que prestam serviços de informação a estudantes internacionais. Comunicar eficazmente entre culturas é uma prioridade, nas bibliotecas acadêmicas, para que os estudantes internacionais tenham maior sucesso acadêmico. Os bibliotecários devem se familiarizar mais com as realidades das diferentes culturas e estilos de comunicação, para integrar ideias e perspectivas inovadoras em programas e serviços de informação (Wang; Franck, 2002).
Quem?	A relevância das bibliotecas acadêmicas depende da capacidade dos bibliotecários se integrarem eficazmente no tecido do ensino e da pesquisa das IES. Assim, os bibliotecários acadêmicos devem ser capazes de identificar e trabalhar com questões especificamente relacionadas à informação e atendimento voltados para estudantes internacionais (Wang; Franck, 2002).
Como?	As recomendações destinam-se a auxiliar os bibliotecários acadêmicos nos esforços para fornecer serviços de informação eficazes para estudantes internacionais. São lembretes para considerar diferentes culturas à medida que programas e serviços são desenvolvidos e implementados (Wang; Franck, 2002): • Realizar recepções “open house” para estudantes internacionais, especialmente para os estudantes internacionais que são novos no <i>campus</i>. Estes proporcionam oportunidades informais para estudantes internacionais conhecerem bibliotecários e serem expostos a alguns dos serviços prestados pela biblioteca acadêmica. Em particular, as “open house” proporcionam oportunidades para desenvolver ligações ou parcerias, que são particularmente relevantes para o sucesso acadêmico dos estudantes internacionais. • Organizar programas formais de orientação que se concentrem nas questões, necessidades e preocupações específicas dos estudantes internacionais. Enfatizar a realidade de que as pessoas que trabalham nas bibliotecas são acessíveis, estão dispostas a ouvir ativamente e são qualificadas para ajudar. • Discutir regularmente as questões e preocupações relacionadas aos estudantes internacionais. À medida que os programas e serviços de informação são desenvolvidos e modificados, integrar um “módulo de estudante internacional” nestes programas e serviços para que as necessidades destes estudantes sejam incluídas. • Integrar as necessidades dos estudantes internacionais em programas formais de competência informacional. Os bibliotecários estão envolvidos ativamente em questões de ensino e aprendizagem nos <i>campi</i>. À medida que se colabora com o corpo docente para criar experiências de aprendizagem significativas para

	os alunos, melhora-se a perspectiva para os estudantes internacionais. Considerar todos os alunos à medida que as experiências de aprendizagem são projetadas, evitando iniciativas que podem não ser positivas para todos os alunos. • Fornecer mais assistência para novos estudantes internacionais. O ano inicial para qualquer aluno pode ser traumático. Essa assistência pode ser integrada a um programa voltado para todos os novos alunos. • Cooperar com outras unidades do <i>campus</i> para facilitar o sucesso dos estudantes internacionais. Por exemplo, comunique-se com unidades como o “Centro de Estudantes Internacionais” e o “Centro de Aconselhamento”. • Familiarizar-se mais com os estilos de aprendizagem dos estudantes internacionais, ajustando ou adaptando o conteúdo instrucional para grupos específicos de bibliotecários, criando experiências de aprendizagem mais significativas. Pesquisas sobre os estilos de aprendizagem de estudantes internacionais indicam que eles geralmente são orientados para objetivos e preferem relacionamentos informais individuais com os instrutores. Também preferem situações de aprendizagem que proporcionem contato direto com temas e materiais. Embora estas condições variem de grupo para grupo, é importante aprender mais sobre estes diferentes estilos de aprendizagem. • Desenvolver e conduzir treinamento de sensibilidade para bibliotecários e funcionários que interagem regularmente com estudantes internacionais. Concentrar-se na natureza sensível da comunicação intercultural, reconhecendo que existem diferenças culturais. É importante que os estudantes internacionais (e, na verdade, todos os estudantes) se sintam tão confortáveis quanto possível em situações relacionadas com informação. Também é importante acomodar diferentes estilos de comunicação. • Desenvolver brochuras ou guias que forneçam informações sobre programas e serviços em vários idiomas. Examine a sinalização existente para ter certeza de que palavras ou frases não sejam potencialmente ofensivas ou confusas para alguns estudantes internacionais. • A escuta ativa e sensível é importante. Além disso, a linguagem corporal pode convidar ou impedir perguntas de estudantes internacionais. • Recrutar e contratar bibliotecários e funcionários provenientes de diferentes culturas. Isto proporciona oportunidades para os bibliotecários e funcionários existentes aprenderem e se tornarem mais sensíveis às necessidades das diversas culturas. Além disso, os estudantes internacionais se sentirão mais confortáveis ao ver e interagir com uma equipe diversificada em bibliotecas acadêmicas. • Serviços de informação eficazes para estudantes internacionais, bem como para outros grupos específicos, precisam de ser integrados na declaração de missão da biblioteca. Estes serviços precisam ser incluídos como objetivos ou opções estratégicas. • Fornecer assistência personalizada ou instrução sobre o uso de bancos de dados eletrônicos para estudantes internacionais. A experiência tecnológica e computacional dos estudantes internacionais não deve ser considerada garantida. Deve haver uma introdução planejada para estudantes internacionais aprenderem e utilizar esses serviços. Embora os serviços de referência eletrônica sejam cada vez mais utilizados pelos estudantes, alguns estudantes internacionais podem ser relutantes e terem dificuldades na utilização desses serviços. • Reconhecer que cada estudante internacional é um indivíduo, independentemente da cultura específica do aluno. Generalizações aplicadas a indivíduos, bem como a grupos, podem levar a práticas e políticas que não são tão inclusivas ou eficazes como desejado. Todos somos moldados por muitos fatores como origem étnica, família, educação, e personalidades.
Referência	Wang e Franck (2002)

O QUE?	38. Desenvolvimento de coleções para estudos de línguas
Por quê?	Os estudantes internacionais têm muitos meios para se tornarem alunos de idiomas bem-sucedidos. Um desses poderia ser o aproveitamento de materiais prontamente disponíveis para fins de aprendizagem de línguas em bibliotecas universitárias. A biblioteca universitária que optar por criar, construir e manter tal coleção pode apoiar potencialmente o sucesso do aprendizado de idiomas de estudantes internacionais no <i>campus</i> . Ao fazer uso de tais coleções, os estudantes internacionais podem potencialmente aumentar suas próprias chances de sucesso nos estudos em um ambiente de língua não nativa. Da mesma forma, as bibliotecas universitárias também poderiam se beneficiar, sendo vistas como parceiras na internacionalização no <i>campus</i> (Bordonaro, 2015).

	Bordonaro (2015) refere-se especificamente a coleções de material de ‘Inglês como Segunda Língua’ (English as a Second Language – ESL) para universidades dos EUA e Canadá. Considerou-se, para o <i>framework</i> , a possibilidade desse exemplo ser adaptado e aplicado a bibliotecas acadêmicas de IES de outros países, com outras línguas que não o inglês, como forma de proporcionar meios de aprendizagem de idiomas locais para estudantes estrangeiros em geral.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Uma pequena maneira pela qual as bibliotecas universitárias podem potencialmente apoiar, criar ou fortalecer oportunidades para contribuir para os esforços de internacionalização no <i>campus</i> pode ser o desenvolvimento de coleções de material de línguas para estudantes internacionais. Sugere-se, como uma medida modesta, viabilizar um meio para que estudantes internacionais vejam as coleções de estudos de língua como uma forma potencial de melhorar a sua aprendizagem de línguas. Essa medida pode também demonstrar que as bibliotecas universitárias estão interessadas em ajudar a construir meios de apoio linguístico para estudantes internacionais (Bordonaro, 2015). - Em termos de recursos necessários às bibliotecas universitárias para se envolverem na construção de coleções de estudos de línguas, os maiores fatores seriam provavelmente o custo de aquisição de material. Assim, seria necessária uma revisão do orçamento da biblioteca, para apoiar a aquisição de tal material, avaliar as necessidades de espaço e o tempo necessário do pessoal para adquirir, processar, catalogar e arquivar esse material. Além disso, também pode ser necessário tempo dos funcionários para garantir que estes materiais sejam acessíveis através do catálogo da biblioteca. Uma implicação final seria que uma atitude positiva relativa ao envolvimento da biblioteca neste esforço provavelmente contribuiria muito para ajudar a biblioteca universitária a ser vista como uma parceira nos esforços de internacionalização do <i>campus</i> (Bordonaro, 2015).
Referência	Bordonaro (2015)

O QUE?	39. Iniciativas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas
Por quê?	A biblioteca pode desempenhar o papel de líder na comunidade universitária, expondo o seu corpo de funcionários e usuários a uma variedade de ideias fora das suas normas culturais habituais. Este papel pode ser alcançado através da utilização de bolsas e subsídios para bibliotecas e bibliotecários, bem como através do uso fundos de viagens para apoiar os bibliotecários que participam em conferências e seminários, melhorando seu conhecimento de outras culturas. Isso pode trazer um benefício triplo para os bibliotecários acadêmicos. Primeiro, ao colocar bibliotecários em culturas estrangeiras permitindo-lhes conhecer pessoas de diversas origens internacionais, pode desenvolver a capacidade de empatia que levará a melhores interações com estudantes internacionais em suas bibliotecas. Tais experiências também podem levar os bibliotecários a procurar oportunidades para desenvolver projetos baseados em tópicos internacionais que podem, por sua vez, ajudar os estudantes nacionais de uma universidade a compreender melhor outras culturas. Finalmente, após essas experiências, os bibliotecários podem optar por procurar oportunidades que desenvolvam ainda mais as coleções das suas instituições sobre vários temas internacionais (Hooper; Shaffer, 2019).
Quem?	Administração da biblioteca acadêmica.
Como?	Hooper e Shaffer (2019), embora entendam que cada instituição possa ser diferente, apresentam alguns fatores e recomendações a serem considerados em bibliotecas acadêmicas ao se implementar um programa de internacionalização: • A administração da biblioteca e o corpo docente devem determinar de forma colaborativa quais são os seus objetivos. Um exemplo seria proporcionar experiências internacionais aos bibliotecários interessados, a fim de melhor familiarizá-los com outras culturas, o que por sua vez, em teoria, os tornaria mais sensíveis às necessidades dos estudantes internacionais. Pode-se desenvolver normas para a seleção de bibliotecários que queiram participar em viagens internacionais, buscando garantir que o melhor pessoal seja selecionado para tais oportunidades. Por exemplo, aqueles que têm mais interações com estudantes internacionais nas suas áreas de estudo podem se beneficiar mais de viagens e exposição internacionais do que aqueles com menos interações com estudantes internacionais. Ou também, pode fazer mais sentido que um responsável por disciplinas em determinadas áreas viaje para locais específicos relacionados. É claro que o orçamento e a dotação de pessoal são considerações importantes no cumprimento deste objetivo. • Pode-se desenvolver uma série de programas de divulgação, a fim de ensinar à comunidade universitária em geral sobre uma série de tópicos internacionais. Um fator importante para esse objetivo seria desenvolver um relacionamento com o ‘Escritório do Programa Patrocinador’ (Sponsored Program Office), que

	envia informações sobre futuras bolsas e subsídios. Este objetivo também permite que a biblioteca colabore com outros departamentos do <i>campus</i> e, por vezes, permite que a biblioteca estabeleça parcerias com organizações comunitárias. • Equipe de Pessoal: Independentemente do tipo de programa de internacionalização desejado, o pessoal deve ser considerado. Para fins organizacionais, é útil que um bibliotecário responsável pelas iniciativas internacionais participe. Porém, se uma biblioteca estiver interessada em algum tipo de intercâmbio, em conduzir participantes em viagens internacionais, ou em qualquer outro empreendimento relacionado à internacionalização, deve-se refletir se a biblioteca pode dispensar pessoal durante esses períodos sem prejudicar o dia a dia de trabalho da biblioteca, de modo a não causar escassez de pessoal. • Orçamento: Antes de qualquer nova iniciativa ser lançada, o orçamento de uma instituição deve ser considerado. Dependendo do tipo de programa internacional que uma biblioteca pretende participar, apenas um montante mínimo de financiamento poderá ser necessário. Por exemplo, se o programa for apresentar uma série de filmes, ou envolver viagens internacionais, implicará em mais ou menos recursos, assim poderá ser necessário realocar fundos dentro do orçamento ou solicitar um aumento de financiamento como resultado de uma nova iniciativa que está a ser desenvolvida.
Referência	Hooper e Shaffer (2019)

O QUE?	40. Serviços bibliotecários especializados para estudantes internacionais
Por quê?	Foi realizado um estudo para examinar o papel da biblioteca nas instituições acadêmicas canadenses em relação aos estudantes internacionais que as frequentam e os serviços que estão sendo oferecidos a eles. Foram identificadas algumas áreas-chave nas quais as bibliotecas acadêmicas podem ajudar a garantir que os estudantes internacionais aproveitem ao máximo sua experiência bibliotecária, tais como: divulgação; colaborações e parcerias com organizações do <i>campus</i> ; serviços e recursos especializados; instrução de bibliotecas e treinamento adequado do pessoal. Foram verificados quais tipos de instrução e atividades de informação bibliográfica oferecem, com quais organizações universitárias possuem parcerias, e quais serviços em outros idiomas são oferecidos pelas bibliotecas.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas, professores e demais setores de apoio estudantil.
Como?	• Serviços de instrução de biblioteca: - A maior parte das bibliotecas oferecem algum serviço de instrução de biblioteca formal para estudantes internacionais, ou seja, conduzem sessões de instrução de biblioteca específicas para estudantes internacionais. São sessões oferecidas pelo menos uma vez por ano e, às vezes, com mais frequência. Dependendo da instituição, as sessões de Instrução de Biblioteca são realizadas como parte de uma aula específica ou, às vezes, apenas na medida da demanda. Algumas foram realizadas em cooperação com outras organizações do <i>campus</i>, como o escritório para estudantes internacionais ou aconselhamento estudantil. - Outras bibliotecas, em menor quantidade, não oferecem aulas específicas para estudantes internacionais, em vez disso, os estudantes internacionais são incluídos no ensino regular da biblioteca, como alunos do primeiro ano e, posteriormente, como parte de uma única sessão de instrução de biblioteca mais focada. • Instrução de Biblioteca para alunos de graduação e pós-graduação: - Quase todas as bibliotecas pesquisadas relataram que ofereciam alguma forma de ensino bibliotecário em muitos de seus programas de graduação. Cerca de trinta e um por cento dos entrevistados também disseram que ofereciam alguma Instrução de Biblioteca para estudantes internacionais de pós-graduação, além de estudantes de graduação. Em cerca de metade destes casos, os estudantes internacionais de pós-graduação receberam instrução como parte de um programa formal de Instrução de Biblioteca. Em outros casos, a Instrução de Biblioteca foi oferecida de forma mais irregular e informal. - O corpo docente internacional também aproveitou as sessões de Instrução de Biblioteca. Um bibliotecário relatou oferecer sessões gerais de Instrução de Biblioteca para novos professores, incluindo, invariavelmente, os professores internacionais. • Conteúdo das sessões de instruções de biblioteca para estudantes internacionais: - Quase todas as bibliotecas pesquisadas relataram que, se fosse oferecida aos estudantes internacionais uma sessão de instrução de biblioteca, ela incluiria pelo menos uma 'introdução geral' sobre serviços da biblioteca. - Uma introdução geral inclui pelo menos uma sessão sobre como fazer uma pesquisa básica no catálogo da biblioteca e uma introdução a uma base de dados.

- Uma sessão pode ser descrita como: uma introdução sobre os serviços bibliotecários para estudantes internacionais e sobre como usar o catálogo da biblioteca. Esta sessão inclui uma visão geral sobre como realizar pesquisas na universidade, como escolher um tópico, como preparar uma estratégia de pesquisa eficaz, como localizar artigos de periódicos usando bases de dados e como criar uma bibliografia.

- Em outros casos, o tempo de prática foi importante e algumas sessões incluíram tarefas on-line. Além de catálogos e bancos de dados, outra biblioteca observou que eles forneceram uma visão geral do vocabulário básico da biblioteca como parte de sua introdução à biblioteca.

- As introduções gerais também incluem um resumo dos serviços básicos da biblioteca, informações de contato de bibliotecários e, às vezes, indicação aos alunos para outros serviços de apoio ao estudo no *campus*.

- Se a biblioteca presta serviços exclusivos para estudantes internacionais, estes são destacados. Às vezes, as apresentações gerais também incluem atividades destinadas a familiarizar os alunos com a biblioteca, como uma caça ao tesouro ou um passeio pelo prédio.

- As visitas nem sempre eram conduzidas por bibliotecários. Num caso, visitas à biblioteca foram conduzidas por estudantes do programa internacional de mentoria de pares no *campus*. Em outro, os passeios foram realizados por alunos treinados pela biblioteca e oferecidos a diferentes grupos do *campus*. Num terceiro caso, vários passeios foram oferecidos pela biblioteca, divididos por nível de idioma, dependendo da compreensão dos participantes.

• **Pesquisas mais avançadas:**

Muitas bibliotecas fornecem instruções gerais sobre a biblioteca, mas quase trinta por cento relataram que também cobriam pesquisas mais avançadas em catálogos e bancos de dados para estudantes internacionais.

- As sessões avançadas incluíram outros tópicos além do catálogo e dos bancos de dados, entre eles, como usar o RefWorks, como avaliar um site e como usar o Google Scholar. Outra sessão comparou a pesquisa no Google com a pesquisa em ferramentas de biblioteca.

- O plágio recebeu atenção especial em alguns casos, dados os vários entendimentos culturais sobre como dar crédito ao tomar emprestadas as ideias de outra pessoa.

- Outros temas abordados em sessões mais especializadas na biblioteca incluíram uma aula sobre como melhorar os conhecimentos de informática, para alunos que necessitavam de ajuda extra. A biblioteca que ofereceu esta sessão descobriu que muitos dos estudantes que participaram eram ex-refugiados, presumivelmente novos canadenses, que não tiveram a oportunidade de desenvolver estas competências.

- Em outro caso, uma biblioteca organizou uma sessão para estudantes internacionais sobre como se adaptar à cultura canadense. A maioria dos estudantes internacionais presentes eram novos no Canadá e algumas informações básicas sobre a cultura canadense foram consideradas práticas. Também foi considerada uma forma divertida de estabelecer conexões entre a biblioteca e os alunos.

• **Formato das sessões e sua estrutura:**

Embora trinta e nove por cento das bibliotecas pesquisadas tenham dito que ofereciam algum tipo de Instrução de Biblioteca formal para estudantes internacionais, houve alguma variação no formato desses programas.

- Várias ofereceram uma série de workshops de Instrução de Biblioteca, que dependendo da instituição eram obrigatórios ou oferecidos de acordo com a demanda. Algumas bibliotecas ofereciam Instrução de Biblioteca para estudantes internacionais até três vezes por ano, geralmente uma vez por semestre. Em um caso, três ou quatro seções da mesma turma foram oferecidas a estudantes internacionais, por semestre. Algumas bibliotecas organizaram as suas próprias sessões de instrução para estudantes internacionais, e algumas Instruções de Biblioteca foram incluídas como parte de um programa de orientação mais amplo em todo o *campus*. Esses programas ofereciam sessões informativas sobre diversos tópicos, incluindo uma introdução aos serviços do *campus* e uma introdução ao *layout* do *campus*. Outros tópicos eram mais práticos, como abrir uma conta bancária e o que saber sobre a adaptação à cultura canadense. Em vários casos, os bibliotecários mencionaram que estavam envolvidos nestes programas, mas, como relatou um bibliotecário, nem sempre eram “o anfitrião do local certo para a instrução da biblioteca, para além da introdução de um rosto e nome amigáveis”. Os bibliotecários também foram convidados a apresentar sessões de biblioteca nas aulas de idiomas. Em um caso, uma sessão na biblioteca fazia parte de um programa intensivo de língua inglesa que exigia que os alunos escrevessem um trabalho de pesquisa. Em outro, o ensino da biblioteca foi oferecido como parte de um programa do Centro de Redação oferecido a estudantes internacionais que precisavam de ajuda extra com o inglês, realizado durante o período de verão. Num terceiro, a biblioteca ofereceu passeios pela biblioteca para alunos de ESL (Inglês como Segunda Língua), mas simplificou o idioma.

	• Coordenação da biblioteca com outras organizações: Trinta e três por cento das bibliotecas que responderam coordenaram-se de alguma forma com organizações estudantis internacionais do <i>campus</i>, enquanto outras trabalharam com educação continuada, serviços de aconselhamento estudantil e programas de línguas ESL (English as a second language) e FLS (Foreign Language Services). Outros grupos ou indivíduos que trabalharam com as Bibliotecas em Instrução de Biblioteca incluíam departamentos acadêmicos específicos, chefes de programas e professores e instrutores individuais. Em alguns casos, os bibliotecários observaram que estavam intimamente envolvidos com clubes de estudantes internacionais no <i>campus</i>, e uma biblioteca observou que participava de eventos da Semana Internacional do <i>campus</i>. Duas bibliotecas também relataram trabalhar com organizações internacionais fora do <i>campus</i>. • Serviços em outras línguas: - Algumas das bibliotecas pesquisadas ofereciam alguns serviços limitados em outros idiomas além do inglês, como panfletos ou folhetos descrevendo os serviços da biblioteca, ou passeios audiovisuais em outros idiomas. Em um caso, a biblioteca tinha tours baseados em códigos QR, localizados ao redor da biblioteca. Os alunos puderam escanear o código QR com seus smartphones e assistir a um breve vídeo de ajuda. Em algumas bibliotecas havia bibliotecários que falavam outras línguas e, portanto, podiam prestar serviços de tradução no local, quando necessário. Num caso, uma orientação sobre a Biblioteca foi oferecida em chinês por um bibliotecário. Outra biblioteca tinha sinalização em vários idiomas e outra tinha uma página de boas-vindas multilíngue no site da biblioteca. - Apesar dos esforços para prestar assistência em outras línguas, muitas bibliotecas não oferecem esse serviço por serem caros e demorados para produzir. Além disso, as universidades desencorajaram o uso de outras línguas, pois muitos serviços e sinalização em suas línguas nativas seriam um obstáculo para um melhor aprendizado do inglês ou francês. • Outros serviços oferecidos: Algumas bibliotecas oferecem outros serviços exclusivos para estudantes internacionais. - Em um caso, a biblioteca forneceu um local para sessões de conversação em inglês para estudantes internacionais e de idiomas que queriam melhorar suas habilidades de conversação. - Em outro caso, existia um International Commons (um espaço acolhedor onde estudantes internacionais podem estudar e se conectar) localizado na biblioteca, onde os estudantes internacionais podiam receber apoio acadêmico através de assistência individual, workshops e mentoria. - Em outro caso, a biblioteca ofereceu serviços a estudantes internacionais emprestando teclados internacionais e kits de áudio para aprendizagem de idiomas. A mesma biblioteca destacou que também possuía uma gama abrangente de dicionários, gramáticas e coleções de livros em outras línguas, algo que a maioria das coleções de bibliotecas teria em comum. • Outras questões: - Se é responsabilidade de toda a universidade apoiar os estudantes internacionais, todas as unidades, incluindo a biblioteca, precisam considerar as diversas origens e diferenças culturais na educação dos alunos, não sendo tarefa exclusiva do escritório de estudantes internacionais no <i>campus</i> (Bail, Lewis e Power, 2014). - Bail, Lewis e Power (2014) verificaram, como uma das principais conclusões de sua pesquisa, que grande parte (27%) das bibliotecas de instituições de educação superior canadenses que participaram do estudo, não têm conhecimento de quantos estudantes internacionais estão matriculados nas suas instituições. Isso demonstra a necessidade de as bibliotecas estabelecerem relações e contato com unidades no <i>campus</i> que possam fornecer informações sobre os estudantes internacionais. - Bail, Lewis e Power (2014) constataram, também, que a maioria das Instruções de Biblioteca são realizada com estudantes internacionais de graduação, sugerindo maiores esforços para se alcançar, também, os estudantes internacionais de pós-graduação.
Referência	Bail, Lewis e Power (2014)

O QUE?	41. Aprimoramento das relações interdisciplinares e interprofissionais, da pesquisa sobre questões globais, e promoção de maior exposição internacional para a comunidade acadêmica
Por quê?	Uma força-tarefa da Universidade de Kentucky (UK) avaliou as oportunidades e desafios da missão internacional da universidade e produziu um material sobre internacionalização com a visão de expandir o uso de seus recursos para aprimorar o treinamento interdisciplinar, interprofissional e a pesquisa sobre questões globais, e para promover uma maior exposição internacional para estudantes, professores, funcionários e a comunidade. A partir deste material, um Conselho Consultivo Internacional foi formado com representação de cada faculdade e outras unidades de apoio no <i>campus</i> . O Conselho foi encarregado de orientar a implementação do Plano Estratégico para a Internacionalização. A direção de bibliotecas estabeleceu o cargo de Diretor de Programas Internacionais. O cargo reporta-se ao Reitor e representa as bibliotecas do <i>campus</i> no Conselho. O primeiro passo foi reunir-se com o Pró-Reitor de Assuntos Internacionais para discutir como as Bibliotecas poderiam apoiar melhor a internacionalização. Nesta reunião surgiram cinco áreas que moldaram uma programação: Suporte para projetos com foco externo; apoio às atividades do <i>campus</i> ; visibilidade das coleções internacionais existentes; projetos iniciados pela biblioteca; e oficinas interculturais para funcionários do serviço público (Greider, 2014).
Quem?	Reitoria, Biblioteca Acadêmica, Conselho Consultivo Internacional e Pró-reitoria de Assuntos Internacionais.
Como?	• Programa Passaporte para o Mundo: No ano acadêmico de 2010, a Faculdade de Artes e Ciências iniciou seu programa Passaporte para o Mundo, no qual a faculdade se concentra em um país ou região durante o ano acadêmico. O programa ofereceu atividades educacionais e culturais. O primeiro carimbo no “passaporte” foi o da República da África do Sul. Os bibliotecários do <i>campus</i> escreveram guias de pesquisa pertinentes, organizaram apresentações e promoveram todos os eventos do programa. Colaborações foram formadas com grupos de estudantes para organizar eventos, como uma recepção com um autêntico chá russo oferecido pelo Clube Russo (Greider, 2014). • Exibição de códices astecas e maias: O corpo docente colaborou desempenhando um papel importante na promoção das coleções internacionais da biblioteca. Um exemplo é a exibição do Codex Asteca e Maia. A biblioteca possui cópias dos códices e um membro do corpo docente do Departamento de Antropologia escolheu as imagens e trabalhou com um estudante de pós-graduação para fornecer descrições acadêmicas das imagens (Greider, 2014). • Concurso de vexilologia: O Diretor de Programas Internacionais desenvolveu um concurso de vexilologia baseado nas bandeiras expostas no átrio de uma das bibliotecas. O Centro Internacional da UK divulgou o concurso e concedeu um prêmio ao vencedor. Tendo o México como foco em 2013, o grupo de trabalho desenvolveu um jogo sobre o México, com respostas baseadas nas diversas exibições do país. Durante a Semana de Educação Internacional, as bibliotecas projetaram slides retratando estudantes da UK estudando no exterior nas paredes da Information Commons. Os slides foram cedidos pela Secretaria de Educação no Exterior e Intercâmbio, unidade do Centro Internacional da Universidade (Greider, 2014). • Programas de contato com outras universidades: A participação da biblioteca em projetos com foco externo depende do escopo do projeto e da disposição dos membros do corpo docente em envolver os bibliotecários. Os bibliotecários do <i>campus</i> desempenharam um papel significativo no Programa de Ligações entre Universidades do Iraque. A Universidade recebeu três grupos de professores da Universidade de Kufa, no Iraque, em 2011, 2012 e 2013 para treinamento, workshops e visitas a salas de aula. Bibliotecários da UK apresentaram palestras e oficinas para os participantes iraquianos (Greider, 2014). • Elaboração de guias: A visibilidade das coleções da biblioteca tem sido geralmente vinculada ao Programa Passaporte. Guias de pesquisa são escritos para destacar o país ou região selecionada. Guias adicionais são escritos, conforme necessário, como um que auxilia no acesso a materiais em idiomas diferentes do inglês na biblioteca e outro que apoia a Sociedade de Historiadores para Assuntos Estrangeiros (Greider, 2014). • Participação em programas internacionais: Em abril de 2011, dois acadêmicos da Academia Chinesa de Ciências Agrícolas fizeram um curso de curta duração sobre serviços públicos no <i>campus</i> da UK. Os bibliotecários da UK trabalharam, então, com a Faculdade de Educação para avaliar a possibilidade de um Memorando de Entendimento sobre os serviços bibliotecários da Shanghai Normal University (Greider, 2014). • Apoio a docentes no exterior: Todos os anos a equipe da biblioteca oferece apoio aos docentes que lecionam no exterior (Greider, 2014). • Assistência à bibliotecas de outras instituições no exterior: Em fevereiro de 2012, em coordenação com o Mortenson Center da Universidade de Illinois, a biblioteca prestou assistência a bibliotecas de pesquisa sul-africanas. Naquele período, um estagiário sul-africano passou sete semanas no <i>campus</i> adquirindo conhecimento sobre o funcionamento das bibliotecas americanas (Greider, 2014).

	• Exposições, parcerias e sessão de vídeo: Os bibliotecários da UK realizaram uma exposição com o corpo docente de Estudos Latino-Americanos e a Faculdade de Comunicações na hospedagem de um documentário em vídeo sobre os netos perdidos da Argentina, que incluiu uma sessão ao vivo no Skype com o diretor do documentário (Greider, 2014). • Participação integral nas atividades de internacionalização do <i>campus</i>: A biblioteca passou a desempenhar papel integral nas atividades internacionais do <i>campus</i> (Greider, 2014). • Produção de materiais sobre educação no exterior: Na primavera de 2013, a colaboração entre um estudante de pós-graduação em biblioteconomia e um consultor acadêmico do Departamento de Educação no Exterior produziu um módulo de biblioteca para o pacote de orientações de Educação no Exterior (Greider, 2014). • Workshops: O grupo de trabalho e o Comitê de Desenvolvimento de Pessoal da Biblioteca ofereceram um workshop intercultural para funcionários e estudantes de meio período (Greider, 2014). • Apresentações Internacionais: Os bibliotecários da UK são cada vez mais incentivados a realizar apresentações internacionais. Uma mudança cultural para os funcionários da biblioteca, mas que estão cada vez mais adotando. Como exemplos são citadas apresentações na conferência da IFLA e na Conferência Europeia sobre Competência Informacional na Croácia (Greider, 2014).
Referência	Greider (2014)

O QUE?	42. Estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais do primeiro ano
Por quê?	O tema da transição dos estudantes internacionais no primeiro ano é de potencial interesse para administradores universitários, bibliotecários e educadores. As descobertas podem informar o redirecionamento dos serviços bibliotecários, a reinvenção das instalações da biblioteca, e o desenvolvimento de respostas estratégicas às necessidades de adaptação/transição dos alunos no primeiro ano. A diversidade estudantil oferece oportunidades estratégicas para as bibliotecas acadêmicas em relação à internacionalização dos serviços de informação e aos programas de competência informacional, em linha com os objetivos universitários de internacionalização. Enquanto centros sociais e culturais, as bibliotecas podem acentuar diferentes visões do mundo através de eventos, espaços e recursos que promovam a apreciação cultural em vez da discriminação. As diretrizes sugerem estratégias inclusivas para as bibliotecas acadêmicas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais no primeiro ano.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Adotar a capacidade de resposta à diversidade como um princípio da política e prática da biblioteca que aprecia e responde inclusivamente ao complexo entrelaçamento de experiências culturais, sociais, educativas, profissionais, e atributos pessoais como gênero, idade e saúde. • Envolver os alunos na concepção conjunta de espaços e atividades em bibliotecas culturalmente inclusivas. • Incorporar perspectivas culturalmente diversas rotineiramente em materiais educativos e atividades de aprendizagem, para alinhar o conhecimento disciplinar com as competências acadêmicas e informacionais e melhorar a compreensão das diferentes convenções acadêmicas do país anfitrião e de outros lugares. • Usar intencionalmente uma linguagem clara e sem jargões nos guias da biblioteca e no site, com imagens e diagramas para ilustrar o texto – testar a compreensão com estudantes de graduação de diversas origens linguísticas. • Fornecer materiais informativos e oportunidades de aprendizagem para atender às diferentes preferências e demografias dos alunos do primeiro ano. • Promover orientação de bibliotecas on-line e tutoriais de competência informacional para todos os estudantes que chegam, incluindo estudantes internacionais, antes de começarem - disseminando informações de biblioteca e links de tutoriais através de vários meios, incluindo os serviços de apoio linguístico e de ensino da universidade e do escritório/setor de estudantes internacionais. • Aumentar a independência e a confiança dos alunos na utilização da informação através da definição clara dos espaços físicos e virtuais da biblioteca com indicações visuais intuitivas de fácil orientação. • Incluir perfis de “aliados dos alunos do primeiro ano” no site da biblioteca para ajudar os alunos a identificar bibliotecários culturalmente conscientes e pessoal de apoio à transição.

	• As estratégias sugeridas dependem da colaboração do pessoal da biblioteca com colegas acadêmicos e profissionais em toda a universidade, para garantir um apoio inclusivo aos estudantes internacionais do primeiro ano. • Uma atividade de aprendizagem sobre convenções e jargões de informação acadêmica com uso de dicionários on-line e ferramentas de tradução poderia desenvolver simultaneamente a competência informacional e as capacidades linguísticas dos alunos. • Algumas questões, antes de implementadas, devem ser bem-avaliadas. Por exemplo, fornecer guias e funcionários de bibliotecas multilíngues pode não ser sustentável ou equitativo quando as bibliotecas universitárias servem falantes de muitas línguas. Por outro lado, dar preferência para os grupos linguísticos mais numerosos pode ser visto como uma desconsideração aos estudantes de origens menos representadas. Ou seja, a nível prático, a prestação de serviços e recursos em vários idiomas coloca vários desafios. Nesse sentido, do ponto de vista educacional, a utilização de recursos e serviços na língua de ensino da universidade contribui indiretamente para a proficiência de todos os grupos linguísticos. • Os desafios que os estudantes internacionais enfrentam geralmente estão relacionados com o desconhecimento do ambiente sociocultural e das práticas acadêmicas e bibliotecárias na universidade anfitriã, e não com o déficit educativo generalizado. • A biblioteca é vital para apoiar a transição dos estudantes internacionais para a vida e os estudos numa universidade anfitriã.
Referência	Hughes <i>et al.</i> (2018)

O QUE?	43. Papel das bibliotecas acadêmicas nos esforços de internacionalização
Por quê?	Estudo sobre o envolvimento das bibliotecas da Colorado University em atividades de internacionalização. São sugeridas atividades de internacionalização relacionadas à globalização do currículo, internacionalização de coleções, serviços para estudantes internacionais, e para o desenvolvimento de competências interculturais.
Quem?	Biblioteca acadêmica.
Como?	• Globalizando o Currículo: - Por meio de colaborações com professores disciplinares, os bibliotecários da Colorado University envolvem-se em atividades curriculares para partilhar perspectivas globais através de métodos pedagógicos inclusivos de competência informacional. Os bibliotecários interpretam essas ideias e as traduzem em sala de aula por meio de métodos de ensino interativos e conteúdo envolvente. Os bibliotecários preparam e ministram instruções que atendem às necessidades dos alunos e professores. Uma área de particular interesse para o corpo docente é educar os alunos sobre plágio e integridade acadêmica. Os bibliotecários também entendem que a ética da informação é vivenciada através de várias lentes socioculturais e, como profissionais, devem interpretar e ensinar a ética da informação no contexto das restrições legais e das normas culturais dos Estados Unidos (Li <i>et al.</i> 2018). - Os bibliotecários de instrução incentivam a aprendizagem ao longo da vida e o pensamento crítico em ambientes de ensino abertos e seguros. Destacam-se diversos materiais durante as aulas de Competência Informacional para aumentar a consciência global entre todos os alunos. Seja a instrução vinculada a um curso, seja parte de uma orientação para um novo aluno ou fornecida durante uma consulta, os bibliotecários ensinam Competência Informacional através de métodos pedagógicos inclusivos para trazer diversas opiniões e experiências para a discussão. Os bibliotecários também criam recursos digitais que apoiam os alunos remotamente, quer estejam estudando no exterior ou trabalhando fora do <i>campus</i>. Os bibliotecários muitas vezes precisam colaborar com o corpo docente disciplinar para entrar em suas salas de aula. Propõe-se que o <i>campus</i> incentive fortemente este tipo de colaboração através de padrões curriculares ou processos de avaliação (Li <i>et al.</i> 2018). • Internacionalizando Coleções: - As tendências globais de pesquisa exigem conhecimento e acesso a materiais de outros países. Os bibliotecários podem reconhecer seu papel no apoio a iniciativas universitárias globais e colaborações em pesquisas internacionais. Nesse sentido, os bibliotecários podem desenvolver e manter uma coleção diversificada de recursos e uma infraestrutura de acesso a todos os usuários. As escolhas do material comprado afetam o nível de acesso da comunidade acadêmica aos recursos de informação globais. Assim, deve-se ter uma mentalidade global na forma como são alocados os recursos universitários para garantir que as coleções e assinaturas reflitam o mundo multicultural do corpo discente. Há também esforços para possibilitar o empréstimo entre bibliotecas com outras instituições para partilhar e

emprestar coleções de modo que os usuários tenham maior acesso à informação a nível nacional e internacional. Se propõe que as bibliotecas promovam o serviço de empréstimo entre bibliotecas, melhorando as parcerias de empréstimo, especialmente com bibliotecas estrangeiras (Li *et al.* 2018).

- Plataformas digitais de acesso aberto podem ajudar para que a pesquisa seja compartilhada com qualquer pessoa com conexão à Internet em todo o mundo. Por sua vez, a própria instituição também se beneficia de iniciativas de acesso aberto que apoiam fontes de conhecimento para além do Norte Global. Bibliotecários de bolsas acadêmicas abertas e digitais fornecem instrução em tecnologias digitais que permitem construir e interpretar o conhecimento de novas maneiras com novos públicos. As bolsas de estudos abertas e digitais fornecem uma visão que apoia o futuro do acesso e da descoberta. (Li *et al.* 2018).

• **Serviços para Estudantes Internacionais:**

Os bibliotecários devem ser encarregados de apoiar o sucesso dos alunos. Pesquisas e observações sugerem que a população internacional no *campus* enfrenta grandes desafios acadêmicos, sociais e culturais, tais como: obstáculos de comunicação; práticas e expectativas acadêmicas inesperadas; diferentes sistemas de aprendizagem; e recursos desconhecidos. Muitos desses aspectos críticos para o sucesso dos estudantes internacionais são da competência das bibliotecas. Nesse sentido, os alunos são auxiliados na adaptação a diferentes ambientes acadêmicos, com uso de novas estratégias de aprendizagem. Os bibliotecários devem entender as necessidades únicas dos alunos internacionais e oferecer serviços para apoiar esses estudantes, incluindo:

- Orientação e visitas à biblioteca
- Instrução de Competência Informacional específica para estudantes internacionais
- Processo de pesquisa e workshops sobre plágio
- Guias de pesquisa de biblioteca
- Consultas de pesquisa personalizadas
- Coletar e fornecer acesso a materiais para estudantes de línguas

As Bibliotecas podem criar oportunidades para expor os alunos às competências e conhecimentos únicos que os estudantes internacionais possuem. Para tanto, as Bibliotecas alocam espaço e financiamento para programas estudantis, como: Speed Friending, Concurso Internacional de Fotografia e Show de Talentos. Esses programas permitem que estudantes internacionais e nacionais se conectem entre si e com a comunidade global, explorem o patrimônio cultural num ambiente seguro e construam e renovem o seu capital social. Propõe-se aumentar o investimento em programação que ajude a integrar os estudantes internacionais na vida do *campus* e, ao mesmo tempo, ofereça aos estudantes nacionais oportunidades extraordinárias de interagir com outras pessoas de culturas diferentes. As Bibliotecas realizam a programação por meio de colaborações com outros escritórios do *campus*, como o International Student and Scholar Services. Sem essa colaboração, a programação não poderia ter sido bem-sucedida. Deve-se fortalecer as colaborações com diversas unidades do *campus* e buscar novas parcerias para uma programação centrada no aluno (Li *et al.* 2018).

• **Melhorar as competências interculturais:**

Segundo Li *et al.* (2018, p. 3, tradução nossa), as competências interculturais são “um conjunto de competências e habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais que apoiam a compreensão e a interação com pessoas de diferentes culturas de maneira autêntica e positiva”.

De acordo com Li *et al.* (2018), as Bibliotecas da *Colorado University*, como o coração do *campus*, prestam serviços de apoio ao ensino e à pesquisa com dimensões internacionais, o que exige um elevado nível de competência intercultural por parte do corpo docente e do pessoal das bibliotecas. Entende-se que os esforços no desenvolvimento das competências interculturais dos funcionários das bibliotecas precisam ser ampliados e melhorados. As sugestões incluem:

- Aumentar a sensibilização para as competências interculturais por meio de uma variedade de métodos promocionais em bibliotecas.
- Realizar *Workshops* de desenvolvimento de competências interculturais e outras formações, incentivando a participação de todos os funcionários.
- Promover o contato intercultural e a amizade, criando espaços de convivência e oportunidades para diálogos interculturais entre grupos.

O objetivo deve ser apoiar o desenvolvimento de competências interculturais para todos os docentes e funcionários e construir serviços culturalmente receptivos nas Bibliotecas. Com professores e funcionários culturalmente competentes, criam-se melhores condições para promover ambientes inclusivos para estudantes de diferentes origens culturais (Li *et al.* 2018).

	Além das áreas de maior envolvimento mencionadas, propõe-se a participação das bibliotecas em comitês e iniciativas de internacionalização em todo o <i>campus</i> , e sugere-se que as bibliotecas desenvolvam um plano próprio para a internacionalização, o que pode exigir um comitê ou grupo de trabalho específico responsável (Li <i>et al.</i> 2018).
Referência	Li <i>et al.</i> (2018)

ÍNDICE

Coleções de bibliotecas (grupos 3, 7, 10, 11, 14, 20, 26, 34, 38, 39, 40, 41, 43)
Desenvolvimento intercultural e multicultural (grupos 2, 3, 7, 14, 21, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 43)
Atividades e práticas de internacionalização de bibliotecas (grupos 6, 7, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 41)
Contribuições da biblioteca acadêmica para a internacionalização do *campus* (grupos 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 12, 20, 36)
Atendimento à estudantes e acadêmicos internacionais (grupos 8, 13, 15, 16, 21, 33, 40, 42, 43)
Mobilidade e intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas (grupos 9, 19, 20, 24, 29, 39)
Formação de bibliotecários (grupos 2, 17, 24, 29)
***Campi* filiais internacionais (grupos 11, 22, 31, 35)**
Parcerias, cooperações e acordos (18, 19, 23, 32)
Realização de eventos (grupos 7, 14, 34)

REFERÊNCIAS

- BAIL, Jeannie; LEWIS, Ryan; POWER, Amanda. Internationalization and the Canadian Academic Library: What Are We Offering? In: **Shifting Landscapes: Exploring the Boundaries of Academic Librarianship – CAPAL/ACBAP Annual Meeting - May 25-26, 2014 – Congress of the Humanities and Social Sciences**, Brock University, St. Catharines, Ontario, Canada. Disponível em: <https://capalibrarians.org/capal-conference-2014>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- BECKER, Linda K. W. Globalisation and Internationalisation: Models and Patterns of Change for Australian Academic Librarians. **Australian Academic & Research Libraries**, 2006.
- BORDONARO, K. ESL Collections, University Libraries, and Internationalization. **Leea – Linguas en Aprendizaje Autodirigido / Revista Eletrônica**, 2015.
- BORDONARO, K. The Human Library: Reframing Library Work with International Students. **Journal of Library Administration**, 2020.
- COOPER, Liz; KUTNER, Laurie; WITT, Steven W. Assessing Library Internationalization Efforts and Impacts: Tools and Strategies. In: ACRL 2015 Conference – March 25-28, Portland, Oregon, USA, **Anais... Oregon Convention Center, March 25 to 28, 2015. Oregon, EUA**.
- COX, John. Positioning the academic library within the institution: a literature review. **New Review of Academic Librarianship**, 2018.
- DENDA, Kayo. Study Abroad Programs: A Golden Opportunity for Academic Library Engagement. **The Journal of Academic Librarianship**, 2012.
- GREIDER, Antoinette. Internationalizing University of Kentucky Libraries: a work in progress. **International Leads**, 2014.
- HAMMOND, Ellen H. Internationalization in higher education and global access in a digital age. **Library Management**, 2009.
- HUGHES, Hilary; COOPER, Liz; FLIERL, Michael; SOMERVILLE, Mary M.; CHAUDHARY, Niraj. The Role of the University Library in Supporting International Student Transition: Insights From an Australian-American Case Study. **The Journal of Academic Librarianship**, 2018.
- HOOPER, Rachel; SHAFFER, Christopher. From Fürstenwalde to Kyoto: The Internationalization of an Academic Library. **The Southeastern Librarian**, 2019.
- KIDD, Tony; ROUGHTON, Karen. International Staff Exchanges for Academic Libraries. **The Journal of Academic Librarianship**, 1994.
- LI, B. X.; HALL, B.; MAXSON, B. K.; CHANG, B. The libraries' substantive role in the internationalization efforts at the University of Colorado Boulder. **Academic Futures**, Colorado, University of Colorado Boulder, 2018.

RAMOS-ECLEVIA, M. Becoming a global library at the local: internationalization activities and practices of Philippine academic libraries. **Library Management**, 2023.

RIOGA, D. do C. P.; BARACHO, R. M. A. Necessidades informacionais do estudante internacional na pós-graduação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2021.

SALAZ, A. M.; CHANG, K.; HOULIHAN, Meggan; BIRCH, Sally. The future of U.S. university international branch campus libraries: Challenges and opportunities. **College & Research Libraries News (C&RL News)**, 2016.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S.. Espacios y papeles para la biblioteca universitaria en la internacionalización de la educación superior. **Bibliotecas Anales de Investigación**, 2018.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. Contribuciones de la biblioteca universitaria a la internacionalización del campus: análisis sistemático de la literatura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 2017.

SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. 2010: a library odyssey. **Library Management**, 2007.

SOMERVILLE, M. M.; COOPER, L.; TORHELL, C.; HASHERT, C.. At home in the world: international library staff exchange program highlights. **IFLA Journal**, 2015.

TONER, J. The Role of the University Library in Supporting International Students: A Survey of Practices Across UK Universities. **Journal of Library Administration**, 2019.

WANG, J.; FRANK, D. G. Cross-cultural communication: Implications for effective information services in academic libraries. **Portal: Libraries and the Academy**, 2002.

WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. Mapping Academic Library Contributions to Campus Internationalization. **College & Research Libraries**, 2015.

XIE, S. Canadian academic library support for international faculty: library experience and information needs of chinese visiting scholars at the University of Western Ontario. **Partnership: the canadian journal of library and information practice and research**, 2012.

O ‘*Framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas’ fica, então, disponível para profissionais bibliotecários atuantes em bibliotecas acadêmicas, para utilizá-lo como uma ferramenta auxiliar na implementação de práticas administrativas e estratégias voltadas para o desenvolvimento da dimensão internacional nessas unidades de informação e suas IES. As bibliotecas acadêmicas podem contribuir, em conjunto com demais setores acadêmicos, para os processos de internacionalização adequados às políticas e estratégias definidas pela administração das IES.

O *framework* foi elaborado para ser utilizado por profissionais de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras. Porém, como foi desenvolvido com base em experiências e recomendações de estudos de diversas partes do mundo, entende-se que existe a possibilidade de sua utilização por profissionais de bibliotecas acadêmicas de outros países – de língua portuguesa, ou mesmo de países da América Latina e outras regiões, com outras línguas, por meio de tradução.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia inicial para a realização do trabalho foi verificar a possibilidade de se identificar elementos que pudessem compor um quadro de medidas, ações e práticas para apoiar estrategicamente o desenvolvimento da internacionalização de bibliotecas acadêmicas como parte do conjunto de processos estratégicos de internacionalização das Instituições de Educação Superior (IES). Com a confirmação dessa possibilidade, o intuito foi de se buscar esclarecer quais seriam essas medidas, ações e práticas. Com esse entendimento, definiu-se a seguinte pergunta da pesquisa: que medidas, ações e práticas podem apoiar a internacionalização de bibliotecas acadêmicas como parte do conjunto de processos estratégicos de internacionalização de IES brasileiras? Assim, considerou-se que um *framework* com recomendações de boas práticas, com as devidas referências dos autores, poderia servir como uma ferramenta auxiliar para a gestão na implementação de estratégias e práticas de internacionalização de bibliotecas acadêmicas, em conjunto com demais setores, na condução dos processos estratégicos de internacionalização das IES.

Definiu-se, então, como objetivo geral, elaborar um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras. Para a execução do trabalho, foram definidas etapas, correspondentes aos objetivos específicos, assim como as metodologias aplicadas, que foram realizadas na ordem que segue, acompanhadas de suas respectivas considerações.

O objetivo específico ‘a’, em que se buscou ‘levantar e apresentar um panorama da produção científica sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior no mundo’, foi atendido por meio de um levantamento bibliográfico e de uma análise bibliométrica sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização das IES no mundo.

Verificou-se, por meio do levantamento bibliográfico, seguido da análise bibliométrica das publicações recuperadas: os periódicos, os eventos e os sites em que foram publicados; os anos de publicação; os autores; as línguas; os países; as palavras-chave; e as organizações e as editoras responsáveis. Ou seja, a partir do material recuperado com o levantamento bibliográfico, foi possível realizar a análise bibliométrica e verificar dados quantitativos que expõem o panorama da publicação científica sobre o tema das bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização das IES no mundo. Apresentam-se, a seguir, algumas considerações sobre o levantamento bibliográfico e a análise bibliométrica.

Primeiramente, em relação ao levantamento bibliográfico, houve dificuldade em se estabelecer a estratégia de busca, pelas particularidades nas delimitações de pesquisa das diferentes plataformas de bases de dados utilizadas, não sendo possível estabelecer uma estratégia padrão para todas, mas sim, adaptando-se de acordo com as ferramentas de cada buscador. Outra questão foi a decisão de não se pesquisar pelo termo composto “estudantes internacionais”, neste momento, para esta pesquisa. Considera-se necessário, no entanto, para uma percepção mais abrangente da produção científica relacionada ao tema proposto, que se realize também um levantamento bibliográfico relacionando bibliotecas acadêmicas e estudantes internacionais.

Quanto à análise bibliométrica, verificou-se uma quantidade satisfatória da produção científica para a realização desta pesquisa, no caso, especificamente sobre práticas e estratégias de internacionalização de bibliotecas acadêmicas. No total, foram encontrados trinta e sete (37) trabalhos relacionados ao tema, sendo trinta e quatro (34) artigos em periódicos, um (1) artigo em evento, um (1) *paper* em evento e um (1) *paper* em site. Percebe-se um aumento na frequência das publicações no decorrer do período de 1994 a 2023. Foram identificados cinquenta e oito (58) autores relacionados ao tema da Internacionalização de Bibliotecas Acadêmicas. Constata-se que a grande maioria dos trabalhos foram publicados em inglês e em países de língua inglesa. Foram recuperados trinta e dois (32) trabalhos em inglês, quatro (4) em espanhol e apenas um (1) em português, o que evidencia a necessidade de maiores estudos por países da América Latina, por exemplo, para que se possa compreender e explorar sua própria realidade em relação ao tema.

Chamou a atenção a pouca quantidade relativa de trabalhos com títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas: apenas cinco (5). O único artigo recuperado em português possui título, resumo e palavras-chave em mais uma língua; dos quatro (4) artigos em espanhol, os quatro (4) possuem títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas; e dos trinta e dois (32) trabalhos em inglês [trinta (30) artigos e dois (2) *papers*], apenas um (1) tem o resumo e as palavras-chave em outra língua (espanhol). Foram recuperadas publicações de dez (10) países, com os Estados Unidos da América se destacando, em relação aos demais, como o país com maior produção acadêmica relacionada ao tema, com catorze (14) publicações.

Confirma-se o uso da expressão ‘*academic library*’ ou ‘*academic libraries*’, na língua inglesa, para se referir a bibliotecas integradas a IES em geral. Assim, no sentido de trazer um significado mais abrangente do que ‘bibliotecas universitárias’, sugere-se a utilização da expressão ‘biblioteca acadêmica’, em português, e ‘*biblioteca académica*’, no espanhol, para

se referir ao conjunto de bibliotecas que servem e atuam junto a universidades, faculdades, institutos, escolas, centros, fundações, entre outras organizações relacionadas à ciência, à pesquisa e ao ensino de nível superior. Ou seja, bibliotecas integradas a IES em geral.

A partir do material recuperado, por meio do levantamento bibliográfico, foi possível cumprir com o objetivo específico ‘b’ em que se buscou ‘verificar o conteúdo, tópicos abordados e selecionar material com recomendações ou exemplos de estratégias, elementos, medidas, ações e práticas adotadas’. Esse objetivo foi atendido por meio de uma revisão de literatura e de uma revisão sistemática. A seguir, apresentam-se algumas considerações relacionadas à etapa correspondente ao objetivo específico ‘b’.

A revisão da literatura possibilitou um maior aprofundamento sobre diferentes abordagens relacionadas ao tema. Foram verificadas questões como: desenvolvimento intercultural e multicultural; atividades e práticas de internacionalização de bibliotecas; contribuições da biblioteca acadêmica para a internacionalização do *campus*; atendimento a estudantes e acadêmicos internacionais; mobilidade e intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas; formação de bibliotecários; *campi* filiais internacionais; parcerias, cooperações e acordos; realização de eventos; coleções de bibliotecas; entre outras abordagens de pesquisa voltadas para uma melhor compreensão e para o desenvolvimento da dimensão internacional das bibliotecas acadêmicas.

Considera-se que, com a leitura dos 37 trabalhos selecionados, foi possível verificar uma variedade de informações específicas sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização da educação superior. As informações e descobertas dos autores, por meio de seus estudos, convergem para pontos em comum que reforçam suas constatações e corroboram com os resultados obtidos na análise bibliométrica e na revisão sistemática desta pesquisa. Além disso, foram verificadas recomendações para o desenvolvimento de estudos com formato e métodos que foram adotados neste projeto de pesquisa, como a revisão de literatura e a revisão sistemática, e inclusive recomendações para desenvolvimento e utilização de *frameworks* ou modelos que indiquem boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Foi possível, também, com o material recuperado no levantamento bibliográfico, desenvolver uma revisão sistemática sobre seu conteúdo, em que se verificou e relacionou os países foco das pesquisas, os principais temas e assuntos abordados e as metodologias aplicadas. Além disso, por meio da revisão sistemática, foi possível identificar 24 trabalhos com contribuições de recomendações ou exemplos de estratégias, elementos, medidas, ações e

práticas adotadas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. O conteúdo sobre recomendações e exemplos adotados, encontrado nesses 24 trabalhos, foi selecionado e organizado em fichamentos para a elaboração do *framework*.

Por meio da revisão da literatura e da revisão sistemática, foi possível evidenciar informações relevantes sobre o conteúdo encontrado na produção científica sobre bibliotecas acadêmicas relacionadas à internacionalização e selecionar e organizar o conteúdo em fichamentos para dar sequência na pesquisa para a elaboração do *framework* de boas práticas.

A etapa do objetivo específico ‘c’ em que se buscou ‘elaborar, com base no material selecionado, um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas’, foi realizada utilizando-se o material selecionado na revisão sistemática e com a aplicação da ferramenta 5W2H adaptada para o formato 3W1H. Foram utilizados os fichamentos, organizados no desenvolvimento da revisão da literatura e da revisão sistemática, para estruturar a informação para a elaboração do *framework*, para que pudesse ser avaliado como uma ferramenta para auxiliar na gestão de bibliotecas acadêmicas junto aos processos de internacionalização das IES. Assim, foi possível se estruturar uma primeira versão do *framework*, em que se incluiu, para cada grupo de recomendações, a fonte de referência relacionada.

Ou seja, a primeira versão do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas foi elaborada com base no material organizado em fichamentos com conteúdo sobre recomendações e exemplos de boas práticas, obtidos dos 24 trabalhos identificados na revisão sistemática, e com a utilização da ferramenta 3W1H. Assim, após sua elaboração, seguiu-se para a etapa seguinte, de avaliação para validação do *framework*.

A etapa correspondente ao objetivo específico ‘d’, em que se buscou ‘validar o *framework* de gestão por meio de uma avaliação de diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis por questões relacionadas a internacionalização em bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras bem posicionadas quanto à sua internacionalização’, foi atendida conforme as considerações, que se apresentam a seguir, sobre o processo de avaliação.

Primeiramente, as bibliotecas acadêmicas selecionadas para receberem a solicitação para avaliação do *framework* foram definidas por meio do *Ranking* Universitário Folha 2024 (RUF 2024), em que se buscou as IES brasileiras mais bem-avaliadas pelo critério da internacionalização. Em seguida, buscou-se pelos contatos de *e-mails* das bibliotecas acadêmicas nos sites institucionais dessas IES, que foram então selecionadas até completar a quantidade de 60 contatos de bibliotecas encontrados. As solicitações para avaliação foram, então, enviadas por *e-mail* aos diretores e responsáveis pela internacionalização das 60

unidades, obtendo-se um total de 19 formulários para avaliação do *framework* respondidos. Verificou-se com os formulários aplicados para a avaliação do *framework* que, do total de 19 avaliadores: 16 consideraram o *framework* aplicável para a gestão de bibliotecas acadêmicas; 18 consideraram o *framework* fácil de entender; e oito (8) avaliadores indicaram recomendações ou teceram comentários sobre o *framework*.

Considera-se, portanto, que o *framework* foi bem-avaliado pelos profissionais bibliotecários, diretores, vice-diretores e responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas. No geral, as respostas foram favoráveis quanto à sua aplicabilidade; também foi bem-aceito em relação à sua facilidade de entendimento e uso, e, ainda, foram apresentadas contribuições, comentários e recomendações para sua melhoria.

Após o desenvolvimento dos formulários, o envio das solicitações e a análise das respostas das avaliações por parte dos diretores, vice-diretores, coordenadores ou responsáveis pela internacionalização de bibliotecas acadêmicas, foi possível destacar algumas considerações e recomendações para melhorias do *framework*. Os ajustes, as modificações e as melhorias consideradas foram realizadas conforme a seguinte relação:

1. Manteve-se a numeração dos grupos de recomendações do *framework*, que foi incluída para facilitar o preenchimento do Formulário 1, pois facilita também a utilização do próprio *framework*.
2. Foi incluído um sumário com *hiperlinks* para títulos dos grupos de recomendações, de modo a facilitar sua utilização.
3. Foi incluído um índice com *hiperlinks* para tópicos mencionados e relacionados ao conteúdo dos grupos de recomendações, de modo a facilitar sua utilização.
4. Foram relacionados, por meio de *hiperlinks*, os nomes dos autores de cada grupo de recomendações com a lista de referências bibliográficas.
5. Foi incluída uma introdução para a utilização do *framework*, para esclarecer que as recomendações devem ser adaptadas para serem aplicadas de acordo com cada realidade, indicando o bom senso na implementação e na adoção de procedimentos e medidas adequadas com as necessidades específicas, as condições e os contextos institucionais e regionais.
6. Foi incluída na introdução uma indicação sobre a possibilidade de utilização de recomendações de boas práticas do *framework*, que possam, porventura, ser adotadas,

adequadas ao contexto, como parâmetros para avaliação, métrica e monitoramento das boas práticas implementadas.

7. Foi realizada uma revisão geral e o resumo de alguns grupos de recomendações do *framework*.

Assim, foi possível concluir a versão final do *Framework* com recomendações e exemplos de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, avaliada, revisada, resumida e ajustada de acordo com as recomendações dos avaliadores.

Considera-se que o ‘*Framework* – Recomendações e exemplos de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas’ pode servir para profissionais bibliotecários atuantes em bibliotecas acadêmicas, para utilizá-lo como uma ferramenta auxiliar na implementação de práticas administrativas e estratégias voltadas para o desenvolvimento da dimensão internacional das unidades e das IES.

Como proposto, entende-se que a pesquisa pode servir a bibliotecários, administradores de IES, e a acadêmicos, proporcionando uma maior compreensão tanto para gestores de bibliotecas acadêmicas, e das próprias IES, como também para pesquisadores, sobre como as bibliotecas acadêmicas podem contribuir para os processos de desenvolvimento da dimensão internacional de instituições de educação superior.

Entende-se que as bibliotecas podem contribuir, em conjunto com demais setores de suas instituições, para os processos de internacionalização adequados às políticas e estratégias definidas pela administração das IES. O *framework* foi elaborado para ser utilizado na gestão de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras. Porém, como foi desenvolvido com base em experiências e recomendações de estudos de diversas partes do mundo, entende-se que existe a possibilidade de sua utilização, também, por profissionais de bibliotecas acadêmicas de outros países – de língua portuguesa, ou mesmo de países da América Latina ou com outras línguas, por meio de tradução.

Conclui-se, portanto, que os objetivos da pesquisa foram atendidos, que a pergunta da pesquisa ‘quais medidas, ações e práticas podem apoiar a internacionalização de bibliotecas acadêmicas como parte do conjunto de processos estratégicos de internacionalização de IES brasileiras?’ foi respondida, e que o objetivo geral de ‘elaborar um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES brasileiras’ foi alcançado.

Buscou-se destacar o papel “invisível” das bibliotecas acadêmicas que, apesar de realizarem inúmeras atividades de internacionalização, ainda passam muitas vezes despercebidas ou não são explicitamente articuladas nos planos estratégicos para a internacionalização das IES – o que sublinha a necessidade deste *framework* no sentido de trazer visibilidade e incentivar a intencionalidade na internacionalização das bibliotecas acadêmicas.

Entende-se importante destacar, também, que a internacionalização não deve estar voltada para uma visão mercantilista da internacionalização, pautada somente na lógica da geração de renda. Considera-se necessário que a internacionalização seja abordada por uma perspectiva humanística, ética e responsável. Uma visão que não seja excludente, baseada na mobilidade, por exemplo. E nem formada apenas por conceitos do Norte Global, mas também atenta e a partir de uma perspectiva própria do Sul Global. Uma abordagem no sentido de abrir as portas da universidade para que seja inclusiva, ética, sustentável e responsável, para que todos tenham seu espaço, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

Por fim, considera-se oportuna e necessária a continuidade de estudos sobre o tema da internacionalização das bibliotecas acadêmicas, sobretudo, relacionados à adoção de medidas, práticas, ações e estratégias possíveis para a implementação da internacionalização nessas unidades de informação. Mas também, devido à verificação da escassa produção científica sobre o tema em língua portuguesa e espanhola, e em países da América Latina, demandam-se pesquisas voltadas para melhor compreensão de sua realidade no Brasil e em países dessa região, de modo a evidenciar e entender suas particularidades, desenvolver o conhecimento e contribuir para a produção científica nessa temática. Assim como, a possibilidade de estudos comparativos sobre características relacionadas a unidades de instituições públicas ou particulares, entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, à identificação de dificuldades e especificidades encontradas em diferentes contextos, entre outras questões.

Enfim, estudos que possam contribuir para um melhor entendimento a respeito das bibliotecas acadêmicas, como parte dos processos de desenvolvimento da dimensão internacional das IES, como meio estratégico para se alcançar melhores resultados na prática dos serviços em bibliotecas acadêmicas e, conseqüentemente, para a gestão das IES.

REFERÊNCIAS

ARUM, S.; VAN DE WATER, J. The need for a definition of international education in US universities. **Bridges to the future: Strategies for internationalizing higher education**, p. 191-203, 1992.

AUSTEN, Gaynor; SCHMIDT, Janine; CALVERT, Philip. Australian University Libraries and the New Educational Environment. **The Journal of Academic Librarianship**, 2002.

BAIL, Jeannie; LEWIS, Ryan; POWER, Amanda. Internationalization and the Canadian Academic Library: What Are We Offering? In: **Shifting Landscapes: Exploring the Boundaries of Academic Librarianship** – CAPAL/ACBAP Annual Meeting - May 25-26, 2014 – Congress of the Humanities and Social Sciences, Brock University, St. Catharines, Ontario, Canada. Disponível em: <https://capalibrarians.org/capal-conference-2014>. Acesso em: 4 jul. 2024.

BARTSCH, Sebastian Clemens; SCHMIDT, Jan-Hendrik. "Give me 3W1H: a bibliometric view on accountable AI" (2023). **ICIS 2023 – International Conference on Interaction Sciences**, 2023. Hyderabad, India. Proceedings. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/374419752>. Acesso em: 10 out. 2024

BECKER, Linda K. W. Globalisation and Changing Practices for Academic Librarians in Australia: A Literature Review. **Australian Academic & Research Libraries**, 2006a.

BECKER, Linda K. W. Internationalisation: Australian Librarians and Expanding Roles in Higher Education. **Australian Academic & Research Libraries**, 2006b.

BECKER, Linda K. W. Globalisation and Internationalisation: Models and Patterns of Change for Australian Academic Librarians. **Australian Academic & Research Libraries**, 2006c.

BERNARD, André Peressoni. **Framework de Indicadores para Gestão da Inovação em Empresas de Base Tecnológica**. 2021. 236 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229293>. Acesso em: 9 out. 2024.

BORDONARO, K. **Internationalization and the North American University Library**. Lanham: Scarecrow Press, 2013. 184 p.

BORDONARO, K. ESL Collections, University Libraries, and Internationalization. **Leea – Linguas en Aprendizaje Autodirigido / Revista Eletrónica**, 2015.

BORDONARO, K.; RAUCHMANN, Sabine. Internationalization in German Academic Libraries: Moving beyond North American Perspectives. **Portal: Libraries and the Academy**, 2015.

BORDONARO, K. The Human Library: Reframing Library Work with International Students. **Journal of Library Administration**, 2020.

BRANDENBURG, U.; DE WIT, H. The end of internationalization. **International Higher Education**, n. 62, p. 15-16, 2011. Boston, Boston College Center for International Higher Education. <https://doi.org/10.6017/ihe.2011.62.8533>

BRANDENBURG, U.; DE WIT, H.; JONES, E.; LEASK, B. Internationalisation in higher education for society. **University World News**, v. 20, 2019.

BRUHN, Elisa. Towards a Framework for Virtual Internationalization. **International Journal of E-Learning & Distance Education**, Revue Internationale du E-Learning et la Formation à Distance, v. 32, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.ijede.ca/index.php/jde/article/view/1014>. Acesso em: 12 out. 2024.

BUFREM, L. S.; CÂMARA, R. S. da; FREITAS, J. L.; GABRIEL JÚNIOR, R. F.; RIVERO, A. C. Educação, Pesquisa e Produção Científica: memória e trajetória de atuação de um grupo de pesquisa na ciência da informação no Brasil. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Juazeiro do Norte, v. 9, n. 1, p. 221-229, 12 abr. 2023. ISSN 2447-0120. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/945>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CHASI, S.; HELETA, S. Towards More Sustainable, Equitable and Just Internationalisation Practices: The Case of Internationalisation Conferences. **Journal of Studies in International Education**, v. 27, n. 4, p. 603-620, 2022. <https://doi.org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1177/10283153221139924>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CHIESA, V.; COUGHLAN, P.; VOSS, C. A. Development of a Technical Innovation Audit. **Journal of Product Inovativo Management**, v. 13, n. 2, p. 105-136, mar. 1996.

CLAUSE, Beth E. Think Globally, Act Locally: A Library Perspective. Portal: **Libraries and the Academy**, 2015.

CLICK, Amanda B.; WILEY, Claire Walker; HOULIHAN, Meggan. The Internationalization of the Academic Library: A Systematic Review of 25 Years of Literature on International Students. **College & Research Libraries**, 2017.

CODINA-VILA, Miquel; ÍÑIGO, Ruth. De la investigación al investigador: adaptando servicios en la Biblioteca Rector Gabriel Ferraté. **El profesional de la información**, 2015.

COOPER, Liz; KUTNER, Laurie; WITT, Steven W. Assessing Library Internationalization Efforts and Impacts: Tools and Strategies. In: ACRL 2015 Conference – March 25-28, Portland, Oregon, USA, **Anais... Oregon Convention Center, March 25 to 28, 2015. Oregon, EUA**. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/acrl/conferences/acrl2015/papers>. Acesso em: 4 jul. 2024.

COX, John. Positioning the academic library within the institution: a literature review. **New Review of Academic Librarianship**, 2018.

DE WIT, H. An introduction to higher education internationalisation. **Milan: Vita e Pensiero**, 2013.

DE WIT, H. **Internationalisation of higher education in Europe and its assessment, trends and issues**. 2010. Disponível em: <https://www.eurashe.eu/wp-content/uploads/2022/02/wg4-r-hans-de-wit-internationalisation-of-higher-education-europe-december-2010.pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.

DE WIT, H. Internationalization in higher education: a critical review. **SFU Educational Review**, v. 12, n. 3, p. 9-17, 2019.

DE WIT, H. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe**: a historical, comparative, and conceptual analysis. Greenwood Publishing Group, 2002.

DE WIT, H. **Strategies for internationalisation of higher education**: a comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America. Amsterdam: EAIE, 1995. 175 p. ISBN: 90-74721-04-4.

DE WIT, H.; ALTBACH, P. 70 Years of Internationalization in tertiary education: changes, challenges and perspectives. **The promise of higher education: essays in honour of 70 years of IAU**, p. 119-125, 2021.

DE WIT, H.; HUNTER, F.; HOWARD, L.; EGRON POLAK, E. (Eds). Internationalisation of Higher education. European Parliament, Directorate-General for Internal Policies, Brussels. 2015.

DE WIT, H.; RUMBLEY, L. E. Professional development in international education: The example of the Boston College MA in international higher education. **Internationalisation of Higher Education, A Handbook**, v. 3, p. 2-14, 2017.

DEARDORFF, D. K. Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. **Journal of Studies in International Education**, v. 10, n. 3, p. 241–266, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1028315306287002>. Acesso em: 7 out. 2024.

DELGADO-MÁRQUEZ, Blanca. L.; HURTADO-TORRES, Nuria Ester; BONDAR, Yaroslava. La internacionalización en la Enseñanza Superior: investigación teórica y empírica sobre su influencia en las clasificaciones de las instituciones universitarias. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 101-20, jul. 2011.

DENDA, Kayo. Study Abroad Programs: A Golden Opportunity for Academic Library Engagement. **The Journal of Academic Librarianship**, 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO (São Paulo). Ranking de universidades. **RUF 2023**: Ranking Universitário Folha. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2023/ranking-de-universidades/principal>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO (São Paulo). **Ranking Universitário Folha 2024**: RUF 2024. 2024. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2024/ranking-de-universidades/principal/>. Acesso em: 1 dez. 2024.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12. ed. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

GACEL-ÁVILA, J. **La dimensión internacional de las universidades**: contexto, procesos, estrategias. Universidad de Guadalajara, Coordinación General de Cooperación e Internacionalización, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREIDER, Antoinette. Internationalizing University of Kentucky Libraries: a work in progress. **International Leads**, 2014.

HAMMOND, Ellen H. Internationalization in higher education and global access in a digital age. **Library Management**, 2009.

HELETA, S.; CHASI, S. Rethinking and redefining internationalisation of higher education in South Africa using a decolonial lens. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 45, n. 3, p. 261–275, 2022. [https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1080/1360080X.2022.2146566](https://doi.org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1080/1360080X.2022.2146566). Acesso em: 27 ago. 2025.

HELETA, S.; CHASI, S. Curriculum Decolonization and Internationalization: A Critical Perspective from South Africa. **Journal of International Students**, v. 14, n. 2, p. 75-90, 2023. <https://doi.org/10.32674/jis.v14i2.6383>. Acesso em: 27 ago. 2025.

HOOPER, Rachel; SHAFFER, Christopher. From Fürstenwalde to Kyoto: The Internationalization of an Academic Library. **The Southeastern Librarian**, 2019.

HUDZIK, J. **Comprehensive Internationalization**: from concept to action. Washington, D.C: NAFSA: Association of International Educators. 2011. 44 p.

HUDZIK, J. K. Comprehensive internationalization: from rhetoric and concept to reality. In: **Comprehensive internationalization**. Routledge, 2014. p. 58-75.

HUGHES, Hilary; COOPER, Liz; FLIERL, Michael; SOMERVILLE, Mary M.; CHAUDHARY, Niraj. The Role of the University Library in Supporting International Student Transition: Insights From an Australian-American Case Study. **The Journal of Academic Librarianship**, 2018.

JONES, E.; DE WIT, H. Globalized Internationalization: implications for policy and practice. **IIE Networker Magazine**, p. 28–29, 2014. IIE, New York.

KIDD, Tony; ROUGHTON, Karen. International Staff Exchanges for Academic Libraries. **The Journal of Academic Librarianship**, 1994.

KNIGHT, J. Concepts, rationales, and interpretive frameworks in the internationalization of higher education. **The SAGE handbook of international higher education**, p. 27-42, 2012.

KNIGHT, J. Cross-border tertiary education: an introduction. In: **Cross-border tertiary education: a way towards capacity development**. Paris: OECD, World Bank, and NUFFIC. 2007. p. 21–46.

KNIGHT, J. Internationalization of higher education: a conceptual framework. In: KNIGHT, J.; DE WIT, H. **Internationalization of higher education in the Asia Pacific countries**. Amsterdam: European Association of International Education EAIE, 1997. p. 5-19.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

KNIGHT, J. **Internationalization: elements and checkpoints**. CBIE Research No. 7. Canadian Bureau for International Education. 220 Laurier Avenue West, Suite 1550, Ottawa, Ontario K1P 5Z9, 1994.

KNIGHT, J. The changing landscape of higher education internationalisation – for better or worse? **Perspectives: Policy and Practice in Higher Education**, v. 17, n. 3, p. 84-9, 2013.

KNIGHT, J. Updated definition of internationalization. **International higher education**, n. 33, 2003.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. Internationalization of higher education: past and future. **International higher education**, n. 95, p. 2-4, 11 set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.6017/ihe.2018.95.10715>. Acesso em: 12 out. 2023.

KUMAR, S.; SURESH, R. Strategies for Providing effective reference services for international adult learners. **The Reference Librarian**, v. 33, n. 69-70, p. 327-336, 2000.

LACRUZ, A. J. (Org.); PAULA, D. M. de; CUNHA, E. A.; LEMOS, K. R. Ferramentas de gestão para negócios de impacto social. Espírito Santo: Edifes Parceria, 2022. 89 f., ISBN 978-85-8263-528-5. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/1602?show=full>. Acesso em: 5 maio 2024.

LEAL, F. G.; STALLIVIERI, L.; MORAES, M. C. B. Indicadores de internacionalização: o que os Rankings Acadêmicos medem? **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 52–73, 2018. DOI: 10.22348/riesup.v4i1.8650638. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650638>. Acesso em: 25 maio 2023.

LEASK, B.; JONES, E.; DE WIT, H. **Towards inclusive intercultural learning for all**. University World News. 7 dez. 2018.

LI, X.; HALL, B.; MAXSON, B. K.; CHANG, B. The libraries' substantive role in the internationalization efforts at the University of Colorado Boulder. **Academic Futures**, Colorado, University of Colorado Boulder, 2018.

LOMBARD, E. **The internationalization of the academic library**. London: Routledge, 2022. 146 p. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003128878>. Acesso em: 22 maio 2023.

LUCINDA, Marco Antônio. **Análise e Melhoria de Processos**: uma abordagem prática para micro e pequenas empresas. Simplíssimo Livros Ltda, f. 66, 2016. 106 p.

MAILLARD, N. B. **O gestor de relações acadêmicas internacionais no Brasil**: práticas, papéis e desafios. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

MCCARTHY, James P.; ORTIZ, Javier Tarango. Globalisation in academic libraries: A reflective comparison of academic libraries at Cork, Ireland, and Chihuahua, Mexico. **Library Management**, 2010.

MEIRA, R. C. **As ferramentas para a melhoria da qualidade**. 2 ed. Porto Alegre: SEBRAE, 2003.

MERIGÓ, J. M.; PEDRYCZ, W.; WEBER, R.; SOTTA, C. de la. Fifty years of Information Sciences: a bibliometric overview. **Information Sciences**, v. 432, 2018, p. 245-268. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ins.2017.11.054>. Acesso em: 22 maio 2023.

O'DWYER, C. P. How do Asian international students use Australian university libraries? A literature review. **IFLA Journal**, 2022.

RAMOS-ECLEVIA, M. Becoming a global library at the local: internationalization activities and practices of Philippine academic libraries. **Library Management**, 2023.

REHEM NETO, A. N.; SANTOS, C. A. S.; SALEME, E. B.; SILVA, J. Where, What, Why and How - 3W1H: Uma abordagem pratica para desenvolvimento de ambientes interativos. In: **XIV Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC 2015)**, 2015, Salvador. IHC'15, Brazilian Symposium on HumanFactors in Computing Systems, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/294259407>. Acesso em: 10 out. 2024

RESENDE, C. H. L.; MAINARDES, S. E.; LIMA JUNIOR, F. R. Implantação de práticas de gestão para padronização e melhoria dos processos de micro e pequenas empresas. In: **VIII Seminário de Extensão e Inovação (SEI)**, 2018, Apucarana-PR. Anais do VIII SEI, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328902667>. Acesso em: 10 out. 2024.

RIOGA, D. do C. P.; BARACHO, R. M. A. Necessidades informacionais do estudante internacional na pós-graduação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2021.

RIVA, P. The multilingual challenge in bibliographic description and access. **JLIS.it – Italian Journal of Library, Archives and Information Science**, 2022.

RODENBERG, T. C. Measuring Commitment to Internationalizing the Campus: an institutional fingerprint. **Journal of Applied Learning in Higher Education**, St. Joseph, v. 2, p. 39-53, 2010. Missouri Western State University.

RUDZKI, R. The Internationalisation of Faculty Activities. Paper. **Annual Conference of the Council on International Educational Exchange (CIIEE)**, Berlin, 3-5 nov. 1992.

RUDZKI, Romuald Edward John. **Strategic management of internationalization**: towards a model of theory and practice. Newcastle University, Reino Unido, 1998. Disponível em: <https://theses.ncl.ac.uk/jspui/bitstream/10443/149/1/rudzki98.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

RUMBLEY, LAURA E. “Intelligent Internationalization”: A 21st Century Imperative. **International Higher Education**, n. 80, p. 16–17, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.6017/ihe.2015.80.6146>. Acesso em: 12 out. 2024.

SALAZ, A. M.; CHANG, K.; HOULIHAN, Meggan; BIRCH, Sally. The future of U.S. university international branch campus libraries: Challenges and opportunities. **College & Research Libraries News (C&RL News)**, 2016.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S.. Espacios y papeles para la biblioteca universitaria en la internacionalización de la educación superior. **Bibliotecas Anales de Investigación**, 2018.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S.; SANTOS, R. N. M. dos. La ciencia de la información y la internacionalización de la educación superior. **Informação & Sociedade**, 2016.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. Contribuciones de la biblioteca universitaria a la internacionalización del campus: análisis sistemático de la literatura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 2017.

SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. 2010: a library odyssey. **Library Management**, 2007.

SEBASTIÁN, JESÚS. La internacionalización de las universidades como estrategia para el desarrollo institucional. **Innovación Educativa**, v. 5, n. 26, maio-jun, 2005. Instituto Politécnico Nacional, Distrito Federal, México. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179421475009>. Acesso em: 10 out. 2024.

SMITH, B. J. The case for international collaboration in academic library management, human resources and staff development. **IFLA Journal**, 2015.

SMITH, B. J. Broadening Our Scope: International Collaboration for Retooling the Academic Library. **Journal of Library Administration**, 2016.

SÖDERQVIST, M. **Internationalisation and its management at higher-education institutions**. Applying conceptual, content and discourse analysis. Helsinki School of Economics, 2002.

SOMERVILLE, M. M.; COOPER, L.; TORHELL, C.; HASHERT, C.. At home in the world: international library staff exchange program highlights. **IFLA Journal**, 2015.

STALLIVIERI, L. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 26, n. 50, p. 15-36, jan./jun. 2017.

STALLIVIERI, L. International Virtual Education Needs Greater Support. **University World News**, 2020. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20200518150642841>. Acesso em: 13 de out. 2024.

STALLIVIERI, Luciane. Virtual Internationalization of Higher Education: Digital Environments and Beyond. In: CASTIELLO-GUTIERREZ, Santiago; AGUILAR, Martín P. Pantoja; JURADO, César Eduardo Gutiérrez (Org.). **Internationalization of Higher Education After Covid-19: Reflections and New Practices for Different Times**. 1ed. Puebla, México: UPAEP University, 2022, v. 1, p. 292-306. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364472391_Internationalization_of_Higher_Education_after_COVID-19_Reflections_and_New_Practices_for_Different_Times. Acesso em: 13 out. 2024.

STALLIVIERI, Luciane; SNOEIJER, Enio; ANTONIO DE MELO, Pedro. From a Virtual to a Hybrid Model of Internationalization: a case study in a higher education institution. Do Modelo Virtual de Internacionalização para o Híbrido: um estudo de caso de uma instituição de educação superior. **Revista CBTEcLE**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 286-307, 2022. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/1100>. Acesso em: 12 out. 2024.

STALLIVIERI, Luciane; VIANNA, Cleberson Tabajara. Responsible internationalization: new paradigms for cooperation between higher education institutions. **REGIT: Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, Itaquaquecetuba, v. 14, n. 2, p. 9-30, jul./dez. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346366369_Responsible_internationalization_new_paradigms_for_cooperation_between_higher_education_institutions. Acesso em: 12 out. 2024.

THIENGO, L. C. **Universidades de classe mundial e o consenso pela excelência: tendências globais e locais** Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, p. 449. 2018.

TOMHAVE, Benjamin L. **Alphabet soup**: making sense of models, frameworks, and methodologies. George Washington University, 2005.

TONER, J. The Role of the University Library in Supporting International Students: A Survey of Practices Across UK Universities. **Journal of Library Administration**, 2019.

UNITED NATIONS. **Department of Economic and Social Affairs**. Sustainable development: the 17 goals. 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/goals#history>. Acesso em: 24 nov. 2023.

VAN DER WENDE, M. C. Internationalisation policies: about new trends and contrasting paradigms. **Higher education policy**, v. 14, n. 3, p. 249-259, 2001.

VAN DER WENDE, M. C. Missing links: the relationship between national policies for internationalization and those for higher education in general. National policies for the internationalization of higher education in Europe. **Stockholm: National Agency for Higher Education**, 1997.

WACHTER, B. An introduction: Internationalization at home in context. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 1, p. 5-11, 2003.

WANG, J.; FRANK, D. G. Cross-cultural communication: Implications for effective information services in academic libraries. **Portal: Libraries and the Academy**, 2002.

WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. Mapping Academic Library Contributions to Campus Internationalization. **College & Research Libraries**, 2015.

XIE, S. Canadian academic library support for international faculty: library experience and information needs of chinese visiting scholars at the University of Western Ontario. **Partnership: the canadian journal of library and information practice and research**, 2012.

APÊNDICE A

Quadro 00 – Artigo 00

Título	Título do artigo
Autor(es)	Nomes por extenso dos autores
Ano	0000
Periódico/Evento	Revista ou evento
País foco da pesquisa	País(es) em que o estudo se focou
Assunto	Descrição do assunto
Metodologia	Descrição da metodologia
Resultados/Conclusões	Apontar resultados encontrados e/ou destacar considerações dos autores.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Se apresenta ou não recomendações. Se sim, que tipo e de que forma são apresentadas no trabalho. (Alguma contribuição informativa para elaboração de um quadro de recomendações de boas práticas – <i>framework</i>)

Resumo

Resumo e destaques do artigo (se necessário).

Contextualização

Breve contextualização (se necessário).

Destaques

Separar alguns destaques se encontrar (se necessário).

Metodologia

Trazer mais detalhes sobre a metodologia (se necessário).

Resultados

Relacionar resultados encontrados (se necessário).

Conclusões

Destacar algumas considerações dos autores (se necessário).

Citações

Separar algumas citações para o caso de elaborar um texto mais teórico sobre o conteúdo dos artigos (se necessário).

CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO QUADRO REFERENCIADO COM RECOMENDAÇÕES DE BOAS PRÁTICAS (*FRAMEWORK*) (UTILIZAR O 5W2H)

Organizar as informações para elaboração de um *framework* (quadro) compilado com as recomendações e exemplos encontrados e referenciados.

APÊNDICE B

Quadros preenchidos com informações e dados dos artigos sobre bibliotecas acadêmicas e internacionalização utilizados para a revisão sistemática

Quadro 42 – Artigo 01

Título	<i>La ciencia de la información y la internacionalización de la educación superior</i>
Autor(es)	Nancy Sánchez-Tarragó / Leilah Santiago Bufrem / Raimundo Nonato Macedo dos Santos
Ano	2016
Periódico	Informação & Sociedade
País foco da pesquisa	Não há foco específico.
Assunto	Relações entre Ciência da Informação e Internacionalização da Educação Superior.
Metodologia	Busca em bases de dados (até 2015), pesquisa bibliométrica e análise de conteúdo. Pesquisa exploratória. Pesquisa exploratória em que se utilizou técnicas bibliométricas para a caracterização da produção científica e para a detecção de suas dimensões temáticas mais relevantes. Posteriormente, foi realizada análise de conteúdo dos títulos, resumos e textos completos. As bases de dados utilizadas foram: SCOPUS, Web of Science (WoS), LISTA (Library and Information Science and Technology Abstracts), LISA (Library and Information Science Abstracts) e SciELO (Sánchez-Tarragó, Bufrem, Santos, 2016).
Resultados/Conclusões	Aumento da produção científica sobre o tema; predomínio de trabalhos na língua inglesa; escassa produção proveniente da América Latina. Foram identificadas 3 dimensões fundamentais nos trabalhos que relacionam CI com internacionalização.
Práticas, ações, medidas adotadas	Não apresenta.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 43 – Artigo 02

Título	<i>Contribuciones de la biblioteca universitaria a la internacionalización del campus: análisis sistemático de la literatura</i>
Autor(es)	Nancy Sánchez-Tarragó / Inalvis Castellanos-Gallardo / Leilah Santiago Bufrem
Ano	2017
Periódico	Perspectivas em Ciência da Informação
País foco da pesquisa	Não há foco específico.
Assunto	Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i>
Metodologia	Análise Bibliométrica e Revisão Sistemática da Literatura (trabalhos de 2005 a 2015)
Resultados/Conclusões	Crescimento contínuo das publicações sobre a temática. Produção liderada por bibliotecários dos Estados Unidos, China e Canadá. Foram encontradas publicações que tratam de diferentes aspectos do trabalho bibliotecário.
Práticas, ações, medidas adotadas	Sim, apresenta material considerável com recomendações relacionadas a estratégias administrativas, formação de bibliotecários, infraestrutura, coleções, serviços de informação, e a pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 44 – Artigo 03

Título	<i>Espacios y papeles para la biblioteca universitaria en la internacionalización de la educación superior</i>
Autor(es)	Nancy Sánchez-Tarragó / Leilah Santiago Bufrem
Ano	2018
Periódico	Bibliotecas anales de investigación
País foco da pesquisa	Sem foco específico.
Assunto	Espaços e papéis da biblioteca universitária na internacionalização da educação superior. O objetivo do trabalho foi desenvolver um quadro de referência sobre aspectos-chave da área da internacionalização da educação, bem como a sua relevância como espaço de reflexão e ação para profissionais da informação no domínio das bibliotecas universitárias.
Metodologia	Revisão bibliográfica de literatura sobre internacionalização da educação superior relacionada à ciência da informação.
Resultados/Conclusões	Foi estabelecido um quadro contextual para a reflexão crítica e ação dos profissionais da informação. Foram considerados os efeitos da globalização e da internacionalização do ensino superior, destacando-se perspectivas como a elevação da qualidade acadêmica e a compreensão intercultural, em contrapartida a outras como a privatização e comercialização da educação. Os processos de internacionalização do ensino superior implicam desafios no campo das bibliotecas universitárias. São necessários o domínio do contexto e atitudes proativas, críticas e de liderança que lhes permitam ocupar espaços de reflexão e ação.
Práticas, ações, medidas adotadas	Sim, são apresentadas atividades, realizadas por profissionais da informação, de internacionalização ‘no exterior’ e ‘em casa’. E são apresentadas áreas de investigação e práticas em bibliotecas universitárias relacionadas a internacionalização da educação superior.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 45 – Artigo 04

Título	Necessidades informacionais do estudante internacional na pós-graduação
Autor(es)	Danille Pimenta do Carmo Rioga / Renata Maria Abrantes Baracho
Ano	2021
Periódico	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
País	Brasil
Assunto	Necessidades informacionais do estudante internacional de pós-graduação. O objetivo foi analisar estudos sobre as necessidades informacionais do estudante internacional da pós-graduação. A Universidade Federal de Minas Gerais serviu como referência para o estudo. Por meio de uma revisão de literatura, o estudo se baseou em três pontos principais: a internacionalização nas universidades e programas de pós-graduação brasileiros; a percepção dos estudantes internacionais sobre instituições brasileiras de Ensino Superior; e as necessidades informacionais do estudante internacional.
Metodologia	Revisão de literatura
Resultados/Conclusões	Constata-se a escassez de publicações sobre necessidades de informação de estudantes internacionais, sobretudo de pós-graduandos, considerando o contexto das universidades brasileiras.
Práticas, ações, medidas adotadas	Apresenta algumas recomendações, com base na revisão da literatura, nas considerações finais.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 46 – Artigo 05

Título	<i>How do Asian international students use Australian university libraries? A literature review</i>
Autor(es)	Clare P O'Dwyer
Ano	2022
Periódico	<i>IFLA Journal</i>
País	Austrália
Assunto	Como estudantes internacionais asiáticos utilizam bibliotecas universitárias Australianas.
Metodologia	Revisão de literatura
Resultados/Conclusões	Constatou-se que as revisões de literatura são o método de pesquisa preferido na área de gestão da informação. A literatura sobre como os estudantes internacionais asiáticos utilizam as bibliotecas universitárias Australianas é limitada. A falta de consciência intercultural pode potencialmente afetar o atendimento a estudantes internacionais asiáticos, a reputação da biblioteca e da própria universidade australiana e, consequentemente, seu financiamento.
Práticas, ações, medidas adotadas	Não. Menciona superficialmente oportunidades que podem contribuir para um melhor atendimento a estudantes asiáticos por bibliotecas universitárias Australianas.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 47 – Artigo 06

Título	<i>International Staff Exchanges for Academic Libraries</i>
Autor(es)	Tony Kidd / Karen Roughton
Ano	1994
Periódico	<i>The Journal of Academic Librarianship</i>
Países da pesquisa	Reino Unido, Irlanda, Estados Unidos da América e Canadá
Assunto	Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas
Metodologia	Dois questionários distintos, um a ser preenchido por Diretores de Bibliotecas acadêmicas e outro a ser preenchido por funcionários de bibliotecas acadêmicas que estiveram em intercâmbio no exterior. A pesquisa foi aplicada em bibliotecas acadêmicas de instituições de educação superior do Reino Unido, Irlanda, Estados Unidos da América e Canadá.
Resultados/Conclusões	Em relação aos membros das equipes de bibliotecas participantes de intercâmbios, foram verificados: características pessoais, duração do intercâmbio, arranjos para o intercâmbio, benefícios profissionais, benefícios pessoais, desvantagens e outras considerações. Em relação à perspectiva dos diretores de bibliotecas acadêmicas foram verificados: razões para não se fazer intercâmbios, performance dos intercambistas, benefícios e desvantagens dos intercâmbios.
Práticas, ações, medidas adotadas	Apresenta poucas recomendações.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 48 – Artigo 07

Título	<i>Mapping Academic Library Contributions to Campus Internationalization</i>
Autor(es)	Steven W. Witt / Laurie Kutner / Liz Cooper
Ano	2015
Periódico	<i>College & Research Libraries</i>
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	Medir o nível de apoio de bibliotecas acadêmicas aos objetivos e esforços de internacionalização do <i>campus</i> em IES dos Estados Unidos.
Metodologia	Aplicação de um questionário semiestruturado, online, com 38 perguntas abertas e fechadas, encaminhado para diretores de bibliotecas acadêmicas nos EUA. Foram convidados 1.580 contatos, desses, 224 foram considerados inválidos e um total de 202 questionários foram respondidos.

Resultados/Conclusões	Tanto a pesquisa ACE quanto a pesquisa focada em bibliotecas indicam que as iniciativas de internacionalização continuam a aumentar nos <i>campi</i> universitários nos Estados Unidos. Os autores recomendam o desenvolvimento de melhores práticas e medidas de avaliação do apoio da biblioteca para a internacionalização do <i>campus</i> , ampliando o contexto de internacionalização que a ACE estabeleceu. Levanta-se a hipótese de que, no futuro, haverá uma ênfase crescente no papel da biblioteca no cumprimento dos objetivos internacionais e das exigências dos estudantes.
Práticas, ações, medidas adotadas	Não são apresentadas recomendações de práticas e medidas para a internacionalização. Apenas são listadas algumas atividades e medidas de bibliotecas acadêmicas mais recorrentes relacionadas à internacionalização.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 49 – Artigo 08

Título	<i>Study Abroad Programs: A Golden Opportunity for Academic Library Engagement</i>
Autor(es)	Kayo Denda
Ano	2012
Periódico	<i>The Journal of Academic Librarianship</i>
País da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior.
Metodologia	Revisão de literatura, reuniões com grupos selecionados e análise sistemática em sites de bibliotecas acadêmicas. Para a primeira fase da pesquisa, dois grupos reuniram-se para recolher informações. O primeiro grupo foi formado por vinte e um indivíduos representando uma amostra de professores, administradores e estudantes da Rutgers envolvidos em programas de estudos no exterior. O segundo grupo foi constituído por quatro diretores residentes no exterior que visitaram o <i>campus</i> para participar de uma orientação para estudantes estrangeiros. A segunda fase da pesquisa consistiu em uma busca sistemática em sites de bibliotecas acadêmicas, membros da <i>Association of Research Libraries</i> (ARL), para verificar o conjunto de informações e serviços oferecidos para programas de estudo no exterior e como suas bibliotecas estão lidando com esse grupo emergente de usuários.
Resultados/Conclusões	O estudo foi conduzido para ilustrar a forma como a <i>Rutgers</i> e outras instituições da ARL estão apoiando programas de estudos no exterior, conforme representado em suas páginas da web. A pesquisa sugere que os problemas enfrentados na Rutgers se generalizam para programas de estudos no exterior em muitas outras universidades dos EUA.
Práticas, ações, medidas adotadas	Sim. O artigo conclui com um conjunto de recomendações sobre como as bibliotecas acadêmicas podem servir melhor as necessidades da sua comunidade participante de programas de estudos no exterior, buscando maior envolvimento e unindo forças com esses programas.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 50 – Artigo 09

Título	<i>The Human Library: Reframing Library Work with International Students</i>
Autor(es)	Karen Bordonaro
Ano	2020
Periódico	<i>Journal of Library Administration</i>
País da pesquisa	Canadá
Assunto	Relato de um evento promovido por uma biblioteca acadêmica com estudantes internacionais em uma IES no Canadá.
Metodologia	Relato de um evento/experimento que contou com 15 pessoas, funcionários e professores de uma IES no Canadá, nascidas em diferentes países e regiões do

	mundo, recrutadas para atuarem como “Livros” e representando suas regiões de origem. E outro conjunto de 45 estudantes internacionais de MBA como “Leitores” que “consultaram” os “Livros”, indagando sobre suas origens, suas culturas e como chegaram ao Canadá. Cada conversa deveria durar cerca de 15 minutos, e cada “Livro” concordou em falar com as pessoas durante todo o período de 2 horas do evento. Após a inscrição dos alunos internacionais de MBA, o evento foi aberto ao restante da universidade para inscrição individual para participação como “Leitores”. No total, 98 leitores participaram das conversas que envolveram professores, funcionários e alunos de todo o <i>campus</i> (Bordonaro, 2020).
Resultados/Conclusões	De acordo com Bordonaro (2020), o que pôde-se perceber é que os estudantes internacionais participantes, ao invés de representarem problemas a serem resolvidos ou barreiras a serem transpostas, foram envolvidos numa perspectiva em que se explorou a possibilidade da criação de pontes entre estudantes nacionais e internacionais, professores, funcionários e bibliotecários, proporcionando para a biblioteca uma forma de promover a compreensão intercultural.
Práticas, ações, medidas adotadas	Sim. A realização de um evento de Biblioteca Humana, considerando suas consequências positivas, pode servir como uma forma útil de reformular o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais. Em vez de apenas fornecer apoio bibliotecário aos estudantes internacionais para superar barreiras, os bibliotecários podem envolvê-los mais profundamente na construção de conhecimento compartilhado através de eventos bibliotecários.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 51 – Artigo 10

Título	<i>The Internationalization of the Academic Library: A Systematic Review of 25 Years of Literature on International Students</i>
Autor(es)	Amanda B. Click / Claire Walker Wiley / Meggan Houlihan
Ano	2017
Periódico	<i>College & Research Libraries</i>
País da pesquisa	Sem país específico.
Assunto	Revisão sistemática de literatura sobre internacionalização de bibliotecas acadêmicas e estudantes internacionais.
Metodologia	Revisão sistemática da literatura das áreas da biblioteconomia e ciência da informação relacionada a estudantes internacionais e bibliotecas acadêmicas, entre o período de 1990 a 2014.
Resultados/Conclusões	Publicações de artigos sobre estudantes internacionais e bibliotecas acadêmicas aumentaram de forma constante entre 1990 e 2014. A maioria dos autores está afiliada a universidades e instituições nos Estados Unidos, embora seja aparente um aumento da produção nos outros países verificados. Menos da metade dos artigos podem ser considerados pesquisas originais. A metodologia mais utilizada foram as pesquisas <i>survey</i> para coleta de dados. As áreas da biblioteconomia e da CI, assim como os estudantes internacionais, podem se beneficiar com pesquisas mais aprofundadas sobre o tópico, particularmente a pesquisa original com implicações práticas (Click, Wiley, Houlihan, 2017).
Recomendações de práticas, ações, medidas adotadas	Não apresenta.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 52 – Artigo 11

Título	<i>The Role of the University Library in Supporting International Students: A Survey of Practices Across UK Universities</i>
Autor(es)	James Toner
Ano	2019
Periódico/Evento	<i>Journal of Library Administration</i>
País foco da pesquisa	Reino Unido
Assunto	Compreensão de melhores práticas em serviços de bibliotecas no atendimento à estudantes internacionais de IES do Reino Unido.
Metodologia	Para a pesquisa, realizada em 2017, um questionário online foi enviado a 116 bibliotecas de IES no Reino Unido. O objetivo foi compreender quais os serviços oferecem e quais as suas percepções sobre a melhor forma de apoiar os estudantes internacionais no ambiente bibliotecário. Também foi realizada uma Revisão de literatura.
Resultados/Conclusões	No geral, as respostas, opiniões e exemplos gerados como resultado da pesquisa fornecem uma visão útil sobre o pensamento e opinião das bibliotecas acadêmicas do Reino Unido em relação ao desenvolvimento e implementação de serviços destinados especificamente a estudantes internacionais.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Sim. A pesquisa oferece uma série de sugestões e exemplos do que outras instituições de ensino superior fizeram para melhorar a experiência e o envolvimento dos estudantes internacionais com a biblioteca. Fornece informações e exemplos de estratégias e iniciativas que as bibliotecas acadêmicas do Reino Unido adotaram e que foram particularmente bem-sucedidas.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 53 – Artigo 12

Título	<i>2010: a library odyssey</i>
Autor(es)	Grace Saw / Wai Wai Lui / Fei Yu
Ano	2007
Periódico	<i>Library Management</i>
País foco da pesquisa	Austrália
Assunto	Avaliação da biblioteca da <i>University of Queensland</i> (UQ). O artigo teve como objetivo fornecer uma visão geral sobre como a biblioteca da UQ se preparou para as mudanças e desafios do futuro e como se posicionou diante de algumas das grandes tendências e perspectivas previstas para 2020.
Metodologia	Estudo de caso sobre como a biblioteca da UQ respondeu aos desafios e tendências previstos, desde os estágios de planejamento à implementação.
Resultados/Conclusões	O artigo identifica quatro áreas principais que apresentam maiores desafios às bibliotecas acadêmicas: tendências internacionais, políticas governamentais e educacionais, tecnologia de informação e comunicação e novos modos de ensino e aprendizagem. Discute como a Biblioteca da UQ respondeu a esses desafios.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	São apresentadas atividades internacionais verificadas na biblioteca da Universidade de Queensland, para lidar com as tendências e desafios previstos.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 54 – Artigo 13

Título	<i>At home in the world: International library staff exchange program highlights</i>
Autor(es)	Mary M. Somerville / Liz Cooper / Catta Torhell / Cindy Hashert
Ano	2015
Periódico/Evento	<i>IFLA Journal</i>
País foco da pesquisa	Suécia e Estados Unidos da América
Assunto	Descrição de um projeto de intercâmbio entre equipes de bibliotecas acadêmicas da <i>University of Linnaeus</i> , na Suécia, e da <i>University of Colorado Denver</i> , nos EUA, com observações comparativas entre as duas bibliotecas.

Metodologia	Estudo de caso/comparativo, de um programa de intercâmbio de equipes de bibliotecas acadêmicas, formalizado numa parceria entre a <i>University of Linnaeus</i> , na Suécia, e a <i>University of Colorado Denver</i> , nos EUA.
Resultados/Conclusões	Os <i>insights</i> resultantes trouxeram contribuições em relação as concepções de mundo e pressupostos profissionais tanto dos anfitriões quanto dos visitantes. As competências culturais desenvolvidas em projetos colaborativos beneficiaram o corpo docente e estudantil de ambas as instituições de origem. As reflexões finais sugerem considerações para que as IES considerem intercâmbios internacionais para funcionários de bibliotecas.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Sim. Recomenda-se, como parte dos processos de internacionalização das IES, o desenvolvimento de programas de intercâmbio entre equipes de bibliotecas acadêmicas. Deve-se desenvolver o pessoal da biblioteca e criar uma cultura bibliotecária que possa responder a um <i>campus</i> e a um mundo internacionalizados.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 55 – Artigo 14

Título	Becoming a global library at the local: internationalization activities and practices of Philippine academic libraries
Autor(es)	Marian Ramos-Eclevia
Ano	2023
Periódico/Evento	Library Management
País foco da pesquisa	Filipinas
Assunto	O objetivo do estudo foi examinar a percepção sobre o papel das bibliotecas acadêmicas e suas contribuições para a internacionalização do ensino superior e identificar os serviços de biblioteca disponíveis para estudantes e professores internacionais nas bibliotecas de IES das Filipinas. A pesquisa é de interesse para administradores de bibliotecas e IES interessados em desenvolver ou expandir atividades de internacionalização.
Metodologia	Pesquisa online aplicada a gestores de bibliotecas acadêmicas de IES das Filipinas. Buscou-se, com a pesquisa descritiva, verificar as diferentes atividades e práticas de internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Foi realizada também uma revisão de literatura.
Resultados/Conclusões	Os resultados do estudo revelam que as bibliotecas acadêmicas: apoiam as necessidades de ensino, aprendizagem e investigação de estudantes e docentes internacionais; fornecem instrução bibliográfica para que estudantes internacionais adquiram competências informacionais; e promovem os objetivos e as razões das atividades de internacionalização da instituição. As implicações práticas podem beneficiar os gestores de bibliotecas, ao aprofundar a compreensão dos gestores sobre o papel das bibliotecas na internacionalização do ensino superior filipino.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Sim. Foram verificados: papéis das bibliotecas na internacionalização da educação; serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais; atividades de internacionalização; práticas de internacionalização de bibliotecas; e Benefícios e desafios.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 56 – Artigo 15

Título	<i>Broadening Our Scope: International Collaboration for Retooling the Academic Library</i>
Autor(es)	Bonnie J. Smith
Ano	2016
Periódico/Evento	<i>Journal of Library Administration</i>
País foco da pesquisa	Mundo
Assunto	Pesquisa direcionada para associações de bibliotecas e suas afiliadas que atendem bibliotecas acadêmicas e de pesquisa em todo o mundo. O objetivo foi explorar três áreas de pesquisa: (1) iniciativas colaborativas internacionais anteriores; (2) o nível de interesse numa maior colaboração e/ou partilha de melhores práticas a nível

	internacional; e (3) recompensas e barreiras percebidas ao envolvimento internacional (Smith, 2016).
Metodologia	Pesquisa exploratória, direcionada para associações de bibliotecas e suas afiliadas que atendem bibliotecas acadêmicas e de pesquisa em todo o mundo. Questionário online (2014) – foram identificados 84 grupos de associações de bibliotecas, de todas as regiões do mundo, preocupados especificamente com a gestão de bibliotecas, recursos humanos e desenvolvimento de pessoal em bibliotecas acadêmicas. Desses, 35 grupos de associações de bibliotecas, 42% dos contatados, responderam. Grupo focal – 7 representantes de associações de bibliotecas (ARL, LIBER, CLIR e ALA), participantes da Conferência Geral e Assembleia da IFLA em Lyon, França, em 18 de agosto de 2014, concordaram em integrar o grupo pesquisado (Smith, 2016).
Resultados/Conclusões	Os respondentes concordaram que suas associações e grupos demonstram muito interesse em colaborar e partilhar as melhores práticas. Em relação às atividades futuras, a maior parte se interessou por desenvolvimento de pessoal. O maior nível de interesse foi em competências, práticas de treinamento, planejamento estratégico, recursos de treinamento e desenvolvimento de pessoal. Os participantes demonstraram forte interesse em se conectarem sobre tópicos relacionados à reformulação, repensar e cultivar uma força de trabalho que seja ágil e responsiva às prioridades e mudanças. Os participantes na discussão do grupo focal do estudo, que se centrou quase exclusivamente no desenvolvimento de liderança, também expressaram uma necessidade clara de maiores ligações a nível internacional (Smith, 2016).
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não apresenta recomendações de práticas ou exemplos de práticas adotadas. Nos resultados são apresentados alguns tópicos de análise, relacionados a ações, práticas e medidas, baseados na literatura relacionada a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, e indica os maiores interesses demonstrados pelos participantes da pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 57 – Artigo 16

Título	<i>De la investigación al investigador. Adaptando servicios en la Biblioteca Rector Gabriel Ferraté</i>
Autor(es)	Miquel Codina-Vila / Ruth Íñigo
Ano	2015
Periódico/Evento	<i>El profesional de la información</i>
País foco da pesquisa	Espanha
Assunto	O artigo apresenta as respostas que a <i>Biblioteca Rector Gabriel Ferraté</i> , da <i>Universitat Politècnica de Catalunya-Barcelona Tech (UPC)</i> , está oferecendo aos pesquisadores em relação a fenômenos como acesso aberto, crise no modelo de assinatura de revistas, necessidade de mais processos de avaliação do trabalho dos pesquisadores, internacionalização, diversidade de perfis de pesquisadores, entre outros.
Metodologia	Análise dos serviços prestados a pesquisadores pela <i>Biblioteca Rector Gabriel Ferraté</i> , da <i>Universitat Politècnica de Catalunya-Barcelona Tech (UPC)</i> .
Resultados/Conclusões	O artigo não é específico sobre internacionalização de bibliotecas acadêmicas e os resultados não são relacionados ao interesse desta pesquisa.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não apresenta.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 58 – Artigo 17

Título	<i>Globalisation and Internationalisation: Models and Patterns of Change for Australian Academic Librarians</i>
Autor(es)	Linda K. W. Becker
Ano	2006
Periódico/Evento	<i>Australian Academic & Research Libraries</i>
País foco da pesquisa	Austrália
Assunto	O artigo examina, em função da globalização, o papel dos bibliotecários na internacionalização de bibliotecas acadêmicas de IES australianas. São analisadas práticas adotadas e forma de atuação dos bibliotecários. Descreve-se o estudo de caso de duas bibliotecas acadêmicas australianas nas quais se verificou um padrão bem-sucedido de internacionalização. Por fim, é apresentada uma discussão sobre o tema e são oferecidas recomendações para a prática e pesquisas futuras.
Metodologia	Uma pesquisa realizada em 2004, sob os auspícios do Conselho de Bibliotecários Universitários Australianos (Council of Australian University Librarians – CAUL), contatou, por e-mail, bibliotecários universitários australianos em todas as 36 universidades públicas da Austrália, obtendo uma taxa de resposta de 64%, em que foram examinadas cinco variáveis: intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural. Com base nessa pesquisa, foram selecionadas, para <u>estudos de caso</u> , as duas bibliotecas universitárias com melhor pontuação. Para isso, foram realizadas <u>entrevistas</u> , em 2005, em que se buscou obter uma melhor compreensão das práticas e perspectivas dos bibliotecários dessas duas instituições, envolvidos diretamente em atividades internacionais (Becker, 2006).
Resultados/Conclusões	De acordo com Becker (2006) a pesquisa pode eventualmente ser utilizada para internacionalizar a prática e trazer uma perspectiva mais ampla para os bibliotecários em relação ao funcionamento da universidade. Os padrões descobertos no estudo, aplicados pelos bibliotecários, podem gerar mudanças operacionais. Confirma-se que as universidades australianas pesquisadas no estudo de casos, como respostas às forças da globalização, tornaram-se instituições empreendedoras. Também, que os bibliotecários que têm altos níveis de participação no planejamento estratégico universitário são mais bem-sucedidos em fazer parte do processo de mudança. Ao trabalharem junto a comitês e conselhos, tornam-se parceiros respeitados no desenvolvimento de programas e estratégias de mudança para formar modelos de internacionalização bem-sucedidos.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Sim, há recomendações e são apresentados vários exemplos bem-sucedidos de práticas, ações e medidas para internacionalização de bibliotecas acadêmicas.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 59 – Artigo 18

Título	<i>Globalisation in academic libraries: A reflective comparison of academic libraries at Cork, Ireland, and Chihuahua, Mexico</i>
Autor(es)	James P. McCarthy / Javier Tarango Ortiz
Ano	2010
Periódico/Evento	<i>Library Management</i>
País foco da pesquisa	México e Irlanda
Assunto	Comparação de duas bibliotecas acadêmicas, uma no México e outra na Irlanda. O objetivo foi analisar as influências de suas origens locais, bem como os pontos em comum, em função da internacionalização da profissão bibliotecária. O artigo busca inferências sobre o impacto da globalização no mundo da biblioteconomia acadêmica. Foram analisadas questões como, o que são as bibliotecas acadêmicas, qual o seu papel, o impacto das tecnologias globalizantes e o futuro do livro (McCarthy; Ortiz, 2010)
Metodologia	Estudo comparativo entre duas bibliotecas acadêmicas, uma do México e outra da Irlanda. James McCarthy visitou Chihuahua, México, de 24/10/2006 a 01/11/2006

	como resultado de um prêmio de pesquisa disponibilizado pelo Escritório Internacional do Departamento de Educação da Irlanda em conjunto com a Embaixada do México (McCarthy; Ortiz, 2010).
Resultados/Conclusões	Existe uma experiência comum, as modernas tecnologias bibliotecárias mudaram significativamente a natureza da prática profissional nas últimas décadas, as tradições indígenas de prática a nível local estão sendo substituídas por uma integração de experiências partilhadas internacionalmente (McCarthy; Ortiz, 2010).
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não há recomendações específicas sobre a questão da internacionalização de bibliotecas acadêmicas. O artigo deve interessar aqueles que pesquisam o futuro das bibliotecas acadêmicas, os desenvolvimentos comparativos nas bibliotecas acadêmicas em todo o mundo, o futuro do armazenamento em repositórios face à digitalização e o futuro dos cenários acadêmicos.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 60 – Artigo 19

Título	<i>Internationalization in German Academic Libraries: Moving beyond North American Perspectives</i>
Autor(es)	Karen Bordonaro / Sabine Rauchmann
Ano	2015
Periódico/Evento	<i>portal: Libraries and the Academy</i>
País foco da pesquisa	Alemanha
Assunto	O artigo explora como a internacionalização é compreendida e vivenciada nas bibliotecas acadêmicas alemãs. O objetivo principal foi levar a discussão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas para além dos EUA e Canadá e investigar uma perspectiva europeia. O objetivo secundário foi investigar o papel do inglês nas bibliotecas acadêmicas alemãs (Bordonaro, Rauchmann, 2015).
Metodologia	Um questionário online e uma série de entrevistas presenciais realizadas na Alemanha em abril de 2015 forneceram os dados para o estudo. O questionário online, com 10 questões abertas e fechadas, direcionado para bibliotecas acadêmicas na Alemanha, foi encaminhado para uma lista de e-mail e obteve, entre os respondentes, uma maioria de trabalhadores de bibliotecas universitárias (49,3%), seguidos de bibliotecas de faculdades (40,3%), além de outros tipos de bibliotecas acadêmicas (11,9%), que incluíram bibliotecas especializadas e bibliotecas de outras instituições e institutos de pesquisa da Alemanha. As entrevistas pessoais aconteceram em bibliotecas acadêmicas da Alemanha, com 5 bibliotecários participantes. As entrevistas consistiram em um formato semi-estruturado com 5 questões abertas, formuladas para trazer mais detalhes, exemplos, experiências, pensamentos e opiniões dos participantes. As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio de um método qualitativo, em que se identificou e comparou padrões e temas comuns (Bordonaro, Rauchmann, 2015).
Resultados/Conclusões	Verificou-se uma série de diferenças e semelhanças entre as bibliotecas acadêmicas da América do Norte e da Alemanha, com destaque para dois temas abrangentes que foram a internacionalização implícita e o plurilinguismo. A internacionalização continua a ser um tema de muito interesse no ensino superior e sua exploração continua a fascinar muitos bibliotecários acadêmicos. A pesquisa buscou investigar como os bibliotecários acadêmicos norte-americanos e alemães compreendem a internacionalização, como se envolvem, e suas similaridades e diferenças. Quer seja percebida ou praticada explícita ou implicitamente, ou vista através das lentes do plurilinguismo, os bibliotecários acadêmicos alemães e norte-americanos têm muito a aprender uns com os outros.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não há recomendações de práticas. O artigo apresenta destaques sobre a compreensão em relação à internacionalização em bibliotecas acadêmicas por parte de profissionais de bibliotecas acadêmicas de IES da Alemanha, e faz algumas comparações, indicando similaridades e diferenças com o que se compreende em bibliotecas acadêmicas norte americanas.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 61 – Artigo 20

Título	<i>Internationalization in higher education and global access in a digital age</i>
Autor(es)	Ellen H. Hammond
Ano	2009
Periódico/Evento	<i>Library Management</i>
País foco da pesquisa	Japão e Estados Unidos da América
Assunto	O artigo propõe que, com o aumento de professores e estudantes envolvidos em estudos e pesquisas em localidades internacionais, os bibliotecários do <i>campus</i> de origem precisam expandir o alcance geográfico dos seus serviços. Assim, sugere-se que acordos firmados entre bibliotecas universitárias de instituições de diferentes países podem ser usados para proporcionar aos usuários o acesso a coleções, conhecimentos especializados e espaço de estudo durante a sua residência no estrangeiro.
Metodologia	Estudo de caso. Análise dos Memorandos de Entendimento (MOU) (<i>Memorandum of Understanding</i>) firmados em acordos celebrados pela equipe da Biblioteca do Oriente Asiático da Universidade de Yale (<i>Yale East Asia Library</i>), em New Haven, Connecticut, EUA, com as bibliotecas da Universidade de Tóquio e da Universidade de Waseda, ambas em Tóquio, Japão, para garantir o acesso de seus afiliados a essas bibliotecas.
Resultados/Conclusões	Os acordos institucionais facilitam o nível de acesso dos afiliados da Universidade de Yale às bibliotecas das instituições japonesas, o que não seria possível para um pesquisador ou estudante individual. O acordo com a Universidade de Tóquio é um exemplo de parceria recíproca, detalhado, que proporciona privilégios tanto para o uso da biblioteca como para empréstimos. O acordo com Waseda também é recíproco, mas com linguagem escrita muito menos específica. No geral, o <i>framework</i> fornecido pelos acordos por meio dos memorandos (MOU) permitiu um melhor acesso aos serviços para os clientes.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Sim. Os exemplos dos acordos distintos entre a Biblioteca da Universidade de Yale e bibliotecas das duas instituições em Tóquio, Japão, a Universidade de Tóquio e a Universidade Waseda, foram formalizados por meio de Memorandos de Entendimento (MOUs) em que se buscou fornecer acesso aos usuários de Yale às bibliotecas das instituições japonesas sempre que estiverem em Tóquio para pesquisa e estudo.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 62 – Artigo 21

Título	<i>The multilingual challenge in bibliographic description and access</i>
Autor(es)	Pat Riva
Ano	2022
Periódico/Evento	<i>JLIS.it – Italian Journal of Library, Archives and Information Science</i>
País foco da pesquisa	Sem foco específico.
Assunto	O artigo trata sobre internacionalização relacionada a catalogação de materiais bibliográficos. O problema destacado é o fornecimento de acesso transparente aos usuários, apesar das diferenças na linguagem da catalogação descritiva e na linguagem de acesso aos assuntos. De acordo com as atuais práticas de catalogação, os registros bibliográficos contêm vários elementos dependentes do idioma.
Metodologia	São apresentados vários tópicos relacionados ao tema com exemplos e abordagens de um catálogo recém criado por um consórcio de bibliotecas universitárias de língua inglesa e francesa em Quebec, Canadá.
Resultados/Conclusões	Ainda há muito em que pensar para se estabelecer algumas melhores práticas para catálogos bilíngues ou multilíngues. São necessárias abordagens pragmáticas que tenham em conta a relação custo-eficácia, que tirem o máximo benefício dos dados existentes. Uma abordagem robusta terá de combinar várias estratégias, compensando a falta de metadados recorrendo a mecanismos alternativos. O sistema deveria estar fazendo o trabalho de recuperação, não o usuário, mesmo em vários idiomas de catalogação (Hammond, 2022).

Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não apresenta recomendações claras. São abordadas algumas suposições de forma superficial. Quando os catálogos são configurados em uma única língua, o trabalho de superar a barreira do idioma é confiado ao usuário. No entanto, fornecer acesso através de metadados deveria ser o papel do catálogo. Embora uma abordagem teórica completa aos metadados multilíngues seja ilusória, diversas ações pragmáticas podem ser implementadas para tornar o idioma uma barreira a menos na busca e interpretação de dados bibliográficos. As medidas podem ser aplicadas tanto na criação dos metadados, quanto no ajuste da busca. O controle de autoridade, os arquivos de autoridade vinculados e os vocabulários controlados têm um papel importante a desempenhar. (Riva, 2022, p. 86, tradução nossa)
---	--

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 63 – Artigo 22

Título	<i>The case for international collaboration in academic library management, human resources and staff development</i>
Autor(es)	Bonnie Jean Smith
Ano	2015
Periódico/Evento	<i>IFLA Journal</i>
País foco da pesquisa	Mundo.
Assunto	Pesquisa direcionada para associações de bibliotecas e suas afiliadas que atendem bibliotecas acadêmicas e de pesquisa em todo o mundo. O objetivo foi explorar três áreas de pesquisa: (1) iniciativas colaborativas internacionais anteriores; (2) o nível de interesse numa maior colaboração e/ou partilha de melhores práticas a nível internacional; e (3) recompensas e barreiras percebidas ao envolvimento internacional (Smith, 2015).
Metodologia	Pesquisa exploratória, direcionada para associações de bibliotecas e suas afiliadas que atendem bibliotecas acadêmicas e de pesquisa em todo o mundo. Questionário online (2014) – foram identificados 84 grupos de associações de bibliotecas, de todas as regiões do mundo, preocupados especificamente com a gestão de bibliotecas, recursos humanos e desenvolvimento de pessoal em bibliotecas acadêmicas. Desses, 35 grupos de associações de bibliotecas, 42% dos contatados, responderam. Grupo focal – 7 representantes de associações de bibliotecas (ARL, LIBER, CLIR e ALA), participantes da Conferência Geral e Assembleia da IFLA em Lyon, França, em 18 de agosto de 2014, concordaram em integrar o grupo pesquisado (Smith, 2015).
Resultados/Conclusões	Os respondentes concordaram que suas associações e grupos demonstram muito interesse em colaborar e partilhar as melhores práticas. Em relação às atividades futuras, a maior parte se interessou por desenvolvimento de pessoal. O maior nível de interesse foi em competências, práticas de treinamento, planejamento estratégico, recursos de treinamento e desenvolvimento de pessoal. Os participantes demonstraram forte interesse em se conectarem sobre tópicos relacionados à reformulação, repensar e cultivar uma força de trabalho que seja ágil e responsiva às prioridades e mudanças. Os participantes na discussão do grupo focal do estudo, que se centrou quase exclusivamente no desenvolvimento de liderança, também expressaram uma necessidade clara de maiores ligações a nível internacional (Smith, 2015).
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não apresenta recomendações práticas nem exemplos de práticas adotadas. O artigo é muito similar a outro, escrito pela mesma autora, recuperado também para esta revisão sistemática. Os resultados, as práticas e medidas mencionados são praticamente os mesmos para o propósito desta pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 64 – Artigo 23

Título	<i>Canadian Academic Library Support for International Faculty: Library Experience and Information Needs of Chinese Visiting Scholars at the University of Western Ontario</i>
Autor(es)	Shiyi Xie
Ano	2012
Periódico/Evento	<i>Partnership: the Canadian Journal of Library and Information Practice and Research</i>
País foco da pesquisa	Canadá, China
Assunto	O artigo trata sobre atendimento ao corpo docente internacional, acadêmicos visitantes chineses, na biblioteca da Universidade de Western Ontario, Canadá.
Metodologia	Por meio de contato com o responsável pelo Gabinete de Educação do Consulado Geral da China em Toronto, a autora enviou para todo o grupo de professores internacionais chineses na instituição um e-mail de convite para um workshop, para esclarecer preocupações e dúvidas sobre o uso das bibliotecas, e um link para um questionário curto e simples, pelo Google Docs, com 6 perguntas abertas e fechadas, para coletar informações sobre o uso da biblioteca e expectativas sobre um próximo workshop. De um total de 28 visitantes acadêmicos, 22 compareceram ao workshop. (Xie, 2012).
Resultados/Conclusões	Com base no questionário e no workshop, foram identificados quatro temas relacionados ao uso de bibliotecas por professores e acadêmicos chineses visitantes na instituição: a barreira linguística, a conscientização sobre a biblioteca, a experiência de uso da biblioteca, e necessidades de informação.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Apresenta recomendações, para atender professores internacionais, sobre: abordagens de divulgação; serviços de referência; direitos autorais e; informações de acesso aberto.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 65 – Artigo 24

Título	<i>Positioning the academic library within the institution: a literature review</i>
Autor(es)	John Cox
Ano	2018
Periódico/Evento	<i>New Review of Academic Librarianship</i>
País foco da pesquisa	Sem foco específico.
Assunto	Posicionamento da biblioteca acadêmica nas instituições. A revisão traz uma discussão da literatura sobre como as bibliotecas acadêmicas têm se adaptado funcional, física, estratégica e organizacionalmente para se posicionarem eficazmente dentro da instituição. Segundo Cox (2018, p. 219, tradução nossa) “As instituições de ensino superior têm passado por mudanças radicais, impulsionadas por uma maior responsabilização, uma concorrência mais forte e uma maior internacionalização”. Assim, “uma posição forte na instituição é vital para qualquer biblioteca acadêmica, afetando o seu reconhecimento, recursos e perspectivas”.
Metodologia	Revisão de literatura. O levantamento bibliográfico começa com uma visão geral das perspectivas dos <i>stakeholders</i> , em seguida busca respostas estratégicas da biblioteca em vários subtemas como: alinhamento; reorientação e <i>rebranding</i> ; funções e estruturas; parcerias e identidade; e demonstração de valor e impacto. Na sequência, traz um foco maior no sucesso dos alunos e na produtividade dos pesquisadores como dois objetivos principais para as bibliotecas e suas instituições. O artigo pretendeu oferecer evidências de posicionamento por meio de ação ou planejamento estratégico para orientar os profissionais das bibliotecas acadêmicas diante de um cenário de mudanças contínuas.
Resultados/Conclusões	Como o artigo não trata especificamente sobre internacionalização, e sim sobre posicionamento de bibliotecas acadêmicas em suas instituições, para o foco do trabalho, considerou-se apenas a abordagem sobre contribuições para a internacionalização das bibliotecas acadêmicas. O artigo tratou sobre os seguintes temas e subtemas:

	<u>Tema 1.</u> Perspectivas das Partes Interessadas. <u>Tema 2.</u> Estratégias de Posicionamento de Bibliotecas (Alinhando e liderando; Reorientação e Rebranding; Reorganização de equipes e funções; Colaborando, mas mantendo a identidade; Comunicação de valor). <u>Tema 3.</u> Posicionamento para o sucesso do aluno (Influenciando a jornada do aluno; Unindo forças; Mudança de espaços; Liderança em alfabetização digital; Contribuindo para a Internacionalização). <u>Tema 4.</u> Posicionamento para Produtividade do Pesquisador (Participação em Bolsa Digital; Publicação de resultados de pesquisa; Promover reputação e impacto; Parceria mais do que apoio; Pessoal para Pesquisa).
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Apresenta apenas algumas considerações sobre contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 66 – Artigo 25

Título	<i>The future of U.S. university international branch campus libraries: Challenges and opportunities</i>
Autor(es)	A. M. Salaz / Kayo Chang / Meggan Houlihan / Sally Birch
Ano	2016
Periódico/Evento	<i>College & Research Libraries News (C&RL News)</i>
País foco da pesquisa	China (Hong Kong), Emirados Árabes Unidos (Abu Dhabi), Catar, EUA
Assunto	O artigo apresenta as considerações de três bibliotecários de bibliotecas em <i>campi</i> filiais internacionais, de instituições dos EUA, na China (Hong Kong), nos Emirados Árabes Unidos (Abu Dhabi) e no Catar, em que descrevem desafios e oportunidades que encontraram na gestão, competências e desenvolvimento profissional, e em serviços e instruções ao usuário.
Metodologia	Relatos e considerações de desafios e oportunidades de gestão de 3 bibliotecários que atuam em bibliotecas de <i>campi</i> filiais internacionais.
Resultados/Conclusões	De acordo com Salaz, Chang, Houlihan e Birch (2016), com o crescente número de parcerias interuniversitárias internacionais, intercâmbios, programas de graduação e <i>campi</i> filiais internacionais, estabelecidos pelas universidades dos EUA, os bibliotecários acadêmicos estão cada vez mais propensos a estar envolvidos no apoio a programas internacionais e transfronteiriços.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Os bibliotecários trazem algumas considerações sobre formas de atuação em determinadas situações relacionadas a gestão de bibliotecas em seus respectivos <i>campi</i> filiais internacionais.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 67 – Artigo 26

Título	<i>Think Globally, Act Locally: A Library Perspective</i>
Autor(es)	Beth E. Clause
Ano	2015
Periódico/Evento	<i>portal: Libraries and the Academy</i>
País foco da pesquisa	Catar, EUA
Assunto	Impressões da autora, bibliotecária, sobre a experiência de trabalhar numa biblioteca acadêmica da <i>Northwestern University</i> (NU) em <i>campus</i> filial internacional no Catar, a <i>Northwestern University in Qatar</i> (NU-Q) e considerações gerais sobre bibliotecas acadêmicas, globalização e internacionalização.
Metodologia	Relato pessoal.
Resultados/Conclusões	Não é possível que todos tenham a fantástica oportunidade de viver num país muito diferente e de trabalhar com uma clientela pequena e diversificada. Mas existem milhares de outras formas de envolvimento global envolvendo bibliotecários de todo o mundo através das quais todos podemos aprender. A consciência global pode ser aumentada no conforto de onde quer que lemos e as perspectivas

	internacionais podem ser aplicadas onde quer que trabalhemos. É certo que nos beneficiaremos de uma consciência global mais ampla e, idealmente, os benefícios estender-se-ão àqueles que servimos. (Clause, 2015, p. 392, tradução nossa)
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não há recomendações.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 68 – Artigo 27

Título	<i>Assessing Library Internationalization Efforts and Impacts: Tools and Strategies</i>
Autor(es)	Liz Cooper, Laurie Kutner, and Steven W. Witt
Ano	2015
Evento	<i>ACRL 2015 Conference – March 25-28, Portland, Oregon</i> <i>Anais / ACRL 2015 Conference (2015) / Association of College and Research Libraries Conference (2015) / Oregon Convention Center, Portland, Oregon, USA. March 25 to 28, 2015. Oregon, EUA.</i> https://www.ala.org/acrl/acrl/conferences/acrl2015/papers
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	Buscando contribuir com os resultados da ‘Pesquisa ACE’ e do artigo, dos mesmos autores, ‘ <i>Mapping Academic Library Contributions to Campus Internationalization</i> ’, o artigo examina a literatura que se concentra na avaliação de atividades de <i>campi</i> internacionais e nas tendências na avaliação de bibliotecas acadêmicas. A intenção é fornecer ideias para <i>frameworks</i> e práticas de avaliação que permitam às bibliotecas acadêmicas avaliar o que está sendo feito nos seus <i>campi</i> em relação à internacionalização quanto às metas, objetivos, prioridades e culturas da sua própria instituição. (Cooper; Kutner; Witt, 2015)
Metodologia	Revisão de literatura com abordagem sobre ferramentas de avaliação e tendências atuais no ensino superior e nas bibliotecas acadêmicas relacionados com a internacionalização.
Resultados/Conclusões	As bibliotecas têm se envolvido em atividades relacionadas à internacionalização de diversas maneiras e essas atividades têm aumentado nos últimos anos. Na maioria das bibliotecas não existe nenhuma pessoa ou unidade específica que supervisione ou coordene essas atividades. Raramente se menciona, no planejamento estratégico e nos documentos administrativos das bibliotecas, meios de contribuir para a internacionalização do <i>campus</i> . Ferramentas para medir o trabalho e seu impacto podem ajudar as bibliotecas a serem mais eficazes. É chegado o momento de desenvolver ainda mais a avaliação das atividades de internacionalização de bibliotecas. (Cooper; Kutner; Witt, 2015)
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Com base na revisão de literatura são apresentadas recomendações de elementos a serem incluídos num conjunto de atividades para que se tenha uma avaliação eficaz em esforços relacionados com a internacionalização em bibliotecas acadêmicas. Essas recomendações baseiam-se num princípio abrangente de vincular os esforços da biblioteca a missões e objetivos estratégicos mais amplos do <i>campus</i> . (Cooper; Kutner; Witt, 2015)

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 69 – Artigo 28

Título	<i>Cross-Cultural Communication: Implications For Effective Information Services In Academic Libraries</i>
Autor(es)	Jian Wang / Donald G. Frank
Ano	2002
Periódico/Evento	<i>portal: Libraries and the Academy</i>
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	O artigo examina as diferenças culturais, no atendimento a estudantes e acadêmicos internacionais por bibliotecas acadêmicas em <i>campi</i> nos Estados Unidos com foco nos processos e estilos de comunicação e recomenda formas de acomodar as diferenças interculturais nos serviços de informação.

Metodologia	Revisão de literatura com base nos resultados de uma série de pesquisas com grupos focais realizados na Universidade de Harvard, no Instituto de Tecnologia da Geórgia, na Universidade Estadual de Portland e em uma das conferências anuais da American Library Association (ALA).
Resultados/Conclusões	A comunicação entre culturas é essencial e deve ser uma prioridade para os bibliotecários acadêmicos que prestam serviços de informação a estudantes internacionais. A literatura de biblioteconomia acadêmica não foca em questões de comunicação e comunicação intercultural. Comunicar eficazmente entre culturas é uma prioridade nas bibliotecas acadêmicas, para que os estudantes internacionais tenham maior sucesso acadêmico. São necessárias mais pesquisas sobre questões relacionadas à comunicação com estudantes internacionais em bibliotecas acadêmicas. Os bibliotecários devem se familiarizar mais com as realidades das diferentes culturas e estilos de comunicação, para integrar ideias e perspectivas inovadoras em programas e serviços de informação. A relevância das bibliotecas acadêmicas depende da capacidade dos bibliotecários se integrarem eficazmente no tecido do ensino e da pesquisa da IES. Os bibliotecários acadêmicos devem ser capazes de identificar e trabalhar com questões específicas relacionadas à informação associadas aos estudantes internacionais. (Wang; Franck, 2002)
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	As recomendações destinam-se a auxiliar os bibliotecários acadêmicos nos esforços para fornecer serviços de informação eficazes para estudantes internacionais. São lembretes para considerar diferentes culturas à medida que programas e serviços são desenvolvidos e implementados (Wang; Franck, 2002).

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 70 – Artigo 29

Título	<i>ESL Collections, University Libraries, and Internationalization</i>
Autor(es)	Karen Bordonaro
Ano	2015
Periódico/Evento	<i>Leea – Lengua en Aprendizaje Autodirigido / Revista Electrónica</i>
País foco da pesquisa	Estados Unidos e Canadá
Assunto	Pesquisa em que se examina o conteúdo, os tipos de materiais, os locais e as políticas de desenvolvimento de coleções de bibliotecas relativas às coleções de materiais ESL (Inglês como Segunda Língua) em <i>campi</i> universitários nos Estados Unidos e no Canadá. Os materiais ESL são definidos como materiais de apoio a alunos adultos que não são falantes nativos de inglês em um ambiente de ensino superior (Bordonaro, 2015).
Metodologia	Pesquisa exploratória por meio de análise documental. Os documentos analisados consistiram em registros de catálogos de bibliotecas, sites de institutos de língua inglesa no Canadá e nos Estados Unidos, sites de bibliotecas universitárias que continham materiais ou guias de ESL e políticas de desenvolvimento de coleções disponibilizadas publicamente por bibliotecas universitárias americanas e canadenses (Bordonaro, 2015).
Resultados/Conclusões	Como resultados os documentos consultados oferecem informações sobre os tipos de material contidos nas coleções de ESL, o conteúdo que abrangem, onde essas coleções estão localizadas nos <i>campi</i> universitários e que tipos de políticas de desenvolvimento de coleções são aplicadas.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Os estudantes internacionais têm muitos meios para se tornarem alunos de idiomas bem-sucedidos. Um desses poderia ser o aproveitamento de materiais prontamente disponíveis para fins de aprendizagem de línguas em coleções de ESL em bibliotecas universitárias. A biblioteca universitária que optar por criar, construir e manter tal coleção pode apoiar potencialmente o sucesso do aprendizado de idiomas de estudantes internacionais no <i>campus</i> (Bordonaro, 2015).

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 71 – Artigo 30

Título	<i>From Fürstenwalde to Kyoto: The Internationalization of an Academic Library</i>
Autor(es)	Rachel Hooper / Christopher Shaffer
Ano	2019
Periódico/Evento	<i>The Southeastern Librarian</i>
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	Análise de exemplos de iniciativas de internacionalização da Biblioteca da <i>Troy University</i> (Universidade de Troy), na cidade de Troy, no Alabama, EUA. São viagens de intercâmbio de bibliotecários, participações e organizações de eventos, workshops, participações de cursos e programas no exterior.
Metodologia	Estudo de caso da biblioteca da Troy University.
Resultados/Conclusões	Os bibliotecários da Troy University que participaram de experiências internacionais descobriram uma variedade de resultados positivos e benéficos que os ajudam a desempenhar melhor suas funções. Os bibliotecários que participaram de viagens ao exterior indicaram que se tornaram mais empáticos com as necessidades e desafios dos estudantes internacionais, mais capazes de compreender o que é estar num lugar onde todos falam uma língua diferente e de se colocarem no lugar do outro. Embora o estudo de caso tenha se concentrado em eventos de uma biblioteca acadêmica, outras bibliotecas podem encontrar maneiras de replicar essas ideias ou desenvolvê-las para atender às necessidades de seus alunos, usuários e instituições (Hooper e Shaffer, 2019).
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Apresentam recomendações. Hooper e Shaffer (2019), embora entendam que cada instituição possa ser diferente, apresentam alguns fatores e recomendações a serem considerados em bibliotecas acadêmicas ao se implementar um programa de internacionalização.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 72 – Artigo 31

Título	<i>Globalisation and Changing Practices for Academic Librarians in Australia: A Literature Review</i>
Autor(es)	Linda K. W. Becker
Ano	2006
Periódico/Evento	<i>Australian Academic & Research Libraries</i>
País foco da pesquisa	Austrália
Assunto	O objetivo do estudo foi revisar e analisar pesquisas históricas relacionadas às mudanças provocadas pela globalização nas bibliotecas acadêmicas australianas. Analisou-se o papel dos bibliotecários acadêmicos na internacionalização em suas próprias experiências e perspectivas com o propósito de melhorar as atividades bibliotecárias, instrucionais e de serviços. O artigo é a primeira parte de um estudo mais amplo, a segunda parte examina os resultados de uma pesquisa sobre as práticas atuais.
Metodologia	A revisão de literatura aborda temas como: bibliotecas acadêmicas e bibliotecários; bibliotecários e mudança de funções; bibliotecários como agentes de mudança; garantia de qualidade e bibliotecários; ensino, aprendizagem e competência informacional; educação a distância; colaboração internacional e mobilidade profissional; e desenvolvimento de coleções.
Resultados/Conclusões	Em alguns casos, houve um aumento da participação dos bibliotecários na liderança institucional, como no planejamento e implementação da educação internacional em suas próprias instituições, bem como aumento da participação em organizações e parcerias internacionais. Claramente, os bibliotecários acadêmicos estão assumindo papéis políticos centrais em questões de garantia de qualidade e competência informacional para fins de ensino e aprendizagem, enquanto outros são particularmente ativos na oferta de educação à distância (Becker, 2006). De acordo com Becker (2006), seu estudo explorou a literatura bibliotecária acadêmica para determinar as pressões da globalização e da internacionalização que impulsionam a mudança dos bibliotecários e suas organizações profissionais, e as adaptações institucionais adotadas por bibliotecários acadêmicos para

	internacionalizar seu ambiente. A revisão da literatura levou aos seguintes questionamentos para pesquisa: Qual é hoje o papel dos bibliotecários universitários da Austrália na educação internacional? Que elementos da globalização moldam as suas atividades institucionais? Que atividades os bibliotecários realizam especificamente para internacionalizar as suas perspectivas e vidas profissionais?
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não há recomendações.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 73 – Artigo 32

Título	<i>Australian University Libraries and the New Educational Environment</i>
Autor(es)	Gaynor Austen / Janine Schmidt / Philip Calvert
Ano	2002
Periódico/Evento	<i>The Journal of Academic Librarianship</i>
País foco da pesquisa	Austrália
Assunto	Análise sobre temas relacionados a bibliotecas universitárias australianas como: educação online, competência informacional, bibliotecas e internet, biblioteca virtual, serviços especializados para estudantes remotos, e objetos digitais de aprendizagem.
Metodologia	Revisão de literatura.
Resultados/Conclusões	Especificamente sobre internacionalização, o texto aponta que, o sistema universitário australiano passou por mudanças substanciais nos últimos anos, em que foram surgindo novas tendências importantes, entre elas a internacionalização, e que tiveram impacto na prestação de serviços de biblioteca à comunidade universitária (Austen, Schmidt e Calvert, 2002). Segundo Austen, Schmidt e Calvert (2002), a “agenda de internacionalização” levou as universidades australianas a cultivar laços crescentes com a comunidade internacional e se desenvolveu com base no recrutamento de estudantes estrangeiros, no ensino offshore (além-mar) em outros países, principalmente asiáticos, e no desenvolvimento de perspectivas internacionais dentro do currículo.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Não há recomendações. O artigo não trata especificamente sobre internacionalização de bibliotecas acadêmicas, apenas menciona como uma entre outras tendências analisadas.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 74 – Artigo 33

Título	<i>Internationalisation: Australian Librarians and Expanding Roles in Higher Education</i>
Autor(es)	Linda K. W. Becker
Ano	2006
Periódico/Evento	<i>Australian Academic & Research Libraries</i>
País foco da pesquisa	Austrália
Assunto	O artigo apresenta uma visão geral sobre atividades e estratégias de internacionalização em bibliotecas acadêmicas australianas. A pesquisa foi projetada como parte de um estudo maior para estudar como o processo de mudança na educação superior da Austrália, decorrente da globalização, transformou a prática das bibliotecas em universidades australianas para incluir a internacionalização no contexto da biblioteca, da universidade e da educação superior.
Metodologia	A revisão bibliográfica embasou a questão primária de pesquisa: Qual o papel dos bibliotecários acadêmicos australianos na internacionalização do ensino superior? Para responder a essa pergunta, um questionário foi enviado por e-mail para 36 diretores de bibliotecários universitários, membros do Conselho de Bibliotecários Acadêmicos Australianos (CAUL), em outubro de 2004. Dos 36 bibliotecários, 23

	responderam, resultando em 64% de participação. Primeiro, buscou-se examinar as atividades e práticas dos bibliotecários para determinar como essas práticas contribuem para a internacionalização nas universidades Australianas e para explorar o que constitui a melhor prática de internacionalização para os bibliotecários. Em segundo, buscou-se reunir evidências de padrões de comportamento que pudessem, em última análise, ser utilizados estrategicamente para internacionalizar bibliotecas e outras instituições de ensino superior. A pesquisa foi desenhada para examinar os padrões de comportamento dos indivíduos e de mudança institucional. Os dados coletados foram analisados por meio de técnicas estatísticas quantitativas (Becker, 2006).
Resultados/Conclusões	O artigo discute os resultados da pesquisa e algumas das estratégias e programas que envolvem os bibliotecários no processo de internacionalização. Os resultados da análise do questionário revelaram padrões de liderança e envolvimento em atividades universitárias que podem ser utilizados de forma prática e estratégica por outros bibliotecários que pretendam internacionalizar as suas instituições. A pesquisa apresentou resultados que foram utilizados para um estudo maior, posterior. Com base nas informações coletadas, duas bibliotecas que apresentam melhores práticas de internacionalização foram escolhidas para estudos de caso. As conclusões e os padrões de mudanças, atividades e estratégias para uma internacionalização eficaz são discutido num artigo posterior.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	As recomendações, com base nesta pesquisa, são apresentadas num artigo posterior, da mesma autora, também selecionado no levantamento bibliográfico e considerado para a análise e revisão deste trabalho.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 75 – Artigo 34

Título	<i>Internationalization and the Canadian Academic Library: What Are We Offering?</i>
Autor(es)	Jeannie Bail / Ryan Lewis / Amanda Power
Ano	2014
Evento	<i>Paper presented at Shifting Landscapes: Exploring the Boundaries of Academic Librarianship – CAPAL/ACBAP Annual Meeting - May 25-26, 2014</i> <i>Borders without Boundaries</i> <i>Congress of the Humanities and Social Sciences, 2014</i> <i>Brock University, St. Catharines, Ontario CANADA</i> https://capalibrarians.org/capal-conference-2014/
País foco da pesquisa	Canadá
Assunto	O estudo foi realizado para examinar o papel da biblioteca nas instituições acadêmicas canadenses em relação aos estudantes internacionais que as frequentam e os serviços que estão sendo oferecidos a eles. As principais questões que se buscou responder foram, se as bibliotecas acadêmicas no Canadá oferecem serviços especializados para estudantes internacionais, e, em caso afirmativo, que tipos de programas estão sendo oferecidos.
Metodologia	Primeiramente, foi realizada uma revisão da literatura em que foram identificadas algumas áreas-chave nas quais as bibliotecas acadêmicas podem ajudar a garantir que os estudantes internacionais aproveitem ao máximo sua experiência bibliotecária, tais como: divulgação; colaborações e parcerias com organizações do <i>campus</i> ; serviços e recursos especializados; instrução de bibliotecas e treinamento adequado do pessoal. A intenção foi obter uma “fotografia” dos serviços de biblioteca oferecidos para estudantes internacionais nas bibliotecas de instituições de educação superior do Canadá (Bail, Lewis e Power, 2014). Em seguida, um questionário eletrônico foi enviado para bibliotecas universitárias em todo o Canadá, em 2013. O questionário, elaborado em inglês e francês, consistia em 10 perguntas sobre porcentagens de estudantes internacionais nas instituições e seus países de origem, que tipos de instrução e atividades de informação bibliográfica oferecem, com quais organizações universitárias possuem parcerias, e quais serviços em outros idiomas, além do inglês e francês são oferecidos pela biblioteca. Obteve-se um total de 33 respostas (Bail, Lewis e Power, 2014).

Resultados/Conclusões	Os resultados da pesquisa apontam que a maioria das bibliotecas acadêmicas canadenses pesquisadas estão conscientes e se preocupam em oferecer serviços bibliotecários especializados a estudantes internacionais. Existem muitas bibliotecas e universidades em todo o Canadá que oferecem programas inovadores para estudantes internacionais. As conclusões revelam o conteúdo de alguns destes programas e podem servir para instituições que pretendem incorporar objetivos de internacionalização nos seus planos estratégicos, ou como experiências a serem desenvolvidas. A pesquisa apresenta uma perspectiva canadense sobre a tendência e pode ser de particular importância para bibliotecas onde a internacionalização foi recentemente adotada.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Os resultados trazem vários exemplos de práticas, ações, medidas e estratégias que pode ser adotadas em bibliotecas acadêmicas no atendimento a estudantes internacionais.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 76 – Artigo 35

Título	<i>Internationalizing University of Kentucky Libraries: A Work in Progress</i>
Autor(es)	Antoinette Greider
Ano	2014
Periódico/Evento	<i>International Leads</i>
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	Relato de medidas, ações e práticas de internacionalização realizadas pela biblioteca da Universidade de Kentucky
Metodologia	Estudo de caso. Relato de medidas, ações e práticas de internacionalização adotadas pela biblioteca da Universidade de Kentucky.
Resultados/Conclusões	Não apresenta conclusões nem resultados, considera-se um trabalho em progresso.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Apresenta exemplos de medidas, ações e práticas de internacionalização adotadas pela biblioteca da Universidade de Kentucky.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 77 – Artigo 36

Título	<i>The Role of the University Library in Supporting International Student Transition: Insights From an Australian-American Case Study</i>
Autor(es)	Hilary Hughes / Liz Cooper / Michael Flierl / Mary M. Somerville / Niraj Chaudhary
Ano	2018
Periódico/Evento	<i>The Journal of Academic Librarianship</i>
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América e Austrália
Assunto	O artigo apresenta, como resultado do Projeto Bibliotecas e Informações para Estudantes Internacionais (LIISP), insights sobre as experiências de estudantes internacionais do primeiro ano no uso de recursos, serviços e espaços de biblioteca em sua universidade anfitriã (Hughes; Cooper; Flierl; Somerville; Chaudhary, 2018).
Metodologia	Estudo de caso coletivo (comparativo) realizado entre 2014 e 2016 em uma biblioteca australiana e três bibliotecas norte-americanas (bibliotecas da Queensland University of Technology (QUT), na Austrália, e da Purdue University, da University of Colorado Denver (UCD) e da University New Mexico (UNM), nos Estados Unidos), com 320 estudantes internacionais do primeiro ano. O desenho da pesquisa foi baseado no estudo do Project Information Literacy (PIL) sobre o uso de bibliotecas por estudantes nacionais do primeiro ano dos EUA. Os dados foram coletados por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas e analisados por temas (Hughes; Cooper; Flierl; Somerville; Chaudhary, 2018).
Resultados/Conclusões	Os quatro casos foram comparados entre si e com o estudo PIL, resultando em quatro insights principais (Hughes; Cooper; Flierl; Somerville; Chaudhary, 2018, p. 582, tradução nossa):

	• Os estudantes internacionais são caracterizados pela sua diversidade e individualidade. • O uso da biblioteca e da informação pelos estudantes internacionais do primeiro ano, e os desafios associados, são geralmente semelhantes aos dos estudantes nacionais do primeiro ano dos EUA que transitam do ensino secundário para a universidade. • Os desafios que os estudantes internacionais enfrentam geralmente estão relacionados com o desconhecimento do ambiente sociocultural e das práticas acadêmicas e bibliotecárias na universidade anfitriã, e não com o déficit educativo generalizado. • A biblioteca é vital para apoiar a transição dos estudantes internacionais para a vida e os estudos numa universidade anfitriã.
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	Baseadas nas conclusões do LIISP, são apresentadas diretrizes que sugerem estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a transição dos estudantes internacionais do primeiro ano. As descobertas informam sobre design e espaços da biblioteca e o apoio à transição inclusiva que integra a aprendizagem informada e a pedagogia da transição. O trabalho é relevante para administradores universitários, bibliotecários e educadores voltados para um ensino superior culturalmente diversificado.

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 78 – Artigo 37

Título	<i>The Libraries' Substantive Role in the Internationalization Efforts at the University of Colorado Boulder</i>
Autor(es)	Xiang Li / Benjamin Hall / Bronwen K. Maxson / Bebe Chang
Ano	2018
Site	<i>Academic Futures / University of Colorado Boulder (2018) – Colorado, EUA.</i> https://www.colorado.edu/academicfutures/2018/01/17/libraries-substantive-role-internationalization-efforts-university-colorado-boulder-li
País foco da pesquisa	Estados Unidos da América
Assunto	O artigo examina áreas onde as Bibliotecas da <i>Colorado University (CU)</i> estão envolvidas em atividades de internacionalização, sugere futuras melhorias nestas áreas e propõe uma compreensão mais profunda da medida em que as Bibliotecas podem participar nos esforços de internacionalização do <i>campus</i> .
Metodologia	Estudo de caso. Relato sobre as áreas de envolvimento das bibliotecas da <i>Colorado University</i> em atividades de internacionalização com sugestões de melhorias. São analisadas e propostas melhorias relacionadas à globalização do currículo, internacionalização de coleções, serviços para estudantes internacionais, e para o desenvolvimento de competências interculturais.
Resultados/Conclusões	As bibliotecas da <i>Colorado University</i> apoiam um ambiente de pesquisa cada vez mais global e estão bem posicionadas para apoiar as tendências na internacionalização dos <i>campi</i> . São propostas de melhorias relacionadas à globalização do currículo, internacionalização de coleções, serviços para estudantes internacionais, e para o desenvolvimento de competências interculturais. Além das áreas de maior envolvimento mencionadas, se propõe a participação das bibliotecas em comitês e iniciativas de internacionalização em todo o <i>campus</i> . Sugere-se também que as bibliotecas precisam de um plano próprio para a internacionalização, o que pode exigir um comitê ou grupo de trabalho específico responsável. As Bibliotecas têm um papel fundamental a desempenhar nos esforços de internacionalização do <i>campus</i> . Por meio das melhorias mencionadas se espera um maior envolvimento da biblioteca nesses esforços, aumentando sua visibilidade. Sua participação é considerada fundamental para o atendimento da diversificada comunidade acadêmica da <i>Colorado University</i> .
Recomendações de Práticas, ações, medidas adotadas	São apresentadas propostas de melhorias em atividades de internacionalização relacionadas à globalização do currículo, internacionalização de coleções, serviços para estudantes internacionais, e para o desenvolvimento de competências interculturais.

Fonte: elaborado pelo autor

APÊNDICE C

Modelo de solicitação por e-mail para avaliação – Formulário 1

Prezados(as), favor encaminhar a solicitação para o(a) Diretor(a), Vice-Diretor(a), Coordenador(a), ou responsável por questões relacionadas à internacionalização da biblioteca ou sistema de bibliotecas.

Pesquisa – Estratégias para a Internacionalização de Bibliotecas Acadêmicas.

Prezado(a),

Verificou-se que a Biblioteca acadêmica na qual você exerce suas atividades profissionais encontra-se entre as 15 mais bem-avaliadas instituições de educação superior do Brasil, pelo indicador da ‘internacionalização’, do *Ranking* Universitário Folha 2024. Portanto, escrevo-lhe na esperança de que participe de uma pesquisa sobre estratégias para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas brasileiras.

A pesquisa constitui parte central da dissertação de mestrado profissional intitulada ‘Estratégias para a Internacionalização de Bibliotecas Acadêmicas’, do programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo é desenvolver um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. O trabalho estará disponível no repositório institucional da UFSC após a conclusão.

Para participar, solicito que você avalie um *framework* com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas, elaborado por meio de uma revisão bibliográfica de 24 artigos científicos levantados sobre o tema. Segue o *link* para o *framework* e para um breve formulário que leva, em média, 10 minutos para ser preenchido. Não é necessário ler todo o *framework* em detalhes, uma leitura dinâmica permite compreender sua estrutura, conteúdo e como utilizá-lo. Confio que você poderá preencher o formulário. Peço encarecidamente que conclua até o dia 11 de dezembro de 2024, possibilitando o cumprimento do cronograma e continuidade da pesquisa dentro do período estabelecido.

A pesquisa não identificará as respostas de nenhuma biblioteca acadêmica individualmente. Acredito que a garantia dessa confidencialidade permitirá que a informação seja compartilhada de forma mais útil.

Caso tenha qualquer dúvida, fique à vontade para entrar em contato pelo e-mail – thiagosturdze@gmail.com. Muito obrigado por sua disponibilidade e contribuição.

Atenciosamente,

Thiago de Sturdze (Bibliotecário) / Orientador: Dr. Júlio Eduardo Ornelas da Silva
PPGAU/UFSC

Link para o FORMULÁRIO: <https://forms.gle/r6zzjN5cCWLbJXvNA>

APÊNDICE D

Modelo de Solicitação por e-mail para avaliação dos Formulários 2 e 3

Prezados(as), favor encaminhar a solicitação para o(a) Diretor(a), Vice-Diretor(a), Coordenador(a), ou responsável por questões relacionadas à internacionalização da biblioteca ou sistema de bibliotecas.

Prezado(a),

Verificou-se que a Biblioteca acadêmica na qual você exerce suas atividades profissionais encontra-se entre as mais bem avaliadas instituições de educação superior do Brasil pelo indicador da ‘internacionalização’ do *Ranking* Universitário Folha 2024. Portanto, escrevo-lhe na esperança de que participe de uma pesquisa sobre estratégias para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas brasileiras, conduzida pelo Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para participar, solicito que você avalie um *framework* (quadro) com recomendações de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas. **São apenas 3 perguntas** básicas que permitem respostas sucintas (‘sim’ ou ‘não’) ou mais elaboradas, a critério de cada avaliador. Segue o *link* para um formulário com acesso para o *framework* e as 3 perguntas. Não é necessário ler todo o *framework* em detalhes, uma leitura dinâmica permite compreender sua estrutura, conteúdo e como utilizá-lo.

A pesquisa não identificará nenhum avaliador e as respostas não serão relacionadas a nenhuma biblioteca acadêmica individualmente, garantindo a confidencialidade. Confio que você poderá preencher o formulário e peço encarecidamente que conclua até o dia 13 de dezembro de 2024.

Caso tenha qualquer dúvida, fique à vontade para entrar em contato pelo e-mail – thiagosturdze@gmail.com, ou com meu orientador, Dr. Júlio Eduardo Ornelas Silva, do PPGAU UFSC – julio.inpeau@gmail.com.

Link para o FORMULÁRIO: <https://forms.gle/X745j1GgTYjvDcuF7>

Agradeço muito se puder participar. Muito obrigado por sua disponibilidade e contribuição.

Atenciosamente,

Thiago de Sturdze (Bibliotecário) / Orientador: Dr. Júlio Eduardo Ornelas Silva
Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária – PPGAU
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

APÊNDICE E

Modelo do formulário 1 (*Google Forms*)

Pesquisa - Estratégias para a Internacionalização de Bibliotecas Acadêmicas

O formulário a seguir leva em média 10 minutos para ser respondido e pode ser preenchido pelo(a) Diretor(a), Vice-Diretor(a), Coordenador(a) ou responsável por questões relacionadas à internacionalização da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas. Muito obrigado por sua disponibilidade para participar da avaliação e por sua contribuição para esta pesquisa.

** Indica uma pergunta obrigatória*

Qual o nome da instituição onde a biblioteca ou sistema de bibliotecas presta serviços? (Informação solicitada apenas para controle das respostas obtidas. As informações do formulário não serão relacionadas nem identificadas com as instituições, mantendo a confidencialidade). *

Sua resposta

Favor preencher, em mais de uma opção se for o caso, sobre sua formação, cargo, posição ou função na Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas. (Essas informações servirão apenas para fins de categorização na pesquisa. Os dados e informações serão tratados em conjunto, de forma genérica, não serão relacionados nem identificados individualmente com as bibliotecas e instituições, com intuito de manter a confidencialidade). *

- o Formação em Biblioteconomia.
- o Formação em outra área relacionada (Ciência da Informação / Arquivologia).
- o Formação em outra área.
- o Diretor(a) da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas.
- o Vice-Diretor(a) da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas.
- o Secretário(a) da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas.
- o Responsável por questões relacionadas à internacionalização da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas.

FRAMEWORK

O *framework* contém apenas recomendações ou exemplos de boas práticas. Deve ficar claro que as bibliotecas acadêmicas não precisam ou devem adotar todas as práticas nele descritas para que desenvolvam plenamente sua internacionalização. O entendimento é de que as

bibliotecas podem ou não adotar procedimentos, com base nas informações do *framework*, de forma adaptada e/ou adequada para cada realidade.

Link para o *FRAMEWORK*: https://drive.google.com/file/d/1_S3ByVfrnJ-i-NsrmcE4oYM92zxOPXLx/view?usp=drive_link

As estratégias, medidas, ações, práticas e atividades para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas foram descritas no *framework* em 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados de boas práticas, identificados em 24 artigos selecionados por meio de um levantamento bibliográfico seguido de uma revisão sistemática.

1. Você considera que as medidas, ações e atividades, descritas nos 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados do '*Framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas' podem servir para melhorar a gestão da internacionalização de bibliotecas acadêmicas? Favor assinalar 'Sim' ou 'Não' para cada grupo.

*

	SIM	NÃO
01 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Estratégia administrativa	☐	☐
02 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Formação de bibliotecários	☐	☐
03 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Infraestrutura e coleções	☐	☐
04 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Serviços de informação	☐	☐
05 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Pesquisa	☐	☐
06 – Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação 'no exterior'	☐	☐
07 – Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação 'em casa'	☐	☐
08 – Boas práticas de internacionalização para alunos de pós-graduação	☐	☐
09 – Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas	☐	☐
10 – Contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>	☐	☐
11 – Aspectos de internacionalização apoiados pelas equipes das bibliotecas	☐	☐
12 – Serviços de apoio de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>	☐	☐
13 – Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior	☐	☐
14 – Realizar eventos multiculturais e internacionalizados de bibliotecas	☐	☐
15 – Serviços para estudantes internacionais	☐	☐
16 – Suporte a estudantes internacionais	☐	☐
17 – Formação de bibliotecários internacionais	☐	☐
18 – Programas de parceria	☐	☐
19 – Programas de intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas	☐	☐
20 – Medidas relacionadas ao papel das bibliotecas acadêmicas na internacionalização da educação	☐	☐
21 – Serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais	☐	☐
22 – Atividades de internacionalização – Apoio organizacional e administrativo	☐	☐
23 – Atividades de internacionalização – Parcerias, ligações e cooperação internacionais	☐	☐
24 – Atividades de internacionalização – Desenvolvimento de pessoal e recursos humanos	☐	☐

25 – Atividades de internacionalização – Pesquisa	☐	☐
26 – Atividades de internacionalização – Coleção da biblioteca	☐	☐
27 – Atividades de internacionalização encontradas na literatura	☐	☐
28 – Práticas de internacionalização de bibliotecas	☐	☐
29 – Intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural	☐	☐
30 – Padrões de práticas e perspectivas de internacionalização	☐	☐
31 – Atitudes recomendadas para bibliotecários acadêmicos contribuírem para a internacionalização das IES	☐	☐
32 – Acordos estratégicos	☐	☐
33 – Atendimento ao corpo docente internacional e acadêmicos visitantes	☐	☐
34 – Contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições	☐	☐
35 – <i>Campi</i> filiais internacionais	☐	☐
36 – Mapear contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>	☐	☐
37 – Comunicação intercultural	☐	☐
38 – Desenvolvimento de coleções para estudos de línguas	☐	☐
39 – Iniciativas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas	☐	☐
40 – Serviços bibliotecários especializados para estudantes internacionais	☐	☐
41 – Aprimoramento das relações interdisciplinares e interprofissionais, da pesquisa sobre questões globais, e promoção de maior exposição internacional para a comunidade acadêmica	☐	☐
42 – Estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais do primeiro ano	☐	☐
43 – Papel das bibliotecas acadêmicas nos esforços de internacionalização	☐	☐

2. Favor informar, em relação ao(s) grupo(s) de recomendações em que marcou ‘não’, o motivo de considerar que as medidas, ações e práticas relacionadas não contribuem para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas. Favor indicar o número do grupo de recomendações e sua opinião. *

Sua resposta

3. Você vê aplicabilidade do *framework* para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas? *

Sua resposta

4. Foi fácil entender como usar o *framework*? *

Sua resposta

5. A linguagem e a terminologia estão adequadas para sua realidade? *

Sua resposta

6. Você tem qualquer sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas? *

Sua resposta

APÊNDICE F

Modelo dos Formulários 2 e 3 (*Google Forms*)

Pesquisa - Estratégias para a Internacionalização de Bibliotecas Acadêmicas

O formulário a seguir pode ser preenchido pelo(a) Diretor(a), Vice-Diretor(a), Coordenador(a) ou responsável por questões relacionadas à internacionalização da Biblioteca ou Sistema de Bibliotecas. Muito obrigado por sua disponibilidade para participar da avaliação e por sua contribuição para esta pesquisa.

FRAMEWORK

O *framework* contém apenas recomendações ou exemplos de boas práticas. Deve ficar claro que as bibliotecas acadêmicas não precisam ou devem adotar todas as práticas nele descritas para que desenvolvam plenamente sua internacionalização. O entendimento é de que as bibliotecas podem ou não adotar procedimentos, com base nas informações do *framework*, de forma adaptada e/ou adequada para cada realidade.

Link para o *FRAMEWORK*: https://drive.google.com/file/d/1_S3ByVfrnJ-i-NsrmcE4oYM92zxOPXLx/view?usp=drive_link

As estratégias, medidas, ações, práticas e atividades para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas foram descritas no *framework* em 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados de boas práticas, identificados em 24 artigos selecionados por meio de um levantamento bibliográfico seguido de uma revisão sistemática.

1. Você vê aplicabilidade do *framework* para a gestão da internacionalização em bibliotecas acadêmicas?

Sua resposta

2. Foi fácil entender como usar o *framework*?

Sua resposta

3. Você tem qualquer comentário, sugestão, recomendação, crítica ou contribuição para a melhoria do *framework* de boas práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas?

Sua resposta

APÊNDICE G
COMUNICAÇÃO POR E-MAIL COM OS AVALIADORES

Mensagem recebida referente ao e-mail da Solicitação 2, para preenchimento do Formulário 2, enviado em 10/12/2024:

Mensagem 1 – de uma universidade estadual, recebida em 11/12/2024:

Olá Thiago, boa tarde.

Infelizmente não consigo responder o seu formulário até o final deste semestre, pois estamos com um número significativo de demandas para emitir pareceres de normalização e elaboração de fichas catalográficas dos TCCs.

*At.te,
Xxxxxx*

*--
Atenciosamente,*

*Equipe da Biblioteca
Tel.: (XX) XXXX-XXXX*

Resposta à mensagem 1 (11/12/2024):

Prezada Xxxxxx,

Muito obrigado pelo retorno. Entendo, de qualquer modo eu agradeço. Bom trabalho e boas festas!

*Atenciosamente,
Thiago de Sturdze*

Mensagem recebida referente ao e-mail da Solicitação 3, para preenchimento do Formulário 2, enviado em 12/12/2024:

Mensagem 2 – de uma universidade federal, recebida em 12/12/2024.

Prezado,

Pesquisa respondida. Parabéns pelo trabalho e votos de que o trabalho seja bem avaliado e venha a se transformar em artigo ou produto que agregará valor às bibliotecas universitárias.

Fico à disposição.

Atenciosamente,

Xxxxx Xxxx
 Diretor
 Sistema de Bibliotecas – XXXX/XXXX
 Universidade Federal XX XXXXXX
 Fone: XXXX-XXXX

Mensagem recebida referente ao e-mail da Solicitação 3, para preenchimento do Formulário 3, enviado em 12/12/2024:

Mensagem 3 – de uma universidade federal, em 12/12/2024.

Bom dia, Thiago.

A pesquisa foi respondida. Sucesso.

Abraço

--

Xx. Xxxxx xx Xxxxx Xxxxxx
 Bibliotecária-Documentalista e Historiadora
 Diretora da XXXXX/XXXXXXXX
 CRB - X/XXXX
 Tel.: +XX(XX) XXXX-XXXX

Mensagens recebidas referentes ao e-mail da Solicitação 1, para preenchimento do Formulário 1, enviada em 03/12/2024:

Mensagem 4 – de uma universidade federal, em 10/12/2024.

Prezado Thiago,

Agradecemos pelo convite para participar da pesquisa.
 No entanto, verificamos que o formulário não está mais ativo (cfe tela anexa). Seria possível, por gentileza, ampliar o prazo para nossa participação?

Ficamos no aguardo e agradecemos desde já.

Atenciosamente,

Xxxxx Xxxxx Xxxxx
 Diretora - Biblioteca Central
 Universidade Federal xx Xxx Xxxxxx xx Xxx
 +XX XX XXXXXXXX
 xxxxx.br/bibliotecacentral
 xxxxx.br/bibliotecas

Resposta à Mensagem 4 (11/12/2024)

Prezada Xxxxx,

Muito obrigado pelo retorno. Desculpe, não tive condições de responder antes. Sim, posso, já está ativo novamente o formulário. Deixarei ativo por mais uma semana. Agradeço muito sua gentileza!

*Atenciosamente,
Thiago de Sturdze*

Mensagem 5 – de uma universidade estadual, em 07/01/2025.

Oi Thiago, boa tarde!

*Devido ao prazo, gostaríamos de saber se ainda podemos respondê-lo.
Ainda podemos contribuir?*

At.te,

Resposta à mensagem 5 (09/01/2025)

Bom dia Xxxxxxx,

Sim, poderia responder. O formulário continua ativo. Muito obrigado pelo contato!

*Atenciosamente,
Thiago de Sturdze*

APÊNDICE H – PRIMEIRA VERSÃO DO *FRAMEWORK*

RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

O QUE?	1 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Estratégia administrativa
Por que?	As bibliotecas acadêmicas podem contribuir tanto para articular os esforços das bibliotecas universitárias na mediação entre a universidade e os processos de internacionalização, como para tornar seus serviços mais eficazes para estudantes e professores envolvidos nesses processos. Iniciativas de internacionalização são geralmente lideradas por autoridades universitárias e, em muitos casos, os níveis de internacionalização que as universidades declaram não correspondem aos níveis exibidos pelas bibliotecas. Além disso, embora as bibliotecas realizem inúmeras atividades que contribuem para a internacionalização, estas não estão articuladas em seus planos estratégicos.
Quem?	A biblioteca acadêmica em conjunto com outros setores administrativos da instituição, responsáveis por questões internacionais.
Como?	A colaboração pode incluir: - Incorporar e articular as funções da biblioteca acadêmica ao plano estratégico de internacionalização da IES. - Realizar mudanças na missão e no plano estratégico da biblioteca para que inclua os processos e atividades que apoiem e promovam a internacionalização do <i>campus</i>. - A biblioteca acadêmica pode desenvolver e manter canais de comunicação com a unidade administrativa responsável pelos estudantes internacionais e com outras instituições e redes de estudantes internacionais. - Incentivar a participação de bibliotecários em comitês de internacionalização de <i>campus</i> e organizações internacionais. - Estabelecer alianças estratégicas com instituições acadêmicas no estrangeiro que acolham estudantes internacionais. - Fornecimento de informações cruzadas entre os sites de instituições. - A participação da biblioteca em reuniões de orientação a estudantes internacionais.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	2 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Formação de bibliotecários
Por que?	Estabelecer formação contínua de bibliotecários com o objetivo de melhorar o seu desempenho profissional, domínio de outras línguas e competências interculturais.
Quem?	Biblioteca acadêmica e colegiados de cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
Como?	- A biblioteca acadêmica pode desenvolver, em conjunto com outros departamentos e centros da IES (Psicologia, Educação, Centros de Línguas Estrangeiras), formação para que os bibliotecários aprendam a reconhecer o impacto dos padrões de pensamento e das diferenças culturais na comunicação e nos estilos de aprendizagem. - Integrar a comunicação intercultural no currículo de Biblioteconomia e Ciência da Informação. - Incentivar os bibliotecários a ampliarem seus conhecimentos e leituras sobre a história, a cultura e os sistemas educacionais de outros países, além de estudos comparativos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, que lhes permitirão conhecer as características dos usuários e tradições estrangeiras para as práticas de suas bibliotecas. - Promover a mobilidade e o intercâmbio dos bibliotecários com colegas de outras instituições nacionais e internacionais.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	3 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Infraestrutura e coleções
Por que?	Proporcionar um ambiente adequado na biblioteca que favoreça a comunicação e a empatia entre usuários internacionais e bibliotecários.
Quem?	A gestão da unidade em conjunto com a equipe de funcionários.
Como?	- Considerar a disposição de um sistema de sinalização bilíngue ou multilíngue na biblioteca que ajude os usuários a identificar e localizar instalações e serviços. - Preparar informação multilíngue sobre a natureza e finalidades da biblioteca, as funções dos bibliotecários e termos típicos da biblioteca. - Incluir materiais multiculturais e multilíngues nas coleções da biblioteca de acordo com a origem típica dos usuários internacionais. - Apoiar estudantes e professores em estadias no estrangeiro com bibliografia atualizada sobre diferentes temas de pesquisa, por meio da disponibilização de coleções digitais online. - Criar articulações entre a biblioteca e redes de estudantes residentes no país e no estrangeiro, que estimulem a troca de informação.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	4 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Serviços de informação
Por que?	Atender necessidades de acordo com percepções e experiências de utilização de serviços de informação de estudantes e professores internacionais, incluindo necessidades de competência informacional.
Quem?	A biblioteca académica.
Como?	- Realizar estudos para identificar necessidades, percepções e experiências de utilização de serviços de informação de estudantes e professores internacionais, incluindo necessidades de competência informacional. - Desenhar serviços de informação de acordo com as necessidades dos utilizadores internacionais, incluindo informação académica e cotidiana. - Desenhar as interfaces dos websites, tendo em conta as especificidades dos utilizadores internacionais, especialmente relacionadas com as barreiras linguísticas. - Ministrar sessões de formação básica sobre a biblioteca e os seus serviços aos alunos ingressantes no primeiro semestre. - Identificar os meios de comunicação preferidos pelos estudantes internacionais e explorar o seu potencial de comunicação e disseminação de informação. - Promover oportunidades de interação informal entre a equipa de bibliotecários e utilizadores internacionais. - Definir indicadores de avaliação da qualidade dos serviços prestados na biblioteca e do desempenho dos bibliotecários, incluindo indicadores relacionados com utilizadores internacionais e outros processos de internacionalização. - Colaborar com professores na internacionalização de currículos e com pesquisadores na concepção de pesquisas colaborativas.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	5 – Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do <i>campus</i> – Pesquisa
Por que?	Compreender as percepções e necessidades de formação dos bibliotecários e as necessidades dos usuários internacionais
Quem?	Profissionais envolvidos com a gestão de bibliotecas e formação de bibliotecários.
Como?	- Realizar estudos que identifiquem as percepções dos bibliotecários sobre os serviços para usuários internacionais, bem como suas necessidades de formação. - Realizar estudos que caracterizem a população de estudantes e outros utilizadores internacionais e suas necessidades de informação. - Promover a realização de projetos colaborativos onde participem bibliotecários, professores e estudantes internacionais. - Promover a pesquisa por bibliotecários, que lhes permita ampliar os seus conhecimentos sobre a história, a cultura, os sistemas educativos de outros países e as práticas das suas bibliotecas. - Realizar estudos que permitam comparar as experiências e abordagens de internacionalização de bibliotecas universitárias em diferentes países e o desenvolvimento de guias de boas práticas.
Referência	Sánchez-Tarragó, Castellanos-Gallardo e Bufrem (2017)

O QUE?	6 – Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘no exterior’
Por que?	Desenvolver e compreender melhor a realidade, as práticas e os serviços em bibliotecas acadêmicas relacionados à internacionalização ‘no exterior’.
Quem?	Bibliotecários e funcionários de bibliotecas acadêmicas
Como?	Visitas a outras bibliotecas; realizar pesquisas no exterior; trabalhar em bibliotecas no exterior; ministrar cursos no exterior; criação de bibliotecas no exterior; viagens de estudo a bibliotecas; assistir e participar de eventos científicos no exterior; programas de intercâmbio em Ciência da Informação; participar em redes de pesquisadores no exterior.
Referência	Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018)

O QUE?	7 – Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘em casa’
Por que?	Desenvolver e compreender melhor a realidade, as práticas e os serviços em bibliotecas acadêmicas relacionados à internacionalização ‘em casa’.
Quem?	Bibliotecários e funcionários de bibliotecas acadêmicas
Como?	Reunião com bibliotecários visitantes; apoio a estudantes internacionais; apoio a pesquisadores internacionais visitantes; realizar pesquisas com profissionais de outros países; treinar bibliotecários internacionais; conduzir webinários para bibliotecários no exterior; assistir e participar de eventos científicos internacionais online; participar de programas de parcerias entre bibliotecas; oferecer serviços de referência virtual; apoio à distância a pesquisadores e estudantes em estadia no exterior; colaboração com bibliotecários de outros países; criação de repositórios; criação de exposições multiculturais.
Referência	Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018)

O QUE?	8 – Boas práticas de internacionalização para alunos de pós-graduação
Por que?	Atender as necessidades de informação dos alunos internacionais de pós-graduação
Quem?	A gestão dos programas de pós-graduação e a biblioteca acadêmica.
Como?	- Recomenda-se que a universidade alie a gestão de processos às ferramentas de comunicação, envolvendo os funcionários da instituição, de modo a criar um ciclo de autonomia para os estudantes, desde o acesso ao site da universidade até os canais de comunicação do programa de Pós-Graduação, como redes sociais e outros meios de atendimento ao público. - A internacionalização da pós-graduação deve ir além das redes de contato dos professores com universidades no exterior. O processo pode acontecer, também, mediante a disseminação das publicações, participação de eventos, cotutela, intercâmbio de docentes e discentes, publicações conjuntas, entre outras ações.

	- A universidade deve disponibilizar fontes e ferramentas para a disseminação da informação, que são fundamentais para o candidato à Pós-Graduação, no momento da sua chegada e no seu período de adaptação. E as informações devem ser divulgadas em mais de um idioma, preferencialmente com o inglês como segundo idioma, por ser língua referencial na academia. - A qualidade do tipo de informações que os estudantes têm acesso e a facilidade de encontrarem essas informações afetam diretamente na sua adaptação e qualidade de vida, podendo refletir nos estudos e produtividade acadêmica. Alguns desafios encontrados pelos estudantes internacionais durante o período de adaptação estão relacionados a moradia, transporte, alimentação, serviços, saúde, entre outros. Assim, seria interessante que os canais oficiais da universidade informem sobre questões práticas do dia a dia. - Deve-se considerar, quanto à aquisição e ao uso da informação, que há uma diferença entre estudantes recém-chegados, que já possuem uma rede de contatos com outros estudantes do mesmo país, que já estudaram ou estudam na universidade receptora, e estudantes que não possuem essa rede de apoio. Há uma facilidade para os que obtêm informações por essa rede, sobretudo em relação à estrutura da universidade receptora e à cidade em que está localizada. - Eventos de recepção aos estudantes internacionais podem influenciar positivamente no modo com que os estudantes internacionais adquirem informações, inclusive ao longo do processo de adaptação.
Referência	Rioga e Baracho (2021)

O QUE?	9 – Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
Por que?	Satisfação pessoal dos funcionários com a experiência de intercâmbio, melhorando na sua motivação, desempenho, atitudes, confiança, orientação para o serviço e na comunicação. Promove a capacidade dos funcionários de encorajar mudanças e melhorias em seu local de trabalho com contribuições específicas e positivas como resultado do seu tempo de intercâmbio. Melhorar a imagem institucional e as relações internacionais e trazer benefícios para os membros individuais da equipe e no funcionamento interno das bibliotecas. Os intercâmbios entre membros das bibliotecas têm aumentado em importância para os participantes e para as suas comunidades acadêmicas.
Quem?	Administração Universitária, direção e funcionários das bibliotecas acadêmicas
Como?	- Se os intercâmbios forem considerados valiosos para as instituições e para os funcionários das bibliotecas acadêmicas, pode ser integrado no programa de desenvolvimento do pessoal da biblioteca um mecanismo para explorar possibilidades, formalizar canais de comunicação, definir expectativas, estabelecer objetivos, educar potenciais parceiros de intercâmbio e providenciar meios para que partilhem os seus conhecimentos e experiências adquiridos após o seu regresso. - A iniciativa para a realização dos intercâmbios pode ser continuada após o seu regresso, na forma de realizações tangíveis, para que recebam reconhecimento e progresso satisfatórios. As administrações das bibliotecas devem utilizar os recursos adicionais dos funcionários que regressaram do estrangeiro, dando-lhes incentivo e oportunidade de utilizar e transmitir os conhecimentos e experiências recentemente adquiridos, garantindo que tanto a instituição como os funcionários obtenham todos os benefícios do processo de intercâmbio.
Referência	Kidd e Roughton (1994)

O QUE?	10 – Contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>
Por que?	As bibliotecas acadêmicas podem contribuir amplamente para os esforços de internacionalização do <i>campus</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Gestores e funcionários de bibliotecas em contato com outros setores da instituição e com agentes de instituições no exterior.
Como?	Atividades mencionadas com mais frequência incluem: a ligação com secretarias ou departamentos responsáveis pela internacionalização, com departamentos de línguas estrangeiras e de estudos de área/regiões internacionais; fornecimento de orientações e aconselhamentos para estudantes internacionais; desenvolvimento de coleções internacionais e em línguas estrangeiras; funcionários focados em empréstimos entre bibliotecas internacionais e na divulgação

	de tópicos internacionais ao <i>campus</i> e à comunidade. Outras atividades seriam: a administração de parcerias internacionais; auxílio no desenvolvimento de currículos internacionais; liderança em programas de estudos no exterior; e o trabalho de angariar fundos para programas internacionais.
Referência	Witt, Kutner e Cooper (2015)

O QUE?	11 – Aspectos de internacionalização apoiados pelas equipes das bibliotecas
Por que?	Contribuir para os esforços de internacionalização do <i>campus</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Equipes de bibliotecas acadêmicas
Como?	- Instruções/orientações para estudantes internacionais - Divulgação de tópicos internacionais - Ligação com departamentos de línguas estrangeiras - Ligação com área de estudos internacionais - Ligação com programas de línguas - Ligação com setor de educação/estudos no exterior - Serviço de referência em língua estrangeira - Empréstimo entre bibliotecas internacionais - Programação de biblioteca em questões globais/internacionais - Desenvolvimento de coleções internacionais e em língua estrangeira - Desenvolvimento e monitoramento de parcerias internacionais - Suporte a <i>campi</i> filiais internacionais
Referência	Witt, Kutner e Cooper (2015)

O QUE?	12 – Serviços de apoio de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>
Por quê?	Contribuir para os esforços de internacionalização do <i>campus</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Equipes de bibliotecas acadêmicas em conjunto com outros setores e departamentos da instituição.
Como?	- Visitas orientadas em língua estrangeira - Orientação especializada para estudantes internacionais - Serviço de pesquisa individualizada para estudantes internacionais - Guias para estudantes internacionais - Guias para estudantes de línguas - Guias para estudos no exterior - Guias para cursos em línguas estrangeiras - Guias para estudos de área/regiões internacionais - Instruções para estudantes internacionais - Instruções para cursos de línguas - Instruções para cursos de estudos no exterior - Instruções sobre informação global - Instruções sobre ensino em cursos de temáticas globais
Referência	Witt, Kutner e Cooper (2015)

O QUE?	13 – Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior
Por que?	Segundo Denda (2012) as descobertas de sua pesquisa levaram a sugerir novos serviços e políticas para bibliotecas acadêmicas, para que possam colaborar de forma mais ambiciosa com programas de estudos no exterior, em conjunto com outros parceiros do <i>campus</i> . O objetivo é fomentar uma nova geração de estudantes capazes de atuar num mundo global e complexo, bem como envolver as bibliotecas de forma mais estratégica na internacionalização do ensino superior.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas em conjunto com demais setores e administração central
Como?	- Criar um guia para estudos no exterior on-line, que descreva a gama de serviços disponíveis para estudantes e professores com interesse em programas de estudos e intercâmbio no exterior. - Disponibilizar uma lista de contatos de bibliotecários para responder à consultas de pesquisa e informações práticas sobre países de destino de programas de estudos e intercâmbio oferecidos pela instituição. - Explorar caminhos para expandir o acesso remoto à serviços de biblioteca para participantes de programas de estudos no exterior, como chat de mensagens instantâneas. - Participar de eventos de programas de estudos no exterior. - Disponibilizar informação aos pais dos alunos, que assegurem que a infraestrutura acadêmica estará disponível, na instituição no exterior, e como suporte à distância, enquanto seus filhos estiverem no exterior. - Designar um funcionário ou grupo de bibliotecários para partilhar algumas das responsabilidades de contato com os participantes (professores e estudantes) de programas acadêmicos no exterior, que vão para o exterior ou que chegam na instituição. - O acesso à biblioteca é essencial para apoiar o ensino dos estudantes, onde quer que residam seus trabalhos acadêmicos e jornadas intelectuais. - A biblioteca deve garantir que todos os serviços de acesso remoto cobertos pelos acordos de licenciamento estejam disponíveis para os participantes dos programas vinculados à instituição. - As bibliotecas acadêmicas devem estender os seus serviços de repositório institucional aos estudantes de graduação. Um repositório com conteúdo relacionado à programas de estudos no exterior, como mapas interativos de países, traçados com trabalhos de pesquisa, dados coletados, apresentações, fotos e ensaios reflexivos de ex-participantes de programas no exterior pode redefinir experiências individuais, bem como facilitar novas conexões entre estudantes e reunir comunidades como grupos de ex-alunos. - As bibliotecas acadêmicas devem conectar-se aos programas de estudo no exterior de sua instituição estabelecendo uma ligação específica com este grupo de usuários, traduzindo intenção em ação. O contato pode servir como o primeiro ponto de ligação para estudantes, administradores e professores envolvidos em programas de estudo no exterior, explorando rotineiramente caminhos adicionais para benefício mútuo e novas iniciativas. Mais importante ainda, o elemento de ligação deve ter a responsabilidade de regularmente revisar e atualizar os guias de pesquisa e as políticas correntes para estudar no exterior, mantendo-se a par das necessidades e aspirações contínuas da comunidade. - As bibliotecas acadêmicas devem encontrar formas ativas de interagir com professores e estudantes envolvidos em estudos no exterior. À medida que as instituições de ensino superior evoluem no seu compromisso com a internacionalização abrangente, as suas bibliotecas devem integrar estas perspectivas para continuarem a ser um parceiro essencial nesta mudança de paradigma. Programas acadêmicos de estudos no exterior podem tirar vantagem de aplicações inovadoras de novas tecnologias de mídia de modo que as bibliotecas acadêmicas trabalhem em estreita colaboração com parcerias estratégicas dentro e fora do <i>campus</i>.
Referência	Denda (2012)

O QUE?	14 – Realização de eventos multiculturais e internacionalizados de bibliotecas
Por que?	A biblioteca pode demonstrar, por meio de um evento, seu apoio à educação internacional, apresentando a biblioteca como um ambiente amigável no qual pessoas de diferentes culturas possam se conectar pessoalmente. Reestruturar o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais pode levar ao reconhecimento e à valorização da importância da inclusão, da diversidade, do interculturalismo, do multiculturalismo e da internacionalização em casa, no <i>campus</i> universitário. Ao posicionar a biblioteca para funcionar como um ambiente onde estes valores são reconhecidos, realçados e promovidos, os bibliotecários demonstram o importante papel que as bibliotecas podem desempenhar na construção do conhecimento internacional. Organizar um evento da ‘Biblioteca Humana’ pode ser uma boa maneira de começar a pensar sobre esses temas e o bem maior que eles podem trazer para uma biblioteca acadêmica.
Quem?	A biblioteca acadêmica em conjunto com outros setores da instituição
Como?	A realização de um evento como o da ‘Biblioteca Humana’, considerando suas consequências positivas, pode servir como uma forma útil de reformular o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais. Em vez de apenas fornecer apoio bibliotecário aos estudantes internacionais para superar barreiras, os bibliotecários podem envolvê-los mais profundamente na construção de conhecimento compartilhado através de eventos bibliotecários. Um evento de ‘Biblioteca Humana’ se enquadra em uma gama de serviços de biblioteca oferecidos a estudantes internacionais, como oficinas de orientação, vídeos de boas-vindas em diferentes idiomas e desenvolvimento de coleções em língua estrangeira.
Referência	Bordonaro (2020)

O QUE?	15 – Serviços para estudantes internacionais
Por que?	É importante compreender que os estudantes internacionais têm uma série de necessidades, experiências e conhecimentos diferentes, que podem variar dramaticamente dependendo do seu país de origem, e que as IES devem ter a responsabilidade de valorizar e encorajar estas diferenças e buscar criar no <i>campus</i> um ambiente de aprendizagem internacional, reconhecendo os benefícios que isso pode trazer tanto para os estudantes nacionais, como para os estudantes internacionais.
Quem?	Biblioteca acadêmica
Como?	• Oferecer: - Guias de biblioteca/recursos - Atividades de introdução individualizadas - Sessões individuais de educação do usuário - Páginas da web dedicadas - Cursos de treinamento - Guias/material de divulgação sobre pesquisas em bases de dados em outros idiomas • Designar um membro da equipe que atue como principal ponto de contato para estudantes internacionais dentro da biblioteca, cujas funções incluam tarefas como: - Criação de guias (impressos e online) - Criação de conteúdo online destinados especificamente a estudantes internacionais - Prover treinamento a outros membros da equipe - Estabelecer contato com outras equipes e departamentos (por exemplo, Secretaria de assuntos internacionais) - Atuar como representante da biblioteca em questões relacionadas com os serviços projetados para estudantes internacionais em toda a universidade
Referência	Toner (2019)

O QUE?	16 – Suporte a estudantes internacionais
Por que?	Responder à demanda, fornecendo produtos, serviços e programas de informação, integrados e fundamentais para as atividades de ensino e pesquisa, com foco nos estudantes internacionais.
Quem?	Administração e equipe da biblioteca em conjunto com outros setores acadêmicos.
Como?	- Os estudantes internacionais devem ter acesso a toda a gama de serviços e instalações de todas as bibliotecas da instituição. - A biblioteca pode oferecer treinamento no uso de serviços, como um programa de orientação personalizado, que inclui passeios pelas instalações da biblioteca e um seminário do tipo ‘Descobrimos a Biblioteca’. - Estudantes internacionais podem frequentar ou se inscrever em algum programa de preparação ou introdução acadêmica, que incorpore algumas horas de treinamento na biblioteca com sessões para habilidades de informação. - A biblioteca pode manter contato com os serviços de apoio ao estudante para integrar seus serviços. - Estudantes internacionais em cursos de línguas estrangeiras podem receber seminários e passeios de treinamento na biblioteca. - Os bibliotecários podem trabalhar com conselheiros de aprendizagem nos serviços de apoio ao estudante internacionais para se tornarem independentes e confiantes, capazes de atingir seus objetivos acadêmicos, de aprimorar suas habilidades de coleta de informações e comunicação. - Indicar responsáveis por contato com os estudantes internacionais nomeados pela biblioteca, para ajudar estudantes internacionais e estudantes que não falam a língua do país. Informações com funcionários da biblioteca que falam mais de um idioma podem ser úteis. - Considerar a utilização de software especializado em computadores de biblioteca, para permitir que o navegador da Web leia muitos outros scripts de linguagem. - Considerar a disponibilização de jornais de notícias internacionais. - Disponibilizar uma página especializada no site, que forneça informações para estudantes internacionais. - Disponibilizar computadores na biblioteca, com acesso a e-mail, para entrega de trabalhos acadêmicos e para ajudar os alunos a manter contato com familiares e amigos. - Oferecer amplo horário de funcionamento e acesso, 24 horas por dia, 7 dias por semana, aos recursos da biblioteca via internet.
Referência	Saw; Wai Lui; Yu (2007)

O QUE?	17 – Formação de bibliotecários internacionais
Por que?	Melhorar o atendimento desenvolvendo habilidades com foco nos produtos e serviços oferecidos a estudantes internacionais.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- A biblioteca pode oferecer formação à bibliotecários e técnicos de bibliotecas em serviços e atendimento à estudantes internacionais. - A biblioteca pode manter contato com bibliotecas acadêmicas de outros países, das instituições de origem dos estudantes internacionais, buscando estabelecer uma relação de trabalho profissional contínua, fornecendo aconselhamento e apoio e, em troca, obtendo uma maior compreensão sobre como essas bibliotecas funcionam. - Disponibilizar módulos de treinamento em programas voltados para uma biblioteca do futuro, incluindo experiências práticas de trabalho de bibliotecas que oferecem serviços especializados para estudantes internacionais.
Referência	Saw; Wai Lui; Yu (2007)

O QUE?	18 – Programas de parceria
Por que?	As universidades podem estabelecer acordos de geminação ou parceria, articulados com instituições estrangeiras. Estes empreendimentos corporativos devem estar de acordo com o plano estratégico das universidades e ter como objetivo construir oportunidades de colaboração e parcerias estratégicas no ensino e aprendizagem com instituições de todo o mundo. Atividades relacionadas aos programas de parcerias podem ter impacto nas bibliotecas acadêmicas, porque os acadêmicos visitantes necessitam de acesso aos recursos da biblioteca e também precisam de ajuda sobre como utilizar esses recursos.
Quem?	A biblioteca acadêmica adequando-se ao plano estratégico da IES.
Como?	A biblioteca pode conceber programas de formação especial para atender às necessidades específicas dos acadêmicos visitantes participantes dos programas de parceria.
Referência	Saw; Wai Lui; Yu (2007)

O QUE?	19 – Programas de intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
Por que?	Deve-se desenvolver o pessoal da biblioteca e criar uma cultura bibliotecária que possa responder a um <i>campus</i> e a um mundo internacionalizados. As competências culturais desenvolvidas em projetos colaborativos beneficiam o corpo docente e estudantil de ambas as instituições. O intercâmbio internacional de funcionários de bibliotecas pode aumentar a criatividade, gerar ideias, promover a inovação e melhorar as relações, enriquecendo a maneira como os funcionários experimentam o mundo de forma mais profunda e ampla. No caminho para promover a experiência da equipe de estar “em casa no mundo”, insights inestimáveis sobre si mesmo e sobre os outros preparam os indivíduos e suas organizações para um maior envolvimento e impacto da biblioteca acadêmica na internacionalização do <i>campus</i> .
Quem?	Diretores de bibliotecas em conjunto com diretores acadêmicos das instituições.
Como?	- Assinatura, pelos diretores das bibliotecas e diretores acadêmicos, de um Memorando de Entendimento (<i>Memorandum of Understanding – MOU</i>) interinstitucional, que formalize e oriente as atividades de um programa de parceria para intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas. - Avaliar regularmente, ao longo do programa, os resultados do intercâmbio internacional das equipes por meio de comunicações entre as duas instituições, complementadas por discussões presenciais em conferências internacionais com participação das duas instituições. Esta coordenação pode garantir o desenvolvimento progressivo da organização em ambas as bibliotecas acadêmicas.
Referência	Somerville; Cooper; Torhell; Hashert (2015)

O QUE?	20 – Medidas relacionadas ao papel das bibliotecas acadêmicas na internacionalização da educação
Por que?	As bibliotecas acadêmicas devem contribuir para o desenvolvimento da internacionalização nas IES.
Quem?	Biblioteca acadêmica.
Como?	- Desenvolver serviços de biblioteca para apoiar as necessidades de aprendizagem e pesquisa de estudantes e professores internacionais. - Fornecimento de instrução bibliográfica para estudantes internacionais adquirirem habilidades de competência informacional. - Promoção das razões e dos objetivos das atividades de internacionalização da instituição. - Desenvolvimento de coleções para fortalecer as dimensões internacionais dos programas e currículos acadêmicos. - Implementar a garantia de qualidade usando padrões internacionais vinculados a parceiros internacionais. - Presença ativa nos espaços físicos e virtuais dos programas de estudos no exterior. - Promover a colaboração internacional e a mobilidade profissional do pessoal/equipe da biblioteca. - Manter contato com setor de educação ou estudo no exterior e com o Departamento de Língua Estrangeira. - Manter contato com setor de Estudos de Regionais ou Programas de estudos internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	21 – Serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais
Por que?	Melhorar o atendimento aos estudantes e professores internacionais. São medidas que visam obter uma maior compreensão dos ambientes acadêmicos multiculturais; promover maior inovação; obter <i>insights</i> sobre como melhorar processos; e melhorar a compreensão e o apoio às necessidades de formação das bibliotecas universitárias.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Instrução de biblioteca e competência informacional. - Orientação de biblioteca especializada para estudantes e professores internacionais. - Materiais de biblioteca on-line em outros idiomas. - Orientação para ensino de idiomas a estudantes internacionais. - Site da biblioteca com opção para outras línguas. - Guias para estudantes e professores internacionais. - Sinalização de biblioteca em outras línguas.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	22 – Atividades de internacionalização – Apoio organizacional e administrativo
Por que?	No mundo digital atual, as bibliotecas acadêmicas devem assumir um papel ativo na agenda de internacionalização das instituições de ensino superior. Isto pode exigir mudanças nas prioridades e políticas das bibliotecas e um elevado nível de compromisso para responder às necessidades dos estudantes internacionais e garantir que as atividades de internacionalização das bibliotecas estejam alinhadas com o plano de internacionalização da instituição. Os gestores de bibliotecas devem estar conscientes do plano estratégico de internacionalização, que lhes permitirá desenvolver serviços e atividades específicas e institucionalmente alinhadas.
Quem?	Administração acadêmica e biblioteca acadêmica.
Como?	- A administração universitária deve considerar o recrutamento de bibliotecários adicionais, com competências necessárias para um local de trabalho globalizado, tais como competência digital, competência cultural, gestão de informação digital, colaboração e gestão de mudanças. O sucesso das atividades e serviços internacionais depende muito do pessoal que os presta. - Envolvimento ativo em programas internacionais de credenciamento e garantia de qualidade para faculdades e universidades. - Recebimento e hospedagem de bibliotecários internacionais visitantes. - Disponibilizar, se for o caso, bibliotecas satélites em <i>campi</i> filiais internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	23 – Atividades de internacionalização – Parcerias, ligações e cooperação internacionais
Por que?	Desenvolver parcerias com outras instituições melhorando a cooperação internacional e o desenvolvimento de capacidades.
Quem?	Administração acadêmica e biblioteca acadêmica.
Como?	- Desenvolver projeto/atividade de <i>benchmarking</i> com bibliotecas internacionais. - Associação institucional em organizações internacionais ou redes de bibliotecas. - Participação em bolsas de estudos internacionais para bibliotecários. - Desenvolver projetos com bibliotecas internacionais. - Membro ativo ou liderança do pessoal da biblioteca em associações internacionais relevantes de bibliotecários.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	24 – Atividades de internacionalização – Desenvolvimento de pessoal e recursos humanos
Por que?	Desenvolver equipes de bibliotecas acadêmicas quanto à questões relacionadas à internacionalização.
Quem?	Gestão da biblioteca acadêmica.
Como?	- Participação do pessoal da biblioteca em programas internacionais de treinamento de liderança em bibliotecas. - Participação ativa do pessoal da biblioteca em treinamentos, conferências e seminários internacionais. - Programa de intercâmbio de funcionários com bibliotecas no exterior. - Cursos de línguas estrangeiras para funcionários da biblioteca. - Recrutamento de bibliotecários ou pessoal de apoio com experiência internacional. - Programa de estágio para estudantes estrangeiros de biblioteconomia/ciência da informação ou bibliotecas de outros países.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	25 – Atividades de internacionalização – Pesquisa
Por que?	Fortalecer a capacidade institucional no desenvolvimento de pesquisa e produção de conhecimento no campo da biblioteconomia.
Quem?	Administração acadêmica, pesquisadores, biblioteca acadêmica e funcionários das bibliotecas.
Como?	- Apresentação de trabalhos relacionados à bibliotecas em conferências internacionais com apoio institucional. - Acordos internacionais de pesquisa ou colaboração com bibliotecas, consórcios e universidades de outros países.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	26 – Atividades de internacionalização – Coleção da biblioteca
Por que?	Desenvolver serviços e coleções de biblioteca para um melhor atendimento à estudantes, pesquisadores e professores internacionais.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Participação em exposições/feiras internacionais de livros. - Empréstimo entre bibliotecas. - Aquisição cooperativa de recursos bibliotecários com consórcios internacionais ou redes de bibliotecas/universidades. - Serviço de comutação bibliográfica internacional.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	27 – Atividades de internacionalização encontradas na literatura
Por que?	Exemplos de atividades relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas encontradas na literatura, em pesquisa realizada por Ramos-Eclevia (2013). Indicação para adoção de práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.
Quem?	Administração acadêmica e gestão de bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Ligações institucionais internacionais. - Colaboração internacional em pesquisa. - Participação em conferências internacionais. - Programas de intercâmbio de funcionários de bibliotecas. - Equipe de bibliotecas treinada no exterior.

	- Instrução/orientação de biblioteca para estudantes internacionais. - Hospedar bibliotecários/professores internacionais visitantes. - Viagens internacionais de compra de livros/feiras internacionais de livros. - Participações em feiras internacionais de livros. - Projetos internacionais. - Empréstimo entre bibliotecas. - Programas de estágio. - Participação em formações internacionais, seminários-workshops. - Intercâmbio/bolsa de estudos internacional. - Contratação de pessoal com experiência internacional. - Oferecimento de estudo de língua estrangeira. - Biblioteca satélite no <i>campus</i> da filial internacional. - Aquisição cooperativa de materiais de biblioteca com parceiros internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	28 – Práticas de internacionalização de bibliotecas
Por que?	Apoiar as atividades acadêmicas além dos limites tradicionais das bibliotecas, expandindo a compreensão do ambiente global, melhorando os serviços para os funcionários e clientes, a qualidade do ensino e da aprendizagem e o prestígio e perfil da instituição.
Quem?	Segundo Ramos-Eclevia (2023), os principais responsáveis pelo planejamento e implementação de atividades de internacionalização nas bibliotecas acadêmicas nas bibliotecas que pesquisou são os bibliotecários-chefes, diretores ou bibliotecários universitários. Conselhos de bibliotecas, gabinetes de internacionalização e gabinetes de garantia de qualidade também ajudam a gerir, rever e monitorar os esforços de internacionalização de bibliotecas.
Como?	- Viajar para o exterior para comprar livros em feiras internacionais de livros. - Realizar pesquisas no exterior. - Participar de projetos colaborativos internacionais para as bibliotecas. - Participar de reuniões e atividades de associações internacionais/redes de bibliotecas. - <i>Benchmarking</i> de biblioteca internacional. - Promover acordos, vínculos e redes internacionais. - Desenvolver treinamentos, conferências e seminários internacionais. - Filiação a associações/redes internacionais.
Referência	Ramos-Eclevia (2023)

O QUE?	29 – Intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural
Por que?	São cinco variáveis que podem contribuir para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.
Quem?	Administração da biblioteca acadêmica e administração acadêmica.
Como?	- As bibliotecas podem se tornar ativas em colaborações e intercâmbios internacionais. - Bibliotecários que publicam são muito mais propensos a viajar para apresentar suas pesquisas. As publicações de pesquisa são um meio de mobilidade para atividades, experiência e perspectiva internacional.

	- Os bibliotecários devem apresentar motivos para financiamento em apoio à mobilidade, apresentando trabalhos de pesquisa em conferências ou participando em atividades de intercâmbio ou de colaboração que beneficiem a biblioteca ou a universidade. - Incentivar os bibliotecários a prosseguir estudos e apoiar seus esforços, possibilitando a participação, de forma justa, em oportunidades de conferências nacionais e internacionais, intercâmbios e outras experiências, abertas e acessíveis a todos os que quiserem ser proativos. - Participação em esforços de colaboração com parceiros internacionais, realizados presencialmente ou por via eletrônica, promovida por atitude positiva. - Desenvolver abordagem profissional e respeitosa com todos os alunos, estrangeiros ou nacionais. - Bibliotecas podem desenvolver programas especiais para trazer consciência e perspectiva cultural ao pessoal da biblioteca.
Referência	Becker (2006)

O QUE?	30 – Padrões de práticas e perspectivas de internacionalização
Por que?	Padrões verificados, em pesquisa de Becker (2006), que indicam maior probabilidade de levar à práticas e perspectivas de internacionalização.
Quem?	Bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, biblioteca acadêmica e administração acadêmica.
Como?	• Os bibliotecários são proponentes proativos das atividades internacionais de: - intercâmbio internacional; - colaboração internacional; - participação em conferências internacionais; - conhecimentos de línguas estrangeiras; e - formação/cursos para uma perspectiva internacional/multicultural. • A biblioteca ou universidade estabelece um orçamento estável para a prática internacional. • Os bibliotecários envolvem-se no planejamento estratégico: - na Biblioteca; - na Universidade; e - em organizações internacionais. • A liderança da biblioteca é consistente. • O tempo gasto em tarefas de internacionalização aumenta a probabilidade de sucesso.
Referência	Becker (2006)

O QUE?	31 – Atitudes recomendadas para bibliotecários acadêmicos contribuírem para a internacionalização das IES
Por que?	Becker (2006) indica atitudes relacionadas especificamente aos bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, com base nos exemplos verificados e adotados em dois estudos de caso, considerados modelos bem-sucedidos de internacionalização de bibliotecas acadêmicas. São atitudes recomendadas para bibliotecários de bibliotecas acadêmicas para contribuir para a internacionalização nas IES.
Quem?	Bibliotecários de bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Devem ser proativos, não devem esperar serem convidados a participar de processos de planejamento ou atividades internacionais. - Devem assumir a liderança no planejamento estratégico para a mudança. - Os bibliotecários da equipe podem sugerir um <i>framework</i> estratégico para o planejamento da biblioteca com base no planejamento estratégico de sua IES. - O planejamento estratégico deve começar dentro da biblioteca para determinar os valores, metas e objetivos da biblioteca e para discutir onde ela se enquadra na visão, estratégia e estrutura da universidade.

	- Necessitarão compreender a direção da sua instituição e saber se podem trabalhar da melhor forma para promover os objetivos da universidade ou, em alguns casos, se precisarão tentar ampliar a visão e as práticas da instituição. - Devem traçar uma estratégia de participação nos comitês universitários que trabalham para internacionalizar a universidade. - É importante participarem e serem proativos ao ingressar em comitês administrativos e em comitês acadêmicos que trabalham em questões de ensino e aprendizagem, pesquisa, serviço comunitário e uso de tecnologia da informação. - Podem utilizar os pontos fortes únicos da biblioteca e construir parcerias em todo o <i>campus</i>, na comunidade e em colaborações internacionais. - Trabalhar no desenvolvimento de novos centros de estudo e pesquisa, ajudar a universidade a conceber novos websites, fornecer serviços comunitários baseados em bibliotecas, ou trabalhar com parceiros transnacionais. - Demonstrar criatividade nas abordagens à resolução de problemas e vontade de trabalhar em estreita colaboração com parceiros apropriados pode torná-los membros bem aceitos pela comunidade universitária. - Planejar a adesão e participação em organizações e colaborações nacionais e internacionais também deve fazer parte do processo estratégico. - Podem trabalhar ativamente com colegas de filiais internacionais. - Podem escrever e apresentar suas pesquisas em fóruns internacionais e trabalhar com colegas de todo o mundo. - Devem ser conscientes dos desafios da globalização e dispostos a enfrentá-los com respostas positivas em novas formas de cooperação interdisciplinar e internacional. - Podem ministrar cursos sobre perspectiva internacional e multicultural para bibliotecários recém-contratados e para associados mais velhos que precisam ampliar seus conhecimentos sobre as mudanças nas populações estudantis e acadêmicas. - Devem encontrar formas de obter financiamento para práticas internacionais e para a mobilidade que melhorem a missão da universidade. A biblioteca deve estabelecer um orçamento estável para atividades internacionais. - Devem fornecer liderança para uma internacionalização que seja consistente. Será mais eficaz se os objetivos das práticas de internacionalização das bibliotecas forem compreendidos, as oportunidades de participação forem vistas como abertas a todos e a liderança for partilhada por todos os níveis do pessoal, através das linhas departamentais. Desta forma, a administração garante que cada membro da equipe se envolva no processo. - Qualquer biblioteca que pretenda mudar a sua prática e perspectiva deve encarar isto como um projeto de longo prazo, que será melhor realizado ao longo de um período de anos de trabalho estratégico, como um parceiro importante dentro da universidade.
Referência	Becker (2006)

O QUE?	32 – Acordos estratégicos
Por que?	O estudo de caso de Hammond (2009) desenvolveu-se a partir da ideia de que os acordos devem ser estratégicos e concebidos para servir as necessidades dos usuários. O estudo proporciona uma mudança de perspectiva, concentrando-se no que a ‘instituição de envio’ do intercâmbio, pode fazer através de acordos estratégicos para melhorar os serviços de biblioteca para usuários no estrangeiro. Com o aumento de professores e estudantes envolvidos em estudos e pesquisas em localidades internacionais, os bibliotecários do <i>campus</i> de origem precisam expandir o alcance geográfico dos seus serviços. Assim, sugere-se que acordos firmados entre bibliotecas universitárias de instituições de diferentes países podem ser usados para proporcionar aos usuários o acesso a coleções, conhecimentos especializados e espaço de estudo durante a sua residência no estrangeiro.
Quem?	Administração das IES e direção de bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Os acordos por meio dos Memorandos de Entendimento (Memorandum of Understanding - MOU) em nível de biblioteca, podem melhorar o acesso aos serviços fornecidos para professores e estudantes durante viagens de pesquisa e também dos visitantes de outras instituições.

	- Qualquer pessoa vinculada à instituição ou de qualquer uma das instituições oficialmente afiliadas e parceiras, podem normalmente obter privilégios de biblioteca por meio de um cartão, ou algum outro tipo de identificação, que recebe como parte dessa afiliação. Esses acordos ajudam a estender os serviços de acesso à biblioteca para usuários no exterior no intuito de resolver diversas questões e problemas como: - Com um cartão, ou algum tipo de identificador de biblioteca, emitido nos termos do MOU, facilita-se a permissão para acesso à biblioteca para as tarefas dos cursos. Sem um cartão ou algum outro tipo de identificação para as bibliotecas, não seria permitido à esses estudantes utilizarem a biblioteca ou retirar livros. - Evita-se a necessidade de estudantes e professores contemplados pelos termos do MOU precisarem recorrer a conexões pessoais para obter acesso ampliado à biblioteca. - Os ambientes das bibliotecas oferecem serviços mais parecidos com aqueles das bibliotecas parceiras do MOU. - Alunos e professores em alojamentos temporários no exterior durante as férias escolares e períodos de férias muitas vezes não têm conexões de rede em seus alojamentos. O acesso às bibliotecas pode permitir acesso à Internet e a computadores para fins de pesquisa e conexões de rede para laptops que permitem acesso por proxy ou VPN a recursos eletrônicos licenciados pela instituição. Podem existir recursos eletrônicos que os visitantes podem acessar, que podem não estar disponíveis na instituição de origem. - Além do acesso aos acervos e ao espaço de estudo, bibliotecários de referência da instituição anfitriã podem orientar estudantes com serviços de apoio para estudantes internacionais. - Os MOUs, devem se basear em obrigações e benefícios mútuos, para ambas as instituições, e formalizados entre bibliotecas de instituições com alta prioridade à internacionalização. O entendimento é de que o fluxo de estudantes e professores internacionais continue aumentando, e estes acordos com bibliotecas são um passo em direção a um melhor atendimento e uma vantagem diante dessa tendência.
Referência	Hammond (2009)

O QUE?	33 – Atendimento ao corpo docente internacional e acadêmicos visitantes
Por que?	O corpo docente internacional constitui uma proporção relativamente pequena da comunidade de usuários de bibliotecas nas instituições pós-secundárias, mas podem ser mal atendidos quando comparados a outros grupos de usuários no <i>campus</i> , especialmente estudantes internacionais. Xie (2012) sugere que as bibliotecas acadêmicas considerem cuidadosamente o corpo docente internacional ao planejar serviços relevantes para diversos grupos de usuários. Fornecer serviços de biblioteca necessários e satisfatórios para este grupo de usuários é uma excelente oportunidade para melhor servir as comunidades acadêmicas e demonstrar que as bibliotecas acadêmicas são um parceiro importante no apoio às iniciativas internacionais das suas universidades.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	Em relação a Abordagens de Divulgação: Geralmente, o contato com acadêmicos visitantes internacionais é difícil, no entanto, deve-se construir um relacionamento para lhes fornecer serviços relevantes. Uma forma seria os bibliotecários identificarem e trabalharem com professores internacionais permanentes individuais, que podem ter conexões com professores visitantes do mesmo país ou região. Outra forma de contatar seria por meio do contato responsável principal, para chegar a todo o grupo de docentes internacionais. As bibliotecas acadêmicas precisam estabelecer parcerias com outros departamentos do <i>campus</i> para tornar os serviços e programas da biblioteca visíveis para estes usuários. Por exemplo, explorar a oportunidade, em colaboração com setores de apoio ao ensino, de realizar uma introdução à biblioteca para professores ou acadêmicos internacionais. Podem, também, elaborar um panfleto para apresentar brevemente as coleções e serviços da biblioteca, com destaque para serviços específicos para visitantes internacionais e distribuir para esses departamentos para que entreguem aos professores internacionais em sua chegada. São abordagens que podem ajudar a transmitir uma mensagem de boas-vindas aos docentes internacionais da biblioteca, a aumentar sua consciência sobre os recursos da biblioteca, a incentivar a utilizá-la, e a contatar um bibliotecário quando necessário. Em relação a Serviços de Referência: Os bibliotecários devem estar cientes que professores internacionais de países que não falam a mesma língua podem se frustrar ao usar as bibliotecas acadêmicas. Os bibliotecários de referência precisam ser pacientes com professores internacionais. Devem entender que os

	professores podem ser mais proficientes em escrita e leitura do que em fala e audição. Nesse caso, uma sugestão é pedir ao usuário que escreva palavras ou frases relevantes. Os bibliotecários podem se valer também de glossários multilíngues. Outra alternativa seria encaminhar o usuário para um colega da biblioteca, se disponível, que compreenda a língua falada pelo professor ou acadêmico. Além disso, os bibliotecários de referência devem estar atentos de que diferentes culturas têm diferentes estilos de comunicação. • Em relação a Direitos Autorais e Informações de Acesso Aberto: O corpo docente internacional vem de vários países que possuem diferentes leis ou políticas de direitos autorais e podem ter valores e perspectivas sociais diferentes no que diz respeito à propriedade intelectual. Assim sugere-se, para a realidade das bibliotecas acadêmicas, destacar, em qualquer instrução de biblioteca para professores internacionais, os regulamentos sobre informações licenciadas e protegidas por direitos autorais. Além disso, a estadia do professor internacional na universidade anfitriã pode ser temporária, assim, é apropriado que os bibliotecários incluam fontes relevantes de informação de acesso aberto e coleções de bibliotecas, permitindo que continuem a utilizar as fontes quando regressarem à sua instituição de origem, sem serem afetados pelo licenciamento e assinaturas da coleção da instituição anfitriã.
Referência	Xie (2012)

O QUE?	34 – Contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições
Por que?	As bibliotecas estão, cada vez mais, interagindo com públicos globais e culturalmente mais diversos, a fim de se alinharem às estratégias de internacionalização do <i>campus</i> . O seu envolvimento abrange uma série de dimensões, incluindo pesquisa, intercâmbio de pessoal e participação em projetos internacionais, mas o foco principal é o ensino e a aprendizagem. As bibliotecas não tem conseguido acompanhar a internacionalização dos <i>campus</i> e não estão fazendo o suficiente para se posicionarem como atores-chave nessa agenda institucional.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	As bibliotecas acadêmicas devem passar a dar mais foco nas coleções, repensar as estruturas para um melhor trabalho em equipe, aprofundar parcerias no <i>campus</i> , apresentar projetos e experiências de estudo no exterior e promover o multiculturalismo através de eventos e exposições.
Referência	Cox (2018)

O QUE?	35 – <i>Campi</i> filiais internacionais
Por que?	Com o crescente número de parcerias interuniversitárias internacionais, intercâmbios, programas de graduação e <i>campi</i> filiais internacionais, estabelecidos pelas universidades, os bibliotecários acadêmicos estão cada vez mais propensos a estar envolvidos no apoio a programas internacionais e transfronteiriços.
Quem?	Administração acadêmica e administração de redes de bibliotecas acadêmicas em <i>campi</i> filiais internacionais.
Como?	• Administração e gestão: - Com o intuito de garantir que os alunos obtenham a mesma experiência de biblioteca em todo o sistema, os bibliotecários-chefes de todas as localidades e o diretor da biblioteca podem se reunir quinzenalmente por videoconferência. - A instituição pode se comprometer em replicar o estilo do sistema de educação do seu país de origem, no entanto, pode depender fortemente de funcionários locais. Assim, simular o mesmo sistema educacional pode ser desafiador, em relação à linguagem e a cultura. Para isso, deve-se administrar e treinar funcionários de biblioteca contratados locais para que se comuniquem na mesma língua padrão em todos os <i>campi</i> da instituição. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, encorajar os funcionários da biblioteca a aprimorarem suas habilidades culturais, e na língua adotada pela instituição, retirando livros da biblioteca e participando de seminários e cursos de línguas. - As barreiras culturais podem ser um desafio ao trabalhar em projetos que abrangem toda a biblioteca. Mas, apesar das dificuldades com barreiras linguísticas e culturais, o processo de superação destes desafios e de construção de uma equipe forte é gratificante. Para isso, é essencial a paciência e o pensamento criativo para a gestão e formação de pessoal local num contexto de bibliotecas de <i>campi</i> filiais internacionais. • Competências e desenvolvimento profissional:

	- A flexibilidade é essencial para um ambiente de trabalho bem-sucedido em uma biblioteca de <i>campus</i> filial internacional. Muitas vezes, o suporte técnico é centralizado no <i>campus</i> principal, a muitos fusos horários de distância, o que resulta em atrasos no serviço. - As bibliotecas de <i>campus</i> filiais internacionais tendem a ser menores, o que significa que os bibliotecários e funcionários da biblioteca podem precisar desempenhar diversas funções. Os bibliotecários neste ambiente podem esperar obter uma experiência prática valiosa e construir seus currículos rapidamente. Muitos <i>campus</i> filiais internacionais incentivam a colaboração <i>intercampus</i> através da participação em comitês e intercâmbios de trabalho. Envolver-se em um desenvolvimento profissional significativo desse tipo enquanto trabalha em um <i>campus</i> filial internacional pode ser desafiador e extremamente gratificante. - Os bibliotecários dos <i>campi</i> filiais internacionais podem organizar webinars, workshops regionais e conferências, utilizando conhecimentos adquiridos localmente para fornecer oportunidades de desenvolvimento profissional para a equipe. - Outra medida que pode ajudar seria adequar os horários e datas de reuniões e webinars para permitir a participação de todos os <i>campi</i>, levando em consideração os fusos horários dos <i>campi</i> filiais. - Traduzir documentação importante para outros idiomas. • Serviços e instruções ao usuário: - Criação de bibliotecas predominantemente eletrônicas, que forneçam acesso 24 horas por dia, 7 dias por semana, aos seus usuários. - Desenvolver um serviço de bate-papo (chat) para responder dúvidas quando a biblioteca do <i>campi</i> filial estiver fechada e vice-versa. - Os bibliotecários podem desenvolver vídeos curtos sobre questões multiculturais e também criar guias de apoio a disciplinas e cursos. - Desenvolver uma abordagem estruturada para a competência informacional para alunos dos <i>campi</i> filiais de acordo com o Plano Estratégico da instituição. Considerar a forma como tem se abordado as competências de informação tradicionais, incluindo o pensamento crítico e a reflexão. Os desafios continuam sendo o idioma, o tempo, a tecnologia e a cultura. • Transnacionalização: - A transnacionalização educacional está afetando a vida profissional e a prática profissional dos bibliotecários. À medida que as instituições de ensino superior dão passos maiores e mais rápidos para se ampliarem e globalizarem, é essencial incorporar esta tendência no planejamento da profissão e buscar formas para os bibliotecários acompanharem as mudanças.
Referência	Salaz; Chang; Houlihan; Birch (2016)

O QUE?	36 – Mapear contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do <i>campus</i>
Por que?	Raramente se menciona, no planejamento estratégico e nos documentos administrativos das bibliotecas, meios de se contribuir para a internacionalização do <i>campus</i> . Ferramentas para medir o trabalho e seu impacto podem ajudar as bibliotecas a serem mais eficazes. É chegado o momento de desenvolver ainda mais a avaliação das atividades de internacionalização de bibliotecas (Cooper; Kutner; Witt, 2015).
Quem?	A intenção é fornecer ideias para <i>frameworks</i> e práticas de avaliação que permitam às bibliotecas acadêmicas verificarem o que está sendo feito nos seus <i>campi</i> em relação à internacionalização quanto às metas, objetivos, prioridades e culturas da sua própria instituição (Cooper; Kutner; Witt, 2015).
Como?	• Com base numa revisão da literatura sobre ferramentas de avaliação e tendências atuais no ensino superior e nas bibliotecas acadêmicas, seguem-se recomendações de elementos a serem incluídos num conjunto de atividades para uma avaliação eficaz em esforços relacionados à internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Estas recomendações baseiam-se num princípio abrangente de vincular os esforços da biblioteca a missão e objetivos estratégicos mais amplos do <i>campus</i> (Cooper; Kutner; Witt, 2015): - Antes de iniciar uma avaliação das atividades internacionais, realize uma análise ambiental da biblioteca. A pesquisa sugere que as atividades internacionais nas bibliotecas acadêmicas são em grande parte descoordenadas e dispersas por toda a organização. Vários indivíduos e unidades podem estar envolvidos em atividades internacionais complementares que precisam ser consideradas em qualquer avaliação de toda a biblioteca. - Realizar uma verificação ambiental de atividades internacionais em seu <i>campus</i>. Quais são as prioridades da instituição nesta área?

	- Incorporar uma maneira de considerar simultaneamente o apoio da biblioteca às atividades relacionadas à internacionalização em relação aos objetivos mais amplos da universidade e ao apoio à internacionalização do <i>campus</i>. - Incorporar meios de medir tanto as formas atuais como a biblioteca apoia a internacionalização, como as mudanças mais dinâmicas que ocorrem ao longo do tempo, tanto a nível da biblioteca como a nível institucional mais amplo. - Incorporar uma escala progressiva que permita medir vários níveis de envolvimento e satisfação com atividades específicas relacionadas à internacionalização. As classificações podem variar de mínimas ou inexistentes, a aceitáveis e ótimas. - Incluir um elemento qualitativo reflexivo que forneça informações adicionais sobre metas e prioridades específicas da instituição e áreas para melhoria. - A documentação da avaliação deve incluir seções sobre como administrar, como analisar os dados e como utilizar os resultados para aumentar o desempenho e demonstrar valor. As ferramentas de avaliação devem ser fáceis de usar e devem ser concluídas evitando muito gasto de tempo.
Referência	Cooper; Kutner; Witt (2015)

O QUE?	37 – Comunicação intercultural
Por que?	A comunicação entre culturas é essencial e deve ser uma prioridade para os bibliotecários acadêmicos que prestam serviços de informação a estudantes internacionais. Comunicar eficazmente entre culturas é uma prioridade, nas bibliotecas acadêmicas, para que os estudantes internacionais tenham maior sucesso acadêmico. Os bibliotecários devem se familiarizar mais com as realidades das diferentes culturas e estilos de comunicação, para integrar ideias e perspectivas inovadoras em programas e serviços de informação (Wang; Franck, 2002).
Quem?	A relevância das bibliotecas acadêmicas depende da capacidade dos bibliotecários se integrarem eficazmente no tecido do ensino e da pesquisa das IES. Assim, os bibliotecários acadêmicos devem ser capazes de identificar e trabalhar com questões especificamente relacionadas à informação e atendimento voltados para estudantes internacionais (Wang; Franck, 2002).
Como?	As recomendações destinam-se a auxiliar os bibliotecários acadêmicos nos esforços para fornecer serviços de informação eficazes para estudantes internacionais. São lembretes para considerar diferentes culturas à medida que programas e serviços são desenvolvidos e implementados (Wang; Franck, 2002): • Realizar recepções “<i>open house</i>” para estudantes internacionais, especialmente para os estudantes internacionais que são novos no <i>campus</i>. Estes proporcionam oportunidades informais para estudantes internacionais conhecerem bibliotecários e serem expostos a alguns dos serviços prestados pela biblioteca acadêmica. Em particular, as “<i>open house</i>” proporcionam oportunidades para desenvolver ligações ou parcerias, que são particularmente relevantes para o sucesso acadêmico dos estudantes internacionais. • Organizar programas formais de orientação que se concentrem nas questões, necessidades e preocupações específicas dos estudantes internacionais. Enfatizar a realidade de que as pessoas que trabalham nas bibliotecas são acessíveis, estão dispostas a ouvir ativamente e são qualificadas para ajudar. • Discutir regularmente as questões e preocupações relacionadas aos estudantes internacionais. À medida que os programas e serviços de informação são desenvolvidos e modificados, integrar um “módulo de estudante internacional” nestes programas e serviços para que as necessidades destes estudantes sejam incluídas. • Integrar as necessidades dos estudantes internacionais em programas formais de competência informacional. Os bibliotecários estão envolvidos ativamente em questões de ensino e aprendizagem nos <i>campi</i>. À medida que se colabora com o corpo docente para criar experiências de aprendizagem significativas para os alunos, melhora-se a perspectiva para os estudantes internacionais. Considerar todos os alunos à medida que as experiências de aprendizagem são projetadas, evitando iniciativas que podem não ser positivas para todos os alunos. • Fornecer mais assistência para novos estudantes internacionais. O ano inicial para qualquer aluno pode ser traumático. Essa assistência pode ser integrada a um programa voltado para todos os novos alunos. • Cooperar com outras unidades do <i>campus</i> para facilitar o sucesso dos estudantes internacionais. Por exemplo, comunique-se com unidades como o “Centro de Estudantes Internacionais” e o “Centro de Aconselhamento”.

	• Familiarizar-se mais com os estilos de aprendizagem dos estudantes internacionais, ajustando ou adaptando o conteúdo instrucional para grupos específicos de bibliotecários, criando experiências de aprendizagem mais significativas. Pesquisas sobre os estilos de aprendizagem de estudantes internacionais indicam que eles geralmente são orientados para objetivos e preferem relacionamentos informais individuais com os instrutores. Também preferem situações de aprendizagem que proporcionem contato direto com temas e materiais. Embora estas condições variem de grupo para grupo, é importante aprender mais sobre estes diferentes estilos de aprendizagem. • Desenvolver e conduzir treinamento de sensibilidade para bibliotecários e funcionários que interagem regularmente com estudantes internacionais. Concentre-se na natureza sensível da comunicação intercultural, reconhecendo que existem diferenças culturais. É importante que os estudantes internacionais (e, na verdade, todos os estudantes) se sintam tão confortáveis quanto possível em situações relacionadas com informação. Também é importante acomodar diferentes estilos de comunicação. • Desenvolver brochuras ou guias que forneçam informações sobre programas e serviços em vários idiomas. Examine a sinalização existente para ter certeza de que palavras ou frases não sejam potencialmente ofensivas ou confusas para alguns estudantes internacionais. • A escuta ativa e sensível é importante. Além disso, a linguagem corporal pode convidar ou impedir perguntas de estudantes internacionais. • Recrutar e contratar bibliotecários e funcionários provenientes de diferentes culturas. Isto proporciona oportunidades para os bibliotecários e funcionários existentes aprenderem e se tornarem mais sensíveis às necessidades das diversas culturas. Além disso, os estudantes internacionais se sentirão mais confortáveis ao ver e interagir com uma equipe diversificada em bibliotecas acadêmicas. • Serviços de informação eficazes para estudantes internacionais, bem como para outros grupos específicos, precisam de ser integrados na declaração de missão da biblioteca. Estes serviços precisam ser incluídos como objetivos ou opções estratégicas. • Fornecer assistência personalizada ou instrução sobre o uso de bancos de dados eletrônicos para estudantes internacionais. A experiência tecnológica e computacional dos estudantes internacionais não deve ser considerada garantida. Deve haver uma introdução planejada para estudantes internacionais aprenderem e utilizar esses serviços. Embora os serviços de referência eletrônica sejam cada vez mais utilizados pelos estudantes, alguns estudantes internacionais podem ser relutantes e ter dificuldades em utilizar esses serviços. • Reconhecer que cada estudante internacional é um indivíduo, independentemente da cultura específica do aluno. Generalizações aplicadas a indivíduos, bem como a grupos, podem levar a práticas e políticas que não são tão inclusivas ou eficazes como desejado. Todos somos moldados por muitos fatores como origem étnica, família, educação, e personalidades.
Referência	Wang; Franck (2002)

O QUE?	38 – Desenvolvimento de coleções para estudos de línguas
Por que?	Os estudantes internacionais têm muitos meios para se tornarem alunos de idiomas bem-sucedidos. Um desses poderia ser o aproveitamento de materiais prontamente disponíveis para fins de aprendizagem de línguas em bibliotecas universitárias. A biblioteca universitária que optar por criar, construir e manter tal coleção pode apoiar potencialmente o sucesso do aprendizado de idiomas de estudantes internacionais no <i>campus</i> . Ao fazer uso de tais coleções, os estudantes internacionais podem potencialmente aumentar suas próprias chances de sucesso nos estudos em um ambiente de língua não nativa. Da mesma forma, as bibliotecas universitárias também poderiam se beneficiar sendo vistas como parceiras na internacionalização no <i>campus</i> (Bordonaro, 2015). Bordonaro (2015) refere-se especificamente à coleções de material de ‘inglês como segunda língua’ (English as a Second Language – ESL) para universidades dos EUA e Canadá. Considerou-se, para o <i>framework</i> , a possibilidade desse exemplo ser adaptado e aplicado à bibliotecas acadêmicas de IES de outros países, com outras línguas, como forma de proporcionar meios de aprendizagem de idiomas para estudantes internacionais em IES de diferentes países.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Uma pequena maneira pela qual as bibliotecas universitárias podem potencialmente apoiar, criar ou fortalecer oportunidades para contribuir para os esforços de internacionalização no <i>campus</i> pode ser o desenvolvimento de coleções de material de línguas para estudantes internacionais. Sugere-se, como uma medida

	modesta, viabilizar um meio para que estudantes internacionais vejam as coleções de estudos de língua como uma forma potencial de melhorar a sua aprendizagem de línguas. Essa medida pode também demonstrar que as bibliotecas universitárias estão interessadas em ajudar a construir meios de apoio linguístico para estudantes internacionais (Bordonaro, 2015). - Em termos de recursos necessários às bibliotecas universitárias para se envolverem na construção de coleções de estudos de línguas, os maiores fatores seriam provavelmente o custo de aquisição de material. Assim, seria necessária uma revisão do orçamento da biblioteca, para apoiar a aquisição de tal material, avaliar as necessidades de espaço e o tempo necessário do pessoal para adquirir, processar, catalogar e arquivar esse material. Além disso, também pode ser necessário tempo dos funcionários para garantir que estes materiais sejam acessíveis através do catálogo da biblioteca. Uma implicação final seria que uma atitude positiva relativa ao envolvimento da biblioteca neste esforço provavelmente contribuiria muito para ajudar a biblioteca universitária a ser vista como um parceiro nos esforços de internacionalização do <i>campus</i> (Bordonaro, 2015).
Referência	Bordonaro (2015)

O QUE?	39 – Iniciativas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas
Por que?	A biblioteca pode desempenhar o papel de líder na comunidade universitária, expondo o seu corpo de funcionários e usuários a uma variedade de ideias fora das suas normas culturais habituais. Este papel pode ser alcançado através da utilização de bolsas e subsídios para bibliotecas e bibliotecários, bem como através do uso judicial de fundos de viagens para apoiar os bibliotecários que participam em conferências e seminários, melhorando seu conhecimento de outras culturas. Isso pode trazer um benefício triplo para os bibliotecários acadêmicos. Primeiro, ao colocar bibliotecários em culturas estrangeiras permitindo-lhes conhecer pessoas de diversas origens internacionais, pode desenvolver a capacidade de empatia que levará a melhores interações com estudantes internacionais em suas bibliotecas. Tais experiências também podem levar os bibliotecários a procurar oportunidades para desenvolver projetos baseados em tópicos internacionais que podem, por sua vez, ajudar os estudantes nacionais de uma universidade a compreender melhor outras culturas. Finalmente, após essas experiências, os bibliotecários podem optar por procurar oportunidades que desenvolvam ainda mais as coleções das suas instituições sobre vários temas internacionais (Hooper; Shaffer, 2019).
Quem?	Administração da biblioteca acadêmica.
Como?	Hooper e Shaffer (2019), embora entendam que cada instituição possa ser diferente, apresentam alguns fatores e recomendações a serem considerados em bibliotecas acadêmicas ao se implementar um programa de internacionalização: • A administração da biblioteca e o corpo docente devem determinar de forma colaborativa quais são os seus objetivos. Um exemplo seria proporcionar experiências internacionais aos bibliotecários interessados, a fim de melhor familiarizá-los com outras culturas, o que por sua vez, em teoria, os tornaria mais sensíveis às necessidades dos estudantes internacionais. Pode-se desenvolver normas para a seleção de bibliotecários que queiram participar em viagens internacionais, buscando garantir que o melhor pessoal seja selecionado para tais oportunidades. Por exemplo, aqueles que têm mais interações com estudantes internacionais nas suas áreas de estudo podem se beneficiar mais de viagens e exposição internacionais do que aqueles com menos interações com estudantes internacionais. Ou também, pode fazer mais sentido que um responsável por disciplinas em determinadas áreas viaje para locais específicos relacionados. É claro que o orçamento e a dotação de pessoal são considerações importantes no cumprimento deste objetivo. • Pode-se desenvolver uma série de programas de divulgação, a fim de ensinar à comunidade universitária em geral sobre uma série de tópicos internacionais. Um fator importante para esse objetivo seria desenvolver um relacionamento com o 'Escritório do Programa Patrocinador' (<i>Sponsored Program Office</i>), que envia informações sobre futuras bolsas e subsídios. Este objetivo também permite que a biblioteca colabore com outros departamentos do <i>campus</i> e, por vezes, permite que a biblioteca estabeleça parcerias com organizações comunitárias. • Equipe de Pessoal: Independentemente do tipo de programa de internacionalização desejado, o pessoal deve ser considerado. Para fins organizacionais, é útil colocar um bibliotecário responsável pelas iniciativas internacionais. Se uma biblioteca estiver interessada em algum tipo de intercâmbio, conduzindo estudantes

	em viagens internacionais, ou em qualquer outro empreendimento que possa causar escassez de pessoal, deve-se refletir se a biblioteca pode dispensar pessoal durante esses períodos sem prejudicar o dia a dia de trabalho da biblioteca. • Orçamento: Antes de qualquer nova iniciativa ser lançada, o orçamento de uma instituição deve ser considerado. Dependendo do tipo de programa internacional que uma biblioteca pretende participar, apenas um montante mínimo de financiamento poderá ser necessário. Por exemplo, se o programa for apresentar uma série de filmes, ou envolver viagens internacionais, implicará em mais ou menos recursos, assim poderá ser necessário realocar fundos dentro do orçamento ou solicitar um aumento de financiamento como resultado de uma nova iniciativa que está a ser desenvolvida.
Referência	Hooper; Shaffer (2019)

O QUE?	40 – Serviços bibliotecários especializados para estudantes internacionais
Por que?	Foi realizado um estudo para examinar o papel da biblioteca nas instituições acadêmicas canadenses em relação aos estudantes internacionais que as frequentam e os serviços que estão sendo oferecidos a eles. Foram identificadas algumas áreas-chave nas quais as bibliotecas acadêmicas podem ajudar a garantir que os estudantes internacionais aproveitem ao máximo sua experiência bibliotecária, tais como: divulgação; colaborações e parcerias com organizações do <i>campus</i> ; serviços e recursos especializados; instrução de bibliotecas e treinamento adequado do pessoal. Foram verificados quais tipos de instrução e atividades de informação bibliográfica oferecem, com quais organizações universitárias possuem parcerias, e quais serviços em outros idiomas são oferecidos pelas bibliotecas.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas, professores e demais setores de apoio estudantil.
Como?	• Serviços de instrução de biblioteca: - A maior parte das bibliotecas oferecem algum serviço de instrução de biblioteca formal para estudantes internacionais, ou seja, conduzem sessões de instrução de biblioteca específicas para estudantes internacionais. São sessões oferecidas pelo menos uma vez por ano e, às vezes, com mais frequência. Dependendo da instituição, as sessões de Instrução de Biblioteca são realizadas como parte de uma aula específica ou, às vezes, apenas na medida da demanda. Algumas foram realizadas em cooperação com outras organizações do <i>campus</i>, como o escritório para estudantes internacionais ou aconselhamento estudantil. - Outras bibliotecas, em menor quantidade, não oferecem aulas específicas para estudantes internacionais, em vez disso, os estudantes internacionais são incluídos no ensino regular da biblioteca, como alunos do primeiro ano e, posteriormente, como parte de uma única sessão de instrução de biblioteca mais focada. • Instrução de Biblioteca para alunos de graduação e pós-graduação: - Quase todas as bibliotecas pesquisadas relataram que ofereciam alguma forma de ensino bibliotecário em muitos de seus programas de graduação. Cerca de trinta e um por cento dos entrevistados também disseram que ofereciam alguma Instrução de Biblioteca para estudantes internacionais de pós-graduação, além de estudantes de graduação. Em cerca de metade destes casos, os estudantes internacionais de pós-graduação receberam instrução como parte de um programa formal de Instrução de Biblioteca. Em outros casos, a Instrução de Biblioteca foi oferecida de forma mais irregular e informal. - O corpo docente internacional também aproveitou as sessões de Instrução de Biblioteca. Um bibliotecário relatou oferecer sessões gerais de Instrução de Biblioteca para novos professores, incluindo, invariavelmente, os professores internacionais. • Conteúdo das sessões de instruções de biblioteca para estudantes internacionais: - Quase todas as bibliotecas pesquisadas relataram que, se fosse oferecida aos estudantes internacionais uma sessão de instrução de biblioteca, ela incluiria pelo menos uma 'introdução geral' sobre serviços da biblioteca. - Uma introdução geral inclui pelo menos uma sessão sobre como fazer uma pesquisa básica no catálogo da biblioteca e uma introdução a uma base de dados.

- Uma sessão foi descrita como uma introdução sobre os serviços bibliotecários para estudantes internacionais e sobre como usar o catálogo da biblioteca. Esta sessão inclui uma visão geral sobre como realizar pesquisas na universidade, como escolher um tópico, como preparar uma estratégia de pesquisa eficaz, como localizar artigos de periódicos usando bases de dados e como criar uma bibliografia.

- Em outros casos, o tempo de prática foi importante e algumas sessões incluíram tarefas on-line. Além de catálogos e bancos de dados, outra biblioteca observou que eles forneceram uma visão geral do vocabulário básico da biblioteca como parte de sua introdução à biblioteca.

- As introduções gerais também incluem um resumo dos serviços básicos da biblioteca, informações de contato de bibliotecários e, às vezes, indicação aos alunos para outros serviços de apoio ao estudo no *campus*.

- Se a biblioteca presta serviços exclusivos para estudantes internacionais, estes são destacados. Às vezes, as apresentações gerais também incluem atividades destinadas a familiarizar os alunos com a biblioteca, como uma caça ao tesouro ou um passeio pelo prédio.

- As visitas nem sempre eram conduzidas por bibliotecários. Num caso, visitas à biblioteca foram conduzidas por estudantes do programa internacional de mentoria de pares no *campus*. Em outro, os passeios foram realizados por alunos treinados pela biblioteca e oferecidos a diferentes grupos do *campus*. Num terceiro caso, vários passeios foram oferecidos pela biblioteca, divididos por nível de idioma, dependendo da compreensão dos participantes.

• **Pesquisas mais avançadas:**

Muitas bibliotecas fornecem instruções gerais para sobre a biblioteca, mas quase trinta por cento relataram que também cobriam pesquisas mais avançadas em catálogos e bancos de dados para estudantes internacionais.

- As sessões avançadas incluíram outros tópicos além do catálogo e dos bancos de dados, entre eles, como usar o *RefWorks*, como avaliar um site e como usar o *Google Scholar*. Outra sessão comparou a pesquisa no Google com a pesquisa em ferramentas de biblioteca.

- O plágio recebeu atenção especial em alguns casos, dados os vários entendimentos culturais sobre como dar crédito ao tomar emprestadas as ideias de outra pessoa.

- Outros temas abordados em sessões mais especializadas na biblioteca incluíram uma aula sobre como melhorar os conhecimentos de informática, para alunos que necessitavam de ajuda extra. A biblioteca que ofereceu esta sessão descobriu que muitos dos estudantes que participaram eram ex-refugiados, presumivelmente novos canadenses, que não tiveram a oportunidade de desenvolver estas competências.

- Em outro caso, uma biblioteca organizou uma sessão para estudantes internacionais sobre como se adaptar à cultura canadense. A maioria dos estudantes internacionais presentes eram novos no Canadá e algumas informações básicas sobre a cultura canadense foram consideradas práticas. Também foi considerada uma forma divertida de estabelecer conexões entre a biblioteca e os alunos.

• **Formato das sessões e sua estrutura:**

Embora trinta e nove por cento das bibliotecas pesquisadas tenham dito que ofereciam algum tipo de Instrução de Biblioteca formal para estudantes internacionais, houve alguma variação no formato desses programas.

- Várias ofereceram uma série de workshops de Instrução de Biblioteca, que dependendo da instituição eram obrigatórios ou oferecidos de acordo com a demanda. Algumas bibliotecas ofereciam Instrução de Biblioteca para estudantes internacionais até três vezes por ano, geralmente uma vez por semestre. Em um caso, três ou quatro seções da mesma turma foram oferecidas a estudantes internacionais, por semestre. Algumas bibliotecas organizaram as suas próprias sessões de instrução para estudantes internacionais, e algumas Instruções de Biblioteca foram incluídas como parte de um programa de orientação mais amplo em todo o *campus*. Esses programas ofereciam sessões informativas sobre diversos tópicos, incluindo uma introdução aos serviços do *campus* e uma introdução ao *layout* do *campus*. Outros tópicos eram mais práticos, como abrir uma conta bancária e o que saber sobre a adaptação à cultura canadense. Em vários casos, os bibliotecários mencionaram que estavam envolvidos nestes programas, mas, como relatou um bibliotecário, nem sempre eram “o anfitrião do local certo para a instrução da biblioteca, para além da introdução de um rosto e nome amigáveis”. Os bibliotecários também foram convidados a apresentar sessões de biblioteca nas aulas de idiomas. Em um caso, uma sessão na biblioteca fazia parte de um programa intensivo de língua inglesa que exigia que os alunos escrevessem um trabalho de pesquisa. Em outro, o ensino da biblioteca foi oferecido como parte de um programa do Centro de Redação oferecido a estudantes

	internacionais que precisavam de ajuda extra com o inglês, realizado durante o período de verão. Num terceiro, a biblioteca ofereceu passeios pela biblioteca para alunos de ESL (Inglês como Segunda Língua), mas simplificou o idioma. • Coordenação da biblioteca com outras organizações: Trinta e três por cento das bibliotecas que responderam coordenaram-se de alguma forma com organizações estudantis internacionais do <i>campus</i>, enquanto outras trabalharam com educação continuada, serviços de aconselhamento estudantil e programas de línguas ESL (<i>English as a second language</i>) e FLS (<i>Foreign Language Services</i>). Outros grupos ou indivíduos que trabalharam com as Bibliotecas em Instrução de Biblioteca incluíam departamentos acadêmicos específicos, chefes de programas e professores e instrutores individuais. Em alguns casos, os bibliotecários observaram que estavam intimamente envolvidos com clubes de estudantes internacionais no <i>campus</i>, e uma biblioteca observou que participava de eventos da Semana Internacional do <i>campus</i>. Duas bibliotecas também relataram trabalhar com organizações internacionais fora do <i>campus</i>. • Serviços em outras línguas: - Algumas das bibliotecas pesquisadas ofereciam alguns serviços limitados em outros idiomas além do inglês, como panfletos ou folhetos descrevendo os serviços da biblioteca, ou passeios audiovisuais em outros idiomas. Em um caso, a biblioteca tinha <i>tours</i> baseados em códigos QR, localizados ao redor da biblioteca. Os alunos puderam escanear o código QR com seus <i>smartphones</i> e assistir a um breve vídeo de ajuda. Em algumas bibliotecas havia bibliotecários que falavam outras línguas e, portanto, podiam prestar serviços de tradução no local, quando necessário. Num caso, uma orientação sobre a Biblioteca foi oferecida em chinês por um bibliotecário. Outra biblioteca tinha sinalização em vários idiomas e outra tinha uma página de boas-vindas multilíngue no site da biblioteca. - Apesar dos esforços para prestar assistência em outras línguas, muitas bibliotecas não oferecem esse serviço por serem caros e demorados para produzir. Além disso, as universidades desencorajaram o uso de outras línguas, pois muitos serviços e sinalização em suas línguas nativas seriam um obstáculo para um melhor aprendizado do inglês ou francês. • Outros serviços oferecidos: Algumas bibliotecas oferecem outros serviços exclusivos para estudantes internacionais. - Em um caso, a biblioteca forneceu um local para sessões de conversação em inglês para estudantes internacionais e de idiomas que queriam melhorar suas habilidades de conversação. - Em outro caso, existia um <i>International Commons</i> (um espaço acolhedor onde estudantes internacionais podem estudar e se conectar) localizado na biblioteca, onde os estudantes internacionais podiam receber apoio acadêmico através de assistência individual, <i>workshops</i> e mentoria. - Em outro caso, a biblioteca ofereceu serviços a estudantes internacionais emprestando teclados internacionais e kits de áudio para aprendizagem de idiomas. A mesma biblioteca destacou que também possuía uma gama abrangente de dicionários, gramáticas e coleções de livros em outras línguas, algo que a maioria das coleções de bibliotecas teria em comum. • Outras questões: - Se é responsabilidade de toda a universidade apoiar os estudantes internacionais, todas as unidades, incluindo a biblioteca, precisam considerar as diversas origens e diferenças culturais na educação dos alunos, não sendo tarefa exclusiva do escritório de estudantes internacionais no <i>campus</i> (Bail, Lewis e Power, 2014). - Bail, Lewis e Power (2014) verificaram, como uma das principais conclusões de sua pesquisa, que grande parte (27%) das bibliotecas de instituições de educação superior canadenses que participaram do estudo, não têm conhecimento de quantos estudantes internacionais estão matriculados nas suas instituições. Isso demonstra a necessidade de as bibliotecas estabelecerem relações e contato com unidades no <i>campus</i> que possam fornecer informações sobre os estudantes internacionais. - Bail, Lewis e Power (2014) constataram, também, que a maioria das Instruções de Biblioteca são realizada com estudantes internacionais de graduação, sugerindo maiores esforços para se alcançar, também, os estudantes internacionais de pós-graduação.
Referência	Bail, Lewis e Power (2014)

O QUE?	41 – Aprimoramento das relações interdisciplinares e interprofissionais, da pesquisa sobre questões globais, e promoção de maior exposição internacional para a comunidade acadêmica
Por que?	Uma força-tarefa da Universidade de Kentucky (UK) avaliou as oportunidades e desafios da missão internacional da universidade e produziu um material sobre internacionalização com a visão de expandir o uso de seus recursos para aprimorar o treinamento interdisciplinar, interprofissional e a pesquisa sobre questões globais, e para promover uma maior exposição internacional para estudantes, professores, funcionários e a comunidade. A partir deste material, um Conselho Consultivo Internacional foi formado com representação de cada faculdade e outras unidades de apoio no <i>campus</i> . O Conselho foi encarregado de orientar a implementação do Plano Estratégico para a Internacionalização. A direção de bibliotecas estabeleceu o cargo de Diretor de Programas Internacionais. O cargo reporta-se ao Reitor e representa as bibliotecas do <i>campus</i> no Conselho. O primeiro passo foi reunir-se com o Pró-Reitor de Assuntos Internacionais para discutir como as Bibliotecas poderiam apoiar melhor a internacionalização. Nesta reunião surgiram cinco áreas que moldaram uma programação: Suporte para projetos com foco externo; apoio às atividades do <i>campus</i> ; visibilidade das coleções de bibliotecas internacionais existentes; projetos iniciados pela biblioteca; e oficinas interculturais para funcionários do serviço público (Greider, 2014).
Quem?	Reitoria, Biblioteca Acadêmica, Conselho Consultivo Internacional e Pró-reitoria de Assuntos Internacionais.
Como?	• Programa Passaporte para o Mundo: No ano acadêmico de 2010, a Faculdade de Artes e Ciências iniciou seu programa Passaporte para o Mundo, no qual a faculdade se concentra em um país ou região durante o ano acadêmico. O programa ofereceu atividades educacionais e culturais. O primeiro carimbo no “passaporte” foi o da República da África do Sul. Os bibliotecários do <i>campus</i> escreveram guias de pesquisa pertinentes, organizaram apresentações e promoveram todos os eventos do programa. Colaborações foram formadas com grupos de estudantes para organizar eventos, como uma recepção com um autêntico chá russo oferecido pelo Clube Russo (Greider, 2014). • Exibição de códices astecas e maias: O corpo docente colaborou desempenhando um papel importante na promoção das coleções internacionais da biblioteca. Um exemplo é a exibição do Codex asteca e maia. A biblioteca possui cópias dos códices e um membro do corpo docente do Departamento de Antropologia escolheu as imagens e trabalhou com um estudante de pós-graduação para fornecer descrições acadêmicas das imagens. A exposição física esteve disponível de setembro de 2012 a fevereiro de 2013, mas uma exposição virtual continua disponível no repositório institucional, e permanecerá disponível indefinidamente (Greider, 2014). • Concurso de vexilologia: O Diretor de Programas Internacionais desenvolveu um concurso de vexilologia baseado nas bandeiras expostas no átrio de uma das bibliotecas. O Centro Internacional da UK divulgou o concurso e concedeu um prêmio ao vencedor. Tendo o México como foco em 2013, o grupo de trabalho desenvolveu um jogo sobre o México, com respostas baseadas nas diversas exibições do país. Durante a Semana de Educação Internacional, as bibliotecas projetaram slides retratando estudantes da UK estudando no exterior nas paredes da <i>Information Commons</i>. Os slides foram cedidos pela Secretaria de Educação no Exterior e Intercâmbio, unidade do Centro Internacional da Universidade (Greider, 2014). • Programas de contato com outras universidades: A participação da biblioteca em projetos com foco externo depende do escopo do projeto e da disposição dos membros do corpo docente em envolver os bibliotecários. Os bibliotecários do <i>campus</i> desempenharam um papel significativo no Programa de Ligações entre Universidades do Iraque. A Universidade recebeu três grupos de professores da Universidade de Kufa, no Iraque, em 2011, 2012 e 2013 para treinamento, <i>workshops</i> e visitas a salas de aula. Bibliotecários da UK apresentaram palestras e oficinas para os participantes iraquianos (Greider, 2014). • Elaboração de guias: A visibilidade das coleções da biblioteca tem sido geralmente vinculada ao Programa Passaporte. Guias de pesquisa são escritos para destacar o país ou região selecionada. Guias adicionais são escritos, conforme necessário, como um que auxilia no acesso a materiais em idiomas diferentes do inglês na biblioteca e outro que apoia a Sociedade de Historiadores para Assuntos Estrangeiros (Greider, 2014). • Participação em programas internacionais: Em abril de 2011, dois acadêmicos da Academia Chinesa de Ciências Agrícolas fizeram um curso de curta duração sobre serviços públicos no <i>campus</i> da UK. Os bibliotecários da UK trabalharam, então, com a Faculdade de Educação para avaliar a possibilidade de um Memorando de Entendimento sobre os serviços bibliotecários da <i>Shanghai Normal University</i> (Greider, 2014). • Apoio a docentes no exterior: Todos os anos a equipe da biblioteca oferece apoio aos docentes que lecionam no exterior (Greider, 2014).

	• Assistência à bibliotecas de outras instituições no exterior: Em fevereiro de 2012, em coordenação com o <i>Mortenson Center</i> da Universidade de Illinois, a biblioteca prestou assistência a bibliotecas de pesquisa sul-africanas. Naquele período, um estagiário sul-africano passou sete semanas no <i>campus</i> adquirindo conhecimento sobre o funcionamento das bibliotecas americanas (Greider, 2014). • Exposições, parcerias e sessão de vídeo: Os bibliotecários da UK realizaram uma exposição com o corpo docente de Estudos Latino-Americanos e a Faculdade de Comunicações na hospedagem de um documentário em vídeo sobre os netos perdidos da Argentina, que incluiu uma sessão ao vivo no Skype com o diretor do documentário (Greider, 2014). • Participação integral nas atividades de internacionalização do campus: A biblioteca passou a desempenhar papel integral nas atividades internacionais do <i>campus</i> (Greider, 2014). • Produção de materiais sobre educação no exterior: Na primavera de 2013, a colaboração entre um estudante de pós-graduação em biblioteconomia e um consultor acadêmico do Departamento de Educação no Exterior produziu um módulo de biblioteca para o pacote de orientações de Educação no Exterior (Greider, 2014). • Workshops: O grupo de trabalho e o Comitê de Desenvolvimento de Pessoal da Biblioteca ofereceram um <i>workshop</i> intercultural para funcionários e estudantes de meio período (Greider, 2014). • Apresentações Internacionais: Os bibliotecários da UK são cada vez mais incentivados a realizar apresentações internacionais. Uma mudança cultural para os funcionários da biblioteca, mas que estão cada vez mais adotando. Como exemplos são citadas apresentações na conferência da IFLA e na Conferência Europeia sobre Competência Informacional na Croácia (Greider, 2014).
Referência	Greider (2014)

O QUE?	42 – Estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais do primeiro ano
Por que?	O tema da transição dos estudantes internacionais no primeiro ano é de potencial interesse para administradores universitários, bibliotecários e educadores. As descobertas podem informar o redirecionamento dos serviços bibliotecários, a reinvenção das instalações da biblioteca, e o desenvolvimento de respostas estratégicas às necessidades de adaptação/transição dos alunos no primeiro ano. A diversidade estudantil oferece oportunidades estratégicas para as bibliotecas acadêmicas em relação à internacionalização dos serviços de informação e aos programas de competência informacional, em linha com os objetivos universitários de internacionalização. Enquanto centros sociais e culturais, as bibliotecas podem acentuar diferentes visões do mundo através de eventos, espaços e recursos que promovam a apreciação cultural em vez da discriminação. As diretrizes sugerem estratégias inclusivas para as bibliotecas acadêmicas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais no primeiro ano.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Adotar a capacidade de resposta à diversidade como um princípio da política e prática da biblioteca que aprecia e responde inclusivamente ao complexo entrelaçamento de experiências culturais, sociais, educativas, profissionais, e atributos pessoais como gênero, idade e saúde. • Envolver os alunos na concepção conjunta de espaços e atividades em bibliotecas culturalmente inclusivas. • Incorporar perspectivas culturalmente diversas rotineiramente em materiais educativos e atividades de aprendizagem, para alinhar o conhecimento disciplinar com as competências acadêmicas e informacionais e melhorar a compreensão das diferentes convenções acadêmicas do país anfitrião e de outros lugares. • Usar intencionalmente uma linguagem clara e sem jargões nos guias da biblioteca e no site, com imagens e diagramas para ilustrar o texto – testar a compreensão com estudantes de graduação de diversas origens linguísticas. • Fornecer uma variedade de materiais informativos e oportunidades de aprendizagem para atender às diferentes preferências e demografias dos alunos do primeiro ano.

	• Promover orientação de bibliotecas <i>on-line</i> e tutoriais de competência informacional para todos os estudantes que chegam, incluindo estudantes internacionais, antes de começarem - disseminando informações de biblioteca e <i>links</i> de tutoriais através de vários meios, incluindo os serviços de apoio linguístico e de ensino da universidade e do escritório/setor de estudantes internacionais. • Aumentar a independência e a confiança dos alunos na utilização da informação através da definição clara dos espaços físicos e virtuais da biblioteca com indicações visuais intuitivas de fácil orientação. • Incluir perfis de “aliados dos alunos do primeiro ano” no site da biblioteca para ajudar os alunos a identificar bibliotecários culturalmente conscientes e pessoal de apoio à transição. • As estratégias sugeridas dependem da colaboração do pessoal da biblioteca com colegas acadêmicos e profissionais em toda a universidade, para garantir um apoio inclusivo aos estudantes internacionais do primeiro ano. • Uma atividade de aprendizagem sobre convenções e jargões de informação acadêmica com uso de dicionários on-line e ferramentas de tradução poderia desenvolver simultaneamente a competência informacional e as capacidades linguísticas dos alunos. • Algumas questões, antes de implementadas, devem ser bem-avaliadas. Por exemplo, fornecer guias e funcionários de bibliotecas multilíngues pode não ser sustentável ou equitativo quando as bibliotecas universitárias servem falantes de muitas línguas. Por outro lado, dar preferência para os grupos linguísticos mais numerosos pode ser visto como uma desconsideração aos estudantes de origens menos representadas. Ou seja, a nível prático, a prestação de serviços e recursos em vários idiomas coloca vários desafios. Nesse sentido, do ponto de vista educacional, a utilização de recursos e serviços na língua de ensino da universidade contribui indiretamente para a proficiência de todos os grupos linguísticos. • Os estudantes internacionais são caracterizados pela sua diversidade e individualidade. • Os desafios que os estudantes internacionais enfrentam geralmente estão relacionados com o desconhecimento do ambiente sociocultural e das práticas acadêmicas e bibliotecárias na universidade anfitriã, e não com o déficit educativo generalizado. • A biblioteca é vital para apoiar a transição dos estudantes internacionais para a vida e os estudos numa universidade anfitriã.
Referência	Hughes; Cooper; Flierl; Somerville; Chaudhary (2018)

O QUE?	43 – Papel das bibliotecas acadêmicas nos esforços de internacionalização
Por que?	Estudo sobre o envolvimento das bibliotecas da <i>Colorado University</i> em atividades de internacionalização. São sugeridas atividades de internacionalização relacionadas à globalização do currículo, internacionalização de coleções, serviços para estudantes internacionais, e para o desenvolvimento de competências interculturais.
Quem?	Biblioteca acadêmica.
Como?	• Globalizando o Currículo: - Por meio de colaborações com professores disciplinares, os bibliotecários da <i>Colorado University</i> envolvem-se em atividades curriculares para partilhar perspectivas globais através de métodos pedagógicos inclusivos de competência informacional. Os bibliotecários interpretam essas ideias e as traduzem em sala de aula por meio de métodos de ensino interativos e conteúdo envolvente. Os bibliotecários preparam e ministram instruções que atendem às necessidades dos alunos e professores. Uma área de particular interesse para o corpo docente é educar os alunos sobre plágio e integridade acadêmica. Os bibliotecários também entendem que a ética da informação é vivenciada através de várias lentes socioculturais e, como profissionais, devem interpretar e ensinar a ética da informação no contexto das restrições legais e das normas culturais dos Estados Unidos (Li; Hall; Maxson; Chang, 2018). - Os bibliotecários de instrução incentivam a aprendizagem ao longo da vida e o pensamento crítico em ambientes de ensino abertos e seguros. Destacam-se diversos materiais durante as aulas de Competência Informacional para aumentar a consciência global entre todos os alunos. Seja a instrução vinculada a um curso, seja parte de uma orientação para um novo aluno ou fornecida durante uma consulta, os bibliotecários ensinam Competência Informacional através de métodos pedagógicos inclusivos para trazer diversas opiniões e experiências para a discussão. Os bibliotecários também criam recursos digitais que apoiam os

alunos remotamente, quer estejam estudando no exterior ou trabalhando fora do *campus*. Os bibliotecários muitas vezes precisam colaborar com o corpo docente disciplinar para entrar em suas salas de aula. Propõe-se que o *campus* incentive fortemente este tipo de colaboração através de padrões curriculares ou processos de avaliação (Li; Hall; Maxson; Chang, 2018).

• **Internacionalizando Coleções:**

- As tendências globais de pesquisa exigem conhecimento e acesso a materiais de outros países. Os bibliotecários podem reconhecer seu papel no apoio a iniciativas universitárias globais e colaborações em pesquisas internacionais. Nesse sentido, os bibliotecários podem desenvolver e manter uma coleção diversificada de recursos e uma infraestrutura de acesso a todos os usuários. As escolhas do material comprado afetam o nível de acesso da comunidade acadêmica aos recursos de informação globais. Assim, deve-se ter uma mentalidade global na forma como são alocados os recursos universitários para garantir que as coleções e assinaturas reflitam o mundo multicultural do corpo discente. Há também esforços para possibilitar o empréstimo entre bibliotecas com outras instituições para partilhar e emprestar coleções de modo que os usuários tenham maior acesso à informação a nível nacional e internacional. Se propõe que as bibliotecas promovam o serviço de empréstimo entre bibliotecas, melhorando as parcerias de empréstimo, especialmente com bibliotecas estrangeiras (Li; Hall; Maxson; Chang, 2018).

- Plataformas digitais de acesso aberto podem ajudar para que a pesquisa seja compartilhada com qualquer pessoa com conexão à Internet em todo o mundo. Por sua vez, a própria instituição também se beneficia de iniciativas de acesso aberto que apoiam fontes de conhecimento para além do Norte Global. Bibliotecários de bolsas acadêmicas abertas e digitais fornecem instrução em tecnologias digitais que permitem construir e interpretar o conhecimento de novas maneiras com novos públicos. As bolsas de estudos abertas e digitais fornecem uma visão que apoia o futuro do acesso e da descoberta.

• **Serviços para Estudantes Internacionais:**

Os bibliotecários devem ser encarregados de apoiar o sucesso dos alunos. Pesquisas e observações sugerem que a população internacional no *campus* enfrenta grandes desafios acadêmicos, sociais e culturais, tais como: obstáculos de comunicação; práticas e expectativas acadêmicas inesperadas; diferentes sistemas de aprendizagem; e recursos desconhecidos. Muitos desses aspectos críticos para o sucesso dos estudantes internacionais são da competência das bibliotecas. Nesse sentido, os alunos são auxiliados na adaptação a diferentes ambientes acadêmicos, com uso de novas estratégias de aprendizagem. Os bibliotecários devem entender as necessidades únicas dos alunos internacionais e oferecer serviços para apoiar esses estudantes, incluindo:

- Orientação e visitas à biblioteca
- Instrução de Competência Informacional específica para estudantes internacionais
- Processo de pesquisa e workshops sobre plágio
- Guias de pesquisa de biblioteca
- Consultas de pesquisa personalizadas
- Coletar e fornecer acesso a materiais para estudantes de línguas

As Bibliotecas podem criar oportunidades para expor os alunos às competências e conhecimentos únicos que os estudantes internacionais possuem. Para tanto, as Bibliotecas alocam espaço e financiamento para programas estudantis, como: *Speed Friending*, Concurso Internacional de Fotografia e Show de Talentos. Esses programas permitem que estudantes internacionais e nacionais se conectem entre si e com a comunidade global, explorem o patrimônio cultural num ambiente seguro e construam e renovem o seu capital social. Propõe-se aumentar o investimento em programação que ajude a integrar os estudantes internacionais na vida do *campus* e, ao mesmo tempo, ofereça aos estudantes nacionais oportunidades extraordinárias de interagir com outras pessoas de culturas diferentes. As Bibliotecas realizam a programação por meio de colaborações com outros escritórios do *campus*, como o *International Student and Scholar Services*. Sem essa colaboração, a programação não poderia ter sido bem-sucedida. Deve-se fortalecer as colaborações com diversas unidades do *campus* e buscar novas parcerias para uma programação centrada no aluno (Li; Hall; Maxson; Chang, 2018).

• **Melhorar as competências interculturais:**

Segundo Li, Hall, Maxson e Chang (2018, p. 3, tradução nossa), as competências interculturais são “um conjunto de competências e habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais que apoiam a compreensão e a interação com pessoas de diferentes culturas de maneira autêntica e positiva”.

	De acordo com Li, Hall, Maxson e Chang (2018), as Bibliotecas da <i>Colorado University</i>, como o coração do <i>campus</i>, prestam serviços de apoio ao ensino e à pesquisa com dimensões internacionais, o que exige um elevado nível de competência intercultural por parte do corpo docente e do pessoal das bibliotecas. Entende-se que os esforços no desenvolvimento das competências interculturais dos funcionários das bibliotecas precisam ser ampliados e melhorados. As sugestões incluem: - Aumentar a sensibilização para as competências interculturais através de uma variedade de métodos promocionais. - Levar o <i>Workshop</i> de Desenvolvimento de Competências Interculturais e outras formações às Bibliotecas e incentivar fortemente todos os funcionários a participarem. - Promover o contato intercultural e a amizade, criando espaços de convivência e oportunidades para diálogos interculturais entre grupos. O objetivo deve ser apoiar o desenvolvimento de competências interculturais para todos os docentes e funcionários e construir serviços culturalmente receptivos nas Bibliotecas. Com professores e funcionários culturalmente competentes, criam-se melhores condições para promover ambientes inclusivos para estudantes de diferentes origens culturais (Li; Hall; Maxson; Chang, 2018). Além das áreas de maior envolvimento mencionadas, propõe-se a participação das bibliotecas em comitês e iniciativas de internacionalização em todo o <i>campus</i>, e sugere-se que as bibliotecas precisam de um plano próprio para a internacionalização, o que pode exigir um comitê ou grupo de trabalho específico responsável.
Referência	Li; Hall; Maxson; Chang (2018)

REFERÊNCIAS (*framework*)

BAIL, Jeannie; LEWIS, Ryan; POWER, Amanda. Internationalization and the Canadian Academic Library: What Are We Offering? In: **Shifting Landscapes: Exploring the Boundaries of Academic Librarianship** – CAPAL/ACBAP Annual Meeting - May 25-26, 2014 – Congress of the Humanities and Social Sciences, Brock University, St. Catharines, Ontario, Canada. Disponível em: <https://capalibrarians.org/capal-conference-2014>. Acesso em: 4 jul. 2024.

BECKER, Linda K. W. Globalisation and Internationalisation: Models and Patterns of Change for Australian Academic Librarians. **Australian Academic & Research Libraries**, 2006.

BORDONARO, K. ESL Collections, University Libraries, and Internationalization. **Leea – Linguas en Aprendizaje Autodirigido / Revista Eletrônica**, 2015.

BORDONARO, K. The Human Library: Reframing Library Work with International Students. **Journal of Library Administration**, 2020.

COOPER, Liz; KUTNER, Laurie; WITT, Steven W. Assessing Library Internationalization Efforts and Impacts: Tools and Strategies. In: ACRL 2015 Conference – March 25-28, Portland, Oregon, USA, **Anais... Oregon Convention Center, March 25 to 28, 2015. Oregon, EUA**.

COX, John. Positioning the academic library within the institution: a literature review. **New Review of Academic Librarianship**, 2018.

- DENDA, Kayo. Study Abroad Programs: A Golden Opportunity for Academic Library Engagement. **The Journal of Academic Librarianship**, 2012.
- GREIDER, Antoinette. Internationalizing University of Kentucky Libraries: a work in progress. **International Leads**, 2014.
- HAMMOND, Ellen H. Internationalization in higher education and global access in a digital age. **Library Management**, 2009.
- HUGHES, Hilary; COOPER, Liz; FLIERL, Michael; SOMERVILLE, Mary M.; CHAUDHARY, Niraj. The Role of the University Library in Supporting International Student Transition: Insights From an Australian-American Case Study. **The Journal of Academic Librarianship**, 2018.
- HOOPER, Rachel; SHAFFER, Christopher. From Fürstenwalde to Kyoto: The Internationalization of an Academic Library. **The Southeastern Librarian**, 2019.
- KIDD, Tony; ROUGHTON, Karen. International Staff Exchanges for Academic Libraries. **The Journal of Academic Librarianship**, 1994.
- LI, B. X.; HALL, B.; MAXSON, B. K.; CHANG, B. The libraries' substantive role in the internationalization efforts at the University of Colorado Boulder. **Academic Futures**, Colorado, University of Colorado Boulder, 2018.
- RAMOS-ECLEVIA, M. Becoming a global library at the local: internationalization activities and practices of Philippine academic libraries. **Library Management**, 2023.
- RIOGA, D. do C. P.; BARACHO, R. M. A. Necessidades informacionais do estudante internacional na pós-graduação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2021.
- SALAZ, A. M.; CHANG, K.; HOULIHAN, Meggan; BIRCH, Sally. The future of U.S. university international branch campus libraries: Challenges and opportunities. **College & Research Libraries News (C&RL News)**, 2016.
- SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S.. Espacios y papeles para la biblioteca universitaria en la internacionalización de la educación superior. **Bibliotecas Anales de Investigación**, 2018.
- SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. Contribuciones de la biblioteca universitaria a la internacionalización del campus: análisis sistemático de la literatura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 2017.
- SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. 2010: a library odyssey. **Library Management**, 2007.

SOMERVILLE, M. M.; COOPER, L.; TORHELL, C.; HASHERT, C.. At home in the world: international library staff exchange program highlights. **IFLA Journal**, 2015.

TONER, J. The Role of the University Library in Supporting International Students: A Survey of Practices Across UK Universities. **Journal of Library Administration**, 2019.

WANG, J.; FRANK, D. G. Cross-cultural communication: Implications for effective information services in academic libraries. **Portal: Libraries and the Academy**, 2002.

WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. Mapping Academic Library Contributions to Campus Internationalization. **College & Research Libraries**, 2015.

XIE, S. Canadian academic library support for international faculty: library experience and information needs of chinese visiting scholars at the University of Western Ontario. **Partnership: the canadian journal of library and information practice and research**, 2012.

FRAMEWORK

**RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS
ACADÊMICAS**

THIAGO DE STURDZE

FRAMEWORK

RECOMENDAÇÕES E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ACADÊMICAS

- As estratégias, medidas, ações, práticas e atividades para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas foram identificadas em 24 artigos, selecionados por meio de um levantamento bibliográfico seguido de uma revisão sistemática, e foram descritas no *framework* em 43 grupos de recomendações ou exemplos adotados de boas práticas.
- O *framework* apenas indica recomendações ou exemplos de boas práticas. Deve ficar claro que as bibliotecas acadêmicas não precisam ou devem adotar todas as práticas nele descritas para que desenvolvam plenamente sua internacionalização. O entendimento é de que as bibliotecas podem optar por adotar procedimentos indicados no *framework*, com base no bom senso, que podem ser adaptados ou adequados para cada realidade, considerando as características e quantidade de estudantes internacionais matriculados; condições e interesses próprios da instituição de educação superior; e questões específicas locais e regionais.
- Pode-se considerar também a possibilidade de utilização de recomendações ou exemplos de práticas e estratégias do *framework*, implementadas de acordo com cada contexto, como parâmetros para avaliação, métrica e monitoramento das boas práticas para a internacionalização.
- Ao final encontra-se um índice de tópicos com *links* para os grupos de recomendações em que são abordados ou mencionados.

SUMÁRIO

1. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Estratégia administrativa
2. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Formação de bibliotecários
3. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Infraestrutura e coleções
4. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Serviços de informação
5. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Pesquisa
6. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘no exterior’
7. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘em casa’
8. Boas práticas de internacionalização para alunos de pós-graduação
9. Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
10. Contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do campus
11. Aspectos de internacionalização apoiados pelas equipes das bibliotecas
12. Serviços de apoio de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do campus
13. Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior
14. Realização de eventos multiculturais e internacionalizados de bibliotecas
15. Serviços para estudantes internacionais
16. Suporte a estudantes internacionais
17. Formação de bibliotecários internacionais
18. Programas de parceria
19. Programas de intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
20. Medidas relacionadas ao papel das bibliotecas acadêmicas na internacionalização da educação
21. Serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais
22. Atividades de internacionalização – Apoio organizacional e administrativo
23. Atividades de internacionalização – Parcerias, ligações e cooperação internacionais
24. Atividades de internacionalização – Desenvolvimento de pessoal e recursos humanos
25. Atividades de internacionalização – Pesquisa
26. Atividades de internacionalização – Coleção da biblioteca
27. Atividades de internacionalização encontradas na literatura
28. Práticas de internacionalização de bibliotecas

- 29. Intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural**
- 30. Padrões de práticas e perspectivas de internacionalização**
- 31. Atitudes recomendadas para bibliotecários acadêmicos contribuírem para a internacionalização das IES**
- 32. Acordos estratégicos**
- 33. Atendimento ao corpo docente internacional e acadêmicos visitantes**
- 34. Contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições**
- 35. Campi filiais internacionais**
- 36. Mapear contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do campus**
- 37. Comunicação intercultural**
- 38. Desenvolvimento de coleções para estudos de línguas**
- 39. Iniciativas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas**
- 40. Serviços bibliotecários especializados para estudantes internacionais**
- 41. Aprimoramento das relações interdisciplinares e interprofissionais, da pesquisa sobre questões globais, e promoção de maior exposição internacional para a comunidade acadêmica**
- 42. Estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais do primeiro ano**
- 43. Papel das bibliotecas acadêmicas nos esforços de internacionalização**

O QUE?	1. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Estratégia administrativa
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas podem contribuir tanto para articular os esforços das bibliotecas universitárias na mediação entre a universidade e os processos de internacionalização, como para tornar seus serviços mais eficazes para estudantes e professores envolvidos nesses processos. Iniciativas de internacionalização são geralmente lideradas por autoridades universitárias e, em muitos casos, os níveis de internacionalização que as universidades declaram não correspondem aos níveis exibidos pelas bibliotecas. Além disso, embora as bibliotecas realizem inúmeras atividades que contribuem para a internacionalização, estas não estão articuladas em seus planos estratégicos.
Quem?	A biblioteca acadêmica em conjunto com outros setores administrativos da instituição, responsáveis por questões internacionais.
Como?	A colaboração pode incluir: - Incorporar e articular as funções da biblioteca acadêmica ao plano estratégico de internacionalização da IES. - Realizar mudanças na missão e no plano estratégico da biblioteca para que inclua os processos e atividades que apoiem e promovam a internacionalização do campus. - A biblioteca acadêmica pode desenvolver e manter canais de comunicação com a unidade administrativa responsável pelos estudantes internacionais e com outras instituições e redes de estudantes internacionais. - Incentivar a participação de bibliotecários em comitês de internacionalização de campus e organizações internacionais. - Estabelecer alianças estratégicas com instituições acadêmicas no estrangeiro que acolham estudantes internacionais. - Fornecimento de informações cruzadas entre os sites de instituições. - A participação da biblioteca em reuniões de orientação a estudantes internacionais. Deve-se considerar que quaisquer que sejam as recomendações, devem ser contextualizadas de acordo com as características de cada biblioteca e centro universitário como, por exemplo, a quantidade e a origem dos alunos e professores internacionais que recebem ou enviam para o exterior, as características dos seus programas de estudos, as diferentes modalidades de internacionalização que adotam, a sua cultura organizacional e os recursos de que dispõem. Nesse sentido, considera-se muito pertinente a realização de estudos locais sobre as formas de participação da biblioteca universitária na internacionalização do ensino superior, para que as estratégias internacionais possam ser contextualizadas e adaptadas.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. (2017)

↑ Topo

O QUE?	2. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Formação de bibliotecários
Por quê?	Estabelecer formação contínua de bibliotecários com o objetivo de melhorar o seu desempenho profissional, domínio de outras línguas e competências interculturais.
Quem?	Biblioteca acadêmica e colegiados de cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
Como?	- A biblioteca acadêmica pode desenvolver, em conjunto com outros departamentos e centros da IES (Psicologia, Educação, Centros de Línguas Estrangeiras), formação para que os bibliotecários aprendam a reconhecer o impacto dos padrões de pensamento e das diferenças culturais na comunicação e nos estilos de aprendizagem. - Integrar a comunicação intercultural no currículo de Biblioteconomia e Ciência da Informação. - Incentivar os bibliotecários a ampliarem seus conhecimentos e leituras sobre a história, a cultura e os sistemas educacionais de outros países, além de estudos comparativos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, que lhes permitirá conhecer as características dos usuários e tradições estrangeiras para as práticas de suas bibliotecas. - Promover a mobilidade e o intercâmbio dos bibliotecários com colegas de outras instituições nacionais e internacionais.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. (2017)

O QUE?	3. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Infraestrutura e coleções
Por quê?	Proporcionar um ambiente adequado na biblioteca que favoreça a comunicação e a empatia entre usuários internacionais e bibliotecários.
Quem?	A gestão da unidade em conjunto com a equipe de funcionários.
Como?	- Considerar a disposição de um sistema de sinalização bilíngue ou multilíngue na biblioteca que ajude os usuários a identificar e localizar instalações e serviços. - Preparar informação multilíngue sobre a natureza e finalidades da biblioteca, as funções dos bibliotecários e termos típicos da biblioteca. - Incluir materiais multiculturais e multilíngues nas coleções da biblioteca de acordo com a origem típica dos usuários internacionais. - Apoiar estudantes e professores em estadias no estrangeiro com bibliografia atualizada sobre diferentes temas de pesquisa, por meio da disponibilização de coleções digitais online. - Criar articulações entre a biblioteca e redes de estudantes residentes no país e no estrangeiro, que estimulem a troca de informação.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. (2017)

[↑ Topo](#)

O QUE?	4. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Serviços de informação
Por quê?	Atender necessidades de acordo com percepções e experiências de utilização de serviços de informação de estudantes e professores internacionais, incluindo necessidades de competência informacional.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Realizar estudos para identificar necessidades, percepções e experiências de utilização de serviços de informação de estudantes e professores internacionais, incluindo necessidades de competência informacional. - Desenvolver serviços de informação de acordo com as necessidades dos utilizadores internacionais, incluindo informação acadêmica e cotidiana. - Desenhar interfaces dos websites, tendo em conta as especificidades dos utilizadores internacionais, especialmente relacionadas com as barreiras linguísticas. - Ministrar sessões de formação básica sobre a biblioteca e os seus serviços aos alunos ingressantes no primeiro semestre. - Identificar os meios de comunicação preferidos pelos estudantes internacionais e explorar o seu potencial de comunicação e disseminação de informação. - Promover oportunidades de interação informal entre a equipa de bibliotecários e utilizadores internacionais. - Definir indicadores de avaliação da qualidade dos serviços prestados na biblioteca e do desempenho dos bibliotecários, incluindo indicadores relacionados com utilizadores internacionais e outros processos de internacionalização. - Colaborar com professores na internacionalização de currículos e com pesquisadores na concepção de pesquisas colaborativas.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. (2017)

[↑ Topo](#)

O QUE?	5. Contribuições da biblioteca universitária para a internacionalização do campus – Pesquisa
Por quê?	Compreender as percepções e necessidades de formação dos bibliotecários e as necessidades dos usuários internacionais
Quem?	Profissionais envolvidos com a gestão de bibliotecas e formação de bibliotecários.
Como?	- Realizar estudos que identifiquem as percepções dos bibliotecários sobre os serviços para usuários internacionais, bem como suas necessidades de formação. - Realizar estudos que caracterizem a população de estudantes e outros utilizadores internacionais e suas necessidades de informação. - Promover a realização de projetos colaborativos onde participem bibliotecários, professores e estudantes internacionais.

	- Promover a pesquisa por bibliotecários, que lhes permita ampliar os seus conhecimentos sobre a história, a cultura, os sistemas educativos de outros países e as práticas das suas bibliotecas. - Realizar estudos que permitam comparar as experiências e abordagens de internacionalização de bibliotecas universitárias em diferentes países e o desenvolvimento de guias de boas práticas.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. (2017)

[↑ Topo](#)

O QUE?	6. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘no exterior’
Por quê?	Desenvolver e compreender melhor a realidade, as práticas e os serviços em bibliotecas acadêmicas relacionados à internacionalização ‘no exterior’.
Quem?	Bibliotecários e funcionários de bibliotecas acadêmicas
Como?	Visitar bibliotecas no exterior; trabalhar em bibliotecas no exterior; realizar pesquisas no exterior; ministrar cursos no exterior; criação de bibliotecas no exterior; viagens de estudo a bibliotecas; assistir e participar de eventos científicos no exterior; participar de programas de intercâmbio.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S. (2018)

[↑ Topo](#)

O QUE?	7. Atividades internacionais desenvolvidas por profissionais da informação ‘em casa’
Por quê?	Desenvolver e compreender melhor a realidade, as práticas e os serviços em bibliotecas acadêmicas relacionados à internacionalização ‘em casa’.
Quem?	Bibliotecários e funcionários de bibliotecas acadêmicas
Como?	Criação e adaptação de serviços para usuários internacionais, o que requer estudos e pesquisas específicos das necessidades e preferências desses usuários; criação de espaços e serviços que permitam o resgate de culturas e saberes invisibilizados pelas práticas acadêmicas etnocêntricas; o reconhecimento e a valorização do conhecimento dos usuários internacionais, que pode contribuir para o desenvolvimento de coleções, serviços e promover a interculturalidade; o apoio à transformação curricular e métodos de ensino com perspectivas mais interculturais, internacionais e inclusivas; apoio a redes de cooperação internacional e regional através de serviços especializados; e a coordenação com departamentos e unidades universitárias para o desenvolvimento da internacionalização. Destacam-se: o apoio a estudantes internacionais; o apoio a pesquisadores internacionais visitantes; a colaboração com professores em projetos curriculares e para o desenvolvimento da competência informacional; formação de coleções multiculturais; criação de repositórios de acesso aberto; colaboração com equipes de pesquisas internacionais; colaboração com bibliotecários de outros países; participação em redes de cooperação internacional; criação de atividades de extensão que incentivem o intercâmbio entre os membros do campus; reunião com bibliotecários visitantes; realizar pesquisas com profissionais de outros países; treinar bibliotecários internacionais; conduzir webinários para bibliotecários no exterior; assistir e participar de eventos científicos internacionais online; participar de programas de parcerias entre bibliotecas; oferecer serviços de referência virtual; apoio à distância a pesquisadores e estudantes em estadia no exterior; e a criação de exposições/eventos multiculturais.
Referência	SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S. (2018)

O QUE?	8. Boas práticas de internacionalização para alunos de pós-graduação
Por quê?	Atender as necessidades de informação dos alunos internacionais de pós-graduação
Quem?	A gestão dos programas de pós-graduação e a biblioteca acadêmica.
Como?	- Recomenda-se que a universidade alie a gestão de processos às ferramentas de comunicação, envolvendo os funcionários da instituição, de modo a criar um ciclo de autonomia para os estudantes, desde o acesso ao site da universidade até os canais de comunicação do programa de Pós-Graduação, como redes sociais e outros meios de atendimento ao público. - A internacionalização da pós-graduação deve ir além das redes de contato dos professores com universidades no exterior. O processo pode acontecer, também, mediante a disseminação das publicações, participação de eventos, cotutela, intercâmbio de docentes e discentes, publicações conjuntas, entre outras ações. - A universidade deve disponibilizar fontes e ferramentas para a disseminação da informação, que são fundamentais para o candidato à Pós-Graduação, no momento da sua chegada e no seu período de adaptação. As informações devem ser divulgadas em mais de um idioma, preferencialmente com o inglês como segundo idioma, por ser língua referencial na academia. - A qualidade do tipo de informações que os estudantes têm acesso e a facilidade de encontrarem essas informações afetam diretamente na sua adaptação e qualidade de vida, podendo refletir nos estudos e produtividade acadêmica. Alguns desafios encontrados pelos estudantes internacionais durante o período de adaptação estão relacionados a moradia, transporte, alimentação, serviços, saúde, entre outros. Assim, seria interessante que os canais oficiais da universidade informem sobre questões práticas do dia a dia. - Deve-se considerar, quanto à aquisição e ao uso da informação, que há uma diferença entre estudantes recém-chegados, que já possuem uma rede de contatos com outros estudantes do mesmo país, que já estudaram ou estudam na universidade receptora, e estudantes que não possuem essa rede de apoio. Há uma facilidade para os que obtêm informações por essa rede, sobretudo em relação à estrutura da universidade receptora e à cidade em que está localizada. - Eventos de recepção aos estudantes internacionais podem influenciar positivamente no modo com que os estudantes internacionais adquirem informações, inclusive ao longo do processo de adaptação.
Referência	RIOGA, D. do C. P.; BARACHO, R. M. A. (2021)

↑ Topo

O QUE?	9. Intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
Por quê?	Satisfação pessoal aos funcionários com a experiência de intercâmbio, melhorando na sua motivação, desempenho, atitudes, confiança, orientação para o serviço e na comunicação. Promove a capacidade dos funcionários de encorajar mudanças e melhorias em seu local de trabalho com contribuições específicas e positivas como resultado do seu tempo de intercâmbio. Melhorar a imagem institucional e as relações internacionais e trazer benefícios para os membros individuais da equipe e no funcionamento interno das bibliotecas. Os intercâmbios entre membros das bibliotecas têm aumentado em importância para os participantes e para as suas comunidades acadêmicas.
Quem?	Administração Universitária, direção e funcionários das bibliotecas acadêmicas
Como?	- Se os intercâmbios forem considerados valiosos para as instituições e para os funcionários das bibliotecas acadêmicas, pode ser integrado no programa de desenvolvimento do pessoal da biblioteca um mecanismo para explorar possibilidades, formalizar canais de comunicação, definir expectativas, estabelecer objetivos, verificar potenciais parceiros de intercâmbio e providenciar meios para que os conhecimentos e experiências adquiridos sejam partilhados após o regresso. - A iniciativa para a realização dos intercâmbios pode ser continuada após o regresso, na forma de realizações tangíveis, para que recebam reconhecimento e progresso satisfatórios. As administrações das bibliotecas devem utilizar os recursos e competências adquiridas pelos funcionários que regressaram do estrangeiro, dando-lhes incentivo e oportunidade de utilizar e transmitir os conhecimentos e experiências recentemente adquiridos, garantindo que tanto a instituição como os funcionários obtenham todos os benefícios do processo de intercâmbio.
Referência	KIDD, Tony; ROUGHTON, Karen. (1994)

O QUE?	10. Contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do campus
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas podem contribuir amplamente para os esforços de internacionalização dos <i>campi</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Gestores e funcionários de bibliotecas em contato com outros setores da instituição e com agentes de instituições no exterior.
Como?	Atividades mencionadas com mais frequência incluem: a ligação com secretarias ou departamentos responsáveis pela internacionalização, com departamentos de línguas estrangeiras e de estudos de área/regiões internacionais; fornecimento de orientações e aconselhamentos para estudantes internacionais; desenvolvimento de coleções internacionais e em línguas estrangeiras; funcionários focados em empréstimos entre bibliotecas internacionais e na divulgação de tópicos internacionais ao campus e à comunidade. Outras atividades seriam: a administração de parcerias internacionais; auxílio no desenvolvimento de currículos internacionais; liderança em programas de estudos no exterior; e o trabalho de angariar fundos para programas internacionais.
Referência	WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. (2015)

↑ Topo

O QUE?	11. Aspectos de internacionalização apoiados pelas equipes das bibliotecas
Por quê?	Contribuir para os esforços de internacionalização dos <i>campi</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Equipes de bibliotecas acadêmicas
Como?	- Instruções/orientações para estudantes internacionais - Divulgação de tópicos internacionais - Ligação com departamentos de línguas estrangeiras - Ligação com área de estudos internacionais - Ligação com programas de línguas - Ligação com setor de educação/estudos no exterior - Serviço de referência em língua estrangeira - Empréstimo entre bibliotecas internacionais - Programação de biblioteca em questões globais/internacionais - Desenvolvimento de coleções internacionais e em língua estrangeira - Desenvolvimento e monitoramento de parcerias internacionais - Suporte a campi filiais internacionais
Referência	WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. (2015)

↑ Topo

O QUE?	12. Serviços de apoio de bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do campus
Por quê?	Contribuir para os esforços de internacionalização dos <i>campi</i> , seguindo a administração geral em seu planejamento estratégico e no apoio organizacional.
Quem?	Equipes de bibliotecas acadêmicas em conjunto com outros setores e departamentos da instituição.
Como?	- Visitas orientadas em língua estrangeira - Orientação especializada para estudantes internacionais - Serviço de pesquisa individualizada para estudantes internacionais - Guias para estudantes internacionais

	- Guias para estudantes de línguas - Guias para estudos no exterior - Guias para cursos em línguas estrangeiras - Guias para estudos de área/regiões internacionais - Instruções para estudantes internacionais - Instruções para cursos de línguas - Instruções para cursos de estudos no exterior - Instruções sobre informação global - Instruções sobre ensino em cursos de temáticas globais
Referência	WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. (2015)

↑ Topo

O QUE?	13. Serviços de bibliotecas acadêmicas para atendimento a participantes de programas de estudos no exterior
Por quê?	Segundo Denda (2012) as descobertas de sua pesquisa levaram a sugerir novos serviços e políticas para bibliotecas acadêmicas, para que possam colaborar de forma mais ambiciosa com programas de estudos no exterior, em conjunto com outros parceiros do campus. O objetivo é fomentar uma nova geração de estudantes capazes de atuar num mundo global e complexo, bem como envolver as bibliotecas de forma mais estratégica na internacionalização do ensino superior.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas em conjunto com demais setores e administração central
Como?	- Criar um guia para estudos no exterior on-line, que descreva a gama de serviços disponíveis para estudantes e professores com interesse em programas de estudos e intercâmbio no exterior. - Disponibilizar uma lista de contatos de bibliotecários para responder a consultas de pesquisa e informações práticas sobre países de destino de programas de estudos e intercâmbio oferecidos pela instituição. - Explorar caminhos para expandir o acesso remoto à serviços de biblioteca para participantes de programas de estudos no exterior, como um chat de mensagens instantâneas. - Participar de eventos de programas de estudos no exterior. - Disponibilizar informação aos pais dos alunos, que assegurem que a infraestrutura acadêmica estará disponível, na instituição no exterior, e como suporte à distância, enquanto seus filhos estiverem no exterior. - Designar um funcionário ou grupo de bibliotecários para partilhar algumas das responsabilidades de contato com os participantes (professores e estudantes) de programas acadêmicos no exterior, tanto os que vão para o exterior como os que chegam na instituição. - O acesso à biblioteca é essencial para apoiar o ensino dos estudantes, onde quer que residam seus trabalhos acadêmicos e jornadas intelectuais. - A biblioteca deve garantir que todos os serviços de acesso remoto cobertos pelos acordos de licenciamento estejam disponíveis para os participantes dos programas vinculados à instituição. - As bibliotecas acadêmicas devem estender os seus serviços de repositório institucional aos estudantes de graduação. Um repositório com conteúdo relacionado à programas de estudos no exterior, como mapas interativos de países, traçados com trabalhos de pesquisa, dados coletados, apresentações, fotos e ensaios reflexivos de ex-participantes de programas no exterior pode redefinir experiências individuais, bem como facilitar novas conexões entre estudantes e reunir comunidades como grupos de ex-alunos. - As bibliotecas acadêmicas devem se conectar aos programas de estudo no exterior de sua instituição estabelecendo uma ligação específica com este grupo de usuários, traduzindo intenção em ação. O contato pode servir como o primeiro ponto de ligação para estudantes, administradores e professores envolvidos em programas de estudo no exterior, explorando rotineiramente caminhos adicionais para benefício mútuo e novas iniciativas. Mais importante ainda, o responsável

	pelos contatos deve ter a responsabilidade de regularmente revisar e atualizar os guias de pesquisa e as políticas correntes para estudar no exterior, mantendo-se a par das necessidades e aspirações contínuas da comunidade. - As bibliotecas acadêmicas devem encontrar formas ativas de interagir com professores e estudantes envolvidos em estudos no exterior. À medida que as instituições de ensino superior evoluem no seu compromisso com a internacionalização abrangente, as suas bibliotecas devem integrar estas perspectivas para continuarem a ser um parceiro essencial nesta mudança de paradigma. Programas acadêmicos de estudos no exterior podem tirar vantagem de aplicações inovadoras de novas tecnologias de mídia de modo que as bibliotecas acadêmicas trabalhem em estreita colaboração com parcerias estratégicas dentro e fora do campus.
Referência	DENDA, Kayo (2012)

↑ Topo

O QUE?	14. Realização de eventos multiculturais e internacionalizados de bibliotecas
Por quê?	A biblioteca pode demonstrar, por meio de um evento, seu apoio à educação internacional, apresentando a biblioteca como um ambiente amigável no qual pessoas de diferentes culturas possam se conectar pessoalmente. Reestruturar o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais pode levar ao reconhecimento e à valorização da importância da inclusão, da diversidade, do interculturalismo, do multiculturalismo e da internacionalização em casa, no campus universitário. Ao posicionar a biblioteca para funcionar como um ambiente onde estes valores são reconhecidos, realçados e promovidos, os bibliotecários demonstram o importante papel que as bibliotecas podem desempenhar na construção do conhecimento internacional. Organizar um evento da ‘Biblioteca Humana’ pode ser uma boa maneira de começar a pensar sobre esses temas e o bem maior que eles podem trazer para uma biblioteca acadêmica.
Quem?	A biblioteca acadêmica em conjunto com outros setores da instituição
Como?	A realização de um evento como o da ‘Biblioteca Humana’, considerando suas consequências positivas, pode servir como uma forma útil de reformular o trabalho do bibliotecário com estudantes internacionais. Em vez de apenas fornecer apoio bibliotecário aos estudantes internacionais para superar barreiras, os bibliotecários podem envolvê-los mais profundamente na construção de conhecimento compartilhado através de eventos bibliotecários. Um evento de ‘Biblioteca Humana’ se enquadra em uma gama de serviços de biblioteca oferecidos a estudantes internacionais, como oficinas de orientação, vídeos de boas-vindas em diferentes idiomas e desenvolvimento de coleções em língua estrangeira.
Referência	BORDONARO (2020)

↑ Topo

O QUE?	15. Serviços para estudantes internacionais
Por quê?	É importante compreender que os estudantes internacionais têm uma série de necessidades, experiências e conhecimentos diferentes, que podem variar dramaticamente dependendo do seu país de origem, e que as IES devem ter a responsabilidade de valorizar e encorajar estas diferenças e buscar criar no campus um ambiente de aprendizagem internacional, reconhecendo os benefícios que isso pode trazer tanto para os estudantes nacionais, como para os estudantes internacionais.
Quem?	Biblioteca acadêmica
Como?	• Oferecer: - Guias de biblioteca/recursos - Atividades de introdução individualizadas - Sessões individuais de educação do usuário - Páginas da web dedicadas

	- Cursos de treinamento - Guias/material de divulgação sobre pesquisas em bases de dados em outros idiomas • Designar um membro da equipe que atue como principal ponto de contato para estudantes internacionais dentro da biblioteca, cujas funções incluam tarefas como: - Criação de guias (impressos e online) - Criação de conteúdo online destinados especificamente a estudantes internacionais - Prover treinamento a outros membros da equipe - Estabelecer contato com outras equipes e departamentos (por exemplo, Secretaria de assuntos internacionais) - Atuar como representante da biblioteca em questões relacionadas com os serviços projetados para estudantes internacionais em toda a universidade • Toner (2019) destaca o que os participantes de sua pesquisa consideram como coisas mais importante que as bibliotecas poderiam fazer para apoiar estudantes internacionais: - Consciência das diferentes necessidades dos estudantes internacionais. - Compreender as diferenças nas origens culturais e educacionais dos estudantes internacionais e adotar estratégias para melhor apoiá-los. - Garantir que os alunos se sintam um membro bem-vindo/valorizado da instituição e que se sintam à vontade para solicitar assistência em qualquer local (não apenas na biblioteca). - Os estudantes internacionais podem sentir-se isolados devido a diferenças culturais ou barreiras linguísticas. Uma vez estabelecido o contato em sessões de aprendizagem individuais, verifica-se uma grande diferença em garantir que o contato social seja mantido. - Ter uma pessoa designada responsável pelo apoio aos estudantes internacionais dentro da biblioteca. - Ter uma estratégia adequada. - Oferecer sessões de introdução voltadas especificamente para estudantes internacionais. - Garantir que os funcionários tenham o treinamento necessário para compreender e apoiar os estudantes internacionais da melhor maneira possível. - Página web específica da biblioteca para estudantes internacionais, que funcione como um centro geral de todas as informações que precisam e que se sintam confortáveis com o acesso. - Certificar-se de que o currículo reflete a diversidade da população estudantil. - Variedade de opções de como acessar serviços de ajuda (por exemplo, pessoalmente, e-mail, chat ao vivo, mídia social) para que os estudantes internacionais possam escolher um método com o qual se sintam confortáveis. - Atividades de treinamento em introdução e em competência informacional para alunos, elaboradas em parceria com tutores para melhor apoiar os alunos na adaptação a diferentes sistemas/práticas educacionais. - Garantir que o pessoal da biblioteca tenha formação e compreensão para apreciar a perspectiva do estudante internacional.
Referência	TONER (2019)

↑ Topo

O QUE?	16. Suporte a estudantes internacionais
Por quê?	Responder à demanda, fornecendo produtos, serviços e programas de informação, integrados e fundamentais para as atividades de ensino e pesquisa, com foco nos estudantes internacionais.
Quem?	Administração e equipe da biblioteca em conjunto com outros setores acadêmicos.
Como?	- Os estudantes internacionais devem ter acesso a toda a gama de serviços e instalações de todas as bibliotecas da instituição. - A biblioteca pode oferecer treinamento no uso de serviços, como um programa de orientação personalizado, que inclui passeios pelas instalações da biblioteca e um seminário do tipo 'Descobrindo a Biblioteca'.

	- Estudantes internacionais podem frequentar ou se inscrever em algum programa de preparação ou introdução acadêmica, que incorpore algumas horas de treinamento na biblioteca com sessões para habilidades de informação. - A biblioteca pode manter contato com os serviços de apoio ao estudante para integrar seus serviços. - Estudantes internacionais em cursos de línguas estrangeiras podem receber seminários e passeios de treinamento na biblioteca. - Os bibliotecários podem trabalhar com conselheiros de aprendizagem nos serviços de apoio ao estudante internacionais para se tornarem independentes e confiantes, capazes de atingir seus objetivos acadêmicos, de aprimorar suas habilidades de coleta de informações e comunicação. - Indicar responsáveis por contato com os estudantes internacionais nomeados pela biblioteca, para ajudar estudantes internacionais e estudantes que não falam a língua do país. Informações com funcionários da biblioteca que falam mais de um idioma podem ser úteis. - Considerar a utilização de software especializado em computadores de biblioteca, para permitir que o navegador da Web leia muitos outros scripts de linguagem. - Considerar a disponibilização de jornais de notícias internacionais. - Disponibilizar uma página especializada no site, que forneça informações para estudantes internacionais. - Disponibilizar computadores na biblioteca, com acesso a e-mail, para entrega de trabalhos acadêmicos e para ajudar os alunos a manter contato com familiares e amigos. - Oferecer amplo horário de funcionamento e acesso, 24 horas por dia, 7 dias por semana, aos recursos da biblioteca via internet.
Referência	SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. (2007)

↑ Topo

O QUE?	17. Formação de bibliotecários internacionais
Por quê?	Melhorar o atendimento desenvolvendo habilidades com foco nos produtos e serviços oferecidos a estudantes internacionais.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- A biblioteca pode oferecer formação à bibliotecários e técnicos de bibliotecas em serviços e atendimento à estudantes internacionais. - A biblioteca pode manter contato com bibliotecas acadêmicas de outros países, das instituições de origem dos estudantes internacionais, buscando estabelecer uma relação de trabalho profissional contínua, fornecendo aconselhamento e apoio e, em troca, obtendo uma maior compreensão sobre como essas bibliotecas funcionam. - Disponibilizar módulos de treinamento em programas voltados para uma biblioteca do futuro, incluindo experiências práticas de trabalho de bibliotecas que oferecem serviços especializados para estudantes internacionais.
Referência	SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. (2007)

↑ Topo

O QUE?	18. Programas de parceria
Por quê?	A biblioteca pode conceber programas de formação especial para atender às necessidades específicas dos acadêmicos visitantes participantes dos programas de parceria.
Quem?	A biblioteca acadêmica adequando-se ao plano estratégico da IES.
Como?	As universidades podem estabelecer acordos de geminação ou parceria, articulados com instituições estrangeiras. Estes empreendimentos corporativos devem estar de acordo com o plano estratégico das universidades e ter como objetivo construir oportunidades de colaboração e parcerias estratégicas no ensino e aprendizagem com instituições de todo o mundo. Atividades relacionadas aos programas de parcerias podem ter impacto nas bibliotecas acadêmicas, porque os acadêmicos visitantes necessitam de acesso aos recursos da biblioteca e também precisam de ajuda sobre como utilizar esses recursos.
Referência	SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. (2007)

O QUE?	19. Programas de intercâmbio entre funcionários de bibliotecas acadêmicas
Por quê?	Deve-se desenvolver o pessoal da biblioteca e criar uma cultura bibliotecária que possa responder a um campus e a um mundo internacionalizados. As competências culturais desenvolvidas em projetos colaborativos beneficiam o corpo docente e estudantil de ambas as instituições. O intercâmbio internacional de funcionários de bibliotecas pode aumentar a criatividade, gerar ideias, promover a inovação e melhorar as relações, enriquecendo a maneira como os funcionários experimentam o mundo de forma mais profunda e ampla. No caminho para promover a experiência da equipe de estar “em casa no mundo”, insights inestimáveis sobre si mesmo e sobre os outros preparam os indivíduos e suas organizações para um maior envolvimento e impacto da biblioteca acadêmica na internacionalização do campus.
Quem?	Diretores de bibliotecas em conjunto com diretores acadêmicos das instituições.
Como?	- Assinatura, pelos diretores das bibliotecas e diretores acadêmicos, de um Memorando de Entendimento (Memorandum of Understanding – MOU) interinstitucional, que formalize e oriente as atividades de um programa de parceria para intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas. - Avaliar regularmente, ao longo do programa, os resultados do intercâmbio internacional das equipes por meio de comunicações entre as duas instituições, complementadas por discussões presenciais em conferências internacionais com participação das duas instituições. Esta coordenação pode garantir o desenvolvimento progressivo da organização em ambas as bibliotecas acadêmicas.
Referência	SOMERVILLE <i>et al.</i> (2015)

↑ Topo

O QUE?	20. Medidas relacionadas ao papel das bibliotecas acadêmicas na internacionalização da educação
Por quê?	As bibliotecas acadêmicas devem contribuir para o desenvolvimento da internacionalização nas IES.
Quem?	Biblioteca acadêmica.
Como?	- Desenvolver serviços de biblioteca para apoiar as necessidades de aprendizagem e pesquisa de estudantes e professores internacionais. - Fornecimento de instrução bibliográfica para estudantes internacionais adquirirem habilidades de competência informacional. - Promoção das razões e dos objetivos das atividades de internacionalização da instituição. - Desenvolvimento de coleções para fortalecer as dimensões internacionais dos programas e currículos acadêmicos. - Implementar a garantia de qualidade usando padrões internacionais vinculados a parceiros internacionais. - Presença ativa nos espaços físicos e virtuais dos programas de estudos no exterior. - Promover a colaboração internacional e a mobilidade profissional do pessoal/equipe da biblioteca. - Manter contato com setor de educação ou estudo no exterior. - Manter contato com o Departamento de Língua Estrangeira. - Manter contato com setor de Estudos de Regionais ou Programas de estudos internacionais.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

↑ Topo

O QUE?	21. Serviços de biblioteca para estudantes e professores internacionais
Por quê?	Melhorar o atendimento aos estudantes e professores internacionais. São medidas que visam obter uma maior compreensão dos ambientes acadêmicos multiculturais; promover maior inovação; obter insights sobre como melhorar processos; e melhorar a compreensão e o apoio às necessidades de formação das bibliotecas universitárias.

Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Instrução de biblioteca e competência informacional. - Orientação de biblioteca especializada para estudantes e professores internacionais. - Materiais de biblioteca on-line em outros idiomas. - Orientação para ensino de idiomas a estudantes internacionais. - Site da biblioteca com opção para outras línguas. - Guias para estudantes e professores internacionais. - Sinalização de biblioteca em outras línguas.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

↑ Topo

O QUE?	22. Atividades de internacionalização – Apoio organizacional e administrativo
Por quê?	No mundo digital atual, as bibliotecas acadêmicas devem assumir um papel ativo na agenda de internacionalização das instituições de ensino superior. Isto pode exigir mudanças nas prioridades e políticas das bibliotecas e um elevado nível de compromisso para responder às necessidades dos estudantes internacionais e garantir que as atividades de internacionalização das bibliotecas estejam alinhadas com o plano de internacionalização da instituição. Os gestores de bibliotecas devem estar conscientes do plano estratégico de internacionalização, que lhes permitirá desenvolver serviços e atividades específicas e institucionalmente alinhadas.
Quem?	Administração acadêmica e biblioteca acadêmica.
Como?	- A administração universitária deve considerar o recrutamento de bibliotecários adicionais, com competências necessárias para um local de trabalho globalizado, tais como competência digital, competência cultural, gestão de informação digital, colaboração e gestão de mudanças. O sucesso das atividades e serviços internacionais depende muito do pessoal que os presta. - Envolvimento ativo em programas internacionais de credenciamento e garantia de qualidade para faculdades e universidades. - Recebimento e hospedagem de bibliotecários internacionais visitantes. - Disponibilizar, se for o caso, bibliotecas satélites em campi filiais internacionais.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

↑ Topo

O QUE?	23. Atividades de internacionalização – Parcerias, ligações e cooperação internacionais
Por quê?	Desenvolver parcerias com outras instituições melhorando a cooperação internacional e o desenvolvimento de capacidades.
Quem?	Administração acadêmica e biblioteca acadêmica.
Como?	- Desenvolver projeto/atividade de benchmarking com bibliotecas internacionais. - Associação institucional em organizações internacionais ou redes de bibliotecas. - Participação em bolsas de estudos internacionais para bibliotecários. - Desenvolver projetos com bibliotecas internacionais. - Membro ativo ou liderança do pessoal da biblioteca em associações internacionais relevantes de bibliotecários.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

O QUE?	24. Atividades de internacionalização – Desenvolvimento de pessoal e recursos humanos
Por quê?	Desenvolver equipes de bibliotecas acadêmicas quanto a questões relacionadas à internacionalização.
Quem?	Gestão da biblioteca acadêmica.
Como?	- Participação do pessoal da biblioteca em programas internacionais de treinamento de liderança em bibliotecas. - Participação ativa do pessoal da biblioteca em treinamentos, conferências e seminários internacionais. - Programa de intercâmbio de funcionários com bibliotecas no exterior. - Cursos de línguas estrangeiras para funcionários da biblioteca. - Recrutamento de bibliotecários ou pessoal de apoio com experiência internacional. - Programa de estágio para estudantes estrangeiros de biblioteconomia/ciência da informação ou bibliotecas de outros países.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

↑ Topo

O QUE?	25. Atividades de internacionalização – Pesquisa
Por quê?	Fortalecer a capacidade institucional no desenvolvimento de pesquisa e produção de conhecimento no campo da biblioteconomia.
Quem?	Administração acadêmica, pesquisadores, biblioteca acadêmica e funcionários das bibliotecas.
Como?	- Apresentação de trabalhos relacionados a bibliotecas em conferências internacionais com apoio institucional. - Acordos internacionais de pesquisa ou colaboração com bibliotecas, consórcios e universidades de outros países.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

↑ Topo

O QUE?	26. Atividades de internacionalização – Coleção da biblioteca
Por quê?	Desenvolver serviços e coleções de biblioteca para um melhor atendimento à estudantes, pesquisadores e professores internacionais.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Participação em exposições/feiras internacionais de livros. - Empréstimo entre bibliotecas. - Aquisição cooperativa de recursos bibliotecários com consórcios internacionais ou redes de bibliotecas/universidades. - Serviço de comutação bibliográfica internacional.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

↑ Topo

O QUE?	27. Atividades de internacionalização encontradas na literatura
Por quê?	Exemplos de atividades relacionadas à internacionalização de bibliotecas acadêmicas encontradas na literatura, em pesquisa realizada por Ramos-Eclevia (2013). Indicação para adoção de práticas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.
Quem?	Administração acadêmica e gestão de bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Ligações institucionais internacionais. - Colaboração internacional em pesquisa.

	- Participação em conferências internacionais. - Programas de intercâmbio de funcionários de bibliotecas. - Equipe de bibliotecas treinada no exterior. - Instrução/orientação de biblioteca para estudantes internacionais. - Hospedagem de bibliotecários/professores internacionais visitantes. - Empréstimo entre bibliotecas. - Participações e compras em feiras internacionais de livros. - Projetos internacionais. - Programas de estágio. - Participação em formações internacionais, seminários-workshops. - Intercâmbio/bolsa de estudos internacional. - Contratação de pessoal com experiência internacional. - Oferecimento de estudo de língua estrangeira. - Biblioteca satélite no campus da filial internacional. - Aquisição cooperativa de materiais de biblioteca com parceiros internacionais.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

[↑ Topo](#)

O QUE?	28. Práticas de internacionalização de bibliotecas
Por quê?	Apoiar as atividades acadêmicas além dos limites tradicionais das bibliotecas, expandindo a compreensão do ambiente global, melhorando os serviços para os funcionários e clientes, a qualidade do ensino e da aprendizagem e o prestígio e perfil da instituição.
Quem?	Segundo Ramos-Eclevia (2023), os principais responsáveis pelo planejamento e implementação de atividades de internacionalização nas bibliotecas acadêmicas nas bibliotecas que pesquisou são os bibliotecários-chefes, diretores ou bibliotecários universitários. Conselhos de bibliotecas, gabinetes de internacionalização e gabinetes de garantia de qualidade também ajudam a gerir, rever e monitorar os esforços de internacionalização de bibliotecas.
Como?	- Viajar para o exterior para comprar livros em feiras internacionais de livros. - Realizar pesquisas no exterior. - Participar de projetos colaborativos internacionais para as bibliotecas. - Participar de reuniões e atividades de associações internacionais/redes de bibliotecas. - Benchmarking de biblioteca internacional. - Promover acordos, vínculos e redes internacionais. - Desenvolver treinamentos, conferências e seminários internacionais. - Filiação a associações/redes internacionais.
Referência	RAMOS-ECLEVIA (2023)

[↑ Topo](#)

O QUE?	29. Intercâmbio internacional, participação em conferências internacionais, colaboração internacional, habilidade em línguas estrangeiras, e perspectiva internacional/multicultural
Por quê?	Segundo Becker (2006), são cinco variáveis que podem contribuir para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas.
Quem?	Administração da biblioteca acadêmica e administração acadêmica.
Como?	- As bibliotecas podem se tornar ativas em colaborações e intercâmbios internacionais.

	- Bibliotecários que publicam são muito mais propensos a viajar para apresentar suas pesquisas. As publicações de pesquisa são um meio de mobilidade para atividades, experiência e perspectiva internacional. - Os bibliotecários devem apresentar motivos para financiamento em apoio à mobilidade, apresentando trabalhos de pesquisa em conferências ou participando em atividades de intercâmbio ou de colaboração que beneficiem a biblioteca ou a universidade. - Incentivar os bibliotecários a prosseguirem com estudos e apoiar seus esforços, possibilitando a participação, de forma justa, em oportunidades de conferências nacionais e internacionais, intercâmbios e outras experiências, abertas e acessíveis a todos os que quiserem ser proativos. - Participação em esforços de colaboração com parceiros internacionais, realizados presencialmente ou por via eletrônica, promovida por atitude positiva. - Desenvolver abordagem profissional e respeitosa com todos os alunos, estrangeiros ou nacionais. - Bibliotecas podem desenvolver programas especiais para trazer consciência e perspectiva multicultural ao pessoal da biblioteca.
Referência	BECKER (2006)

↑ Topo

O QUE?	30. Padrões de práticas e perspectivas de internacionalização
Por quê?	Padrões verificados, em pesquisa de Becker (2006), que indicam maior probabilidade de levar a práticas e perspectivas de internacionalização.
Quem?	Bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, biblioteca acadêmica e administração acadêmica.
Como?	• Os bibliotecários são proponentes proativos das atividades internacionais de: - intercâmbio internacional; - colaboração internacional; - participação em conferências internacionais; - conhecimentos de línguas estrangeiras; e - formação/cursos para uma perspectiva internacional multicultural. • A biblioteca ou universidade estabelece um orçamento estável para a prática internacional. • Os bibliotecários envolvem-se no planejamento estratégico: - na Biblioteca; - na Universidade; e - em organizações internacionais. • A liderança da biblioteca é consistente. • O tempo gasto em tarefas de internacionalização aumenta a probabilidade de sucesso.
Referência	BECKER (2006)

↑ Topo

O QUE?	31. Atitudes recomendadas para bibliotecários acadêmicos contribuírem para a internacionalização das IES
Por quê?	Becker (2006) indica atitudes relacionadas especificamente aos bibliotecários de bibliotecas acadêmicas, com base nos exemplos verificados e adotados em dois estudos de caso, considerados modelos bem-sucedidos de internacionalização de bibliotecas acadêmicas. São atitudes recomendadas para bibliotecários de bibliotecas acadêmicas para contribuir para a internacionalização nas IES.
Quem?	Bibliotecários de bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Devem ser proativos, não devem esperar serem convidados a participar de processos de planejamento ou atividades internacionais. - Devem assumir a liderança no planejamento estratégico para a mudança. - Os bibliotecários da equipe podem sugerir um framework estratégico para o planejamento da biblioteca com base no planejamento estratégico de sua IES.

	- O planejamento estratégico deve começar dentro da biblioteca para determinar os valores, metas e objetivos da biblioteca e para discutir onde ela se enquadra na visão, estratégia e estrutura da universidade. - Necessitarão compreender a direção da sua instituição e saber se podem trabalhar da melhor forma para promover os objetivos da universidade ou, em alguns casos, se precisarão tentar ampliar a visão e as práticas da instituição. - Devem traçar uma estratégia de participação nos comitês universitários que trabalham para internacionalizar a universidade. - É importante participarem e serem proativos ao ingressar em comitês administrativos e em comitês acadêmicos que trabalham em questões de ensino e aprendizagem, pesquisa, serviço comunitário e uso de tecnologia da informação. - Podem utilizar os pontos fortes únicos da biblioteca e construir parcerias em todo o campus, na comunidade e em colaborações internacionais. - Trabalhar no desenvolvimento de novos centros de estudo e pesquisa, ajudar a universidade a conceber novos websites, fornecer serviços comunitários baseados em bibliotecas, ou trabalhar com parceiros transnacionais. - Demonstrar criatividade nas abordagens à resolução de problemas e vontade de trabalhar em estreita colaboração com parceiros apropriados pode torná-los membros bem aceitos pela comunidade universitária. - Planejar a adesão e participação em organizações e colaborações nacionais e internacionais também deve fazer parte do processo estratégico. - Podem trabalhar ativamente com colegas de campi filiais internacionais. - Podem escrever e apresentar suas pesquisas em fóruns internacionais e trabalhar com colegas de todo o mundo. - Devem ser conscientes dos desafios da globalização e dispostos a enfrentá-los com respostas positivas em novas formas de cooperação interdisciplinar e internacional. - Podem ministrar cursos sobre perspectiva internacional e multicultural para bibliotecários recém-contratados e para associados mais velhos que precisam ampliar seus conhecimentos sobre as mudanças nas populações estudantis e acadêmicas. - Devem encontrar formas de obter financiamento para práticas internacionais e para a mobilidade que melhorem a missão da universidade. A biblioteca deve estabelecer um orçamento estável para atividades internacionais. - Devem fornecer liderança para uma internacionalização que seja consistente. Será mais eficaz se os objetivos das práticas de internacionalização das bibliotecas forem compreendidos, as oportunidades de participação forem vistas como abertas a todos e a liderança for partilhada por todos os níveis do pessoal, através das linhas departamentais. Desta forma, a administração garante que cada membro da equipe se envolva no processo. - Qualquer biblioteca que pretenda mudar a sua prática e perspectiva deve encarar isto como um projeto de longo prazo, que será melhor realizado ao longo de um período de anos de trabalho estratégico, como um parceiro importante dentro da universidade.
Referência	BECKER (2006)

↑ Topo

O QUE?	32. Acordos estratégicos
Por quê?	O estudo de caso de Hammond (2009) desenvolveu-se a partir da ideia de que os acordos devem ser estratégicos e concebidos para servir as necessidades dos usuários. O estudo proporciona uma mudança de perspectiva, concentrando-se no que a 'instituição de envio' do intercâmbio, pode fazer através de acordos estratégicos para melhorar os serviços de biblioteca para usuários no estrangeiro. Com o aumento de professores e estudantes envolvidos em estudos e pesquisas em localidades internacionais, os bibliotecários do campus de origem precisam expandir o alcance geográfico dos seus serviços. Assim, sugere-se que acordos firmados entre bibliotecas universitárias de instituições de diferentes países podem ser usados para proporcionar aos usuários o acesso a coleções, conhecimentos especializados e espaço de estudo durante a sua residência no estrangeiro.
Quem?	Administração das IES e direção de bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Os acordos por meio dos Memorandos de Entendimento (Memorandum of Understanding - MOU) em nível de biblioteca, podem melhorar o acesso aos serviços fornecidos para professores e estudantes durante viagens de pesquisa e também dos visitantes de outras instituições.

	- Qualquer pessoa vinculada à instituição ou de qualquer uma das instituições oficialmente afiliadas e parceiras, podem normalmente obter privilégios de biblioteca por meio de um cartão, ou algum outro tipo de identificação, que recebe como parte dessa afiliação. Esses acordos ajudam a estender os serviços de acesso à biblioteca para usuários no exterior no intuito de resolver diversas questões e problemas como: - Com um cartão, ou algum tipo de identificador de biblioteca, emitido nos termos do MOU, facilita-se a permissão para acesso à biblioteca para as tarefas dos cursos. Sem um cartão ou algum outro tipo de identificação para as bibliotecas, não seria permitido a esses estudantes utilizarem a biblioteca ou retirar livros. - Evita-se a necessidade de estudantes e professores contemplados pelos termos do MOU precisarem recorrer a conexões pessoais para obterem acesso ampliado à biblioteca. - Os ambientes das bibliotecas oferecem serviços mais parecidos com aqueles das bibliotecas parceiras do MOU. - Alunos e professores em alojamentos temporários no exterior durante as férias escolares e períodos de férias muitas vezes não têm conexões de rede em seus alojamentos. O acesso às bibliotecas pode permitir acesso à Internet e a computadores para fins de pesquisa e conexões de rede para laptops que permitem acesso por proxy ou VPN a recursos eletrônicos licenciados pela instituição. Podem existir recursos eletrônicos que os visitantes podem acessar, que podem não estar disponíveis na instituição de origem. - Além do acesso aos acervos e ao espaço de estudo, bibliotecários de referência da instituição anfitriã podem orientar estudantes com serviços de apoio para estudantes internacionais. - Os MOUs, devem se basear em obrigações e benefícios mútuos, para ambas as instituições, e formalizados entre bibliotecas de instituições com alta prioridade à internacionalização. O entendimento é de que o fluxo de estudantes e professores internacionais continue aumentando, e estes acordos com bibliotecas são um passo em direção a um melhor atendimento e uma vantagem diante dessa tendência.
Referência	HAMMOND (2009)

↑ Topo

O QUE?	33. Atendimento ao corpo docente internacional e acadêmicos visitantes
Por quê?	O corpo docente internacional constitui uma proporção relativamente pequena da comunidade de usuários de bibliotecas nas instituições pós-secundárias, mas podem ser mal atendidos quando comparados a outros grupos de usuários no campus, especialmente estudantes internacionais. Xie (2012) sugere que as bibliotecas acadêmicas considerem cuidadosamente o corpo docente internacional ao planejar serviços relevantes para diversos grupos de usuários. Fornecer serviços de biblioteca necessários e satisfatórios para este grupo de usuários é uma excelente oportunidade para melhor servir as comunidades acadêmicas e demonstrar que as bibliotecas acadêmicas são um parceiro importante no apoio às iniciativas internacionais das suas universidades.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	- Em relação a Abordagens de Divulgação: Geralmente, o contato com acadêmicos visitantes internacionais é difícil, no entanto, deve-se construir um relacionamento para lhes fornecer serviços relevantes. Uma forma seria os bibliotecários identificarem e trabalharem com professores internacionais permanentes individuais, que podem ter conexões com professores visitantes do mesmo país ou região. Outra forma de contatar seria por meio do contato responsável principal, para chegar a todo o grupo de docentes internacionais. As bibliotecas acadêmicas precisam estabelecer parcerias com outros departamentos do campus para tornar os serviços e programas da biblioteca visíveis para estes usuários. Por exemplo, explorar a oportunidade, em colaboração com setores de apoio ao ensino, de realizar uma introdução à biblioteca para professores ou acadêmicos internacionais. Podem, também, elaborar um panfleto para apresentar brevemente as coleções e serviços da biblioteca, com destaque para serviços específicos para visitantes internacionais e distribuir para esses departamentos para que entreguem aos professores internacionais em sua chegada. São abordagens que podem ajudar a transmitir uma mensagem de boas-vindas aos docentes internacionais da biblioteca, a aumentar sua consciência sobre os recursos da biblioteca, a incentivar a utilizá-la, e a contatar um bibliotecário quando necessário. - Em relação a Serviços de Referência: Os bibliotecários devem estar cientes que professores internacionais de países que não falam a mesma língua podem se frustrar ao usar as bibliotecas acadêmicas. Os bibliotecários de referência precisam ser pacientes com professores internacionais. Devem entender que os professores podem ser mais proficientes em escrita e leitura do que em fala e audição. Nesse caso, uma sugestão é pedir ao usuário que escreva palavras ou

	frases relevantes. Os bibliotecários podem se valer também de glossários multilíngues. Outra alternativa seria encaminhar o usuário para um colega da biblioteca, se disponível, que compreenda a língua falada pelo professor ou acadêmico. Além disso, os bibliotecários de referência devem estar atentos de que diferentes culturas têm diferentes estilos de comunicação. • Em relação a Direitos Autorais e Informações de Acesso Aberto: O corpo docente internacional vem de vários países que possuem diferentes leis ou políticas de direitos autorais e podem ter valores e perspectivas sociais diferentes no que diz respeito à propriedade intelectual. Assim sugere-se, para a realidade das bibliotecas acadêmicas, destacar, em qualquer instrução de biblioteca para professores internacionais, os regulamentos sobre informações licenciadas e protegidas por direitos autorais. Além disso, a estadia do professor internacional na universidade anfitriã pode ser temporária, assim, é apropriado que os bibliotecários incluam fontes relevantes de informação de acesso aberto e coleções de bibliotecas, permitindo que continuem a utilizar as fontes quando regressarem à sua instituição de origem, sem serem afetados pelo licenciamento e assinaturas da coleção da instituição anfitriã.
Referência	XIE (2012)

↑ Topo

O QUE?	34. Contribuições para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas para um melhor posicionamento em suas instituições
Por quê?	As bibliotecas estão, cada vez mais, interagindo com públicos globais e culturalmente mais diversos, a fim de se alinharem às estratégias de internacionalização do campus. O seu envolvimento abrange uma série de dimensões, incluindo pesquisa, intercâmbio de pessoal e participação em projetos internacionais, mas o foco principal é o ensino e a aprendizagem. As bibliotecas não tem conseguido acompanhar a internacionalização dos <i>campi</i> e não estão fazendo o suficiente para se posicionarem como atores-chave nessa agenda institucional.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	As bibliotecas acadêmicas devem passar a dar mais foco nas coleções, repensar as estruturas para um melhor trabalho em equipe, aprofundar parcerias no campus, apresentar projetos e experiências de estudo no exterior e promover o multiculturalismo através de eventos e exposições.
Referência	COX (2018)

↑ Topo

O QUE?	35. Campi filiais internacionais
Por quê?	Com o crescente número de parcerias interuniversitárias internacionais, intercâmbios, programas de graduação e campi filiais internacionais, estabelecidos pelas universidades, os bibliotecários acadêmicos estão cada vez mais propensos a estar envolvidos no apoio a programas internacionais e transfronteiriços.
Quem?	Administração acadêmica e administração de redes de bibliotecas acadêmicas em campi filiais internacionais.
Como?	• Administração e gestão: - Com o intuito de garantir que os alunos obtenham a mesma experiência de biblioteca em todo o sistema, os bibliotecários-chefes de todas as localidades e o diretor da biblioteca podem se reunir quinzenalmente por videoconferência. - A instituição pode se comprometer em replicar o estilo do sistema de educação do seu país de origem, no entanto, pode depender fortemente de funcionários locais. Assim, simular o mesmo sistema educacional pode ser desafiador, em relação à linguagem e a cultura. Para isso, deve-se administrar e treinar funcionários de biblioteca contratados locais para que se comuniquem na mesma língua padrão em todos os <i>campi</i> da instituição. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, encorajar os funcionários da biblioteca a aprimorarem suas habilidades culturais, e na língua adotada pela instituição, retirando livros da biblioteca e participando de seminários e cursos de línguas. - As barreiras culturais podem ser um desafio ao trabalhar em projetos que abrangem toda a biblioteca. Mas, apesar das dificuldades com barreiras linguísticas e culturais, o processo de superação destes desafios e de construção de uma equipe forte é gratificante. Para isso, é essencial a paciência e o pensamento criativo para a gestão e formação de pessoal local num contexto de bibliotecas de campi filiais internacionais. • Competências e desenvolvimento profissional:

	- A flexibilidade é essencial para um ambiente de trabalho bem-sucedido em uma biblioteca de campus filial internacional. Muitas vezes, o suporte técnico é centralizado no campus principal, a muitos fusos horários de distância, o que resulta em atrasos no serviço. - As bibliotecas de campus filiais internacionais tendem a ser menores, o que significa que os bibliotecários e funcionários da biblioteca podem precisar desempenhar diversas funções. Os bibliotecários neste ambiente podem esperar obter uma experiência prática valiosa e construir seus currículos rapidamente. Muitos <i>campi</i> filiais internacionais incentivam a colaboração intercampus através da participação em comitês e intercâmbios de trabalho. Envolver-se em um desenvolvimento profissional significativo desse tipo enquanto trabalha em um campus filial internacional pode ser desafiador e extremamente gratificante. - Os bibliotecários dos campi filiais internacionais podem organizar webinars, workshops regionais e conferências, utilizando conhecimentos adquiridos localmente para fornecer oportunidades de desenvolvimento profissional para a equipe. - Outra medida que pode ajudar seria adequar os horários e datas de reuniões e webinars para permitir a participação de todos os campi, levando em consideração os fusos horários dos campi filiais. - Traduzir documentação importante para outros idiomas. • Serviços e instruções ao usuário: - Criação de bibliotecas predominantemente eletrônicas, que forneçam acesso 24 horas por dia, 7 dias por semana, aos seus usuários. - Desenvolver um serviço de bate-papo (chat) para responder dúvidas quando a biblioteca do campus filial estiver fechada e vice-versa. - Os bibliotecários podem desenvolver vídeos curtos sobre questões multiculturais e também criar guias de apoio a disciplinas e cursos. - Desenvolver uma abordagem estruturada para a competência informacional para alunos dos campi filiais de acordo com o Plano Estratégico da instituição. Considerar a forma como tem se abordado as competências de informação tradicionais, incluindo o pensamento crítico e a reflexão. Os desafios continuam sendo o idioma, o tempo, a tecnologia e a cultura. • Transnacionalização: - A transnacionalização educacional está afetando a vida profissional e a prática profissional dos bibliotecários. À medida que as instituições de ensino superior dão passos maiores e mais rápidos para se ampliarem e globalizarem, é essencial incorporar esta tendência no planejamento da profissão e buscar formas para os bibliotecários acompanharem as mudanças.
Referência	SALAZ <i>et al.</i> (2016)

↑ Topo

O QUE?	36. Mapear contribuições das bibliotecas acadêmicas para a internacionalização do campus
Por quê?	Raramente se menciona, no planejamento estratégico e nos documentos administrativos das bibliotecas, meios de se avaliar suas contribuições para a internacionalização do campus. Ferramentas para medir o trabalho e seu impacto podem ajudar as bibliotecas a serem mais eficazes. É chegado o momento de desenvolver a avaliação das atividades de internacionalização de bibliotecas (Cooper; Kutner; Witt, 2015).
Quem?	A intenção é fornecer ideias para frameworks e práticas de avaliação que permitam às bibliotecas acadêmicas verificarem o que está sendo feito nos seus campi em relação à internacionalização quanto às metas, objetivos, prioridades e culturas da sua própria instituição (Cooper; Kutner; Witt, 2015).
Como?	• Com base numa revisão da literatura sobre ferramentas de avaliação e tendências atuais no ensino superior e nas bibliotecas acadêmicas, seguem-se recomendações de elementos a serem incluídos num conjunto de atividades para uma avaliação eficaz em esforços relacionados à internacionalização de bibliotecas acadêmicas. Estas recomendações baseiam-se num princípio abrangente de vincular os esforços da biblioteca a missão e objetivos estratégicos mais amplos do campus (Cooper; Kutner; Witt, 2015): - Antes de iniciar uma avaliação das atividades internacionais, realize uma análise ambiental da biblioteca. A pesquisa sugere que as atividades internacionais nas bibliotecas acadêmicas são em grande parte descoordenadas e dispersas por toda a organização. Vários indivíduos e unidades podem estar envolvidos em atividades internacionais complementares que precisam ser consideradas em qualquer avaliação geral da biblioteca. - Realizar uma verificação ambiental de atividades internacionais em seu campus. Quais são as prioridades da instituição nesta área?

	- Incorporar uma maneira de considerar simultaneamente o apoio da biblioteca às atividades relacionadas à internacionalização em relação aos objetivos mais amplos da universidade e ao apoio à internacionalização do campus. - Incorporar meios de medir tanto as formas atuais pelas quais a biblioteca apoia a internacionalização, como as mudanças mais dinâmicas que ocorrem ao longo do tempo, tanto a nível da biblioteca como a nível institucional mais amplo. - Incorporar uma escala progressiva que permita medir vários níveis de envolvimento e satisfação com atividades específicas relacionadas à internacionalização. As classificações podem variar de mínimas ou inexistentes, a aceitáveis e ótimas. - Incluir um elemento qualitativo reflexivo que forneça informações adicionais sobre metas e prioridades específicas da instituição e áreas para melhoria. - A documentação da avaliação deve incluir seções sobre como administrar, como analisar os dados e como utilizar os resultados para aumentar o desempenho e demonstrar valor. As ferramentas de avaliação devem ser fáceis de usar e devem ser concluídas evitando muito gasto de tempo.
Referência	COOPER, Liz; KUTNER, Laurie; WITT, Steven W. (2015)

↑ Topo

O QUE?	37. Comunicação intercultural
Por quê?	A comunicação entre culturas é essencial e deve ser uma prioridade para os bibliotecários acadêmicos que prestam serviços de informação a estudantes internacionais. Comunicar eficazmente entre culturas é uma prioridade, nas bibliotecas acadêmicas, para que os estudantes internacionais tenham maior sucesso acadêmico. Os bibliotecários devem se familiarizar mais com as realidades das diferentes culturas e estilos de comunicação, para integrar ideias e perspectivas inovadoras em programas e serviços de informação (Wang; Franck, 2002).
Quem?	A relevância das bibliotecas acadêmicas depende da capacidade dos bibliotecários se integrarem eficazmente no tecido do ensino e da pesquisa das IES. Assim, os bibliotecários acadêmicos devem ser capazes de identificar e trabalhar com questões especificamente relacionadas à informação e atendimento voltados para estudantes internacionais (Wang; Franck, 2002).
Como?	As recomendações destinam-se a auxiliar os bibliotecários acadêmicos nos esforços para fornecer serviços de informação eficazes para estudantes internacionais. São lembretes para considerar diferentes culturas à medida que programas e serviços são desenvolvidos e implementados (Wang; Franck, 2002): • Realizar recepções “open house” para estudantes internacionais, especialmente para os estudantes internacionais que são novos no campus. Estes proporcionam oportunidades informais para estudantes internacionais conhecerem bibliotecários e serem expostos a alguns dos serviços prestados pela biblioteca acadêmica. Em particular, as “open house” proporcionam oportunidades para desenvolver ligações ou parcerias, que são particularmente relevantes para o sucesso acadêmico dos estudantes internacionais. • Organizar programas formais de orientação que se concentrem nas questões, necessidades e preocupações específicas dos estudantes internacionais. Enfatizar a realidade de que as pessoas que trabalham nas bibliotecas são acessíveis, estão dispostas a ouvir ativamente e são qualificadas para ajudar. • Discutir regularmente as questões e preocupações relacionadas aos estudantes internacionais. À medida que os programas e serviços de informação são desenvolvidos e modificados, integrar um “módulo de estudante internacional” nestes programas e serviços para que as necessidades desses estudantes sejam incluídas. • Integrar as necessidades dos estudantes internacionais em programas formais de competência informacional. Os bibliotecários estão envolvidos ativamente em questões de ensino e aprendizagem nos <i>campi</i>. À medida que se colabora com o corpo docente para criar experiências de aprendizagem significativas para os alunos, melhora-se a perspectiva para os estudantes internacionais. Considerar todos os alunos à medida que as experiências de aprendizagem são projetadas, evitando iniciativas que podem não ser positivas para todos os alunos. • Fornecer mais assistência para novos estudantes internacionais. O ano inicial para qualquer aluno pode ser traumático. Essa assistência pode ser integrada a um programa voltado para todos os novos alunos. • Cooperar com outras unidades do campus para facilitar o sucesso dos estudantes internacionais. Por exemplo, comunique-se com unidades como o “Centro de Estudantes Internacionais” e o “Centro de Aconselhamento”.

	• Familiarizar-se mais com os estilos de aprendizagem dos estudantes internacionais, ajustando ou adaptando o conteúdo instrucional para grupos específicos de bibliotecários, criando experiências de aprendizagem mais significativas. Pesquisas sobre os estilos de aprendizagem de estudantes internacionais indicam que eles geralmente são orientados para objetivos e preferem relacionamentos informais individuais com os instrutores. Também preferem situações de aprendizagem que proporcionem contato direto com temas e materiais. Embora estas condições variem de grupo para grupo, é importante aprender mais sobre estes diferentes estilos de aprendizagem. • Desenvolver e conduzir treinamento de sensibilidade para bibliotecários e funcionários que interagem regularmente com estudantes internacionais. Concentrar-se na natureza sensível da comunicação intercultural, reconhecendo que existem diferenças culturais. É importante que os estudantes internacionais (e, na verdade, todos os estudantes) se sintam tão confortáveis quanto possível em situações relacionadas com informação. Também é importante acomodar diferentes estilos de comunicação. • Desenvolver brochuras ou guias que forneçam informações sobre programas e serviços em vários idiomas. Examine a sinalização existente para ter certeza de que palavras ou frases não sejam potencialmente ofensivas ou confusas para alguns estudantes internacionais. • A escuta ativa e sensível é importante. Além disso, a linguagem corporal pode convidar ou impedir perguntas de estudantes internacionais. • Recrutar e contratar bibliotecários e funcionários provenientes de diferentes culturas. Isto proporciona oportunidades para os bibliotecários e funcionários existentes aprenderem e se tornarem mais sensíveis às necessidades das diversas culturas. Além disso, os estudantes internacionais se sentirão mais confortáveis ao ver e interagir com uma equipe diversificada em bibliotecas acadêmicas. • Serviços de informação eficazes para estudantes internacionais, bem como para outros grupos específicos, precisam de ser integrados na declaração de missão da biblioteca. Estes serviços precisam ser incluídos como objetivos ou opções estratégicas. • Fornecer assistência personalizada ou instrução sobre o uso de bancos de dados eletrônicos para estudantes internacionais. A experiência tecnológica e computacional dos estudantes internacionais não deve ser considerada garantida. Deve haver uma introdução planejada para estudantes internacionais aprenderem e utilizar esses serviços. Embora os serviços de referência eletrônica sejam cada vez mais utilizados pelos estudantes, alguns estudantes internacionais podem ser relutantes e terem dificuldades na utilização desses serviços. • Reconhecer que cada estudante internacional é um indivíduo, independentemente da cultura específica do aluno. Generalizações aplicadas a indivíduos, bem como a grupos, podem levar a práticas e políticas que não são tão inclusivas ou eficazes como desejado. Todos somos moldados por muitos fatores como origem étnica, família, educação, e personalidades.
Referência	WANG, J.; FRANK, D. G. (2002)

↑ Topo

O QUE?	38. Desenvolvimento de coleções para estudos de línguas
Por quê?	Os estudantes internacionais têm muitos meios para se tornarem alunos de idiomas bem-sucedidos. Um desses poderia ser o aproveitamento de materiais prontamente disponíveis para fins de aprendizagem de línguas em bibliotecas universitárias. A biblioteca universitária que optar por criar, construir e manter tal coleção pode apoiar potencialmente o sucesso do aprendizado de idiomas de estudantes internacionais no campus. Ao fazer uso de tais coleções, os estudantes internacionais podem potencialmente aumentar suas próprias chances de sucesso nos estudos em um ambiente de língua não nativa. Da mesma forma, as bibliotecas universitárias também poderiam se beneficiar, sendo vistas como parceiras na internacionalização no campus (Bordonaro, 2015). Bordonaro (2015) refere-se especificamente a coleções de material de 'Inglês como Segunda Língua' (English as a Second Language – ESL) para universidades dos EUA e Canadá. Considerou-se, para o framework, a possibilidade desse exemplo ser adaptado e aplicado a bibliotecas acadêmicas de IES de outros países, com outras línguas que não o inglês, como forma de proporcionar meios de aprendizagem de idiomas locais para estudantes estrangeiros em geral.
Quem?	A biblioteca acadêmica.
Como?	- Uma pequena maneira pela qual as bibliotecas universitárias podem potencialmente apoiar, criar ou fortalecer oportunidades para contribuir para os esforços de internacionalização no campus pode ser o desenvolvimento de coleções de material de línguas para estudantes internacionais. Sugere-se, como uma medida modesta, viabilizar um meio para que estudantes internacionais vejam as coleções de estudos de língua como uma forma potencial de melhorar a sua

	aprendizagem de línguas. Essa medida pode também demonstrar que as bibliotecas universitárias estão interessadas em ajudar a construir meios de apoio linguístico para estudantes internacionais (Bordonaro, 2015). - Em termos de recursos necessários às bibliotecas universitárias para se envolverem na construção de coleções de estudos de línguas, os maiores fatores seriam provavelmente o custo de aquisição de material. Assim, seria necessária uma revisão do orçamento da biblioteca, para apoiar a aquisição de tal material, avaliar as necessidades de espaço e o tempo necessário do pessoal para adquirir, processar, catalogar e arquivar esse material. Além disso, também pode ser necessário tempo dos funcionários para garantir que estes materiais sejam acessíveis através do catálogo da biblioteca. Uma implicação final seria que uma atitude positiva relativa ao envolvimento da biblioteca neste esforço provavelmente contribuiria muito para ajudar a biblioteca universitária a ser vista como uma parceira nos esforços de internacionalização do campus (Bordonaro, 2015).
Referência	BORDONARO (2015)

↑ Topo

O QUE?	39. Iniciativas para a internacionalização de bibliotecas acadêmicas
Por quê?	A biblioteca pode desempenhar o papel de líder na comunidade universitária, expondo o seu corpo de funcionários e usuários a uma variedade de ideias fora das suas normas culturais habituais. Este papel pode ser alcançado através da utilização de bolsas e subsídios para bibliotecas e bibliotecários, bem como através do uso fundos de viagens para apoiar os bibliotecários que participam em conferências e seminários, melhorando seu conhecimento de outras culturas. Isso pode trazer um benefício triplo para os bibliotecários acadêmicos. Primeiro, ao colocar bibliotecários em culturas estrangeiras permitindo-lhes conhecer pessoas de diversas origens internacionais, pode desenvolver a capacidade de empatia que levará a melhores interações com estudantes internacionais em suas bibliotecas. Tais experiências também podem levar os bibliotecários a procurar oportunidades para desenvolver projetos baseados em tópicos internacionais que podem, por sua vez, ajudar os estudantes nacionais de uma universidade a compreender melhor outras culturas. Finalmente, após essas experiências, os bibliotecários podem optar por procurar oportunidades que desenvolvam ainda mais as coleções das suas instituições sobre vários temas internacionais (Hooper; Shaffer, 2019).
Quem?	Administração da biblioteca acadêmica.
Como?	Hooper e Shaffer (2019), embora entendam que cada instituição possa ser diferente, apresentam alguns fatores e recomendações a serem considerados em bibliotecas acadêmicas ao se implementar um programa de internacionalização: • A administração da biblioteca e o corpo docente devem determinar de forma colaborativa quais são os seus objetivos. Um exemplo seria proporcionar experiências internacionais aos bibliotecários interessados, a fim de melhor familiarizá-los com outras culturas, o que por sua vez, em teoria, os tornaria mais sensíveis às necessidades dos estudantes internacionais. Pode-se desenvolver normas para a seleção de bibliotecários que queiram participar em viagens internacionais, buscando garantir que o melhor pessoal seja selecionado para tais oportunidades. Por exemplo, aqueles que têm mais interações com estudantes internacionais nas suas áreas de estudo podem se beneficiar mais de viagens e exposição internacionais do que aqueles com menos interações com estudantes internacionais. Ou também, pode fazer mais sentido que um responsável por disciplinas em determinadas áreas viaje para locais específicos relacionados. É claro que o orçamento e a dotação de pessoal são considerações importantes no cumprimento deste objetivo. • Pode-se desenvolver uma série de programas de divulgação, a fim de ensinar à comunidade universitária em geral sobre uma série de tópicos internacionais. Um fator importante para esse objetivo seria desenvolver um relacionamento com o 'Escritório do Programa Patrocinador' (Sponsored Program Office), que envia informações sobre futuras bolsas e subsídios. Este objetivo também permite que a biblioteca colabore com outros departamentos do campus e, por vezes, permite que a biblioteca estabeleça parcerias com organizações comunitárias. • Equipe de Pessoal: Independentemente do tipo de programa de internacionalização desejado, o pessoal deve ser considerado. Para fins organizacionais, é útil que um bibliotecário responsável pelas iniciativas internacionais participe. Porém, se uma biblioteca estiver interessada em algum tipo de intercâmbio, em conduzir participantes em viagens internacionais, ou em qualquer outro empreendimento relacionado à internacionalização, deve-se refletir se a biblioteca pode dispensar pessoal durante esses períodos sem prejudicar o dia a dia de trabalho da biblioteca, de modo a não causar escassez de pessoal.

	Orçamento: Antes de qualquer nova iniciativa ser lançada, o orçamento de uma instituição deve ser considerado. Dependendo do tipo de programa internacional que uma biblioteca pretende participar, apenas um montante mínimo de financiamento poderá ser necessário. Por exemplo, se o programa for apresentar uma série de filmes, ou envolver viagens internacionais, implicará em mais ou menos recursos, assim poderá ser necessário realocar fundos dentro do orçamento ou solicitar um aumento de financiamento como resultado de uma nova iniciativa que está a ser desenvolvida.
Referência	HOOPER, Rachel; SHAFFER, Christopher. (2019)

↑ Topo

O QUE?	40. Serviços bibliotecários especializados para estudantes internacionais
Por quê?	Foi realizado um estudo para examinar o papel da biblioteca nas instituições acadêmicas canadenses em relação aos estudantes internacionais que as frequentam e os serviços que estão sendo oferecidos a eles. Foram identificadas algumas áreas-chave nas quais as bibliotecas acadêmicas podem ajudar a garantir que os estudantes internacionais aproveitem ao máximo sua experiência bibliotecária, tais como: divulgação; colaborações e parcerias com organizações do campus; serviços e recursos especializados; instrução de bibliotecas e treinamento adequado do pessoal. Foram verificados quais tipos de instrução e atividades de informação bibliográfica oferecem, com quais organizações universitárias possuem parcerias, e quais serviços em outros idiomas são oferecidos pelas bibliotecas.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas, professores e demais setores de apoio estudantil.
Como?	• Serviços de instrução de biblioteca: - A maior parte das bibliotecas oferecem algum serviço de instrução de biblioteca formal para estudantes internacionais, ou seja, conduzem sessões de instrução de biblioteca específicas para estudantes internacionais. São sessões oferecidas pelo menos uma vez por ano e, às vezes, com mais frequência. Dependendo da instituição, as sessões de Instrução de Biblioteca são realizadas como parte de uma aula específica ou, às vezes, apenas na medida da demanda. Algumas foram realizadas em cooperação com outras organizações do campus, como o escritório para estudantes internacionais ou aconselhamento estudantil. - Outras bibliotecas, em menor quantidade, não oferecem aulas específicas para estudantes internacionais, em vez disso, os estudantes internacionais são incluídos no ensino regular da biblioteca, como alunos do primeiro ano e, posteriormente, como parte de uma única sessão de instrução de biblioteca mais focada. • Instrução de Biblioteca para alunos de graduação e pós-graduação: - Quase todas as bibliotecas pesquisadas relataram que ofereciam alguma forma de ensino bibliotecário em muitos de seus programas de graduação. Cerca de trinta e um por cento dos entrevistados também disseram que ofereciam alguma Instrução de Biblioteca para estudantes internacionais de pós-graduação, além de estudantes de graduação. Em cerca de metade destes casos, os estudantes internacionais de pós-graduação receberam instrução como parte de um programa formal de Instrução de Biblioteca. Em outros casos, a Instrução de Biblioteca foi oferecida de forma mais irregular e informal. - O corpo docente internacional também aproveitou as sessões de Instrução de Biblioteca. Um bibliotecário relatou oferecer sessões gerais de Instrução de Biblioteca para novos professores, incluindo, invariavelmente, os professores internacionais. • Conteúdo das sessões de instruções de biblioteca para estudantes internacionais: Quase todas as bibliotecas pesquisadas relataram que, se fosse oferecida aos estudantes internacionais uma sessão de instrução de biblioteca, ela incluiria pelo menos uma ‘introdução geral’ sobre serviços da biblioteca. - Uma introdução geral inclui pelo menos uma sessão sobre como fazer uma pesquisa básica no catálogo da biblioteca e uma introdução a uma base de dados. - Uma sessão pode ser descrita como: uma introdução sobre os serviços bibliotecários para estudantes internacionais e sobre como usar o catálogo da biblioteca. Esta sessão inclui uma visão geral sobre como realizar pesquisas na universidade, como escolher um tópico, como preparar uma estratégia de pesquisa eficaz, como localizar artigos de periódicos usando bases de dados e como criar uma bibliografia. - Em outros casos, o tempo de prática foi importante e algumas sessões incluíram tarefas on-line. Além de catálogos e bancos de dados, outra biblioteca observou que eles forneceram uma visão geral do vocabulário básico da biblioteca como parte de sua introdução à biblioteca.

- As introduções gerais também incluem um resumo dos serviços básicos da biblioteca, informações de contato de bibliotecários e, às vezes, indicação aos alunos para outros serviços de apoio ao estudo no campus.
- Se a biblioteca presta serviços exclusivos para estudantes internacionais, estes são destacados. Às vezes, as apresentações gerais também incluem atividades destinadas a familiarizar os alunos com a biblioteca, como uma caça ao tesouro ou um passeio pelo prédio.
- As visitas nem sempre eram conduzidas por bibliotecários. Num caso, visitas à biblioteca foram conduzidas por estudantes do programa internacional de mentoria de pares no campus. Em outro, os passeios foram realizados por alunos treinados pela biblioteca e oferecidos a diferentes grupos do campus. Num terceiro caso, vários passeios foram oferecidos pela biblioteca, divididos por nível de idioma, dependendo da compreensão dos participantes.

• **Pesquisas mais avançadas:**

Muitas bibliotecas fornecem instruções gerais sobre a biblioteca, mas quase trinta por cento relataram que também cobriam pesquisas mais avançadas em catálogos e bancos de dados para estudantes internacionais.

- As sessões avançadas incluíram outros tópicos além do catálogo e dos bancos de dados, entre eles, como usar o RefWorks, como avaliar um site e como usar o Google Scholar. Outra sessão comparou a pesquisa no Google com a pesquisa em ferramentas de biblioteca.
- O plágio recebeu atenção especial em alguns casos, dados os vários entendimentos culturais sobre como dar crédito ao tomar emprestadas as ideias de outra pessoa.
- Outros temas abordados em sessões mais especializadas na biblioteca incluíram uma aula sobre como melhorar os conhecimentos de informática, para alunos que necessitavam de ajuda extra. A biblioteca que ofereceu esta sessão descobriu que muitos dos estudantes que participaram eram ex-refugiados, presumivelmente novos canadenses, que não tiveram a oportunidade de desenvolver estas competências.
- Em outro caso, uma biblioteca organizou uma sessão para estudantes internacionais sobre como se adaptar à cultura canadense. A maioria dos estudantes internacionais presentes eram novos no Canadá e algumas informações básicas sobre a cultura canadense foram consideradas práticas. Também foi considerada uma forma divertida de estabelecer conexões entre a biblioteca e os alunos.

• **Formato das sessões e sua estrutura:**

Embora trinta e nove por cento das bibliotecas pesquisadas tenham dito que ofereciam algum tipo de Instrução de Biblioteca formal para estudantes internacionais, houve alguma variação no formato desses programas.

- Várias ofereceram uma série de workshops de Instrução de Biblioteca, que dependendo da instituição eram obrigatórios ou oferecidos de acordo com a demanda. Algumas bibliotecas ofereciam Instrução de Biblioteca para estudantes internacionais até três vezes por ano, geralmente uma vez por semestre. Em um caso, três ou quatro seções da mesma turma foram oferecidas a estudantes internacionais, por semestre. Algumas bibliotecas organizaram as suas próprias sessões de instrução para estudantes internacionais, e algumas Instruções de Biblioteca foram incluídas como parte de um programa de orientação mais amplo em todo o campus. Esses programas ofereciam sessões informativas sobre diversos tópicos, incluindo uma introdução aos serviços do campus e uma introdução ao layout do campus. Outros tópicos eram mais práticos, como abrir uma conta bancária e o que saber sobre a adaptação à cultura canadense. Em vários casos, os bibliotecários mencionaram que estavam envolvidos nestes programas, mas, como relatou um bibliotecário, nem sempre eram “o anfitrião do local certo para a instrução da biblioteca, para além da introdução de um rosto e nome amigáveis”. Os bibliotecários também foram convidados a apresentar sessões de biblioteca nas aulas de idiomas. Em um caso, uma sessão na biblioteca fazia parte de um programa intensivo de língua inglesa que exigia que os alunos escrevessem um trabalho de pesquisa. Em outro, o ensino da biblioteca foi oferecido como parte de um programa do Centro de Redação oferecido a estudantes internacionais que precisavam de ajuda extra com o inglês, realizado durante o período de verão. Num terceiro, a biblioteca ofereceu passeios pela biblioteca para alunos de ESL (Inglês como Segunda Língua), mas simplificou o idioma.

• **Coordenação da biblioteca com outras organizações:**

Trinta e três por cento das bibliotecas que responderam coordenaram-se de alguma forma com organizações estudantis internacionais do campus, enquanto outras trabalharam com educação continuada, serviços de aconselhamento estudantil e programas de línguas ESL (English as a second language) e FLS (Foreign Language Services). Outros grupos ou indivíduos que trabalharam com as Bibliotecas em Instrução de Biblioteca incluíam departamentos acadêmicos específicos, chefes de programas e professores e instrutores individuais. Em alguns casos, os bibliotecários observaram que estavam intimamente envolvidos

	com clubes de estudantes internacionais no campus, e uma biblioteca observou que participava de eventos da Semana Internacional do campus. Duas bibliotecas também relataram trabalhar com organizações internacionais fora do campus. • Serviços em outras línguas: - Algumas das bibliotecas pesquisadas ofereciam alguns serviços limitados em outros idiomas além do inglês, como panfletos ou folhetos descrevendo os serviços da biblioteca, ou passeios audiovisuais em outros idiomas. Em um caso, a biblioteca tinha tours baseados em códigos QR, localizados ao redor da biblioteca. Os alunos puderam escanear o código QR com seus smartphones e assistir a um breve vídeo de ajuda. Em algumas bibliotecas havia bibliotecários que falavam outras línguas e, portanto, podiam prestar serviços de tradução no local, quando necessário. Num caso, uma orientação sobre a Biblioteca foi oferecida em chinês por um bibliotecário. Outra biblioteca tinha sinalização em vários idiomas e outra tinha uma página de boas-vindas multilíngue no site da biblioteca. - Apesar dos esforços para prestar assistência em outras línguas, muitas bibliotecas não oferecem esse serviço por serem caros e demorados para produzir. Além disso, as universidades desencorajaram o uso de outras línguas, pois muitos serviços e sinalização em suas línguas nativas seriam um obstáculo para um melhor aprendizado do inglês ou francês. • Outros serviços oferecidos: Algumas bibliotecas oferecem outros serviços exclusivos para estudantes internacionais. - Em um caso, a biblioteca forneceu um local para sessões de conversação em inglês para estudantes internacionais e de idiomas que queriam melhorar suas habilidades de conversação. - Em outro caso, existia um International Commons (um espaço acolhedor onde estudantes internacionais podem estudar e se conectar) localizado na biblioteca, onde os estudantes internacionais podiam receber apoio acadêmico através de assistência individual, workshops e mentoria. - Em outro caso, a biblioteca ofereceu serviços a estudantes internacionais emprestando teclados internacionais e kits de áudio para aprendizagem de idiomas. A mesma biblioteca destacou que também possuía uma gama abrangente de dicionários, gramáticas e coleções de livros em outras línguas, algo que a maioria das coleções de bibliotecas teria em comum. • Outras questões: - Se é responsabilidade de toda a universidade apoiar os estudantes internacionais, todas as unidades, incluindo a biblioteca, precisam considerar as diversas origens e diferenças culturais na educação dos alunos, não sendo tarefa exclusiva do escritório de estudantes internacionais no campus (Bail, Lewis e Power, 2014). - Bail, Lewis e Power (2014) verificaram, como uma das principais conclusões de sua pesquisa, que grande parte (27%) das bibliotecas de instituições de educação superior canadenses que participaram do estudo, não têm conhecimento de quantos estudantes internacionais estão matriculados nas suas instituições. Isso demonstra a necessidade de as bibliotecas estabelecerem relações e contato com unidades no campus que possam fornecer informações sobre os estudantes internacionais. - Bail, Lewis e Power (2014) constataram, também, que a maioria das Instruções de Biblioteca são realizada com estudantes internacionais de graduação, sugerindo maiores esforços para se alcançar, também, os estudantes internacionais de pós-graduação.
Referência	BAIL, Jeannie; LEWIS, Ryan; POWER, Amanda. (2014)

↑ Topo

O QUE?	41. Aprimoramento das relações interdisciplinares e interprofissionais, da pesquisa sobre questões globais, e promoção de maior exposição internacional para a comunidade acadêmica
Por quê?	Uma força-tarefa da Universidade de Kentucky (UK) avaliou as oportunidades e desafios da missão internacional da universidade e produziu um material sobre internacionalização com a visão de expandir o uso de seus recursos para aprimorar o treinamento interdisciplinar, interprofissional e a pesquisa sobre questões globais, e para promover uma maior exposição internacional para estudantes, professores, funcionários e a comunidade. A partir deste material, um Conselho Consultivo Internacional foi formado com representação de cada faculdade e outras unidades de apoio no campus. O Conselho foi encarregado de orientar a implementação do Plano Estratégico para a Internacionalização. A direção de bibliotecas estabeleceu o cargo de Diretor de Programas Internacionais. O cargo

	reporta-se ao Reitor e representa as bibliotecas do campus no Conselho. O primeiro passo foi reunir-se com o Pró-Reitor de Assuntos Internacionais para discutir como as Bibliotecas poderiam apoiar melhor a internacionalização. Nesta reunião surgiram cinco áreas que moldaram uma programação: Suporte para projetos com foco externo; apoio às atividades do campus; visibilidade das coleções internacionais existentes; projetos iniciados pela biblioteca; e oficinas interculturais para funcionários do serviço público (Greider, 2014).
Quem?	Reitoria, Biblioteca Acadêmica, Conselho Consultivo Internacional e Pró-reitoria de Assuntos Internacionais.
Como?	• Programa Passaporte para o Mundo: No ano acadêmico de 2010, a Faculdade de Artes e Ciências iniciou seu programa Passaporte para o Mundo, no qual a faculdade se concentra em um país ou região durante o ano acadêmico. O programa ofereceu atividades educacionais e culturais. O primeiro carimbo no “passaporte” foi o da República da África do Sul. Os bibliotecários do campus escreveram guias de pesquisa pertinentes, organizaram apresentações e promoveram todos os eventos do programa. Colaborações foram formadas com grupos de estudantes para organizar eventos, como uma recepção com um autêntico chá russo oferecido pelo Clube Russo (Greider, 2014). • Exibição de códices astecas e maias: O corpo docente colaborou desempenhando um papel importante na promoção das coleções internacionais da biblioteca. Um exemplo é a exibição do Codex asteca e maia. A biblioteca possui cópias dos códices e um membro do corpo docente do Departamento de Antropologia escolheu as imagens e trabalhou com um estudante de pós-graduação para fornecer descrições acadêmicas das imagens. A exposição física esteve disponível de setembro de 2012 a fevereiro de 2013, mas uma exposição virtual continua disponível no repositório institucional, e permanecerá disponível indefinidamente (Greider, 2014). • Concurso de vexilologia: O Diretor de Programas Internacionais desenvolveu um concurso de vexilologia baseado nas bandeiras expostas no átrio de uma das bibliotecas. O Centro Internacional da UK divulgou o concurso e concedeu um prêmio ao vencedor. Tendo o México como foco em 2013, o grupo de trabalho desenvolveu um jogo sobre o México, com respostas baseadas nas diversas exibições do país. Durante a Semana de Educação Internacional, as bibliotecas projetaram slides retratando estudantes da UK estudando no exterior nas paredes da Information Commons. Os slides foram cedidos pela Secretaria de Educação no Exterior e Intercâmbio, unidade do Centro Internacional da Universidade (Greider, 2014). • Programas de contato com outras universidades: A participação da biblioteca em projetos com foco externo depende do escopo do projeto e da disposição dos membros do corpo docente em envolver os bibliotecários. Os bibliotecários do campus desempenharam um papel significativo no Programa de Ligações entre Universidades do Iraque. A Universidade recebeu três grupos de professores da Universidade de Kufa, no Iraque, em 2011, 2012 e 2013 para treinamento, workshops e visitas a salas de aula. Bibliotecários da UK apresentaram palestras e oficinas para os participantes iraquianos (Greider, 2014). • Elaboração de guias: A visibilidade das coleções da biblioteca tem sido geralmente vinculada ao Programa Passaporte. Guias de pesquisa são escritos para destacar o país ou região selecionada. Guias adicionais são escritos, conforme necessário, como um que auxilia no acesso a materiais em idiomas diferentes do inglês na biblioteca e outro que apoia a Sociedade de Historiadores para Assuntos Estrangeiros (Greider, 2014). • Participação em programas internacionais: Em abril de 2011, dois acadêmicos da Academia Chinesa de Ciências Agrícolas fizeram um curso de curta duração sobre serviços públicos no campus da UK. Os bibliotecários da UK trabalharam, então, com a Faculdade de Educação para avaliar a possibilidade de um Memorando de Entendimento sobre os serviços bibliotecários da Shanghai Normal University (Greider, 2014). • Apoio a docentes no exterior: Todos os anos a equipe da biblioteca oferece apoio aos docentes que lecionam no exterior (Greider, 2014). • Assistência à bibliotecas de outras instituições no exterior: Em fevereiro de 2012, em coordenação com o Mortenson Center da Universidade de Illinois, a biblioteca prestou assistência a bibliotecas de pesquisa sul-africanas. Naquele período, um estagiário sul-africano passou sete semanas no campus adquirindo conhecimento sobre o funcionamento das bibliotecas americanas (Greider, 2014). • Exposições, parcerias e sessão de vídeo: Os bibliotecários da UK realizaram uma exposição com o corpo docente de Estudos Latino-Americanos e a Faculdade de Comunicações na hospedagem de um documentário em vídeo sobre os netos perdidos da Argentina, que incluiu uma sessão ao vivo no Skype com o diretor do documentário (Greider, 2014). • Participação integral nas atividades de internacionalização do campus: A biblioteca passou a desempenhar papel integral nas atividades internacionais do campus (Greider, 2014).

	• Produção de materiais sobre educação no exterior: Na primavera de 2013, a colaboração entre um estudante de pós-graduação em biblioteconomia e um consultor acadêmico do Departamento de Educação no Exterior produziu um módulo de biblioteca para o pacote de orientações de Educação no Exterior (Greider, 2014). • Workshops: O grupo de trabalho e o Comitê de Desenvolvimento de Pessoal da Biblioteca ofereceram um workshop intercultural para funcionários e estudantes de meio período (Greider, 2014). • Apresentações Internacionais: Os bibliotecários da UK são cada vez mais incentivados a realizar apresentações internacionais. Uma mudança cultural para os funcionários da biblioteca, mas que estão cada vez mais adotando. Como exemplos são citadas apresentações na conferência da IFLA e na Conferência Europeia sobre Competência Informacional na Croácia (Greider, 2014).
Referência	GREIDER (2014)

↑ Topo

O QUE?	42. Estratégias inclusivas para as bibliotecas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais do primeiro ano
Por quê?	O tema da transição dos estudantes internacionais no primeiro ano é de potencial interesse para administradores universitários, bibliotecários e educadores. As descobertas podem informar o redirecionamento dos serviços bibliotecários, a reinvenção das instalações da biblioteca, e o desenvolvimento de respostas estratégicas às necessidades de adaptação/transição dos alunos no primeiro ano. A diversidade estudantil oferece oportunidades estratégicas para as bibliotecas acadêmicas em relação à internacionalização dos serviços de informação e aos programas de competência informacional, em linha com os objetivos universitários de internacionalização. Enquanto centros sociais e culturais, as bibliotecas podem acentuar diferentes visões do mundo através de eventos, espaços e recursos que promovam a apreciação cultural em vez da discriminação. As diretrizes sugerem estratégias inclusivas para as bibliotecas acadêmicas apoiarem a adaptação dos estudantes internacionais no primeiro ano.
Quem?	Bibliotecas acadêmicas.
Como?	• Adotar a capacidade de resposta à diversidade como um princípio da política e prática da biblioteca que aprecia e responde inclusivamente ao complexo entrelaçamento de experiências culturais, sociais, educativas, profissionais, e atributos pessoais como gênero, idade e saúde. • Envolver os alunos na concepção conjunta de espaços e atividades em bibliotecas culturalmente inclusivas. • Incorporar perspectivas culturalmente diversas rotineiramente em materiais educativos e atividades de aprendizagem, para alinhar o conhecimento disciplinar com as competências acadêmicas e informacionais e melhorar a compreensão das diferentes convenções acadêmicas do país anfitrião e de outros lugares. • Usar intencionalmente uma linguagem clara e sem jargões nos guias da biblioteca e no site, com imagens e diagramas para ilustrar o texto – testar a compreensão com estudantes de graduação de diversas origens linguísticas. • Fornecer uma variedade de materiais informativos e oportunidades de aprendizagem para atender às diferentes preferências e demografias dos alunos do primeiro ano. • Promover orientação de bibliotecas on-line e tutoriais de competência informacional para todos os estudantes que chegam, incluindo estudantes internacionais, antes de começarem - disseminando informações de biblioteca e links de tutoriais através de vários meios, incluindo os serviços de apoio linguístico e de ensino da universidade e do escritório/setor de estudantes internacionais. • Aumentar a independência e a confiança dos alunos na utilização da informação através da definição clara dos espaços físicos e virtuais da biblioteca com indicações visuais intuitivas de fácil orientação. • Incluir perfis de “aliados dos alunos do primeiro ano” no site da biblioteca para ajudar os alunos a identificar bibliotecários culturalmente conscientes e pessoal de apoio à transição. • As estratégias sugeridas dependem da colaboração do pessoal da biblioteca com colegas acadêmicos e profissionais em toda a universidade, para garantir um apoio inclusivo aos estudantes internacionais do primeiro ano. • Uma atividade de aprendizagem sobre convenções e jargões de informação acadêmica com uso de dicionários on-line e ferramentas de tradução poderia desenvolver simultaneamente a competência informacional e as capacidades linguísticas dos alunos.

	• Algumas questões, antes de implementadas, devem ser bem-avaliadas. Por exemplo, fornecer guias e funcionários de bibliotecas multilíngues pode não ser sustentável ou equitativo quando as bibliotecas universitárias servem falantes de muitas línguas. Por outro lado, dar preferência para os grupos linguísticos mais numerosos pode ser visto como uma desconsideração aos estudantes de origens menos representadas. Ou seja, a nível prático, a prestação de serviços e recursos em vários idiomas coloca vários desafios. Nesse sentido, do ponto de vista educacional, a utilização de recursos e serviços na língua de ensino da universidade contribui indiretamente para a proficiência de todos os grupos linguísticos. • Os estudantes internacionais são caracterizados pela sua diversidade e individualidade. • Os desafios que os estudantes internacionais enfrentam geralmente estão relacionados com o desconhecimento do ambiente sociocultural e das práticas acadêmicas e bibliotecárias na universidade anfitriã, e não com o défice educativo generalizado. • A biblioteca é vital para apoiar a transição dos estudantes internacionais para a vida e os estudos numa universidade anfitriã.
Referência	HUGHES <i>et al.</i> (2018)

↑ Topo

O QUE?	43. Papel das bibliotecas acadêmicas nos esforços de internacionalização
Por quê?	Estudo sobre o envolvimento das bibliotecas da Colorado University em atividades de internacionalização. São sugeridas atividades de internacionalização relacionadas à globalização do currículo, internacionalização de coleções, serviços para estudantes internacionais, e para o desenvolvimento de competências interculturais.
Quem?	Biblioteca acadêmica.
Como?	• Globalizando o Currículo: - Por meio de colaborações com professores disciplinares, os bibliotecários da Colorado University envolvem-se em atividades curriculares para partilhar perspectivas globais através de métodos pedagógicos inclusivos de competência informacional. Os bibliotecários interpretam essas ideias e as traduzem em sala de aula por meio de métodos de ensino interativos e conteúdo envolvente. Os bibliotecários preparam e ministram instruções que atendem às necessidades dos alunos e professores. Uma área de particular interesse para o corpo docente é educar os alunos sobre plágio e integridade acadêmica. Os bibliotecários também entendem que a ética da informação é vivenciada através de várias lentes socioculturais e, como profissionais, devem interpretar e ensinar a ética da informação no contexto das restrições legais e das normas culturais dos Estados Unidos (Li <i>et al.</i>, 2018). - Os bibliotecários de instrução incentivam a aprendizagem ao longo da vida e o pensamento crítico em ambientes de ensino abertos e seguros. Destacam-se diversos materiais durante as aulas de Competência Informacional para aumentar a consciência global entre todos os alunos. Seja a instrução vinculada a um curso, seja parte de uma orientação para um novo aluno ou fornecida durante uma consulta, os bibliotecários ensinam Competência Informacional através de métodos pedagógicos inclusivos para trazer diversas opiniões e experiências para a discussão. Os bibliotecários também criam recursos digitais que apoiam os alunos remotamente, quer estejam estudando no exterior ou trabalhando fora do campus. Os bibliotecários muitas vezes precisam colaborar com o corpo docente disciplinar para entrar em suas salas de aula. Propõe-se que o campus incentive fortemente este tipo de colaboração através de padrões curriculares ou processos de avaliação (LI <i>et al.</i>, 2018). • Internacionalizando Coleções: - As tendências globais de pesquisa exigem conhecimento e acesso a materiais de outros países. Os bibliotecários podem reconhecer seu papel no apoio a iniciativas universitárias globais e colaborações em pesquisas internacionais. Nesse sentido, os bibliotecários podem desenvolver e manter uma coleção diversificada de recursos e uma infraestrutura de acesso a todos os usuários. As escolhas do material comprado afetam o nível de acesso da comunidade acadêmica aos recursos de informação globais. Assim, deve-se ter uma mentalidade global na forma como são alocados os recursos universitários para garantir que as coleções e assinaturas reflitam o mundo multicultural do corpo discente. Há também esforços para possibilitar o empréstimo entre bibliotecas com outras instituições para partilhar e emprestar coleções de modo que os usuários tenham maior acesso à informação a nível nacional e internacional. Se propõe que as bibliotecas promovam o serviço de empréstimo entre bibliotecas, melhorando as parcerias de empréstimo, especialmente com bibliotecas estrangeiras (LI <i>et al.</i>, 2018).

	- Plataformas digitais de acesso aberto podem ajudar para que a pesquisa seja compartilhada com qualquer pessoa com conexão à Internet em todo o mundo. Por sua vez, a própria instituição também se beneficia de iniciativas de acesso aberto que apoiam fontes de conhecimento para além do Norte Global. Bibliotecários de bolsas acadêmicas abertas e digitais fornecem instrução em tecnologias digitais que permitem construir e interpretar o conhecimento de novas maneiras com novos públicos. As bolsas de estudos abertas e digitais fornecem uma visão que apoia o futuro do acesso e da descoberta (LI <i>et al.</i>, 2018). • Serviços para Estudantes Internacionais: Os bibliotecários devem ser encarregados de apoiar o sucesso dos alunos. Pesquisas e observações sugerem que a população internacional no campus enfrenta grandes desafios acadêmicos, sociais e culturais, tais como: obstáculos de comunicação; práticas e expectativas acadêmicas inesperadas; diferentes sistemas de aprendizagem; e recursos desconhecidos. Muitos desses aspectos críticos para o sucesso dos estudantes internacionais são da competência das bibliotecas. Nesse sentido, os alunos são auxiliados na adaptação a diferentes ambientes acadêmicos, com uso de novas estratégias de aprendizagem. Os bibliotecários devem entender as necessidades únicas dos alunos internacionais e oferecer serviços para apoiar esses estudantes, incluindo: - Orientação e visitas à biblioteca - Instrução de Competência Informacional específica para estudantes internacionais - Processo de pesquisa e workshops sobre plágio - Guias de pesquisa de biblioteca - Consultas de pesquisa personalizadas - Coletar e fornecer acesso a materiais para estudantes de línguas As Bibliotecas podem criar oportunidades para expor os alunos às competências e conhecimentos únicos que os estudantes internacionais possuem. Para tanto, as Bibliotecas alocam espaço e financiamento para programas estudantis, como: Speed Friending, Concurso Internacional de Fotografia e Show de Talentos. Esses programas permitem que estudantes internacionais e nacionais se conectem entre si e com a comunidade global, explorem o patrimônio cultural num ambiente seguro e construam e renovem o seu capital social. Propõe-se aumentar o investimento em programação que ajude a integrar os estudantes internacionais na vida do campus e, ao mesmo tempo, ofereça aos estudantes nacionais oportunidades extraordinárias de interagir com outras pessoas de culturas diferentes. As Bibliotecas realizam a programação por meio de colaborações com outros escritórios do campus, como o International Student and Scholar Services. Sem essa colaboração, a programação não poderia ter sido bem-sucedida. Deve-se fortalecer as colaborações com diversas unidades do campus e buscar novas parcerias para uma programação centrada no aluno (LI <i>et al.</i>, 2018). • Melhorar as competências interculturais: Segundo Li <i>et al.</i> (2018, p. 3, tradução nossa), as competências interculturais são “um conjunto de competências e habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais que apoiam a compreensão e a interação com pessoas de diferentes culturas de maneira autêntica e positiva”. De acordo com Li <i>et al.</i> (2018), as Bibliotecas da <i>Colorado University</i>, como o coração do campus, prestam serviços de apoio ao ensino e à pesquisa com dimensões internacionais, o que exige um elevado nível de competência intercultural por parte do corpo docente e do pessoal das bibliotecas. Entende-se que os esforços no desenvolvimento das competências interculturais dos funcionários das bibliotecas precisam ser ampliados e melhorados. As sugestões incluem: - Aumentar a sensibilização para as competências interculturais através de uma variedade de métodos promocionais. - Levar <i>workshops</i> de desenvolvimento de competências interculturais e outras formações às bibliotecas e incentivar fortemente todos os funcionários a participarem. - Promover o contato intercultural e a amizade, criando espaços de convivência e oportunidades para diálogos interculturais entre grupos. O objetivo deve ser apoiar o desenvolvimento de competências interculturais para todos os docentes e funcionários e construir serviços culturalmente receptivos nas Bibliotecas. Com professores e funcionários culturalmente competentes, criam-se melhores condições para promover ambientes inclusivos para estudantes de diferentes origens culturais (LI <i>et al.</i>, 2018). Além das áreas de maior envolvimento mencionadas, propõe-se a participação das bibliotecas em comitês e iniciativas de internacionalização em todo o campus, e sugere-se que as bibliotecas precisam de um plano próprio para a internacionalização, o que pode exigir um comitê ou grupo de trabalho específico responsável.
Referência	LI <i>et al.</i> (2018)

ÍNDICE

Coleções de bibliotecas (grupos 3, 7, 10, 11, 14, 20, 26, 34, 38, 39, 40, 41, 43)
Desenvolvimento intercultural e multicultural (grupos 2, 3, 7, 14, 21, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 43)
Atividades e práticas de internacionalização de bibliotecas (grupos 6, 7, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 41)
Contribuições da biblioteca acadêmica para a internacionalização do campus (grupos 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 12, 20, 36)
Atendimento à estudantes e acadêmicos internacionais (grupos 8, 13, 15, 16, 21, 33, 40, 42, 43)
Mobilidade e intercâmbio de funcionários de bibliotecas acadêmicas (grupos 9, 19, 20, 24, 29, 39)
Formação de bibliotecários (grupos 2, 17, 24, 29)
Campi filiais internacionais (grupos 11, 22, 31, 35)
Parcerias, cooperações e acordos (18, 19, 23, 32)
Realização de eventos (grupos 7, 14, 34)

REFERÊNCIAS

- BAIL, Jeannie; LEWIS, Ryan; POWER, Amanda. Internationalization and the Canadian Academic Library: What Are We Offering? In: **Shifting Landscapes: Exploring the Boundaries of Academic Librarianship – CAPAL/ACBAP Annual Meeting - May 25-26, 2014 – Congress of the Humanities and Social Sciences**, Brock University, St. Catharines, Ontario, Canada. Disponível em: <https://capalibrarians.org/capal-conference-2014>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- BECKER, Linda K. W. Globalisation and Internationalisation: Models and Patterns of Change for Australian Academic Librarians. **Australian Academic & Research Libraries**, 2006.
- BORDONARO, K. ESL Collections, University Libraries, and Internationalization. **Leea – Linguas en Aprendizaje Autodirigido / Revista Eletrónica**, 2015.
- BORDONARO, K. The Human Library: Reframing Library Work with International Students. **Journal of Library Administration**, 2020.
- COOPER, Liz; KUTNER, Laurie; WITT, Steven W. Assessing Library Internationalization Efforts and Impacts: Tools and Strategies. In: ACRL 2015 Conference – March 25-28, Portland, Oregon, USA, **Anais... Oregon Convention Center, March 25 to 28, 2015. Oregon, EUA**.
- COX, John. Positioning the academic library within the institution: a literature review. **New Review of Academic Librarianship**, 2018.
- DENDA, Kayo. Study Abroad Programs: A Golden Opportunity for Academic Library Engagement. **The Journal of Academic Librarianship**, 2012.
- GREIDER, Antoinette. Internationalizing University of Kentucky Libraries: a work in progress. **International Leads**, 2014.
- HAMMOND, Ellen H. Internationalization in higher education and global access in a digital age. **Library Management**, 2009.
- HUGHES, Hilary; COOPER, Liz; FLIERL, Michael; SOMERVILLE, Mary M.; CHAUDHARY, Niraj. The Role of the University Library in Supporting International Student Transition: Insights From an Australian-American Case Study. **The Journal of Academic Librarianship**, 2018.
- HOOPER, Rachel; SHAFFER, Christopher. From Fürstenwalde to Kyoto: The Internationalization of an Academic Library. **The Southeastern Librarian**, 2019.
- KIDD, Tony; ROUGHTON, Karen. International Staff Exchanges for Academic Libraries. **The Journal of Academic Librarianship**, 1994.
- LI, B. X.; HALL, B.; MAXSON, B. K.; CHANG, B. The libraries' substantive role in the internationalization efforts at the University of Colorado Boulder. **Academic Futures**, Colorado, University of Colorado Boulder, 2018.

RAMOS-ECLEVIA, M. Becoming a global library at the local: internationalization activities and practices of Philippine academic libraries. **Library Management**, 2023.

RIOGA, D. do C. P.; BARACHO, R. M. A. Necessidades informacionais do estudante internacional na pós-graduação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2021.

SALAZ, A. M.; CHANG, K.; HOULIHAN, Meggan; BIRCH, Sally. The future of U.S. university international branch campus libraries: Challenges and opportunities. **College & Research Libraries News (C&RL News)**, 2016.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; BUFREM, L. S.. Espacios y papeles para la biblioteca universitaria en la internacionalización de la educación superior. **Bibliotecas Anales de Investigación**, 2018.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; CASTELLANOS-GALLARDO, I.; BUFREM, L. S. Contribuciones de la biblioteca universitaria a la internacionalización del campus: análisis sistemático de la literatura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 2017.

SAW, G.; LUI, W. W.; YU, F. 2010: a library odyssey. **Library Management**, 2007.

SOMERVILLE, M. M.; COOPER, L.; TORHELL, C.; HASHERT, C.. At home in the world: international library staff exchange program highlights. **IFLA Journal**, 2015.

TONER, J. The Role of the University Library in Supporting International Students: A Survey of Practices Across UK Universities. **Journal of Library Administration**, 2019.

WANG, J.; FRANK, D. G. Cross-cultural communication: Implications for effective information services in academic libraries. **Portal: Libraries and the Academy**, 2002.

WITT, S. W.; KUTNER, L.; COOPER, L. Mapping Academic Library Contributions to Campus Internationalization. **College & Research Libraries**, 2015.

XIE, S. Canadian academic library support for international faculty: library experience and information needs of chinese visiting scholars at the University of Western Ontario. **Partnership: the canadian journal of library and information practice and research**, 2012.